

Virginia Woolf
Mrs Dalloway



autêntica

Tradução Tomaz Tadeu





MIMO

Virginia Woolf Mrs Dalloway

TRADUÇÃO E NOTAS
Tomaz Tadeu

TRADUÇÃO REVISADA

autêntica

Capa

Folha de rosto

Sumário

Os cem anos de *Mrs Dalloway*

Uma introdução a *Mrs Dalloway*

Mrs Dalloway

Índice onomástico

Notas

Referências

Ficha catalográfica

Os cem anos de *Mrs Dalloway*

Tomaz Tadeu

Quando *Mrs Dalloway* entrou em domínio público, em 2011, Rejane Dias, diretora da Autêntica Editora, me convidou para traduzi-lo. Não era minha primeira tradução. Como professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, eu vertera vários textos das áreas pedagógica e sociológica. Mas foi na Autêntica que me espalhei pela área ensaística e literária. Na editora que se tornou minha casa, traduzi, entre outros, Spinoza (*Ética*, 2007); Jeremy Bentham (*O panóptico*, 2008); Charles Baudelaire (*Meu coração desnudado*, 2009; *O pintor da vida moderna*, 2010); Paul Valéry (*Alfabeto*, 2009); Stéphane Mallarmé (*Rabiscado no teatro*, 2010); Thomas de Quincey (*Os últimos dias de Immanuel Kant*, 2011).

Nesse ano (2011), outras traduções do livro estavam sendo preparadas por outras editoras, em especial, a de Denise Bottmann, abertamente comentada por ela em seu conhecidíssimo blogue *Não gosto de plágio*.

Como professor de universidade pública, o trabalho de tradução não era o meu ofício principal, o que me permitia dar um tempo maior à tarefa tradutória do que o permitido às pessoas que são profissionais da tradução.

No caso de *Mrs Dalloway*, entretanto, havia certa pressão, pela importância da entrada em domínio público do livro de Virginia Woolf. Não seria nenhum problema se a tradução saísse no ano seguinte. Mas era, de certo modo, uma questão de honra.

Foi a partir daí que me apaixonei por Virginia. Nos anos seguintes, acabei traduzindo quase todos os seus romances. Ficaram faltando os dois

primeiros (*The Voyage Out; Night and Day*) e o penúltimo (*The Years*).

E agora, de repente, Rejane Dias, sempre atenta, alertou-me: *Mrs Dalloway* fará 100 anos em 2025. E, assim, me vi de novo às voltas com o livro. Agora já não se tratava de fazer uma tradução a partir do zero, mas de refinar uma tradução já existente. Foi o que fiz: lá fui eu de novo buscando alguma passagem mal traduzida e tentando burilar o que ainda não estava no ponto. Com a ajuda imprescindível de Cecília Martins, rigorosa profissional da revisão, chegamos ao resultado que agora lhe entregamos.

Sim, a primeira frase é a mesma das outras edições: “A Sra. Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores.”. Mas no miolo há algumas correções importantes. Afinal, é a edição do centenário. É assim que a celebramos.

Aqui está ela novamente. Numa edição tão ou mais bela do que a primeira. E, na capa, uma aquarela muito especial, das mãos de Guacira Lopes Louro, minha querida companheira de tantos anos, e devidamente trabalhada por nosso inventivo e hábil capista, Diogo Droschi.

Uma introdução a *Mrs Dalloway*

Virginia Woolf

É difícil, talvez impossível, para um autor, dizer qualquer coisa sobre o seu próprio trabalho. Tudo o que tem a dizer foi dito tão completa e satisfatoriamente quanto possível no interior do livro em si. Se não conseguiu tornar seu significado claro aí, é muito pouco provável que o consiga nas poucas páginas de um prefácio ou posfácio. E a mente do autor tem outra peculiaridade que o leva, igualmente, a se mostrar hostil a introduções. Ela é tão inóspita à sua cria quanto a mamãe pardal à sua. Tão logo os jovens pássaros consigam voar, voar é o que farão; e no momento em que bateram asas para fora do ninho, a mamãe pássaro começou a pensar talvez numa outra ninhada. Da mesma forma, tão logo um livro é impresso e publicado, deixa de ser propriedade do autor; ele o confia aos cuidados de outras pessoas; toda a sua atenção é requisitada por algum livro novo, que não apenas empurra o antecessor para fora do ninho, mas tem a mania de desmerecer sutilmente a qualidade do antigo em comparação à sua.

É verdade que, se desejar, o autor pode nos dizer sobre si próprio e a sua vida alguma coisa que não esteja no romance; e devemos todos fazer tudo o que pudermos para encorajá-lo a esse esforço. Pois nada é mais fascinante do que ter a revelação da verdade que está por trás dessas imensas fachadas da ficção – se é que a vida é realmente verdadeira, e a ficção, realmente fictícia. E é provável que a conexão entre as duas seja extremamente complicada. Os livros são flores ou frutas que estão penduradas, aqui e ali, numa árvore que tem suas raízes profundamente plantadas no solo de nossa

mais remota vida, no solo de nossas primeiras experiências. Mas, novamente, contar aqui ao leitor qualquer coisa que sua própria imaginação e perspicácia já não descobriam exigiria não uma página ou duas de prefácio, mas um volume ou dois de autobiografia. Lenta e cautelosamente, deveríamos nos pôr ao trabalho, desvelando, revelando, e, mesmo assim, quando tudo tivesse sido içado à superfície, ainda caberia ao leitor decidir o que é e o que não é relevante. Sobre *Mrs Dalloway* podemos, assim, trazer à luz, neste momento, uns poucos pormenores, de alguma importância, talvez, ou nenhuma; como o fato de que, na primeira versão, Septimus, que mais tarde é concebido como o seu duplo, nem sequer existia; e o fato de que, originalmente, a Sra. Dalloway deveria se matar, ou, talvez, simplesmente morrer no fim da festa. Essas minúcias são ofertadas humildemente ao leitor na esperança de que, como alguma outra coisinha aqui e ali, possam vir a ser úteis.

Mas se temos demasiado respeito pelo leitor puro e simples para chamar-lhe a atenção para o que deixou de perceber, ou para sugerir-lhe o que deve buscar, podemos, por outro lado, falar mais explicitamente ao leitor que pôs de lado sua inocência e tornou-se um crítico. Pois, embora a crítica, quer aprove, quer reprove, deva ser aceita em silêncio como o comentário legítimo a que o ato de publicação convida, faz-se, uma vez ou outra, alguma afirmação que não tem nada a ver com os méritos ou deméritos do livro e que o escritor sabe ser equivocada. Uma afirmação desse tipo a respeito de *Mrs Dalloway* tem sido feita com frequência suficiente para merecer, talvez, uma palavra de refutação. O livro, foi dito, seria o resultado deliberado de um método. A autora, foi dito, insatisfeita com a forma da arte da ficção então em voga, estava determinada a mendigar uma forma, tomá-la emprestada ou até mesmo criar uma outra, de sua própria lavra. Mas, tanto quanto é possível sermos sinceros no que toca ao misterioso processo da mente, o fato é outro. Insatisfeita, a autora possivelmente esteve; mas a sua insatisfação era, primariamente, com a natureza, por ter dado uma ideia sem fornecer uma casa na qual ela pudesse viver. Os romancistas da geração anterior pouco fizeram – afinal, por que deveriam? – para ajudar. O romance era a morada óbvia, mas o romance,

ao que parecia, estava construindo segundo a planta errada. Assim incriminada, a ideia começou, como faz a ostra ou o caracol, a secretar uma casa para si. E assim o fez, sem nenhuma direção consciente. O pequeno caderno no qual foi feita uma tentativa para traçar um plano foi logo abandonado, e o livro cresceu, dia a dia, semana a semana, simplesmente sem plano nenhum, exceto aquele que era ditado, a cada manhã, pelo ato de escrever. A outra maneira, fazer uma casa e então habitá-la, desenvolver uma teoria e então aplicá-la, como fizeram Wordsworth e Coleridge, é, desnecessário dizê-lo, igualmente boa e muito mais filosófica. Mas no presente caso era necessário escrever o livro primeiro e inventar uma teoria depois.

Se, entretanto, destacamos, para efeitos de discussão, o ponto específico dos métodos do livro, é pela razão mencionada – de que ele se tornou objeto de comentário dos críticos, mas não que isso, por si só, mereça algum destaque. Pelo contrário, quanto mais bem-sucedido for o método, menos atenção atrairá. O leitor, espera-se, não dedicará um único pensamento ao método do livro ou à sua falta de método. Ele está preocupado apenas com o efeito do livro como um todo sobre a sua mente. A respeito dessa questão muito mais importante, ele é muito melhor juiz do que o escritor. De fato, desde que tenha tempo e liberdade para construir sua própria opinião, ele é, no final das contas, um juiz infalível. A ele, pois, a escritora confia *Mrs Dalloway* e deixa o tribunal confiante de que o veredito, seja de morte instantânea, seja de mais alguns anos de vida e liberdade, será, em qualquer dos casos, justo.

Nota

Esta introdução foi escrita por Virginia Woolf em 1928, para uma edição do livro publicada nos Estados Unidos, pela editora Random House, não tendo sido reproduzida em edições posteriores.

A Sra. Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores.

Pois Lucy já tinha muito o que fazer. As portas seriam retiradas das dobradiças; os homens da Rumpelmayer estavam chegando. E, depois, pensou Clarissa Dalloway, que manhã – fresca como que feita para crianças numa praia. ←

Que aventura! Que mergulho! Pois era assim que sempre se sentia quando, com um leve rangido das dobradiças, que podia ouvir ainda agora, ela abria de repente as portas francesas e mergulhava, em Burton, no ar fresco. Quão fresco, quão calmo, mais sereno que este, sem dúvida, era o ar de manhã cedo; como o estalo de uma onda; o beijo de uma onda; gélido e cortante e contudo (para uma garota de dezoito anos que ela era então) solene, sentindo como ela sentia, ali, parada à porta aberta, que algo terrível estava por acontecer; contemplando as flores, as árvores com a fumaça se desenrolando ← e as gralhas subindo, descendo; parada e olhando até que Peter Walsh disse: “Devaneando no meio das verduras?” – fora isso? – “Prefiro as pessoas a couves-flores” – fora isso? Ele deve ter dito isso durante o café numa manhã em que ela tinha saído para o terraço – Peter Walsh. Ele estaria de volta da Índia num dia desses, em junho ou julho, ela esqueceu qual deles, pois suas cartas eram terrivelmente maçantes; era de suas frases que a gente se lembrava; seus olhos, seu canivete, seu sorriso, suas rabugices e, quando milhões de coisas tinham definitivamente desaparecido – quão estranho era isso! – umas poucas frases como essa sobre verduras.

Ela se aprumou um pouco no meio-fio, esperando o furgão da Durtnall passar. Uma mulher encantadora, foi o que Scrope Purvis pensou que ela era (conhecendo-a do jeito que se conhece uma pessoa que mora ao lado, em Westminster); um quê de pássaro era o que ela tinha, do gaio, entre o verde e o azul, ágil, vivaz, embora passasse dos cinquenta e tivesse ficado bastante grisalha desde a doença. Ela ficou ali empoleirada, sem em nenhum momento tê-lo visto, esperando, muito ereta, para atravessar.

Por ter morado em Westminster – por quantos anos agora? mais de vinte – a gente sente, Clarissa estava convencida, até no meio do trânsito,

ou acordando no meio da noite, uma calma ou uma solenidade especial; uma pausa indescritível; um suspense (mas podia ser o seu coração, afetado, diziam, pela *influenza*) ← antes de o Big Ben soar. Aí está ele! Ribombou. Primeiro um aviso, musical; depois a hora, irrevogável. ← Os círculos de chumbo se dissolveram no ar. Que tolos somos, pensou, cruzando a Victoria Street. Pois só os céus sabem por que a amamos assim, como a vemos assim, inventando-a, construindo-a à nossa volta, derrubando-a, criando-a de novo a cada instante; mas as mais esfarrapadas das esfarrapadas, as mais decaídas das infelizes que se sentam nos degraus da entrada das casas (a bebida, a sua ruína) fazem a mesma coisa; não é algo que possa ser administrado, estava certa disso, por leis do Parlamento, por esta simples razão: elas amam a vida. No olhar das pessoas, na ginga, no passo, na pressa; na gritaria e no alarido; nas carruagens, nos carros a motor, nos ônibus, nos furgões, no sacolejo e no passo arrastado dos homens-sanduíche; nas fanfarras; nos realejos; no triunfo e no frêmito e no insólito e intenso zumbido de algum aeroplano no alto estava o que ela amava; a vida; Londres; este momento de junho.

Pois eram meados de junho. ← A Guerra tinha chegado ao fim, exceto para alguém como a Sra. Foxcroft, com o coração partido, na última noite na Embaixada, porque aquele amável garoto fora morto, e agora a antiga mansão senhorial ia ficar para um primo; ou Lady Bexborough, que abrira um bazar beneficente, diziam, com o telegrama na mão, John, seu predileto, morto; mas tinha chegado ao fim; graças aos céus – ao fim. Era junho. O Rei e a Rainha estavam no Palácio. E por toda parte, embora fosse ainda tão cedo, havia uma palpitação, um bulício de pôneis a galope, um estalido de tacos de críquete; o Lord's, o Ascot, o Ranelagh e todos os outros clubes; envoltos na malha macia do ar azul-cinzento da manhã, que, à medida que o dia avançasse, iria se dissipar, assentando em suas pistas e gramados os pôneis saltitantes cujas patas dianteiras mal tocavam o chão voltavam ao ar, os irrequietos rapazes e as sorridentes moças em suas musselinas transparentes que, mesmo agora, após terem dançado a noite toda, levavam seus incríveis e peludos cachorros para um passeio; e mesmo agora, tão cedo, velhas e discretas viúvas zarpavam em seus carros a motor

em missões de mistério; e os lojistas remexiam em suas vitrines, com seus diamantes e suas pedras de imitação, seus adoráveis e antigos broches verde-mar em engastes do século dezoito para atrair americanos (mas é preciso economizar, não comprar precipitadamente coisas para Elizabeth), e também ela, gostando disso como gostava, com uma absurda e fiel paixão, sendo parte disso, pois as pessoas de sua família foram cortesões, outrora, na época dos Georges, ← também ela ia, naquela mesma noite, brilhar e iluminar; ia dar a sua festa. Mas que estranho, ao entrar no Parque, ← o silêncio; a névoa; o zumbido; os alegres patos nadando com preguiça; as aves de papo num suave bamboleio; e quem seria aquele que vinha ali de costas para os edifícios do Governo, carregando, muito corretamente, uma maleta diplomática ornada com as armas reais, ← quem senão Hugh Whitbread; seu velho amigo Hugh – o admirável Hugh!

“Desejo-lhe um bom dia, Clarissa!”, disse Hugh, um tanto exuberante, pois se conheciam desde crianças. “Para onde vai?”

“Gosto de caminhar em Londres”, disse a Sra. Dalloway. “É realmente melhor do que caminhar no campo.”

Eles tinham acabado de chegar à cidade para – infelizmente – consultar os médicos. Outras pessoas vinham à cidade para ver exposições; ir à ópera; levar as filhas a passeio; os Whitbreads vinham para “consultar os médicos”. Eram sem conta as vezes que Clarissa visitara Evelyn Whitbread numa casa de saúde. Evelyn estava doente outra vez? Evelyn estava se sentindo um tanto indisposta, disse Hugh, sugerindo, por um muxoxo ou algum meneio do corpo – bem vestido, viril, extremamente elegante, perfeitamente guarnecido (ele estava, quase sempre, bem arrumado demais, mas presumivelmente tinha que estar, com seu carguinho na Corte) – que sua esposa tinha algum mal interno, nada sério, algo que Clarissa, velha amiga que era, entenderia perfeitamente, sem que ele precisasse entrar em detalhes. Ah, sim, ela compreendia, claro; que transtorno; e se sentia como uma irmã e estranhamente consciente, ao mesmo tempo, do seu chapéu. Não era o chapéu apropriado para o início da manhã, era? Pois Hugh sempre fazia com que ela se sentisse – quando se mexia apressado, levantando o chapéu com certo exagero e assegurando-lhe que ela podia ser

uma garota de dezoito anos, e naturalmente ele iria à sua festa esta noite, Evelyn fazia absoluta questão, apenas um pouco atrasado, possivelmente, após a festa no Palácio à qual ele tinha que levar um dos filhos de Jim – um tanto pequena diante dele; como uma colegial; mas apegada a ele, um pouco por tê-lo conhecido desde sempre, porém realmente considerava-o, à sua maneira, uma boa pessoa, embora Richard quase enlouquecesse com ele, enquanto, no que tocava a Peter Walsh, não a perdoara até hoje por gostar dele.

Ela conseguia lembrar cada cena em Bourton – Peter furioso; Hugh naturalmente não é páreo para ele, sob nenhum aspecto, mas também não é um completo imbecil como pretende Peter; nem um simples janota. Quando sua velha mãe queria que ele deixasse de ir à caça ou a levasse a Bath, ele o fazia, sem reclamar; era realmente muito pouco egoísta, e quanto a dizer, como fazia Peter, que ele não tinha coração nem cérebro, nada a não ser as maneiras e a criação de um cavalheiro inglês, isso era apenas o seu querido Peter mostrando a sua pior faceta; e ele podia se tornar intolerável; podia se tornar impossível; mas adorável como companhia para passear numa manhã como esta.

(Junho tinha alongado cada folha das árvores. As mães de Pimlico davam de mamar aos seus bebês. Mensagens eram passadas da Frota para o Almirantado.  A Arlington Street e a Piccadilly pareciam inflamar o próprio ar do Parque  e elevar suas folhas ardentemente, brilhantemente, em ondas plenas daquela divina vitalidade que Clarissa amava. Dançar, cavalgar, ela tinha adorado tudo isso.)

Pois podiam ter ficado separados durante centenas de anos, ela e Peter; ela nunca escreveu uma só carta, e as dele eram secas; mas de súbito vinha-lhe à mente: Se ele estivesse comigo agora, o que diria? – certos dias, certas paisagens traziam-no de volta, serenamente, sem a antiga amargura; o que talvez fosse a recompensa por ter querido bem às pessoas; elas vinham de volta no meio do St James's Park, numa bonita manhã – realmente vinham. Mas Peter – por mais bonito que fosse o dia, e as árvores e a grama, e a menina de cor-de-rosa – Peter nunca via nada disso tudo. Ele poria os óculos, se ela o dissesse; ele olharia. Era a situação do mundo que o

interessava; Wagner, a poesia de Pope, o caráter das pessoas, invariavelmente, e os defeitos dela própria. Como a repreendia! Como discutiam! Ela iria esposar um Primeiro-Ministro e iria se postar no alto de uma escadaria; a perfeita anfitriã, era como ele a qualificava (ela chorara no quarto por causa disso), ela tinha os predicados da perfeita anfitriã, ele dizia.

Assim, ela ainda se flagrava se remoendo no St James's Park, ainda pretendendo que estivera certa – e tinha que estar, além disso – em não se casar com ele. Pois no casamento deve haver certa liberdade, certa independência entre pessoas que vivem juntas dia após dia na mesma casa; que era o que Richard lhe proporcionava, e ela a ele. (Onde estava ele nesta manhã, por exemplo? Em alguma comissão, ela nunca perguntava de quê.) Mas, com Peter, tudo tinha que ser dividido; tudo tinha que ser esmiuçado. E era intolerável, e quando culminou naquela cena no jardimzinho junto ao chafariz, ela teve de romper com ele ou teriam sido destruídos, ambos arruinados, estava convencida disso; embora tivesse carregado durante anos, como uma flecha cravada no coração, a mágoa, a angústia; e depois o horror do instante quando alguém lhe contou durante um concerto que ele se casara com uma mulher que conhecera num navio a caminho da Índia! Nunca esqueceria nada disso! Fria, sem coração, uma pudica, era como ele a qualificava. Ela nunca iria compreender o quanto ele se importava. Mas aquelas indianas ← supostamente sim – umas simplórias bobinhas, bonitinhas, fúteis. E ela desperdiçava a sua piedade. Pois ele era muito feliz, ele lhe assegurou – perfeitamente feliz, embora nunca tivesse feito qualquer coisa digna de ser comentada por eles; toda a sua vida tinha sido um fracasso. Era algo que ainda a deixava irritada.

Chegara aos portões do Parque. ← Ficou um instante ali parada, observando os ônibus em Piccadilly.

Não diria de ninguém no mundo, agora, que era isso ou aquilo. Sentia-se muito jovem; ao mesmo tempo, indescritivelmente envelhecida. Passava como uma lâmina através de tudo; ao mesmo tempo, ficava do lado de fora, assistindo. Tinha uma perpétua sensação, enquanto olhava os táxis, de estar longe, longe, muito longe, no meio do mar, e só; tinha sempre o

sentimento de que viver, mesmo um único dia, era muito, muito perigoso. Não que se julgasse inteligente ou muito fora do comum. Não sabia como tinha feito para se arranjar na vida com os poucos fiapos de conhecimento que lhe tinham sido passados por Fräulein Daniels. Não sabia nada; nenhuma língua, nada de história; quase não lia nada agora, a não ser algum livro de memórias na cama; e, contudo, para ela, a vida era absolutamente absorvente; tudo isto; os táxis passando; e não diria de Peter, não diria de si mesma, sou isso, sou aquilo.

Seu único dom, pensou, era o de conhecer as pessoas quase que por instinto, retomando a caminhada. Se a deixavam numa sala com alguém, sua espinha logo se arqueava toda, como a de um gato; ou ronronava. A Devonshire House, a Bath House, a casa com a cacatua de porcelana, ← ela as tinha visto, outrora, todas iluminadas; e lembrava-se de Sylvia, Fred, Sally Seton – tanta gente; e dançando a noite toda; e as carroças se arrastando a caminho do mercado; ← e a volta de carro para casa pelo meio do Parque. ← Lembrava-se de ter, uma vez, jogado um xelim no lago Serpentine. Mas todo mundo tinha lembranças; o que ela amava era isto, aqui, agora, à sua frente; a senhora gorda no táxi. Importava, então, perguntava-se, caminhando em direção à Bond Street, importava que ela tivesse de deixar de existir de todo, inevitavelmente; que tudo isso deveria continuar sem ela; era algo que ela lamentasse? ou não era confortante acreditar que a morte dava um fim absoluto? mas que, de algum modo, nas ruas de Londres, no fluxo e refluxo das coisas, aqui e ali, ela sobrevivia, Peter sobrevivia, viviam um no outro, ela fazendo parte, estava certa disso, das árvores lá de casa; daquela casa lá, feia, toda ela atulhada de quinquilharias tal como era; fazendo parte de um grupo de pessoas que nunca encontrara; sendo estendida como uma névoa por entre as pessoas que ela mais conhecia, que a erguiam nos seus ramos como ela tinha visto as árvores fazerem com a névoa, mas que se estenderia para cada vez mais longe, a sua vida, ela própria. Mas com que sonhava enquanto olhava a vitrine da Hatchards? O que estava tentando recuperar? Qual imagem de branca aurora no campo, enquanto lia no livro aberto:

Não mais temas o calor do sol ←

Nem as iras do furioso inverno.

Essa última fase da experiência do mundo produzira em todos eles, em todos os homens e em todas as mulheres, um manancial de lágrimas. Lágrimas e mágoas; coragem e fortaleza; uma atitude perfeitamente firme e estoica. Era só pensar, por exemplo, na mulher que ela mais admirava, Lady Bexborough, abrindo o bazar.

Ali estavam o *Jorrocks's Jaunts and Jollities*; ali estavam o *Soapy Sponge* e as *Memórias* da Sra. Asquith e o *Big Game Shooting in Nigeria*, todos abertos. Eram sempre tantos os livros; mas nenhum que parecesse exatamente apropriado para levar a Evelyn Whitbread na casa de saúde. Nada que servisse para distraí-la e fazer com que aquela mulherzinha indescritivelmente murcha se mostrasse, por um momento apenas, quando Clarissa entrasse, cordial; antes que elas se acomodassem para a costumeira e interminável conversa sobre achaques femininos. Quanto desejava isso – que as pessoas se mostrassem contentes quando ela chegava, pensou Clarissa, virando-se e começando a caminhar de volta em direção à Bond Street, incomodada, porque era tolice ter motivos outros para fazer as coisas. Seria muito melhor se ela fosse uma daquelas pessoas, como Richard, que fazia as coisas por si mesmas, ao passo que ela, pensou, esperando para cruzar a rua, fazia as coisas, a metade do tempo, não simplesmente por si mesmas; mas para que as pessoas pensassem isso ou aquilo; perfeita idiotice, ela sabia (e agora o guarda levantou a mão), pois nunca ninguém, por um segundo sequer, se deixava enganar. Ah, se ela pudesse começar a vida outra vez! pensou, pisando no passeio, ela poderia até ter uma aparência diferente!

Ela teria sido, em primeiro lugar, morena como Lady Bexborough, com uma pele de couro franzido e lindos olhos. Teria sido, como Lady Bexborough, lenta e imponente; um tanto corpulenta; interessada em política como um homem; com uma casa de campo; muito digna, muito sincera. Em vez disso, era magra como uma vara; um rostinho ridículo, bicudo como o de um pássaro. Era verdade que tinha um porte apreciável; e mãos e pés bonitos; e se vestia bem, considerando-se o pouco que gastava. Mas agora, muitas vezes, este corpo que portava (deteve-se para ver

uma pintura holandesa), este corpo, com todas as suas capacidades, parecia nada – absolutamente nada. Ela tinha a mais estranha das sensações, de ser, ela própria, invisível; imperceptível; ignorada; agora sem um casamento à frente, agora sem filhos a dar à luz, mas apenas esta surpreendente e um tanto solene procissão, junto com os outros, pela Bond Street, apenas isso de ser a Sra. Dalloway; nem sequer mais Clarissa; isso de ser a Sra. Richard Dalloway.

A Bond Street a fascinava; a Bond Street de manhã cedo na alta estação; suas flâmulas flutuando; suas lojas; sem alarde; sem lantejoulas; uma única peça de *tweed* na loja em que seu pai comprara seus ternos durante cinquenta anos; umas poucas pérolas; salmão num bloco de gelo.

“Isso é tudo”, disse, observando a peixaria. “Isso é tudo”, repetiu, parando por um instante diante da vitrine de uma loja de luvas na qual, antes da Guerra, se podia comprar luvas quase perfeitas. E seu velho tio William costumava dizer que se conhece uma dama pelos sapatos e pelas luvas. Ele se virou na cama uma certa manhã no meio da Guerra. Ele disse: “Para mim chega”. Luvas e sapatos; tinha uma paixão por luvas; mas sua própria filha, sua Elizabeth, não dava a mínima importância para nenhuma dessas coisas.

A mínima importância, pensou, subindo a Bond Street, em direção a uma loja em que reservavam flores para ela quando dava uma festa. Era realmente com o seu cachorro, acima de tudo, que Elizabeth se importava. A casa inteira cheirava, nesta manhã, a alcatrão. Ainda assim, antes o pobre Grizzle do que a Srta. Kilman; antes a cinomose e o alcatrão ← e tudo o mais do que ficar sentada, trancada num quarto abafado, com um livro de orações! Antes qualquer outra coisa, estava inclinada a dizer. Mas podia ser apenas uma fase, no dizer de Richard, como as que todas as garotas atravessam. Podia estar apaixonada. Mas por que pela Srta. Kilman? que tinha sido bastante maltratada, sem dúvida; deve-se levar isso em conta, e Richard disse que ela era muito capaz, que tinha uma mente realmente histórica. De qualquer modo, elas eram inseparáveis, e Elizabeth, sua própria filha, ia à comunhão; e a maneira como se vestia, como tratava as pessoas que vinham à casa, convidadas para o almoço, ela não dava a

mínima importância, a experiência lhe dizia que o êxtase religioso tornava as pessoas rígidas (as causas também); entorpecia-lhes os sentimentos, pois a Srta. Kilman faria qualquer coisa pelos russos, morreria de fome pelos austríacos, ← mas na vida pessoal causava verdadeiros sofrimentos, insensível como era, vestida com sua gabardine verde. Vestia aquela gabardine ano após ano; ela transpirava; ela era incapaz de permanecer numa sala cinco minutos sem fazer com que sentíssemos a sua superioridade, a nossa inferioridade; como ela era pobre; como éramos ricos; como ela vivia num pardieiro sem uma almofada ou uma cama ou um tapete ou seja lá o que fosse, toda a sua alma enferrujada com aquele ressentimento que se incrustava nela, sua demissão da escola durante a Guerra – pobre, amarga e infeliz criatura! Pois não era ela que a gente odiava, mas a ideia dela, ideia que sem dúvida acabara por agregar muita coisa que não era a Srta. Kilman; que se tinha tornado um desses espectros com os quais nos engalfinhamos durante a noite; um desses espectros que se escarrancham em cima da gente e sugam a metade de nosso sangue, dominadores e tiranos; pois, sem dúvida, num outro lance dos dados, tivesse predominado o preto e não o branco, ela teria gostado da Srta. Kilman! Mas não neste mundo. Não.

Roía-lhe, contudo, ter este monstro brutal se mexendo dentro dela! ouvir gravetos estalando e sentir cascos fincados nas profundezas dessa floresta coberta de camadas e camadas de folhas, a alma; nunca estar inteiramente contente, ou inteiramente segura, pois a qualquer momento a fera podia estar se mexendo, este ódio que, especialmente desde a sua doença, tinha o poder de fazê-la sentir-se arranhada, ferida na espinha; que lhe causava dor física, e que sacudia, balançava e vergava todo o prazer que pudesse ter na beleza, na amizade, em sentir-se bem, em sentir-se amada e tornar sua casa agradável, como se de fato houvesse um monstro escavando as raízes, como se toda a panóplia de contentamento não fosse nada além de amor-próprio! este ódio!

Bobagem, bobagem! exclamou para si mesma, empurrando as portas de vaivém para entrar na Mulberry, a floricultura.

Seguiu em frente, ágil, alta, toda aprumada, para logo ser saudada pela figura de rosto redondo da Srta. Pym, cujas mãos tinham sempre um vermelho brilhante, como se tivessem permanecido mergulhadas na água fria junto com as flores.

Havia flores de todo tipo: delfínios, ervilhas-de-cheiro, molhos de lilás; e cravos, montes de cravos. Havia rosas; havia íris. Oh, sim... aspirava, assim, o doce aroma de terra de jardim, enquanto conversava com a Srta. Pym, que lhe devia favores, e a julgava bondosa, pois tinha sido bondosa anos atrás; muito bondosa, mas parecia mais velha este ano, virando a cabeça de um lado para o outro, entre as íris e as rosas e os tufos de lilás caídos, com os seus olhos meio cerrados, sorvendo, após o burburinho da rua, o delicioso perfume, o delicado frescor. E depois, abrindo os olhos, que frescas pareciam as rosas, como roupas de linho pregueadas que acabaram de chegar da lavanderia em cestas de vime; e sombrios e soberbos os cravos rubros, mantendo suas corolas erguidas; e todas as ervilhas-de-cheiro espalhando-se em suas bandejas, tingidas de roxo, brancas como neve, pálidas – como se fosse tardezinha e moças em saias de musselina viessem colher ervilhas-de-cheiro e rosas depois que o magnífico dia de verão, com seu céu quase azul-marinho, seus delfínios, seus cravos, seus lírios, tivesse findado; e era o momento entre as seis e as sete em que cada flor – rosas, cravos, íris, lilases – se inflama; branco, violeta, rubro, laranja forte; cada flor parece arder por si só, suavemente, simplesmente, nos canteiros enevoados; e como adorava as mariposas cinza-claro volteando sobre a baunilha-de-jardim, sobre as primulas vespertinas!

E enquanto ia, com a Srta. Pym, de jarro em jarro, escolhendo, bobagem, bobagem, dizia para si mesma, cada vez mais suavemente, como se esta beleza, este perfume, esta cor, e a Srta. Pym gostando dela, confiando nela, fossem uma onda pela qual se deixava envolver e que sobrepujava aquele ódio, aquele monstro, sobrepujava tudo; e a levava para o alto, cada vez mais para o alto, quando – oh! um revólver detonou na rua lá fora!

“Meu Deus, esses carros a motor”, disse a Srta. Pym, indo até a janela para espiar, e voltando e sorrindo à guisa de desculpas, com as mãos cheias

de ervilhas-de-cheiro, como se esses carros, esses pneus fossem tudo culpa *sua*.

A violenta explosão que sobressaltou a Sra. Dalloway e levou a Srta. Pym até a vitrine e a se desculpar vinha de um automóvel que havia parado junto ao meio-fio, exatamente do lado oposto ao da vitrine da floricultura Mulberry. Os transeuntes que naturalmente pararam para olhar mal tiveram tempo de vislumbrar um rosto da maior importância contra o estofado gris-pérola antes que uma mão masculina baixasse a cortina e não houvesse nada para ser visto a não ser uma nesga de gris-pérola.

Contudo os rumores logo começaram a circular, do meio da Bond Street até a Oxford Street, de um lado, até a perfumaria Atkinson, do outro, passando, invisível, inaudivelmente, como uma nuvem, veloz, feito um véu, por sobre as colinas, caindo, de fato, com algo da súbita sobriedade e placidez de uma nuvem, sobre rostos que um segundo antes tinham se mostrado absolutamente desalinhados. Mas agora o mistério os tinha roçado com a sua asa; tinham ouvido a voz da autoridade; o espírito da religião estava à solta com os olhos hermeticamente vendados e a boca escancarada. Mas ninguém sabia de quem era o rosto vislumbrado. Do Príncipe de Gales, da Rainha, do Primeiro-Ministro? ← De quem era o rosto? Ninguém sabia.

Edgar J. Watkiss, com seu rolo de cano de chumbo ao redor do braço, disse, de maneira a ser ouvido, para fazer graça, sem dúvida: “O caarro do Priimeirro-Miinistro”. ←

Septimus Warren Smith, que não conseguia passar, ouviu o que ele disse.

Septimus Warren Smith, de mais ou menos trinta anos, rosto pálido, nariz afilado, calçando sapatos marrons e vestindo um casaco surrado, com olhos cor de avelã que tinham aquela aura de apreensão que tornava pessoas totalmente estranhas igualmente apreensivas. O mundo erguera seu chicote; onde iria ele se abater?

Tudo tinha parado por completo. A trepidação dos motores soava como uma pulsação martelando irregularmente ao longo de todo um corpo. O

sol se tornou extraordinariamente quente porque o carro parara defronte à vitrine da Mulberry; senhoras velhas no andar de cima dos ônibus abriram suas sombrinhas pretas; com um estalido, uma sombrinha verde abriu-se aqui, outra, vermelha, ali adiante. A Sra. Dalloway, indo até a janela com os braços carregados de ervilhas-de-cheiro, olhou para fora, o pequeno e rosado rosto marcado pela curiosidade. Todos observavam o carro. Septimus observava. Rapazes saltavam das bicicletas. O tráfego tornava-se mais pesado. E o carro ficou ali parado, com as cortinas baixadas, e elas tinham um estampado curioso, como uma árvore, pensou Septimus, e essa convergência gradual de tudo diante de seus olhos para um único centro, como se algum horror houvesse chegado quase à superfície e estivesse prestes a irromper em chamas, deixou-o aterrorizado. O mundo tremia e oscilava e ameaçava irromper em chamas. Sou eu quem está impedindo o trânsito, pensou. Não era ele que estava sendo observado e apontado; não estava ele oprimido ali, fixado à calçada, por algum desígnio? Mas qual?

“Vamos, Septimus”, disse sua esposa, uma mulher baixinha, com olhos enormes num rosto pálido e afilado; uma moça italiana.

Mas a própria Lucrezia não conseguia deixar de olhar para o carro e para a estampa de árvores das cortinas. Era a Rainha que estava ali dentro, a Rainha indo às compras?

O chofer, que estivera abrindo algo, ajeitando algo, fechando algo, voltou ao seu posto.

“Vamos”, disse Lucrezia.

Mas o marido – pois fazia agora quatro, cinco anos, que estavam casados – sobressaltou-se, pôs-se a andar e disse: “Está bem!”, irritado, como se ela o tivesse interrompido.

As pessoas devem notar; as pessoas devem perceber. As pessoas, ela pensou, observando a multidão que tinha os olhos fixados no carro; as pessoas inglesas, com seus filhos e seus cavalos e suas roupas, que ela, de certa forma, admirava; mas que eram, agora, “pessoas”, porque Septimus havia dito “vou me matar”; uma coisa horrível de ser dita. E se o tivessem ouvido? Olhou a multidão. Socorro, socorro! tinha vontade de gritar para os garotos da entrega de carne e para as mulheres. Socorro! Ainda há

pouco, no último outono, ela e Septimus tinham estado no Embankment, envoltos no mesmo casaco, Septimus lendo um jornal em vez de conversar, e ela o arrancara das mãos dele e rira na cara do velho que os observava! Mas o fiasco a gente esconde. Ela tinha que tirá-lo dali e levá-lo para algum parque.

“Agora vamos atravessar”, disse ela.

Ela tinha direito ao seu braço, ainda que paralisado. Ele daria a ela, que era tão simples, tão impulsiva, só vinte e quatro anos, sem amigos na Inglaterra, que por causa dele tinha deixado a Itália, um pedaço de osso.

O carro, com suas cortinas arriadas e um ar de inescrutável reserva seguiu em direção à Piccadilly, ainda sob os olhares curiosos, ainda encrespando os rostos em ambos os lados da rua com a mesma e sombria lufada de veneração – se pela Rainha, pelo Príncipe ou pelo Primeiro-Ministro ninguém sabia. O rosto em si fora visto, apenas uma vez e por uns poucos segundos, por três pessoas. Até mesmo o sexo estava agora em discussão. Mas não podia haver nenhuma dúvida de que a potestade estava sentada no seu interior; a potestade estava passando, incógnita, pela Bond Street, separada por não mais que um palmo da gente comum que podia agora, pela primeira e última vez, ficar a poucos passos da majestade da Inglaterra, do duradouro símbolo do Estado que será revelado a curiosos antiquários, ocupados em esquadrinhar as ruínas do tempo, quando Londres for uma trilha tomada pela vegetação e todas essas pessoas se apressando ao longo do passeio nesta manhã de quarta-feira não forem mais que ossos, com umas poucas alianças misturadas ao seu pó e às obturações de ouro de incontáveis dentes cariados. O rosto que ia no carro a motor será então revelado.

É provavelmente a Rainha, pensou a Sra. Dalloway, saindo da Mulberry com suas flores; a Rainha. E por um segundo assumiu um ar de extrema dignidade, parada à luz do sol à porta da floricultura, enquanto o carro, com as cortinas arriadas, passava em marcha lenta. A Rainha indo a algum hospital; a Rainha indo inaugurar algum bazar beneficente, pensou Clarissa.

A afluência de pessoas era espantosa para aquela hora do dia. Lord's, Ascot, Hurlingham, qual deles seria? perguntou-se, pois a rua estava impedida. As classes médias britânicas, sentadas lateralmente no andar de cima dos ônibus, ← com pacotes e guarda-chuvas, sim, até mesmo com casacos de pele num dia como este, eram, pensava ela, mais ridículas, mais discrepantes de qualquer coisa que alguma vez tenha existido do que se possa imaginar; e a própria Rainha presa ali; a própria Rainha impedida de passar. Clarissa estava detida num lado da Brook Street; Sir John Buckhurst, o antigo juiz, no outro, com o carro entre eles (Sir John ditara as regras durante anos e apreciava uma mulher bem-vestida), quando o chofer, com uma inclinação mínima, disse ou mostrou algo ao guarda, que fez uma saudação e levantou o braço e balançou a cabeça e fez o ônibus se afastar para o lado e o carro foi adiante. Lenta e muito silenciosamente seguiu o seu caminho.

Clarissa adivinhou; Clarissa sabia, sem dúvida; ela tinha visto algo branco, mágico, circular, na mão do batedor, um disco com um nome inscrito – da Rainha, do Príncipe de Gales, do Primeiro-Ministro? – que, por força de seu próprio fulgor, abria caminho a fogo (Clarissa viu o carro diminuindo, desaparecendo), para ir brilhar entre candelabros, galões reluzentes, peitos retesados portando insígnias de folha de carvalho, ← Hugh Whitbread e todos os seus colegas, os cavalheiros da Inglaterra, nesta noite, no Palácio de Buckingham. E Clarissa, ela também, dava uma festa. Ela se empertigou um pouco; assim iria se postar no alto de sua escadaria.

O carro se fora, mas deixara uma leve reverberação, que fluía pelas luvarias e pelas chapelarias e pelas alfaiatarias em ambos os lados da Bond Street. Por trinta segundos todas as cabeças estiveram voltadas para a mesma direção – para as vitrines. As senhoras que escolhiam um par de luvas – deveriam ir até o cotovelo ou mais acima, amarelo-limão ou cinza-claro? – se detiveram; quando a frase chegou ao fim, algo tinha acontecido. Algo tão insignificante em suas manifestações individuais que nenhum instrumento matemático, embora capaz de transmitir choques ocorridos na China, conseguiria registrar-lhe a vibração; mas verdadeiramente formidável, em sua totalidade, e emocionante, em seu apelo coletivo; pois

em todas as chapelarias e alfaiatarias, estranhos entre si trocaram olhares e pensaram nos mortos; na bandeira; no Império. Num *pub* situado numa viela, um habitante de uma das colônias ↵ proferiu um insulto à Casa de Windsor, provocando rixas, copos de cerveja quebrados e uma algazarra geral, que, estranhamente, foram ecoar no outro lado da rua, nos ouvidos das moças que compravam roupas íntimas de cor branca, enfeitada com debrum de um branco imaculado, para o enxoval de casamento. Pois a agitação produzida na superfície pela passagem do carro tocava, à medida que se extinguia, algo de muito profundo.

Deslizando pela Piccadilly, o carro dobrou na St James's Street. Homens de alta estatura, homens de físico robusto, homens bem-vestidos, com seus fraques e com seus coletes brancos e com seus cabelos penteados para trás, que, por razões difíceis de discriminar, permaneciam de pé junto à *bow window* ↵ do White's, com as mãos atrás das abas do fraque, olhando através da vidraça, perceberam instintivamente que a potestade estava passando, e a pálida luz da imortal presença desceu sobre eles, tal como descera sobre Clarissa Dalloway. Imediatamente se endireitaram ainda mais, e tiraram as mãos das costas, e pareciam prontos a seguir o seu Soberano, se necessário fosse, até a linha de fogo, como tinham feito, antes deles, os seus ancestrais. Os bustos brancos e as mesinhas do fundo, cobertas de exemplares do *Tatler* e sifões de água gasosa, pareciam aprovar; pareciam sugerir os trigais ondulantes e as mansões senhoriais da Inglaterra; e devolver o débil zumbido das rodas do carro, tal como as paredes de uma galeria acústica ↵ devolvem uma voz única que é amplificada e se torna sonora pela potência de toda uma catedral. Moll Pratt enrolada em seu xale, com suas flores sobre a calçada, desejou felicidades ao adorável jovem (era o Príncipe de Gales, com certeza) e teria jogado o que valia um caneco de cerveja – um buquê de rosas – ao chão da St James's Street, por puro prazer e desprezo pela pobreza, se não tivesse percebido o olho do guarda sobre ela, desencorajando a lealdade de uma velha irlandesa. ↵ As sentinelas do St James's Palace prestaram continência; o guarda da Rainha Alexandra retribuiu. ↵

Uma pequena multidão se formara, nesse meio tempo, diante dos portões do Palácio de Buckingham. Desanimados, mas confiantes, gente pobre, todos, eles esperavam; observavam o próprio Palácio, com a bandeira ondulante; observavam a Rainha Vitória, equilibrando-se em seu pedestal, admiravam os seus repuxos, os seus gerânios; destacavam, dentre os carros que passavam pela Mall, primeiro este, depois aquele; depositavam sua emoção, inutilmente, em simples plebeus que tinham saído para um passeio de carro; recolhiam sua homenagem, para não desperdiçá-la, quando passava este carro ou aquele outro; e o tempo todo deixavam que o rumor lhes entupisse as veias e mexesse com os nervos das pernas só de pensar na Realeza dirigindo-lhes um olhar; a Rainha, um aceno com cabeça; o Príncipe, uma saudação; só de pensar na vida paradisíaca divinamente proporcionada aos Reis; nos escudeiros e nas medidas exageradas; na antiga casa de boneca da Rainha; [←](#) na Princesa Mary casada com um inglês, [←](#) e o Príncipe – ah! o Príncipe! que puxara tanto, diziam, ao velho Rei Edward, mas que era muito mais esguio. O Príncipe morava no St James's Palace; mas podia chegar, durante a manhã, para visitar a mãe.

Foi o que disse Sarah Bletchley, com o bebê nos braços, virando os pés para cima e para baixo como se estivesse junto à grade de sua lareira em Pimlico, mas mantendo os olhos no Mall, enquanto Emily Coates esquadrihava as janelas do Palácio e pensava nas criadas, nas incontáveis criadas, nos aposentos, nos incontáveis aposentos. Engrossada por um senhor de idade com um terrier escocês, por homens sem ocupação, a multidão aumentava. O baixinho Sr. Bowley, que morava na mansão Albany e que tinha sido impermeabilizado com cera contra as mais profundas fontes de vida, mas que podia se tornar permeável, subitamente, inapropriadamente, sentimentalmente, em virtude desse tipo de coisa – mulheres pobres esperando para ver a Rainha passar – mulheres pobres, criancinhas lindas, órfãos, viúvas, a Guerra – tsc-tsc – tinha realmente lágrimas nos olhos. Uma brisa, ondulando muito calidamente ao longo da Mall, por entre as mirradas árvores, ao longo dos heróis esculpidos em bronze, [←](#) hasteou alguma bandeira no coração britânico do Sr. Bowley, e

ele levantou o chapéu quando o carro virou na Mall e assim o manteve enquanto o carro se aproximava; e deixou que as mães pobres de Pimlico se apertassem contra ele, e se postou todo apumado. O carro seguiu em frente.

De repente a Sra. Coates olhou para o céu. O som de um aeroplano penetrava sinistramente nos ouvidos da multidão. Lá vinha ele por sobre as árvores, deixando atrás uma fumaça branca, que se espiralava e se enroscava, efetivamente escrevendo alguma coisa! formando letras no céu! ← Todo mundo olhou para cima.

Tendo mergulhado, o aeroplano arremeteu reto para o alto, fez um *loop*, acelerou, mergulhou, subiu, e não importando o que fazia, não importando para onde ia, deixava para trás uma faixa espessa e emaranhada de fumo branco que se enrolava e encaracolava desenhando letras no céu. Mas quais letras? Era um C? um E, depois um L? Por um instante apenas, mantiveram-se estáticas; depois se remexeram e se fundiram e foram varridas do céu, e o aeroplano disparou para mais longe ainda e, de novo, num pedaço limpo do céu, começou a escrever um K, um E, um Y talvez?

“Glaxo”, disse a Sra. Coates, numa voz tensa, apreensiva, olhando fixamente para o alto, e o bebê dela, pálido e imóvel em seus braços, olhava fixamente para o alto.

“Kreemo”, murmurou a Srta. Bletchley, como uma sonâmbula. Com o chapéu absolutamente imóvel na mão, o Sr. Bowley olhava fixamente para o alto. Ao longo de toda a Mall, as pessoas paravam e olhavam para o céu. Enquanto olhavam, o mundo inteiro tornou-se absolutamente silencioso, e um bando de gaivotas cruzou o céu, primeiro uma gaivota na frente, depois outra, e nessa paz e nesse silêncio extraordinários, nessa palidez, nessa pureza, os sinos bateram onze vezes, o som extinguindo-se lá em cima, entre as gaivotas.

O aeroplano virou e subiu e mergulhou exatamente onde queria, veloz, solto, como um patinador...

“É um E”, disse a Sra. Bletchley – ou um dançarino...

“É *toffee*”, ← murmurou o Sr. Bowley – (e o carro entrou pelos portões e ninguém lhe deu atenção), e suspendendo a fumaça, para longe, cada vez

mais longe, ele disparou, e a fumaça se diluiu, agregando-se em torno das formas brancas e largas das nuvens.

Ele tinha ido embora; estava atrás das nuvens. Não havia nenhum som. As nuvens às quais as letras E, G ou L tinham se juntado se moviam livremente, como que destinadas a cruzar do Ocidente para o Oriente, numa missão da maior importância e que nunca seria revelada, e contudo certamente era isso que era – uma missão da maior importância. Então, de repente, feito um trem que sai de um túnel, o avião irrompeu de novo de trás das nuvens, o som zunindo nos ouvidos de todas as pessoas na Mall, no Green Park, em Piccadilly, na Regent Street, no Regent's Park, e a faixa de fumaça curvou-se atrás e ele baixou, e elevou-se e escreveu uma letra atrás da outra – mas que palavra estava ele escrevendo?

Lucrezia Warren Smith, sentada ao lado do marido num banco do Regent's Park, na alameda Broad Walk, olhou para cima.

“Olha, olha, Septimus!”, exclamou. Pois o Dr. Holmes dissera-lhe para fazer o marido (que não tinha nada de sério, só não estava nos seus melhores dias) se interessar por coisas para além dele.

Pois bem, pensou Septimus, olhando para cima, eles estão me fazendo sinais. Não, na verdade, em palavras reais; quer dizer, ele ainda não era capaz de ler a língua; mas era mais do que evidente, essa beleza, essa rara beleza, e as lágrimas enchiam-lhe os olhos enquanto observava as palavras de fumaça se definindo e se dissolvendo no céu e propiciando-lhe, em sua inexaurível complacência e luxuriante bondade, uma figura atrás da outra de inimaginável beleza e indicando sua intenção de proporcionar-lhe, por nada, para sempre, simplesmente para olhar, beleza, mais beleza! Lágrimas rolavam-lhe pelas faces.

Era *toffee*; estavam anunciando *toffee*, disse uma babá a Rezia. Juntas começaram a soletrar t... o... f...

“K... R...”, disse a babá, e Septimus ouviu-a dizer-lhe “Cá Erre” próximo ao seu ouvido, profundamente, suavemente, como um órgão melodioso, mas com um rascado na voz, como o de um gafanhoto, que lhe arranhava deliciosamente a espinha e que fazia subir ao cérebro ondas de som que, chocando-se, rompiam-se. Uma descoberta maravilhosa, não

restava dúvida – que a voz humana, sob certas condições atmosféricas (pois devemos ser científicos, sobretudo científicos), pode despertar as árvores para a vida! Felizmente, com um peso tremendo, Rezia pôs-lhe as mãos sobre os joelhos, de maneira que ele se prostrou, paralisado, do contrário a emoção dos olmos se erguendo e se vergando, se erguendo e se vergando, com todas as suas folhas inflamadas, e a cor se diluindo e se adensando, indo desde o azul até o verde de uma onda oca, como um penacho na cabeça de um cavalo, como plumas na cabeça de uma dama, de tão altivamente, de tão soberbamente que se erguiam e se vergavam, o teria enlouquecido. Mas ele não ia enlouquecer. Fecharia os olhos; não veria mais.

Mas elas acenavam; as folhas estavam vivas; as árvores estavam vivas. E as folhas, ligadas como estavam por milhões de fibras com seu próprio corpo ali no banco, abanavam-no para cima e para baixo; quando o galho se esticava, ele também fazia esse meneio. Os pardais esvoaçando, subindo e descendo em jorros chanfrados faziam parte do arranjo; o branco e o azul raiados por ramos negros. Premeditadamente, os sons produziam harmonias; os espaços entre eles eram tão significativos quanto os sons. Uma criança chorava. No mesmo instante, uma trombeta soou ao longe. Tudo aquilo reunido significava o nascimento de uma nova religião...

“Septimus!”, disse Rezia. Ele teve um violento sobressalto. As pessoas devem ter notado.

“Vou até o chafariz e volto em seguida”, disse ela.

Pois ela não podia mais suportar aquilo. O Dr. Holmes podia dizer que ele não tinha nada de sério. Muito melhor para ela que ele estivesse morto! Ela não conseguia ficar sentada ao seu lado quando ele ficava com esse olhar fixo, sem olhar para ela, e tornava tudo terrível; céu e árvore, crianças brincando, empurrando carrinhos, soprando apitos, caindo; tudo ficava terrível. E ele não iria se matar; e ela não podia contar para ninguém. “Septimus tem trabalhado muito” – era tudo o que podia dizer à mãe. Amar nos torna solitários, pensou. Não podia contar para ninguém, agora nem mesmo a Septimus, e, olhando para trás, viu-o sentado no banco, com seu casaco surrado, sozinho, encolhido, o olhar fixo. E era covarde da parte

de um homem dizer que ia se matar, mas Septimus tinha lutado; ele era corajoso; ele não era Septimus agora. Ela punha a sua gola de renda. Punha o seu chapéu novo e ele nunca notava; e era feliz sem ela. Nada poderia fazê-la feliz sem ele! Nada! Ele era um egoísta. É como os homens são. Pois ele não estava doente. O Dr. Holmes disse que ele não tinha nada de sério. Ela espalmou a mão à sua frente. Olha! Sua aliança escorregou – ela tinha ficado tão magra. Quem sofria era ela – mas não tinha ninguém a quem contar.

Longe estavam a Itália e as casas brancas e o quarto onde suas irmãs ficavam sentadas fazendo chapéus, ← e todas as noites as ruas cheias de gente passeando, rindo alto, não vivas apenas pela metade como as pessoas daqui, enfiadas em cadeiras de Bath, ← olhando para umas poucas e horrorosas flores metidas em vasos!

“Pois vocês deviam ver os jardins de Milão”, disse ela em voz alta. Mas para quem?

Não havia vivalma. Suas palavras se extinguíam. Assim se extingue um foguete. Suas centelhas, tendo riscado seu caminho na noite, a ela se rendem, a escuridão cai, espraia-se sobre os contornos das casas e das torres; ermas encostas se atenuam e desabam. Mas ainda que tenham desaparecido, a noite está cheia delas; privadas de cor, despidas de janelas, elas existem mais solidamente, revelam o que a franca luz do dia não consegue transmitir – a perturbação e a expectativa das coisas aglomeradas ali na escuridão; grudadas umas às outras na escuridão; usurpadas do alívio que traz a aurora quando, banhando as paredes de branco e cinza, sarapintando cada vidraça, levantando a névoa dos campos, revelando as vacas castanho-avermelhadas pastando calmamente, tudo se torna uma vez mais enfeitado para o benefício dos olhos; existe de novo. Estou só; estou só! exclamou ela, junto ao chafariz, no Regent’s Park (contemplando o indiano e sua capelinha) ←, como talvez à meia-noite, quando todas as fronteiras se desfazem, o país volta à sua forma antiga, tal como os romanos o viram, todo enevoado, quando desembarcaram, e as colinas não tinham nome e os rios serpenteavam eles não sabiam para onde – assim era a escuridão dela; quando, de repente, como se uma plataforma tivesse

surgido e ela estivesse em cima dela, ela contou que era a esposa dele, tendo se casado em Milão anos atrás, a esposa dele, e não diria nunca, nunca, que ele estava louco! Virando, a plataforma desabou; ao fundo, ao fundo ela foi. Pois ele saía, pensou ela – saía, como ameaçara, para se matar – para se atirar embaixo de uma carroça! Mas não; ali estava ele; ainda sentado sozinho no banco, com seu casaco surrado, as pernas cruzadas, o olhar fixo, falando em voz alta.

Os homens não devem derrubar as árvores. Existe um Deus. (Ele anotava essas revelações no verso de envelopes.) Mudem o mundo. Ninguém mata por ódio. Divulguem isso (ele anotou). Ele esperava. Ele estava à escuta. Um pardal, empoleirado na grade da cerca em frente, chilreou Septimus, Septimus, quatro ou cinco vezes seguidas e prosseguiu, prolongando suas notas, para cantar, com frescor e estridência, em palavras gregas, como não existe nenhum crime e, reforçado por outro pardal, cantaram com vozes prolongadas e estridentes, em palavras gregas, desde as árvores do Prado da Vida até o outro lado de um rio onde vagueiam os mortos, que não há nenhuma morte.

Ali estava a sua mão; ali, os mortos. Coisas brancas estavam se juntando atrás das grades do outro lado. Mas ele não ousava olhar. Evans estava atrás das grades!

“O que você está dizendo?”, disse Rezia de repente, sentando-se ao lado dele.

Interrompido outra vez! Ela estava sempre interrompendo.

Longe das pessoas – deviam ir para longe das pessoas, disse ele (levantando-se de repente), ir logo para lá, onde havia cadeiras embaixo de uma árvore, e a longa lombada do Parque caía como uma peça de pano verde, com uma bambolina de fumaça azul e rosa bem no alto, e havia, ao longe, uma barreira de casas irregulares turvadas pela fumaça, o tráfego zumbia num círculo, e, à direita, animais cor de canela esticavam os pescoços compridos por sobre as cercas do zoológico,  urrando, uivando. Ali eles se sentaram debaixo de uma árvore.

“Olha”, implorou ela, apontando para um pequeno grupo de garotos que carregavam varetas de críquete,  dentre os quais um arrastava os pés e

girava sobre os calcanhares, como se estivesse atuando como palhaço num espetáculo de variedades.

“Olha”, implorou ela, pois o Dr. Holmes lhe tinha dito que o fizesse observar coisas reais, ir a um teatro de variedades, [⇐](#) jogar críquete – esse era o jogo certo, dissera o Dr. Holmes, um belo jogo ao ar livre, o jogo certo para o seu marido.

“Olha”, repetiu ela.

Olha, ordenou-lhe o invisível, a voz que agora se comunicava com ele que era o maior dentre os homens, Septimus, há pouco levado da vida para a morte, o Senhor que viera para renovar a sociedade, que se estendia como uma colcha, um manto de neve atingido apenas pelo sol, para sempre inextinguível, sofrendo para sempre, o bode expiatório, o eterno sofredor, mas ele não desejava isso, lamentou-se, afastando dele, com um gesto da mão, esse eterno sofrimento, essa eterna solidão.

“Olha”, repetiu ela, pois ele não devia falar em voz alta para si mesmo fora de casa.

“Oh, olha”, implorou-lhe. Mas o que havia ali para olhar? Uns carneiros. Era só.

O caminho para a estação de metrô do Regent’s Park – poderiam eles dizer-lhe qual era o caminho para a estação de metrô do Regent’s Park? – queria saber Maisie Johnson. Ela chegara de Edimburgo havia apenas dois dias.

“Por aqui, não – por ali!”, exclamou Rezia, gesticulando para desviá-la, de modo que não visse Septimus.

Pareciam ambos estranhos, pensou Maisie Johnson. Tudo parecia muito estranho. Em Londres pela primeira vez, tendo vindo para assumir um cargo na loja do tio na Leadenhall Street, e caminhando agora de manhã pelo Regent’s Park, esse casal sentado nas cadeiras era para ela um grande choque; a moça parecia estrangeira, o homem tinha um ar estranho; de tal forma que, bem velhinha, remexendo suas memórias, ainda iria se lembrar de como tinha caminhado pelo Regent’s Park numa bela manhã de verão cinquenta anos atrás. Pois tinha só dezenove anos e arranjava, finalmente, um jeito de vir para Londres; e como era estranho, agora, esse casal ao qual

tinha perguntado o caminho, e a moça se assustara e sacudira a mão, e o homem – ele parecia terrivelmente esquisito; brigando, talvez; separando-se para sempre, talvez; algo se passava, ela sabia; e agora todas essas pessoas (pois ela voltou para a Broad Walk), as fontes de pedra, as aprumadas flores, os velhos e as velhas, enfermos a maioria deles, em cadeiras de Bath – tudo parecia, depois de Edimburgo, tão estranho. E Maisie Johnson, enquanto se juntava a essa companhia beijada pela brisa, se arrastando mansamente, fitando o vazio – com esquilos pendurando-se nas árvores e alisando o pelo, borbotões de pardais esvoaçando em busca de migalhas, cães ocupados com as grades das cercas, ocupados uns com os outros, enquanto eles eram banhados pelo ar suave e morno e emprestavam ao olhar fixo e indiferente com o qual recebiam a vida um quê de fantástico e de plácido – Maisie Johnson sentiu que certamente, oh!, devia chorar (pois aquele jovem cavalheiro sentado no banco fora para ela um grande choque. Algo se passava, ela sabia).

Horror! horror! ela queria gritar. (Ela tinha abandonado sua gente; eles tinham-lhe advertido do que iria acontecer.)

Por que não tinha ficado na sua terra? lamentou-se, girando a maçaneta do portão de ferro gradeado.

Essa moça, pensou a Sra. Dempster (que guardava crostas de pão para os esquilos e frequentemente almoçava no Regent's Park), ainda não sabe nada da vida; e realmente parecia-lhe preferível ser um tanto corpulenta, um tanto vagarosa, um tanto modesta em relação às próprias expectativas. Percy bebia. Bom, preferível ter um filho, pensou a Sra. Dempster. Tinha passado um mau bocado por causa disso, e não podia deixar de sorrir à vista de uma moça como essa. Você se casará, pois é bastante bonita, pensou a Sra. Dempster. Case-se, pensou, e aí você ficará sabendo. Oh, as cozinheiras, e o resto. Todo homem tem as suas manias. Mas não sei se teria escolhido isso se tivesse adivinhado, pensou a Sra. Dempster, e mal conseguia conter o desejo de dizer umas palavras a Maisie Johnson; sentir na bochecha enrugada de seu velho e surrado rosto o beijo da piedade. Pois tinha sido uma vida dura, pensou a Sra. Dempster. O que ela não lhe tinha

sacrificado? As rosas; a forma; os seus pés também. (Ela recolheu os nodosos tocos para debaixo da saia.)

Rosas, pensou ela, sarcasticamente. Tudo besteira, queridinha. Pois, realmente, tendo que comer, beber e acasalar, faça bom ou mau tempo, a vida não tinha sido um mar de rosas e, além disso, deixe-me contar-lhe, Carrie Dempster não trocaria a sua sorte pela de qualquer outra mulher em Kentish Town! Mas, piedade, implorava ela. Piedade, pela perda das rosas. Piedade era o que pedia a Maisie Johnson, parada junto aos canteiros de jacintos.

Ah, mas aquele aeroplano! Não tinha a Sra. Dempster sempre desejado conhecer lugares estrangeiros? Ela tinha um sobrinho, um missionário. Ele disparou e arremeteu. Ela sempre entrava no mar em Margate, sem perder a terra de vista, mas não tinha nenhuma paciência com mulheres que tinham medo d'água. Ele desceu e se precipitou. O coração saltava-lhe pela boca. Subiu de novo. Tem um belo rapaz no comando, presumiu a Sra. Dempster, e para longe ele ia, cada vez mais longe, veloz e evanescente, para longe, cada vez mais longe, o aeroplano disparou; planando sobre Greenwich e todos os mastros; sobre a pequena ilha de igrejas cinzentas, sobre St Paul e o resto, até onde, em ambos os lados de Londres, estendiam-se campos e bosques de um marrom escuro, nos quais destemidos tordos, num mergulho fulminante e com visão instantânea, arrebatavam o caracol, batendo-o contra a pedra, uma, duas, três vezes.

Longe, para cada vez mais longe, o aeroplano disparou, até não ser nada além de uma faísca brilhante; um anseio; uma concentração; um símbolo (foi o que pareceu ao Sr. Bentley, que aparava vigorosamente a sua faixa de grama em Greenwich) da alma do homem; de sua determinação, pensou o Sr. Bentley, contornando o cedro, em sair para fora do corpo, em ir para além de sua casa, por meio do pensamento, de Einstein, da especulação, da matemática, da teoria mendeliana – para longe o aeroplano se foi.

Então, enquanto um homem sem qualquer distinção, de aspecto desleixado, carregando uma maleta de couro, se postava nos degraus da Catedral de St Paul, e hesitava, pois que bálsamo haveria lá dentro, que calorosa acolhida, quantas tumbas com flâmulas tremulando sobre elas,

insígnias de vitórias não sobre exércitos, pensou ele, mas sobre esse maldito espírito de busca da verdade que me deixa, neste momento, sem um emprego, e além disso, a Catedral nos oferece companhia, pensou, nos convida a sermos membros de uma sociedade; grandes homens fazem parte dela; mártires morreram por ela; por que não entrar, pensou ele, colocar essa maleta de couro cheia de panfletos diante de um altar, de uma cruz, o símbolo de algo que se elevou para além da busca e da indagação e da compilação de palavras e tornou-se puro espírito, incorpóreo, espectral – por que não entrar? Pensou, e, enquanto hesitava, o avião passou sobre Ludgate Circus.

Estava estranho; estava quieto. Não se ouvia um som acima da corrente de tráfego. Sem piloto, é o que parecia; movido por seu livre arbítrio. E agora, virando para cima, sempre para cima, em linha reta para cima, como algo que se elevasse em êxtase, por puro deleite, deixando atrás uma fumaça branca que, fazendo voltas sobre si mesma, escrevia um T, um O, um F.

“O que estarão olhando?”, perguntou Clarissa Dalloway à criada que lhe abriu a porta.

O vestíbulo da casa estava frio como uma cripta. A Sra. Dalloway levou a mão aos olhos e, enquanto a criada fechava a porta, e ela ouvia o farfalhar das saias de Lucy, sentiu-se como uma freira que deixou o mundo e se vê envolvida pelos véus familiares e pelas cantilenas de antigas orações. A cozinheira assobiava na cozinha. Ela ouvia o estalido da máquina de escrever. ← Era a sua vida e, inclinando a cabeça sobre a mesa do vestíbulo, entregou-se ao influxo de energia, sentiu-se abençoada e purificada, dizendo para si mesma, enquanto pegava o bloco com a anotação de um recado telefônico, como momentos como este são botões da árvore da vida, flores do breu é o que são, pensou ela (como se alguma adorável rosa tivesse florescido só para os seus olhos); nunca acreditou em Deus por um momento que fosse; com mais razão, pensou, pegando o bloco de notas, deve-se retribuir, no dia a dia, aos criados, sim, aos cães e aos canários, sobretudo a Richard, seu marido, que era o fundamento de tudo isto – dos sons alegres, das luzes verdes, da cozinheira ainda que assobiando, pois a

Sra. Walker era irlandesa e assobiava o dia todo – deve-se retribuir por esse reservatório secreto de momentos raros, pensou, erguendo o bloco, enquanto Lucy esperava em pé, ao seu lado, tentando explicar que

“O Sr. Dalloway, senhora...”

Clarissa leu o recado deixado no bloco: “Lady Bruton quer saber se o Sr. Dalloway almoçará com ela hoje”.

“O Sr. Dalloway, senhora, me pediu para dizer que vai almoçar fora.”

“Oh, não!”, disse Clarissa, e Lucy compartilhou, tal como ela pretendia, o seu desapontamento (mas não a pontada no coração); sentiu o conluio entre elas; entendeu a deixa; pensou no modo como os aristocratas amam; dourou seu próprio futuro com uma vida tranquila; e, pegando a sombrinha da Sra. Dalloway, empunhou-a como uma arma sagrada de que uma Deusa, após ter se saído honrosamente no campo de batalha, se desfaz, e colocou-a no porta-guarda-chuvas.

“Não mais temas”, disse Clarissa. Não mais temas o calor do sol; pois o choque do convite de Lady Bruton a Richard para almoçar sem ela fez tremer o momento pelo qual passava, tal como uma planta no leito do rio treme ao sentir o choque de um remo que passa: assim ela se abalou: assim ela tremeu.

Millicent Bruton, cujos almoços tinham a fama de serem extraordinariamente divertidos, não a convidara. Nenhum ciúme vulgar a faria se separar de Richard. Mas ela temia o próprio tempo, e lia no rosto de Lady Bruton, como se fosse um relógio de sol talhado em pedra impassível, o encolhimento da vida; como, a cada ano que passava, sua quota se reduzia; quão pouco a margem que restava era ainda capaz de prolongar, de absorver, como nos anos de juventude, as cores, os sabores, os tons da existência, de forma que ela preenchia o espaço no qual entrava e frequentemente experimentava, parada, hesitando por um instante, à entrada do salão, um curioso suspense, do mesmo modo que um nadador, antes de mergulhar, fica parado, enquanto, embaixo dele, o mar escurece e brilha, e as ondas, que ameaçam rebentar, mas que apenas fendem delicadamente sua superfície, rolam e ocultam e incrustam, assim que se reviram, as algas com pérolas.

Ela pôs o bloco de notas na mesa do vestíbulo. Começou a subir a escada devagar, segurando-se no corrimão, como se tivesse saído de uma festa, na qual ora um amigo, ora outro lhe tivesse devolvido reflexos de seu rosto, de sua voz; como se tivesse fechado a porta e saído para a rua e ficado só, uma figura solitária contra o terror da noite, ou melhor, para dizê-lo com exatidão, contra o olhar arregalado desta prosaica manhã de junho; suave, para alguns, com o brilho de pétalas de rosa, ela o sabia, ela o sentia, ao se deter, no alto da escada, à janela aberta que deixava entrar o estalar das persianas, o ladrar dos cães, deixava entrar, pensou, sentindo-se subitamente franzida, envelhecida, murcha de seios, o engrenar, o explodir, o florescer do dia, do lado de fora das portas, do lado de fora da janela, do lado de fora do seu corpo e da sua mente, que agora falhavam, pois Lady Bruton, cujos almoços tinham a fama de serem extraordinariamente divertidos, não a convidara.

Como uma freira que se recolhe, ou uma criança que explora uma torre, ela subiu a escada, parou à janela, chegou ao banheiro. Havia o linóleo verde e uma torneira pingando. Havia um vazio no âmago da vida; um quarto no sótão. As mulheres deviam se livrar de seus ricos adereços. Ao meio-dia deviam tirar a roupa. Ela espetou o alfinete na almofadinha e pôs o chapéu amarelo de plumas em cima da cama. Os lençóis estavam imaculados, firmemente esticados numa larga faixa branca de lado a lado. Estreita, cada vez mais estreita, ficava sua cama. A vela estava pela metade e ela mergulhara na leitura das *Memórias* do Barão de Marbot. Lera, até tarde da noite, sobre a retirada de Moscou. Pois as sessões do Parlamento duravam tanto que Richard insistia, desde a sua doença, que ela devia dormir sem ser perturbada. E, na verdade, preferia ler sobre a retirada de Moscou. Ele sabia disso. Assim, o quarto era um sótão; a cama, estreita; e deitada ali, lendo, pois o sono era-lhe difícil, não conseguia se livrar de uma virgindade que sobrevivera ao parto e que grudava nela como um lençol. Encantadora na juventude, de repente chegou um momento – no rio, sob os bosques, em Cliveden, por exemplo – em que, por alguma concentração desse espírito frio, ela o decepcionara. E, depois, em Constantinopla, e uma vez mais, e mais outra. Ela podia perceber o que lhe

faltava. Não era beleza; não era inteligência. Era algo central que se infiltrava; algo caloroso que rompia as superfícies e fazia reverberar o frio contato entre homem e mulher, ou entre uma mulher e outra. Pois *isso* ela podia obscuramente perceber. Era algo de que se ressentia, ela tinha um escrúpulo adquirido os céus sabem onde, ou então, era o que achava, lhe fora enviado pela Natureza (que é, invariavelmente, sábia); contudo não conseguia, às vezes, resistir a se render ao encanto, não de uma garota, mas de uma mulher, de uma mulher que lhe confessasse, como era frequente que o fizessem, alguma dificuldade, alguma loucura. E fosse por compaixão, ou pela beleza delas, ou por ser ela mais velha, ou por algum acaso – como um leve perfume, ou um violino na casa vizinha (quão estranho é o poder dos sons em certos momentos), ela, sem dúvida alguma, realmente sentia então o que os homens sentiam. Por um instante apenas, mas era o suficiente. Era uma revelação súbita, um matiz, como um rubor que tentávamos reprimir e então, à medida que se difunde, rendemo-nos à sua expansão, e nos lançamos à margem mais distante e ali trememos e sentimos o mundo chegar mais perto, tímido de algum significado espantoso, de alguma pressão de arrebatamento, que rasgava sua delicada pele e jorrava e escorria, com um alívio extraordinário, sobre os cortes e as feridas! Aí, naquele instante, ela viu uma luz; um fósforo queimando dentro de uma flor de açafraão; [←](#) um significado íntimo quase pronunciado. Mas o próximo recuava; o duro abrandava. Acabara – o momento. Com esses momentos (com as mulheres também) contrastavam (enquanto largava o chapéu) a cama e o Barão de Marbot e a vela pela metade. Deitada desperta, o chão estalava; a casa iluminada de repente ficava escura, e, se levantasse a cabeça, mal conseguiria ouvir o clique da maçaneta largada tão delicadamente quanto possível por Richard, que, de meias, esgueirava-se pela escada, deixando, depois, como de costume, cair a bolsa de água quente, e praguejava! Como ela dava risadas!

Mas essa questão do amor (pensou, largando o casaco), isso de se apaixonar por mulheres. Sally Seton, por exemplo; sua relação, nos velhos tempos, com Sally Seton. Isso não tinha sido amor, afinal?

Ela estava sentada no chão – foi sua primeira impressão de Sally – estava sentada no chão com os braços em volta dos joelhos, fumando um cigarro. Onde teria sido? Na casa dos Mannings? Dos Kinloch-Jones? Em alguma festa (onde, não estava certa), pois tinha a clara lembrança de ter perguntado ao homem que a acompanhava: “Quem é *aquela*?”. E ele lhe informara, e contou que os pais de Sally não se davam bem (como isso a tinha chocado – que os pais de alguém pudessem brigar!). Mas não conseguira, a noite inteira, tirar os olhos de Sally. Era uma beleza extraordinária, do tipo que ela mais admirava, morena, olhos grandes, com aquela qualidade que, por não tê-la, sempre invejou – uma espécie de indiferença, como se pudesse dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa; uma qualidade mais frequente em estrangeiras do que em inglesas. Sally sempre dizia ter sangue francês nas veias, um antepassado estivera com Maria Antonieta, fora degolado, deixara um anel de rubi. Foi talvez naquele verão, numa noite após o jantar, que ela chegou, de maneira bastante inesperada, para passar um tempo em Bourton, sem um pêni no bolso, e aborrecendo a tal ponto a pobre tia Helena que ela nunca a perdoou. Tinha havido alguma grande rixa em casa. Estava literalmente sem um pêni na noite em que chegou na casa deles – tinha penhorado um broche para viajar. Saíra de casa num impulso. Ficaram sentadas, conversando, até altas horas da noite. Foi Sally quem a fez sentir, pela primeira vez, quão protegida era a vida em Bourton. Ela não sabia nada sobre sexo – nada sobre problemas sociais. Tinha visto, certa vez, um velho que caíra morto num campo – tinha visto vacas logo após darem cria. Mas tia Helena nunca gostava que se discutisse qualquer tipo de assunto (quando Sally lhe deu William Morris para ler, o livro teve que ser encapado com papel de embrulho). Ficavam ali sentadas, horas e horas, conversando no seu quarto, no último andar, conversando sobre a vida, sobre como iam reformar o mundo. Pretendiam fundar uma sociedade para abolir a propriedade privada, e realmente chegaram a escrever uma carta, mas ela nunca foi enviada. As ideias eram de Sally, claro, mas logo ela também se entusiasmou – lia Platão na cama antes do café da manhã; lia Morris; lia Shelley, um livro por hora.

Era impressionante a energia de Sally, seu talento, sua personalidade. Havia o seu jeito com as flores, por exemplo. Em Bourton, eles sempre tinham vasinhos sem graça espalhados pela mesa. Sally saía, colhia malvas, dalias – todo tipo de flores que nunca antes tinham sido vistas juntas – cortava-lhes as corolas pondo-as a nadar na água em tigelas. O efeito era extraordinário – quando se entrava para o jantar à hora do pôr do sol. (Naturalmente, tia Helena achava cruel tratar as flores desse jeito.) E a vez que ela esqueceu a esponja e saiu correndo nua pelo corredor. Aquela velha criada rabugenta, Ellen Atkins, pôs-se a resmungar: “Imaginem se algum dos cavalheiros a tivesse visto?”. Ela realmente chocava as pessoas. Era uma descuidada, dizia papai.

O estranho, quando o passado vem à tona, era a pureza, a integridade de seu sentimento por Sally. Não era como o sentimento que se tem por um homem. Era completamente desinteressado e, além disso, tinha uma qualidade que só podia existir entre mulheres, entre mulheres recém-chegadas à fase adulta. De sua parte, era protetor; surgia de uma sensação de que eram unha e carne, do pressentimento de que alguma coisa estava destinada a separá-las (sempre falavam do casamento como uma catástrofe), que levava a essa galanteria, a esse sentimento protetor que era muito mais de sua parte do que da parte de Sally. Pois, naqueles dias, ela era de uma temeridade absoluta; fazia as coisas mais absurdas por pura bravata; dava voltas de bicicleta rente ao parapeito do terraço; fumava charutos. Louca, é o que ela era – muito louca. Mas o encanto era irresistível, ao menos para ela, tanto que ainda guardava a lembrança de estar no seu quarto, no último andar, pegando o jarro de água quente nas mãos e dizendo em voz alta: “Ela está sob o mesmo teto... Ela está sob o mesmo teto!”. ↵

Não, agora as palavras não significavam absolutamente nada para ela. Não conseguia apreender nem sequer um eco de sua antiga emoção. Mas podia se lembrar de ter sentido um arrepio de excitação e de ter se penteado numa espécie de êxtase (agora, enquanto tirava os grampos, colocava-os na penteadeira e começava a pentear-se, o antigo sentimento começava a vir-lhe de volta), com as gralhas exibindo-se para cima e para baixo na luz rosa do entardecer, e ter se vestido, e descido as escadas, e ter

sentido, enquanto atravessava o vestíbulo, que “se tinha chegado a hora de morrer, esta seria a mais feliz das horas”. ← Esse era o seu sentimento – o sentimento de Otelo, e ela o sentiu, estava convencida, tão intensamente quanto o que Shakespeare pretendeu que Otelo sentisse, tudo porque estava descendo para o jantar, num vestido branco, para encontrar Sally Seton!

Ela vestia uma gaze rosa – isso seria possível? Ela *parecia*, de qualquer modo, pura luz, resplandecente, como um pássaro ou um balão que tivesse entrado voando, grudado por um instante a um galho de amoreira-silvestre. Mas nada é tão estranho quando se está apaixonada (e que outra coisa seria isso senão estar apaixonada?) quanto a completa indiferença das outras pessoas. Tia Helena simplesmente saiu para caminhar após o jantar; papai lia o jornal. É possível que Peter Walsh estivesse lá, e a velha Srta. Cummings; Joseph Breitkopf certamente estava, pois vinha todo verão, o pobre velho, ficando semanas e semanas, e tinha a pretensão de ensinar-lhe alemão, mas, na verdade, tocava piano e cantava Brahms, sem nenhuma voz.

Tudo isso era apenas um pano de fundo para Sally. Ela estava de pé junto à lareira falando, naquela linda voz que fazia tudo o que ela dizia soar como uma carícia, com papai, que começava a se sentir atraído por ela, um tanto a contragosto (ele nunca se recobrou do fato de ter-lhe emprestado um de seus livros apenas para encontrá-lo encharcado no terraço), quando de repente ela disse: “Que vergonha ficarmos sentados dentro de casa!”, e saíram todos para o terraço e começaram a andar de um lado para o outro. Peter Walsh e Joseph Breitkopf falavam sobre Wagner. Ela e Sally deixavam-se ficar para trás. Deu-se, então, quando passavam por um vaso de pedra cheio de flores, o momento mais extraordinário de toda a sua vida. Sally parou; arrancou uma flor; beijou-lhe os lábios. O mundo inteiro podia ter virado de ponta-cabeça! Os outros desapareceram; ali estava ela, a sós com Sally. E sentiu que lhe tinha sido dado um presente, embrulhado, e lhe tinha sido dito que era só para guardar, não para olhar – um diamante, algo infinitamente precioso, num embrulho, que, enquanto caminhavam (de um lado para o outro, de um lado para o outro), ela desembulhou, ou

era o esplendor que transluzia, a revelação, a sensação religiosa! – quando o velho Joseph e Peter se voltaram para elas:

“Admirando as estrelas?”, disse Peter.

Foi como dar com o rosto numa parede de granito no escuro! Foi chocante; foi horrível!

Não por ela. Ela apenas sentia a forma como Sally já estava sendo massacrada, maltratada; sentia a hostilidade dele; seu ciúme; sua determinação de se intrometer no companheirismo que havia entre elas. Tudo isso ela viu como se vê uma paisagem sob o clarão de um relâmpago – e Sally (nunca a admirou tanto!) fazendo o que queria, galantemente, invicta. Ela deu uma risada. Fez o velho Joseph dizer-lhe os nomes das estrelas, o que ele sempre gostava de fazer, com a maior seriedade. Ela ficou ali parada: ela escutava. Ela ouvia os nomes das estrelas.

“Ah, que horror!”, disse para si mesma, como se o tempo todo tivesse sabido que alguma coisa iria interromper, amargar o seu instante de felicidade.

Mas, apesar de tudo, o quanto ela veio a dever-lhe mais tarde. Sempre que pensava nele, pensava nas brigas que, por alguma razão, eles tinham – porque precisasse muito da opinião favorável dele, talvez. Ela lhe devia palavras: “sentimental”, “civilizado”; elas inauguravam cada dia de sua vida como se ele a protegesse. Um livro era sentimental; uma atitude perante a vida era sentimental. “Sentimental” é o que talvez ela fosse para estar pensando no passado. O que pensaria ele, perguntou-se, quando estivesse de volta?

Que tinha ficado mais velha? Chegaria a dizê-lo, quando estivesse de volta, ou ela o veria pensando que tinha ficado mais velha? Era verdade. Ela tinha ficado, desde a sua doença, com o cabelo praticamente branco.

Ao pôr o broche sobre a mesa, teve um espasmo súbito, como se, enquanto divagava, as gélidas garras tivessem aproveitado a oportunidade para se enterrar nela. Ainda não era velha. Havia pouco fizera cinquenta e dois. Meses e meses dele ainda estavam intocados. Junho, julho, agosto! Cada um deles continuava praticamente inteiro e, como que para apanhar a gota que caía, Clarissa (atravessando o quarto para ir até a penteadeira)

mergulhou no âmago mesmo daquele instante, transfixando-o, ali – o instante desta manhã de junho na qual havia a pressão de todas as outras manhãs, vendo o espelho, a penteadeira e todos os frascos como que pela primeira vez, concentrando toda a sua pessoa num único ponto (enquanto fixava o olhar no espelho), vendo o delicado e róseo rosto da mulher que iria, naquela mesma noite, dar uma festa; de Clarissa Dalloway; dela em pessoa.

Quantos milhões de vezes tinha visto o seu rosto, e sempre com a mesma e imperceptível contração! Fazia biquinho quando se olhava no espelho. Era para dar ao rosto um aspecto afilado. Aquela era ela – afilada; como uma flecha; definida. Aquela era ela quando algum esforço, algum apelo para que fosse ela mesma, juntava as partes, que só ela sabia o quanto eram diferentes, o quanto eram incompatíveis e que apenas para o mundo se recompunham assim, num único centro, num único diamante, numa única mulher que se sentava em sua sala de visitas e compunha um ponto de encontro, uma auréola, não havia dúvida, para algumas vidas apagadas, um refúgio para o qual acorriam os solitários, talvez; ajudara algumas pessoas jovens, que lhe tinham sido gratas; tentara ser sempre a mesma, nunca dando qualquer indicação de suas outras facetas – defeitos, ciúmes, vaidades, suspeições, como essa de Lady Bruton não a ter convidado para o almoço; o que, pensou (penteando finalmente o cabelo), é de uma baixeza sem tamanho! Agora, onde estava o vestido?

Seus vestidos de noite ficavam pendurados no armário. Clarissa, mergulhando a mão na maciez, delicadamente separou o vestido verde e levou-o até a janela. Estava rasgado. Alguém tinha pisado na barra. Sentira o puxão na festa da Embaixada, em cima, nas pregas. À luz artificial, o verde brilhava, mas perdia a cor, agora, à luz do sol. Ela iria remendá-lo. As criadas tinham muito o que fazer. Iria vesti-lo nesta noite. Pegaria as linhas, as tesouras, o – o quê mesmo? – o dedal, claro, e desceria para a sala de visitas, pois ela também tinha que escrever e ver se as coisas estavam, em geral, mais ou menos em ordem.

Estranho, pensou, parando no alto da escada, e recompondo aquela forma de diamante, aquela pessoa única, estranho como uma dona de casa

conhece o momento exato, o exato temperamento de sua casa! Sons surdos subiam em espirais pelo vão da escadaria; o rangido de um esfregão; batidinhas secas; pancadas bruscas; uma barulheira quando a porta da frente se abria; uma voz repassando um recado no porão; o tilintar da prata numa bandeja; prata limpa para a festa. Tudo era para a festa.

(E Lucy, entrando no salão de festas com a bandeja na mão, pôs os enormes castiçais em cima da pedra da lareira, o porta-joias de prata no centro, virou o golfinho de cristal na direção do relógio. Eles viriam; permaneceriam; fariam da maneira afetada que ela sabia imitar, as damas e os cavalheiros. Dentre todos, a mais encantadora era a sua patroa, a sua senhora – a senhora da prataria, do linho, da porcelana, pois o sol, a prataria, as portas tiradas do lugar, os homens da Rumpelmayer, davam-lhe uma sensação, enquanto deixava a espátula sobre a mesa marchetada, de tarefa cumprida. Vejam! Vejam! disse ela, enquanto se espiava no espelho, dirigindo-se a seus antigos amigos da padaria de Caterham, onde tivera o seu primeiro emprego. Ela era Lady Angela servindo a Princesa Mary, quando a Sra. Dalloway entrou.)

“Oh, Lucy”, disse, “a prataria parece realmente magnífica!”

“E vocês”, disse, endireitando o golfinho de cristal, “vocês gostaram da peça ontem à noite?” “Oh, eles tiveram que sair antes do fim!”, disse. “Tinham que estar de volta à casa às dez!”, disse. “Assim, não sabem o que aconteceu”, disse. “Foi realmente uma pena”, disse ela (pois os criados podiam chegar mais tarde, se lhe pedissem). “Foi mesmo uma lástima”, disse ela, enquanto pegava a velha e desgastada almofada no centro do sofá e depositava-a nos braços de Lucy, empurrando-a de leve e exclamando:

“Leve embora! Dê à Sra. Walker com os meus cumprimentos! Leve embora!”, exclamou.

E Lucy parou à porta da sala de visitas, segurando a almofada, e disse, muito timidamente, enrubescendo um pouco: Não podia ela ajudar a cerzir aquele vestido?

Mas, disse a Sra. Dalloway, ela já tinha muita coisa a seu cargo, muita coisa que lhe cabia para se ocupar com mais isso.

“Mas, obrigada, Lucy, oh, obrigada”, disse a Sra. Dalloway, e obrigada, obrigada, continuou dizendo (sentando no sofá, o vestido sobre os joelhos, com suas tesouras, suas linhas), obrigada, obrigada, continuou dizendo, por gratidão para com seus criados em geral, por ajudarem-na a ser assim, a ser o que ela desejava, gentil, de coração generoso. Os criados gostavam dela. E, depois, este seu vestido – onde estava o rasgão? e agora a sua agulha para enfiar a linha. Era um dos seus vestidos preferidos, um dos vestidos de Sally Parker, praticamente o último feito por ela, uma pena, pois Sally agora estava aposentada, e morando em Ealing, e se algum dia tiver tempo, pensou Clarissa (mas nunca mais iria ter tempo), irei visitá-la em Ealing. Pois ela era uma figura e tanto, pensou Clarissa, uma verdadeira artista. Tinha ideias um tanto fora do esquadro; mas seus vestidos nunca eram excêntricos. Podia-se vesti-los em Hatfield; no Palácio de Buckingham. Ela os tinha vestido em Hatfield; no Palácio de Buckingham.

A tranquilidade tomou conta dela, a calma, o contentamento, enquanto a agulha, suavemente transportando a linha até atingir seu manso repouso, juntava as pregas verdes e as fixava, muito levemente, à cintura. Assim as ondas, num dia de verão, se acumulam, se desequilibram, e caem; se acumulam e caem; e o mundo inteiro parece dizer “isso é tudo”, com mais e mais força, até que o coração dentro do corpo que se deita ao sol na praia também diz: Isso é tudo. Não mais temas, diz o coração, deitando seu fardo em algum mar, que suspira coletivamente por todos os pesares, e se renova, recomeça, se recobra, se deixa cair. E apenas o corpo ouve a abelha que passa; a onda que quebra; o cão que late, e late e late, muito longe.

“Deus do céu, a campainha da porta da frente!”, exclamou Clarissa, imobilizando a agulha. Em estado de alerta, pôs-se à escuta.

“A Sra. Dalloway irá me receber”, disse o senhor de idade no vestíbulo. “Oh, sim, a *mim* ela irá receber”, repetiu, afastando Lucy com muita benevolência, e subindo as escadas com toda a rapidez. “Sim, sim, sim”, murmurava, enquanto corria escada acima. “Ela irá me receber. Depois de cinco anos na Índia, Clarissa irá me receber.”

“Quem pode... o que pode...?”, perguntou a Sra. Dalloway (pensando que era ultrajante ser interrompida às onze da manhã do dia em que iria

dar uma festa), ao ouvir passos na escada. Ouviu uma mão na porta. Tentou esconder o vestido, como uma virgem protegendo sua castidade, preservando sua privacidade. Agora a maçaneta de metal desceu. Agora a porta se abriu, e ele entrou – por um segundo não conseguiu se lembrar como se chamava! tão surpresa estava de vê-lo, tão feliz, tão desconcertada, tão assustada ao ver Peter Walsh chegar inesperadamente para visitá-la de manhã! (Não tinha lido a sua carta.)

“E como está você?”, disse Peter Walsh, visivelmente tremendo; tomando-lhe ambas as mãos; beijando-lhe ambas as mãos. Ficou mais velha, pensou, sentando-se. Não tocarei nesse assunto, pensou, pois ela ficou mais velha. Ela está me olhando, pensou, subitamente tomado de certo constrangimento, embora lhe tivesse beijado as mãos. Pondo a mão no bolso, tirou um enorme canivete, expondo a lâmina até a metade.

Exatamente o mesmo, pensou Clarissa; o mesmo e estranho olhar; o mesmo terno xadrez; um pouco desfigurado o rosto, um pouco mais fino, mais murcho, talvez, mas ele está muitíssimo bem, e igualzinho.

“Que bom vê-lo de novo!”, exclamou. Ele tinha o canivete na mão. É bem o seu estilo, pensou.

Tinha chegado à cidade havia pouco, ontem à noite, disse ele; tinha que viajar para o interior em seguida; e como estava tudo, como estava todo mundo? Richard? Elizabeth?

“E o que significa tudo isso?”, disse, apontando o canivete para o vestido verde.

Ele está muito bem vestido, pensou Clarissa; mas a *mim* ele sempre critica.

Ei-la aqui consertando o vestido; consertando o vestido como sempre, pensou; ei-la aqui, sentada por todo esse tempo em que estive na Índia; consertando o vestido; divertindo-se; indo a festas; correndo entre o Parlamento e a casa e tudo o mais, pensou ele, ficando cada vez mais irritado, cada vez mais agitado, pois não há nada de pior no mundo para as mulheres do que o casamento, pensou ele; e a política, e ter um marido do Partido Conservador, como o admirável Richard. Assim são as coisas, assim são as coisas, pensou, fechando o canivete com um clique.

“Richard está muito bem. Richard está numa reunião do Comitê”, disse Clarissa.

E abriu a tesoura, e disse: ele se importava se ela apenas terminasse o que estava fazendo no vestido, pois tinham uma festa naquela noite?

“Para a qual não o convidarei”, disse. “Meu querido Peter!”, disse.

Mas era delicioso ouvi-la dizer aquilo – meu querido Peter! Na verdade, tudo era tão delicioso – a prataria, as cadeiras; tudo tão delicioso!

Por que ela não o convidaria para a festa? perguntou ele.

Sem dúvida, pensou Clarissa, ele é encantador! absolutamente encantador! Agora me lembro como era praticamente impossível me decidir – e por qual razão acabei me decidindo não me casar com ele, perguntou-se ela, naquele terrível verão?

“Mas é tão extraordinário que você tenha vindo esta manhã!”, exclamou, pousando as mãos, uma sobre a outra, no vestido.

“Você se lembra”, disse ela, “de como as persianas costumavam bater em Bourton?”

“É verdade”, disse ele; e lembrava-se de como tomava o café da manhã, muito constrangido, sozinho com o pai dela; que morrera; e ele não escrevera para Clarissa. Mas ele nunca se dera bem com o velho Parry, aquele velhote ranzinza, frouxo, o pai de Clarissa, Justin Parry.

“Quisera ter me dado melhor com o seu pai”, disse ele.

“Mas ele nunca gostava de ninguém que... de nossos amigos”, disse Clarissa; e podia ter mordido a língua por ter, com isso, feito Peter se lembrar de que quisera se casar com ela.

Claro que eu queria, pensou Peter; isso quase me partiu o coração também, pensou ele; e foi assaltado por sua própria dor, que se erguia como uma lua vista de um terraço, sinistramente bela, à luz do dia submerso. Fui mais infeliz do que tenho sido desde então, pensou. E como se estivesse, de fato, sentado lá no terraço, aproximou-se um pouco de Clarissa; estendeu a mão; ergueu-a; deixou-a cair. Lá, acima deles, pendia aquela lua. Ela também parecia estar sentada com ele no terraço, ao luar.

“É de Herbert agora”, disse ela. “Não vou mais lá”.

Então, tal como acontece num terraço ao luar, quando uma das pessoas começa a se sentir constrangida por já estar enfadada, e apesar disso, enquanto a outra fica sentada em silêncio, muito quieta, tristemente olhando para a lua, sem vontade de falar, balança o pé, limpa a garganta, observa algum arabesco num pé de mesa, mexe numa folha, mas não diz nada: era exatamente o que se passava agora com Peter. Pois por que voltar assim ao passado? pensou ele. Por que fazê-lo pensar nisso outra vez? Por que fazê-lo sofrer, quando ela o tinha torturado tão infernalmente? Por quê?

“Lembra-se do lago?”, disse ela, numa voz abrupta, sob a pressão de uma emoção que lhe apertava o coração, paralisava-lhe os músculos da garganta, fazendo os lábios contraírem-se num espasmo ao pronunciar a palavra “lago”. Pois ela era uma criança jogando migalhas de pão para os patos, entre os pais, e ao mesmo tempo uma mulher feita, caminhando em direção aos pais à beira do lago, segurando nos braços a sua vida, a qual, à medida que se aproximava deles, aumentava mais e mais, até se tornar uma vida inteira, uma vida completa, que ela pôs à frente deles, dizendo: “Isto foi o que fiz dela! Isto!”. E o que fizera dela? O quê, na verdade? perguntava-se, nesta manhã, sentada ali, com Peter, cerzindo.

Ela examinou Peter Walsh; seu olhar, atravessando todo aquele tempo e toda aquela emoção, foi, hesitantemente, parar nele; nele se fixou, em lágrimas; e se ergueu e voou, como um pássaro que toca um ramo e se levanta e voa. Muito simplesmente ela enxugou os olhos.

“Sim”, disse Peter. “Sim, sim, sim”, disse ele, como se ela tivesse trazido à superfície algo que, ao emergir, claramente o magoava. Chega! Chega! ele queria gritar. Pois ele não era velho; sua vida não tinha acabado; longe disso. Mal passava dos cinquenta. Devo dizer-lhe, pensou, ou não? Gostaria de passar tudo a limpo. Mas ela é fria demais, pensou; cerzindo, com a sua tesoura; Daisy pareceria vulgar ao lado de Clarissa. E ela me julgaria um fracasso, que é o que sou na aceção deles, pensou ele; na aceção dos Dalloways. Ah, sim, não tinha nenhuma dúvida sobre isso; ele era um fracasso, comparado com tudo isto – a mesa marchetada, a espátula engastada, o golfinho e os castiçais, os estofados das poltronas e as antigas e

valiosas gravuras inglesas coloridas – ele era um fracasso! Detesto a pretensão da coisa toda, pensou; obra de Richard, não de Clarissa; mas ela se casara com ele. (Nisso, Lucy entrou na sala, carregando a prataria, mais prataria, mas que simpática, esbelta, graciosa ela era, pensou, enquanto se inclinava para largar a prataria.) E isso devia se passar o tempo todo! pensou; semana após semana; a vida de Clarissa; enquanto eu... pensou; e imediatamente tudo pareceu irradiar-se a partir dele; excursões; cavalgadas; brigas; aventuras; partidas de bridge; casos amorosos; trabalho; trabalho; trabalho! e puxou o canivete inteiramente aberto – seu velho canivete de cabo de osso que Clarissa podia jurar que ele tinha conservado durante esses trinta anos – e o empunhou com toda a força.

Que hábito extraordinário era esse, pensou Clarissa; sempre brincando com um canivete. Sempre, também, fazendo a gente se sentir uma frívola; uma cabeça oca; uma simples e tola tagarela, como era seu costume. Mas eu também, pensou, e, pegando a agulha, convocou, como uma Rainha cujos guardas tivessem adormecido, deixando-a desprotegida (tinha sido realmente apanhada de surpresa por essa visita – ela a tinha perturbado), de maneira que qualquer um podia chegar e vê-la, estendida no chão, com os espinheiros se vergando sobre ela, convocou em seu auxílio as coisas que ela fazia; as coisas de que gostava; o marido; Elizabeth; em suma, seu eu, que Peter mal conhecia agora, para que tudo isso se reunisse em volta dela e derrotasse o inimigo.

“Bem, e o que se passou com você?”, disse ela. Tal como, antes de uma batalha começar, os cavalos escarvam o chão; empinam a cabeça; a luz brilha nos seus flancos; seu pescoço se curva; assim também Peter Walsh e Clarissa, sentados lado a lado no sofá azul, desafiavam um ao outro. As forças dele se aprontavam e se punham em movimento. Ele juntou, de diferentes pontos, todo tipo de coisas; louvores; sua carreira em Oxford; seu casamento, sobre o qual ela não sabia absolutamente nada; o quanto ele tinha amado; e, no cômputo geral, o quanto tinha cumprido a sua tarefa.

“Milhões de coisas!”, exclamou, e, pressionado pela reunião de forças que estavam agora arremetendo de um lado e de outro e que lhe davam a sensação assustadora e, ao mesmo tempo, extremamente exultante de estar

sendo transportado a toda velocidade pelos ares sobre os ombros de pessoas que não conseguia mais ver, levou as mãos à frente.

Clarissa empertigou-se no sofá; respirou fundo.

“Estou apaixonado”, disse ele, não para ela, entretanto, mas para alguma pessoa que se erguia na escuridão de tal forma que não se podia tocá-la, devendo-se deixar a guirlanda sobre a grama, na escuridão.

“Apaixonado”, repetiu ele, falando agora muito secamente para Clarissa Dalloway; “caído de amor por uma moça na Índia”. Ele depusera sua guirlanda. Clarissa podia fazer o que quisesse com ela.

“Apaixonado!”, disse ela. Deixar-se tragar em sua idade, com sua gravatinha borboleta, por esse monstro! E o pescoço dele está descarnado; as mãos estão vermelhas; e é seis meses mais velho do que eu! os olhos dela voltaram-se para si mesma; de todo modo, ela sentia no seu íntimo, ele está caído de amor. Ele tem isso, ela sentia; ele está caído de amor.

Mas o indomável egoísmo que atropela sem recurso as legiões que se lhe opõem, o rio que diz em frente, em frente, em frente; ainda, admite ele, que nossas vidas possam não ter nenhuma finalidade, ainda assim, em frente, em frente; esse indomável egoísmo infundia-lhe um colorido às faces; fazia com que ela parecesse muito jovem; muito rosada; tornava-lhe os olhos muito brilhantes, sentada ali, com o vestido sobre os joelhos, e a agulha presa à ponta da linha verde, tremendo um pouco. Ele estava apaixonado! Não por ela. Por alguma mulher mais jovem, naturalmente.

“E quem é ela?”, perguntou.

Agora essa estátua precisa ser tirada de seu pedestal e acomodada entre eles.

“Uma mulher casada, infelizmente”, disse ele; “a esposa de um major do exército indiano.” ←

E, com uma suavidade irônica e curiosa, ele sorria enquanto a depunha, dessa forma ridícula, diante de Clarissa.

(Apesar de tudo, ele está apaixonado, pensou Clarissa.)

“Ela tem”, ele continuou, muito ponderadamente, “dois filhos pequenos; um menino e uma menina; e vim para consultar meus advogados sobre o divórcio.”

Aí estão! pensou. Faça o que quiser com eles, Clarissa! Aí estão! E parecia-lhe, a cada segundo, que a esposa do major do exército indiano (sua Daisy) e seus dois filhos pequenos se tornavam cada vez mais adoráveis à medida que Clarissa os contemplava; como se ele tivesse posto fogo numa bolotinha cinzenta num prato e dali tivesse se erguido uma linda árvore, sob o ar fresco e salino da intimidade entre eles (pois, sob alguns aspectos, ninguém o compreendia, ninguém sentia junto com ele, como Clarissa) – a rara intimidade entre eles.

Ela o adulara; ela o ludibriara, pensou Clarissa; traçando um esboço da mulher, a esposa do major do exército indiano, com três golpes de canivete. Que desperdício! Que bobagem! A vida toda, Peter tinha se deixado ludibriar desse jeito; primeiro, ao ser mandado embora de Oxford; depois, ao se casar com a garota, no navio, a caminho da Índia; agora, a esposa de um major do exército indiano – graças a Deus, ela tinha se negado a casar com ele! Apesar de tudo, ele estava apaixonado; seu velho amigo, seu querido Peter estava apaixonado.

“Mas o que você vai fazer?”, perguntou-lhe. Ah, os advogados e procuradores, os Drs. Hooper e Grateley de Lincoln’s Inn, eles cuidariam disso, ele disse. E, indubitavelmente, aparava as unhas com o canivete.

Pelo amor de Deus, deixe o canivete de lado! exclamou para si mesma, com uma irritação irreprimível; era o seu tolo anticonvencionalismo, a sua fraqueza; a ausência da mínima sombra da ideia do que a outra pessoa estava sentindo que a incomodava, que sempre a tinha incomodado; e agora, na sua idade, que coisa boba!

Sei tudo isso, pensou Peter; sei com quem me defronto, pensou, passando o dedo pela lâmina do canivete, Clarissa e Dalloway e todo o resto; mas mostrarei a Clarissa – e então, para sua completa surpresa, subitamente arremessado por essas incontrolláveis forças, arremessado ao ar, ele rompeu em prantos; chorou; chorou sem nenhuma vergonha, sentado no sofá, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

E Clarissa inclinara-se, tomara-lhe a mão, puxara-o para si, beijara-o – na verdade, sentira o rosto dele no seu antes que pudesse dominar o alvoroço de plumas prateadas flamejando no peito como o capim dos

pampas sob uma ventania tropical, que, ao acalmar, deixou-a segurando-lhe a mão, tocando-lhe o joelho, e, sentindo-se, ali recostada, extraordinariamente à vontade com ele e de coração leve, passou-lhe, num clarão, pela mente: Se tivesse me casado com ele, este contentamento teria sido meu o dia todo!

Estava tudo acabado para ela. O lençol estava estendido e a cama era estreita. Subira à torre sozinha e os deixara colhendo amoras sob o sol. A porta tinha se fechado, e de lá, por entre a poeira de gesso caído e os restos dos ninhos dos pássaros, como a vista parecia distante, e como os sons chegavam tênues e gelados (outrora em Leith Hill, recordava-se), e Richard, Richard! exclamou ela, como quem, adormecido, durante a noite sobressalta-se e estende a mão, no escuro, em busca de auxílio. Almoçando com Lady Bruton, voltou-lhe à mente. Ele me abandonou; estou sozinha para sempre, pensou, cruzando as mãos sobre os joelhos.

Peter Walsh levantara-se e atravessara o salão, indo até a janela, e ficara de costas para ela, sacudindo um lenço estampado de um lado para o outro. Impositivo e cáustico e desolado, era o que parecia, as magras omoplatas fazendo o casaco erguer-se levemente enquanto ele assoava ruidosamente o nariz. Leve-me com você, pensou Clarissa impulsivamente, como se ele estivesse de partida para uma grande viagem naquele instante; e então, no momento seguinte, era como se os cinco atos de uma peça que tinha sido muito interessante e comovente tivessem agora acabado e neles ela tivesse vivido toda uma vida, tivesse fugido, tivesse vivido com Peter, e agora tivesse acabado.

Agora estava na hora de se mexer e, como uma mulher que junta suas coisas, seu casaco, suas luvas, seu binóculo, e levanta-se para sair do teatro e ganhar a rua, ela se levantou do sofá e foi em direção a Peter.

E era terrivelmente estranho como ela ainda tinha o poder, pensou ele, enquanto ela se aproximava, joias tilintando, roupas rufando, ainda tinha o poder, enquanto atravessava a sala, de fazer com que a lua, que ele detestava, se erguesse no terraço, em Bourton, no céu do verão.

“Conte-me”, disse ele, tomando-a pelos ombros. “Você é feliz, Clarissa? Será que Richard...”

A porta se abriu.

“Aqui está a minha Elizabeth”, disse Clarissa, com emoção, de maneira histriônica, talvez.

“Como vai?”, disse Elizabeth, dando um passo à frente.

O som do Big Ben batendo a meia-hora ressoou entre eles com extraordinário vigor, como se um jovem, forte, indiferente, desatencioso, estivesse movimentando halteres de um lado para o outro.

“Olá, Elizabeth!”, exclamou Peter, colocando o lenço no bolso, indo rapidamente em sua direção e dizendo “Adeus, Clarissa”, sem olhar para ela, deixando a sala rapidamente, e correndo escada abaixo e abrindo a porta do vestíbulo.

“Peter! Peter!”, gritou Clarissa, seguindo-o até o patamar. “Minha festa hoje à noite! Não se esqueça da minha festa hoje à noite!”, gritou, tendo que levantar a voz contra o barulho da rua e, vencida pelo tráfego e pelo som de todos os relógios batendo, sua voz, gritando “Lembre-se da minha festa hoje à noite!”, soava, enquanto Peter Walsh batia a porta, frágil e tênue e muito remota.

Lembre-se da minha festa, lembre-se da minha festa, dizia Peter Walsh, enquanto ganhava a rua, falando para si mesmo ritmadamente, em compasso com o fluxo do som, o som direto e inequívoco do Big Ben batendo a meia hora. (Os círculos de chumbo se dissolveram no ar.) Ah, essas festas, pensou; as festas de Clarissa. Por que ela dá essas festas? pensou. Não que a reprovasse ou a essa efígie de homem de fraque com um cravo na lapela que vinha em sua direção. Apenas uma pessoa no mundo podia estar no estado em que ele estava, apaixonado. E ali estava ele, este afortunado homem, ele próprio, refletido na vitrine da loja de um fabricante de carros a motor na Victoria Street. ← Toda a Índia ficara para trás; planícies, montanhas; epidemias de cólera; um distrito duas vezes maior que a Irlanda; decisões a que chegara sozinho – ele, Peter Walsh; que estava agora, realmente, pela primeira vez na vida, apaixonado. Clarissa tinha se tornado rígida, pensou; e, ainda por cima, um tanto sentimental, suspeitava ele, observando os grandes carros a motor capazes de fazer...

quantos quilômetros por litro? Pois ele tinha jeito para a mecânica; inventara um arado em seu distrito, encomendara carrinhos de mão da Inglaterra, mas os cules se negavam a usá-los, coisas, todas elas, sobre as quais Clarissa não sabia absolutamente nada.

A maneira como ela disse “Aqui está a minha Elizabeth!” – aquilo o incomodou. Por que não simplesmente “Aqui está Elizabeth”? Era pouco sincero. E Elizabeth tampouco gostou daquilo. (Os últimos tremores da grande e ressonante voz ainda abalavam o ar em volta dele; a batida da meia-hora; cedo ainda; apenas onze e meia ainda.) Pois ele entendia os jovens; gostava deles. Sempre houve certa frieza em Clarissa, pensou. Sempre tivera, mesmo quando moça, uma espécie de timidez, que na meia idade torna-se convencionalismo, e depois é o fim de tudo, o fim de tudo, pensou ele, examinando um tanto desolado as profundezas vítreas, e se perguntando se o fato de ter ido visitá-la àquela hora não a tinha aborrecido; tomado de vergonha, subitamente, por ter se mostrado um tolo; por ter chorado; por ter se emocionado; por ter-lhe contado tudo, como de costume, como de costume.

Enquanto uma nuvem cruza o sol, o silêncio cai sobre Londres; e cai sobre a mente. O esforço acaba. O tempo tremula no mastro. Aí paramos; aí nos mantemos. Rígido, o esqueleto do hábito sustenta sozinho a ossatura humana. No qual não há nada, disse Peter Walsh para si mesmo; sentindo-se oco, totalmente vazio por dentro. Clarissa me rejeitou, pensou ele. Ficou ali pensando: Clarissa me rejeitou.

Ah, disse a igreja de St Margaret,  como uma anfitriã que entra na sala exatamente ao soar das horas e encontra seus convidados já ali. Não estou atrasada. Não, são precisamente onze e meia, diz ela. Entretanto, embora ela esteja perfeitamente certa, sua voz, por ser a voz da anfitriã, reluta em impor a sua individualidade. Alguma mágoa pelo passado a refreia; alguma preocupação pelo presente. São onze e meia, diz ela, e o som da St Margaret insinua-se no recesso do coração e se esconde sob anéis e mais anéis de som, como algo vivo que deseja se entregar em confiança, se dispersar, para ficar, com um frêmito de prazer, em paz – como a própria Clarissa, pensou Peter Walsh, descendo as escadas, ao soar da hora, toda de

branco. É a própria Clarissa, pensou, com profunda emoção, e uma lembrança dela extraordinariamente clara, embora intrigante, como se esse sino tivesse chegado à sala anos atrás, onde estiveram sentados em algum momento de grande intimidade, e tivesse passado de um para o outro e tivesse ido embora, como uma abelha com o mel, carregando o instante. Mas qual sala? Qual momento? E por que tinha se sentido tão profundamente feliz quando o relógio estava batendo? Então, enquanto o som da St Margaret se enfraquecia, pensou: Ela tem estado doente, e o som expressava languidez e sofrimento. Era o coração dela, lembrou-se; e a súbita estridência da batida final tocou pela morte que surpreendia em meio à vida, Clarissa caindo onde estava, na sua sala de estar. Não! Não! exclamou. Ela não está morta! Eu não estou velho, exclamou, e se pôs a caminho de Whitehall, como se ali escorresse, vindo em sua direção, vigoroso, infindo, o seu futuro.

Não estava velho, ou acomodado, ou definhado, de maneira alguma. Quanto a se preocupar com o que dissessem dele – os Dalloways, os Whitbreads, e os de seu círculo, ele não dava a mínima importância – a mínima importância (embora fosse verdade que ele teria de verificar, uma hora ou outra, se Richard não podia ajudá-lo a encontrar algum emprego). Caminhando a passos largos, olhar fixo à frente, ele encarou a estátua do Duque de Cambridge. Ele fora mandado embora de Oxford – certo. Fora um socialista; de alguma forma, um fracassado – certo. Contudo, o futuro da civilização está, pensou, nas mãos de jovens assim; de jovens como ele tinha sido, trinta anos atrás; com a paixão que tinham por princípios abstratos; que faziam com que lhes fossem enviados livros que percorriam toda a distância que vai de Londres a um pico no Himalaia; que liam ciência; que liam filosofia. O futuro está nas mãos de jovens assim, pensou.

Um estalido como o estalido de folhas num bosque veio de trás, e com ele um som surdo, regular, sussurrante que, ao atingi-lo, enquanto subia a Whitehall, ritmava-lhe os pensamentos, em perfeita sincronia, sem nenhuma intervenção de sua parte. Garotos em uniforme, armas nos ombros, marchavam com os olhos postos à frente, marchavam com os braços duros, estampando nas faces uma expressão que era como as letras

de uma inscrição ao redor do pedestal de uma estátua, enaltecendo o dever, a gratidão, a fidelidade, o amor pela Inglaterra.

É, pensou Peter Walsh, começando a entrar em compasso com eles, um excelente treinamento. Mas não pareciam robustos. Eram, na maior parte, franzinos, garotos de dezesseis anos, que amanhã poderiam estar atrás de balcões, vendendo tigelas de sopa ou barras de sabão. Agora, traziam estampada no corpo, sem a intromissão do prazer sensual ou das preocupações diárias, a solenidade da coroa que tinham carregado desde o Finsbury Pavement até a tumba vazia. ← Tinham prestado o seu juramento. O tráfego demonstrava respeito; os furgões tiveram que parar.

Não consigo acompanhá-los, pensou Peter Walsh, enquanto marchavam Whitehall acima, e, sem dúvida, para a frente eles marchavam, deixando-o para trás, deixando todo mundo para trás, em seu passo firme, como se uma única vontade pusesse em movimento pernas e braços de maneira uniforme, e a vida, com as suas variedades, as suas irreticências, ← tivesse sido estendida sob um pavimento de monumentos e coroas e anestesiada até se converter, pela disciplina, num rígido cadáver, ainda que de olhos arregalados. Devia-se mostrar-lhe respeito; podia-se rir; mas devia-se mostrar-lhe respeito, pensou. Lá vão eles, pensou Peter Walsh, parando à beira da calçada; e todas as exaltadas estátuas, Nelson, Gordon, Havelock, as negras, as espetaculares imagens dos grandes soldados, ← olhares postos à frente, como se também eles tivessem feito a mesma renúncia (Peter Walsh sentia que também ele a tinha feito, a grande renúncia), esmagados sob as mesmas tentações, e adquirido, com o tempo, um olhar de mármore, fixo. Mas esse olhar fixo Peter Walsh não queria para si próprio, de forma alguma; embora o respeitasse nos outros. Podia respeitá-lo em garotos. Eles ainda não conhecem as aflições da carne, pensou, enquanto os garotos em marcha desapareciam na direção da Strand – tudo por que passei, pensou, atravessando a rua e parando junto à estátua de Gordon, do Gordon que, quando garoto, ele tinha idolatrado; Gordon, ali posto, solitário, com uma perna erguida e os braços cruzados – pobre Gordon, pensou.

E justamente porque ninguém sabia ainda que ele estava em Londres, exceto Clarissa, e a terra, após a viagem, ainda lhe parecia uma ilha, a

estranheza de se encontrar, sozinho, vivo, incógnito, às onze e meia, na Trafalgar Square, tomou conta dele. O que é isso? Onde estou? E por que, afinal, fazemos isso? pensou, o divórcio parecendo-lhe uma grande bobagem. E sua mente afundou, rasa como um pântano, e três grandes emoções tomaram conta dele: a compreensão; um imenso humanitarismo; e, finalmente, como se fosse o resultado das outras, um irreprimível, estranho prazer; como se, no interior de seu cérebro, por uma outra mão, cordões fossem puxados, persianas, levantadas, e ele, mesmo não tendo nada a ver com isso, se visse à entrada de intermináveis avenidas, pelas quais, se quisesse, poderia vaguear. Havia anos não se sentia tão jovem.

Ele tinha escapado! estava inteiramente livre – tal como ocorre quando se perde um hábito, e a mente, como uma chama desprotegida, se curva e se recurva e parece prestes a saltar de seu sustentáculo. Há anos não me sinto tão jovem! pensou Peter, deixando (apenas, claro, por uma hora, mais ou menos) de ser precisamente o que era, e sentindo-se como uma criança que foge de casa e vê, enquanto corre, sua velha babá acenando, mas da janela errada. Mas ela é extraordinariamente atraente, pensou, quando, ao atravessar a Trafalgar Square, na direção do Haymarket, viu aproximar-se uma jovem que, ao passar pela estátua de Gordon, parecia, pensou Peter Walsh (suscetível como era), livrar-se de um véu após o outro, até se transformar na mulher que sempre tivera em mente; jovem, mas imponente; alegre, mas discreta; morena, mas encantadora.

Endireitando-se e furtivamente manuseando o canivete no bolso, pôs-se a seguir essa mulher, essa excitação, que parecia, mesmo de costas, lançar sobre ele uma luz que os unia, que o destacava do resto, como se o burburinho arbitrário do trânsito tivesse murmurado, com as mãos em concha, o seu nome, não Peter, mas o seu nome secreto, com o qual ele denominava a si mesmo em seus pensamentos. “Você”, dizia ela, apenas “você”, dizendo-o com as suas luvas brancas e os seus ombros. Então, o leve e longo manto, que o vento balançava enquanto ela passava pela frente da relojoaria Dent, na Cockspur Street, enfunou com uma delicadeza envolvente, uma ternura melancólica, como que de braços que se abrissem para acolher os fatigados...

Mas ela não é casada; ela é jovem; muito jovem, pensou Peter, o cravo vermelho que ele a vira portar, e que ele vislumbrara enquanto ela atravessava a Trafalgar Square, inflamando novamente os olhos dele e avermelhando os lábios dela. Mas ela aguardava no meio-fio. Havia nela certa dignidade. Não era da sociedade, como Clarissa; nem rica, como Clarissa. Seria, perguntou-se, enquanto ela voltava a caminhar, respeitável? Espirituosa, com uma vibrátil língua de lagarto, pensou (pois devemos inventar, nos permitir alguma distração), uma verve atrevida e paciente; uma verve lépida; sem alarde.

Ela se moveu; atravessou a rua; ele a seguiu. Constrangê-la era a última coisa que queria. Ainda assim se ela parasse ele diria “Vamos tomar um sorvete”, ele diria, e ela responderia muito simplesmente: “Ah, sim”.

Mas outras pessoas se puseram entre eles na rua, bloqueando-o, encobrindo-a. Ele a buscava; ela se deslocava. Havia um colorido no seu rosto; zombaria nos olhos; ele era um aventureiro, temerário, pensou, rápido, intrépido, de fato (tendo desembarcado, como ele o fizera na última noite, vindo da Índia), um bucaneiro romântico, avesso a todas essas terríveis convenções, aos roupões amarelos, cachimbos, caniços de pesca expostos nas vitrines; e à respeitabilidade e a recepções vespertinas e a senhores de idade alinhados, portando peitilho branco sob o colete. Ele era um bucaneiro. Ela ia em frente, atravessando a Piccadilly, e seguindo para a Regent Street, à frente dele, seu manto, suas luvas, seus ombros combinando com as franjas e as rendas e os boás de plumas das vitrines para criar o espírito de requinte e extravagância que saltava, diminuído, das lojas para as calçadas, tal como a luz de uma lâmpada que, à noite, desaparece, bruxuleante, sobre as sebes na escuridão.

Sorridente e encantadora, ela atravessara a Oxford Street e a Great Portland Street e dobrara numa das ruazinhas transversais, e agora, e agora, o grande momento estava se aproximando, pois agora ela diminuiu o passo, abriu a bolsa e, com um olhar na sua direção, mas não para ele, um olhar que dizia adeus, pesava a situação toda e a descartava, triunfalmente, para sempre, encaixou a chave, abriu a porta, e se foi! A voz de Clarissa dizendo: Lembre-se de minha festa, Lembre-se de minha festa, ressoou-lhe nos

ouvidos. A casa era uma dessas casas vermelhas, comuns, com floreiras suspensas de uma impropriedade indefinida. Tinha acabado.

Bom, tive a minha diversão; eu a tive, pensou, erguendo o olhar para as floreiras suspensas, cheias de pálidos gerânios. E estava reduzida a pó a sua diversão, pois fora um tanto fabricada, como ele sabia muito bem; inventada, essa escapada com a moça; fabricada, como se fabrica boa parte da vida, pensou – fabricando-se a si próprio; fabricando a moça; criando uma distração invulgar, e algo mais. Mas era estranho, e muito verdadeiro; nada disso jamais poderia ser partilhado – reduzira-se a pó.

Deu meia-volta; subiu a rua, pensando em encontrar um lugar para se sentar até a hora da reunião com os Drs. Hooper e Grateley, em Lincoln's Inn. Aonde iria? Não importa. Subir a rua, então, em direção ao Regent's Park. Suas botas martelavam “pouco importa” na calçada; pois era cedo, muito cedo ainda.

E além disso fazia uma esplêndida manhã. Como o batimento de um coração em perfeito estado, a vida pulsava ali mesmo ao longo das ruas. Sem nenhuma falha – sem nenhuma hesitação. Movendo-se veloz e sinuosamente, preciso, pontual, silencioso, rigorosamente no momento certo, o carro a motor parou à porta. A moça, em meias de seda, coberta de plumas, evanescente, mas sem qualquer atração particular para ele (pois tivera sua pequena aventura), desceu. Mordomos admiráveis, cachorros fulvos da raça chow-chow, vestíbulos cobertos de losangos em branco e preto e brancos e pretos, com cortinas brancas tremulando – Peter espiou pela porta aberta e aprovou. Um feito extraordinário à sua própria maneira, afinal, Londres; a alta estação; a civilização. Vindo, como vinha, de uma respeitável família anglo-indiana, que, pelas três últimas gerações pelo menos, administrara os negócios de um continente (é estranho, pensou, o meu sentimento a respeito, detestando a Índia, e o império, e o exército como ele detestava), havia momentos em que a civilização, ainda que desse tipo, parecia-lhe, como uma posse pessoal, preciosa; momentos de orgulho pela Inglaterra; pelos mordomos; pelos cachorros chow-chow; pelas moças em sua segurança. Por ridículo que fosse, ali está ela, pensou. E os médicos e os homens de negócio e as mulheres capazes, todos cumprindo a sua

tarefa, pontuais, alertas, robustos, pareciam-lhe absolutamente admiráveis, bons camaradas, aos quais se podia confiar a vida, companheiros na arte de viver, com os quais se podia contar. De um modo ou de outro, o espetáculo era realmente muito suportável; e ele ia se sentar à sombra e fumar.

Ali estava o Regent's Park. Sim. Quando criança, costumava caminhar no Regent's Park – estranho, pensou, como a infância continua me voltando à memória – consequência de ter visto Clarissa, talvez; pois as mulheres vivem muito mais no passado do que nós, pensou. Elas se apegam aos lugares; e ao pai – uma mulher sempre se orgulha do pai. Bourton era um lugar lindo, muito lindo, mas nunca consegui me dar bem com o velho, pensou. Houve uma grande cena, uma noite – uma discussão sobre alguma coisa, exatamente o que não conseguia se lembrar. Política, talvez.

Sim, lembrava-se do Regent's Park; a alameda longa e reta; o quiosque, à esquerda, onde se compravam balões; uma estátua estranha,  com uma inscrição nalgum lugar. Procurou um banco desocupado. Não queria ser perturbado (sonolento como estava) por pessoas perguntando-lhe as horas. Uma babá idosa, grisalha, com um bebê dormindo no carrinho – era o melhor que podia querer; sentar-se na outra ponta do banco, perto daquela babá.

É uma moça de aspecto estranho, pensou, lembrando-se subitamente de Elizabeth entrando na sala e ficando perto da mãe. Crescida; uma mulher adulta, não exatamente bonita; simpática, isso sim; e não deve ter mais de dezoito anos. Provavelmente não se dá muito bem com Clarissa. “Aqui está a minha Elizabeth” – esse tipo de coisa – por que não simplesmente “Aqui está Elizabeth”? – tentando, como a maioria das mães, fazer as coisas parecerem o que não são. Confia demais em seu charme, pensou. Ela exagera.

A rica e benfazeja fumaça do charuto descia em frescas espirais pela garganta; ele a expelia em anéis que, por um instante, afrontavam bravamente o ar; azuis, circulares (tentarei ter uma conversa a sós com Elizabeth esta noite, pensou) e depois ondulavam, tomando a forma de ampulheta, estreitando-se até desaparecerem; que estranhas formas elas

adquiriam, pensou. Subitamente fechou os olhos, ergueu a mão com certo esforço e jogou fora a ponta pesada do charuto. Com suavidade, uma grande escova varreu-lhe a mente, levando embora os galhos ondulantes, as vozes das crianças, o ruído de pés se arrastando, e as pessoas que passavam, e o burburinho do trânsito, do trânsito que aumentava e diminuía. Ele mergulhou mais e mais fundo nas penas e nas plumas do sono, até ficar inteiramente encoberto.

A babá grisalha retomou o seu tricô, enquanto, ao lado, no banco aquecido, Peter Walsh começava a risonar. Em seu vestido cinza, movimentando as mãos infatigável mas silenciosamente, ela parecia a defensora dos direitos dos adormecidos, como uma daquelas presenças espectrais que se erguem, ao crepúsculo, nos bosques feitos de céu e de ramos. O viajante solitário, *habitué* de ruelas, pisoteador de samambaias e devastador de enormes pés de cicuta, ao olhar de repente para o alto, vê a gigantesca figura no fim da trilha.

Por convicção um ateu, talvez, ele é surpreendido por momentos de extraordinário êxtase. Não existe nada fora de nós a não ser um estado de espírito, pensa ele; um desejo por consolo, por alívio, por algo além desses pobres pigmeus, dessas mulheres e desses homens fracos, horrorosos, covardes. Mas se ele pode concebê-la, então, de algum modo, ela existe, pensa ele, e continuando a caminhar pela trilha, com os olhos postos no céu e nos ramos, ele rapidamente lhes atribui características femininas; vê, com espanto, o quanto se tornam graves; com que majestade, ao serem sacudidos pela brisa, distribuem, com uma sombria ondulação das folhas, caridade, compreensão, absolvição e, depois, lançando-se subitamente para o alto, juntam à piedade de seu aspecto uma desenfreada bebedeira.

Tais são as visões que oferecem grandes cornucópias repletas de frutas ao caminhante solitário, ou sussurram-lhe ao ouvido como sereias que se vão, cabriolando sobre as verdes ondas do mar, ou lhe são arremessadas à face como molhos de rosas, ou vêm à tona como as lívidas faces que os pescadores, afrontando as vagas, tentam abraçar.

Tais são as visões que incessantemente flutuam acima da coisa real, que marcham ao seu lado, que põem as faces à sua frente; com frequência apoderando-se do caminhante solitário e tirando-lhe o sentimento da terra, o desejo de voltar, e dando-lhe, em troca, uma prolongada paz, como se (assim pensa ele, enquanto penetra na trilha da floresta) toda essa febre de viver fosse a própria simplicidade; e miríades de coisas se fundissem numa só; e essa figura, feita, como é, de céu e de ramos, tivesse se erguido do agitado mar (ele é um homem de idade, passou dos cinquenta agora) tal como uma forma pode ser guindada da profundidade das ondas para espargir, com suas magníficas mãos, compaixão, compreensão, absolvição. Assim, pensa ele, que eu jamais volte para a luz da lâmpada; para a sala de estar; que jamais acabe meu livro; que jamais limpe meu cachimbo; que jamais tenha de fazer soar a sineta para a Srta. Turner tirar a mesa; melhor me deixarem caminhar diretamente até essa grande figura que, com um movimento da cabeça, me fará subir por suas fitas e me deixará desfazer-me em nada, com o resto das coisas.

Tais são as visões. O caminhante solitário logo deixa o bosque para trás; e ali, vindo à porta, com os olhos protegidos da luz, possivelmente à espera de seu retorno, com as mãos levantadas, o avental branco sacudido pelo vento, está uma mulher idosa que parece (tão poderosa é essa debilidade) estar em busca, ao longo do deserto, de um filho perdido; em busca de um viajante destruído; que parece ser a figura da mãe cujos filhos morreram nas batalhas do mundo. Assim, enquanto o caminhante solitário desce pela rua do povoado onde as mulheres tricotam e os homens cavam no jardim, o fim de tarde parece agourento; as figuras imóveis; como se algum destino augusto, deles sabido, sem medo esperado, estivesse prestes a varrê-los até a completa aniquilação.

Dentro de casa, entre coisas comuns, o armário da cozinha, a mesa, o parapeito da janela com seus gerânios, de repente a silhueta da dona da casa, abaixando-se para retirar a toalha, torna-se suave com a luz, um adorável emblema que apenas a lembrança de frios contatos humanos nos impede de abraçar. Ela pega a geleia de laranja; guarda-a no armário.

“Nada mais por esta noite, senhor?”

Mas a quem o caminhante solitário deve responder?

Assim a babá idosa tricotava, ao lado do bebê que dormia, no Regent's Park. Assim Peter Walsh ressonava. Ele se acordou muito bruscamente, dizendo para si mesmo: "A morte da alma".

"Meu Senhor, Meu Senhor!", disse alto para si mesmo, espreguiçando-se e abrindo os olhos. "A morte da alma." As palavras estavam ligadas a alguma cena, a algum quarto, a algum passado com os quais ele estivera sonhando. Tudo ficava mais claro; a cena, o quarto, o passado com os quais estivera sonhando.

Foi em Bourton naquele verão, no começo dos anos noventa, quando estava perdidamente apaixonado por Clarissa. Havia muita gente, em volta da mesa após o chá, rindo e falando, a sala banhada por uma luz amarela e saturada da fumaça dos cigarros. Falavam de um homem que casara com a empregada, um dos fidalgos dos arredores, cujo nome esquecera. Casara com a empregada e a levava para visitar Bourton – fora uma visita horrível. Ela estava exageradamente vestida, "como uma cacatua", dissera Clarissa, imitando-a, e falava sem parar. Falava, e falava, e falava. Clarissa imitava-a. Então alguém perguntou – foi Sally Seton – fazia realmente alguma diferença na nossa opinião saber que antes de casar ela tivera uma criança? (Naqueles dias, num grupo misto, era uma coisa ousada de ser dita.) Podia, ainda agora, ver Clarissa ficando toda vermelha; tornando-se um tanto tensa; e dizendo: "Oh, nunca mais conseguirei falar com ela!". Com isso, todos ao redor da mesa pareciam ter ficado sem saber o que fazer. Foi muito constrangedor.

Não a culpara por melindrar-se com aquilo, pois naqueles dias uma moça criada da maneira como ela tinha sido não sabia nada, mas foi o seu jeito que o incomodou; receosa; dura; arrogante; pudica. "A morte da alma." Ele dissera aquilo instintivamente, classificando o momento como costumava fazer – a morte da alma dela.

Ninguém sabia o que fazer; todos pareciam ter concordado, enquanto ela falava, para depois se posicionar de maneira diferente. Ainda podia ver Sally Seton, como uma criança flagrada numa travessura, inclinando-se

para a frente, o rosto muito vermelho, querendo falar, mas com medo, e Clarissa realmente intimidava as pessoas. (Era a melhor amiga de Clarissa, estava sempre por ali, uma criatura atraente, bonita, morena, com a fama, naqueles dias, de uma grande ousadia, e ele costumava oferecer-lhe charutos, que ela fumava no quarto, e ela estivera noiva de alguém ou brigara com a família, e o velho Parry os odiava igualmente, o que criava um forte vínculo entre eles.) Então, Clarissa, ainda com um ar de quem estava ofendida com todos, levantou-se, deu alguma desculpa e saiu da sala, sozinha. Enquanto abria a porta, entrou aquele cachorro grande e peludo que gostava de perseguir as ovelhas. Ela se atirou sobre ele, enlevada. Era como se dissesse a Peter – o alvo disso, ele sabia, era ele e mais ninguém – “Sei que você considerou absurda, há pouco, minha atitude para com aquela mulher; mas veja como posso ser extraordinariamente afetuosa; veja como quero bem ao meu Rob!”.

Eles sempre tiveram essa estranha capacidade de se comunicarem sem palavras. Ela sabia, na hora, que ele a estava criticando. E aí fazia alguma coisa bastante óbvia para se defender, como todo esse espalhafato com o cachorro – mas ele nunca se deixara enganar, para ele Clarissa era transparente. Não que ele dissesse alguma coisa, é claro; apenas ficava ali com um ar sombrio. Era assim que, em geral, suas brigas começavam.

Ela fechou a porta. Ele logo ficou extremamente deprimido. Tudo parecia inútil – sempre se apaixonando; sempre brigando; sempre fazendo as pazes, e ele foi vagar sozinho, pelos galpões, pelos estábulos, observando os cavalos. (A propriedade era bastante modesta; os Parrys nunca tinham sido muito abastados; mas sempre houvera cavalaria e tratadores por ali – Clarissa adorava cavalgar – e um velho cocheiro – como se chamava mesmo? – uma velha ama, a velha Moody, a velha Goody, usavam um nome assim para se referir a ela, à qual se era levado a visitar num quartinho, com montes de fotografias, com montes de gaiolas.)

Foi uma noite horrível! Ele foi ficando cada vez mais tristonho, e não só por causa daquilo; por causa de tudo. E não podia vê-la; dar-lhe explicações; pôr tudo a limpo. Sempre havia gente por perto – ela agia como se nada tivesse acontecido. Era o seu lado diabólico – essa frieza, essa

dureza, alguma coisa muito profunda nela, que ele tinha percebido outra vez nesta manhã; uma impenetrabilidade. Mas só Deus sabe como ele gostava dela. Ela tinha o estranho poder de tocar os nervos da gente, como se fossem cordas de violino, sim.

Com a estúpida ideia de se fazer notado, ele se deixara atrasar um pouco para o jantar, indo se sentar ao lado da velha Srta. Parry (a tia Helena), irmã do Sr. Parry, que deveria presidi-lo. Ali estava ela sentada, com seu xale de caxemira branca, a cabeça contra a janela, uma idosa e temível senhora, mas que era simpática com ele, pois ele descobrira para ela um tipo raro de flor, e ela era uma grande amante da botânica e saía em excursão, em grossas botas, com uma caixa de coleta preta, de lata, a tiracolo. Ele se sentou ao lado dela, sem conseguir falar. Tudo parecia passar correndo por ele; ele se limitou a ficar ali sentado, comendo. E, então, com o jantar já a meio caminho, obrigou-se a olhar para Clarissa pela primeira vez. Ela estava falando com um jovem à sua direita. Ele teve uma súbita revelação. “Ela se casará com esse homem”, disse para si mesmo. Ele nem sequer sabia o seu nome.

Pois, naturalmente, foi naquela tarde, naquela mesma tarde, que Dalloway chegara; e Clarissa chamou-o de “Wickham”; foi o começo de tudo. Alguém o trouxera; e Clarissa compreendeu mal o nome dele. Apresentava-o a todo mundo como Wickham. Até que, finalmente, ele disse “Meu nome é Dalloway!” – essa foi a primeira vista que teve de Richard, um jovem loiro, um tanto desajeitado, reclinado numa preguiçosa e disparando “Meu nome é Dalloway!”. Sally apegou-se àquilo; depois disso ela sempre o designava por “Meu nome é Dalloway!”.

Ele era facilmente suscetível, naquela época, a ter revelações. Essa – de que ela se casaria com Dalloway – foi, naquele momento, ofuscante, fulminante. Havia, na maneira como ela o tratava, uma espécie de – como dizê-lo? – uma espécie de alívio; algo maternal; algo gentil. Eles estavam falando de política. Tentara, durante todo o jantar, ouvir o que diziam.

Lembrava-se de que ficara, depois, junto à cadeira da velha Srta. Parry, na sala de estar. Clarissa se aproximou, com suas perfeitas maneiras, como uma verdadeira anfitriã, querendo apresentá-lo a alguém – ela falava como

se nunca tivessem se encontrado antes, o que o deixou enfurecido. Apesar disso, já nesse tempo, ele a admirava por isso. Admirava-lhe a coragem; o instinto social; admirava-lhe a capacidade de lidar com as coisas. “A perfeita anfitriã”, disse-lhe, diante do que ela se retraiu de todo. Mas era mesmo essa a sua intenção. Teria feito qualquer coisa, após tê-la visto com Dalloway, para magoá-la. Com isso, ela se afastou. E ele ficou com a sensação de que estavam todos reunidos em uma conspiração contra ele, rindo e conversando às suas costas. Ali estava ele, junto à cadeira da Srta. Parry, como que talhado em madeira, conversando sobre flores silvestres. Nunca, nunca mesmo, sofrera de maneira tão terrível! Devia ter se esquecido até de fingir que escutava; finalmente, despertou; viu que a Srta. Parry parecia muito transtornada, muito indignada, com seus olhos salientes postos nalgum ponto fixo. Ele esteve a ponto de gritar que não podia prestar atenção porque se encontrava no Inferno! As pessoas começavam a sair da sala. Ouviu-as falar em pegar os casacos; sobre como a água do lago estava fria e assim por diante. Iam andar de barco no lago, ao luar – uma das ideias malucas de Sally. Podia ouvi-la descrevendo a lua. E saíram todos. Foi deixado completamente só.

“Não quer ir com eles?”, perguntou – adivinhando – a tia Helena, a pobre senhora! E ele se virou, e ali estava Clarissa de novo. Voltara para buscá-lo. Ele se deixou vencer por sua generosidade – por sua bondade.

“Venha junto”, disse ela. “Eles estão esperando.”

Nunca se sentira tão feliz em toda a sua vida! Sem uma palavra, tinham feito as pazes. Caminharam até o lago. Teve vinte minutos de perfeita felicidade. Sua voz, seu riso, seu vestido (algo esvoaçante, branco, carmesim), sua verve, seu espírito de aventura; ela fez todos saltarem do barco para explorar a ilha; espantou uma galinha; deu risadas; cantou. E o tempo todo, ele sabia perfeitamente, Dalloway estava se apaixonando por ela; ela estava se apaixonando por Dalloway; mas isso parecia não ter importância. Nada tinha importância. Sentaram no chão e conversaram – ele e Clarissa. Entravam e saíam um da mente do outro sem nenhum esforço. E, então, num segundo, tinha acabado. Disse para si mesmo enquanto entravam no barco: “Ela se casará com esse homem”, sem

nenhuma emoção, sem nenhum ressentimento; mas era uma coisa óbvia. Dalloway se casaria com Clarissa.

Na volta, Dalloway se encarregou dos remos. Ele não disse nada. Mas, de alguma maneira, era óbvio, enquanto eles o observavam deixando o barco, subindo na bicicleta para percorrer trinta quilômetros através do bosque, serpenteando pela trilha, acenando e desaparecendo da vista, que ele, na verdade, sentia, instintivamente, terrivelmente, fortemente, tudo aquilo; a noite; o romance; Clarissa. Ele merecia tê-la.

No que lhe dizia respeito, ele era irracional. Suas exigências para com Clarissa (conseguia agora perceber) eram irracionais. Exigia coisas impossíveis. Fazia cenas terríveis. Ela ainda o teria aceito, talvez, se ele tivesse sido menos irracional. Era o que Sally achava. Ela lhe escreveu, durante todo aquele verão, longas cartas; como falavam dele, como ela o elogiava, como Clarissa rompeu em lágrimas! Foi um verão extraordinário – todas as cartas, todas as cenas, todos os telegramas – chegar de manhã cedo em Bourton, ficar esperando os criados despertarem; os terríveis *tête-à-têtes* com o velho Sr. Parry durante o café da manhã; a tia Helena, imponente mas bondosa; Sally arrastando-o para longas conversas na horta; Clarissa de cama, com dores de cabeça.

A cena final, a terrível cena que, achava ele, tivera uma importância maior do que qualquer outra coisa em toda a sua vida (podia ser um exagero – mas era isso o que realmente sentia agora) se deu às três da tarde de um dia muito quente. Foi causada por uma coisa de nada – Sally dizendo, durante o almoço, algo a respeito de Dalloway e apelidando-o de “Meu nome é Dalloway”; após o que Clarissa tornou-se subitamente rígida e ruborizada, de um jeito todo seu, e disparou rispidamente: “Já tivemos o bastante dessa brincadeira boba”. Isso foi tudo; mas para ele fora precisamente como se ela tivesse dito: “Estou apenas me divertindo com você; tenho um acordo com Richard Dalloway”. Foi assim que ele interpretou. Não dormira por muitas noites. “De qualquer jeito, tinha que acabar”, disse para si mesmo. Enviou-lhe um bilhete por meio de Sally, pedindo-lhe para encontrá-lo junto à fonte, às três horas. “Algo muito importante aconteceu”, rabiscou no final.

A fonte ficava no meio de um pequeno bosque, longe da casa, com arbustos e árvores por toda a volta. Ali vinha ela, até antes da hora, e eles ficaram ali de pé, a fonte entre eles, com o repuxo (estava quebrado) respingando água sem parar. Como certas imagens se fixam na mente! Por exemplo, o verde-vivo do musgo.

Ela não se movia. “Diga-me a verdade, diga-me a verdade”, ele não parava de dizer. Tinha a impressão de que a cabeça ia explodir. Ela parecia contraída, petrificada. Não se movia. “Diga-me a verdade”, repetia ele, quando subitamente despontou a cabeça do velho Breitkopf, com o *Times* na mão; observou-os, arregalado; de boca aberta; e foi embora. Nenhum dos dois se moveu. “Diga-me a verdade”, repetia ele. Tinha a sensação de estar batendo contra algo duro – fisicamente; ela não cedia. Era como aço, como rocha, rígida até a medula. E quando ela disse: “Não adianta. Não adianta. É o fim” – após ele ter falado, como lhe parecera, por horas, com as lágrimas correndo-lhe pelas faces, era como se ela o tivesse esbofeteado. Ela deu meia-volta, deixou-o, foi-se embora.

“Clarissa!”, gritou ele. “Clarissa!” Mas ela nunca mais voltou. Estava acabado. Ele partiu naquela noite. Nunca mais a viu.

Foi horrível, exclamou ele, horrível, horrível!

Ainda assim o sol era quente. Ainda assim superávamos as coisas. Ainda assim a vida tinha uma maneira de fazer um dia se seguir ao outro. Ainda assim, pensou ele, bocejando e começando a prestar atenção – o Regent’s Park mudara muito pouco desde o seu tempo de menino, exceto pelos esquilos – ainda assim podia haver compensações – como quando a pequena Elise Mitchell, que estivera juntando pedrinhas para a coleção que ela e o irmão mantinham em cima da lareira do quarto das crianças, deixara cair pesadamente um punhado delas no joelho da babá e novamente saíra correndo para vir a se chocar, com toda a força, com as pernas de uma senhora. Peter Walsh deu muitas risadas.

Entretanto, Lucrezia Warren Smith dizia para si mesma: É terrível; por que tenho de sofrer? era a sua pergunta, enquanto descia a alameda. Não; não aguento mais, dizia ela, após ter deixado Septimus, que não era mais

Septimus, naquele banco, dizendo coisas duras, cruéis, terríveis, falando sozinho, falando com um homem morto; quando a criança chocou-se com toda a força contra ela, caiu estatelada no chão e rompeu em lágrimas.

Isso até era reconfortante. Levantou-a, sacudiu a poeira do vestidinho, beijou-a.

Mas ela, ela nada fizera de errado; amara Septimus; fora feliz; tivera uma linda casa, na qual suas irmãs ainda moravam, fazendo chapéus. Por que *ela* tinha de sofrer?

A criança voltou correndo para a babá, que, observada por Rezia, pôs o tricô de lado e a repreendeu, consolou-a, tomou-a no colo, enquanto o homem com ar de bondoso dava-lhe, para acalmá-la, o relógio de bolso para que ela o abrisse assoprando ← – mas por que *ela* tinha que ficar desprotegida? Por que não fora deixada em Milão? Por que essa tortura? Por quê?

Levemente onduladas pelas lágrimas, a alameda, a babá, o homem de cinza, o carrinho de bebê subiam e desciam diante de seus olhos. Ser jogada de um lado para o outro por esse perverso torturador era a sua sina. Mas por quê? Ela era como um pássaro abrigado sob a tênue concavidade de uma folha que pisca os olhos à vista do sol quando a folha se mexe; que se sobressalta ao estalido de um graveto seco. Estava desprotegida; estava cercada pelas enormes árvores, pelas vastas nuvens de um mundo indiferente, desprotegida; torturada; e por que deveria ela sofrer? Por quê?

Franziu as sobrancelhas; bateu com os pés no chão. Tinha que voltar para junto de Septimus, pois estava quase na hora de ir ver Sir William Bradshaw. Ela tinha que voltar e avisá-lo, voltar para junto dele, sentado ali na cadeira verde sob a árvore, falando sozinho, ou com aquele homem morto, Evans, que ela vira apenas uma vez, por um instante, na loja. Ele parecera um homem bom, tranquilo; um grande amigo de Septimus, e morrera na Guerra. Mas essas coisas acontecem com todo mundo. Todo mundo tem amigos que morreram na Guerra. Todo mundo deixa alguma coisa para trás quando se casa. Ela deixara a casa. Viera morar aqui, nesta cidade horrível. Mas Septimus se deixava pensar em coisas horríveis, como ela também poderia fazer, se tentasse. Ele fora se tornando cada vez mais

estranho. Dizia que havia gente falando atrás das paredes do quarto. A Sra. Filmer achava aquilo esquisito. Também via coisas – tinha visto a cabeça de uma velha no meio de uma samambaia. Mas podia se mostrar feliz quando queria. Foram ao Hampton Court no andar de cima de um ônibus e estavam perfeitamente felizes. Todas aquelas florzinhas vermelhas e amarelas emergiam da grama, como lâmpadas flutuantes, ele disse, e eles falaram e tagarelaram e deram risadas, inventando histórias. De repente, quando estavam na beira do rio, ele disse: “Agora vamos nos matar”, e olhou para o rio com um olhar que ela vira no seu rosto quando passava um trem, ou um ônibus – um olhar como se alguma coisa o fascinasse; e sentiu que ele se afastava dela e pegou-o pelo braço. Mas, no caminho de volta para casa, ele estava perfeitamente tranquilo – perfeitamente razoável. Discutiu com ela a ideia de se matarem; e explicou como as pessoas eram diabólicas; como ele podia vê-las inventando mentiras enquanto passavam na rua. Conhecia todos os seus pensamentos, ele disse; ele sabia de tudo. Ele sabia qual era o sentido do mundo, disse.

Depois, chegando em casa, ele mal podia andar. Estendeu-se no sofá e quis que ela lhe segurasse a mão para não cair mais, gritava, cada vez mais, nas chamas! e via rostos que, das paredes, riam dele, que lhe diziam nomes horríveis e chocantes, e, à volta do biombo, mãos que apontavam. Contudo eles estavam completamente a sós. Mas ele começou a falar alto, respondendo às pessoas, discutindo, rindo, chorando, ficando todo agitado e fazendo-a anotar coisas. Era tudo um absurdo; sobre a morte; sobre a Srta. Isabel Pole. Não aguentava mais. Ela iria voltar.

Estava perto dele agora, podia vê-lo fitando o céu, resmungando, crispando as mãos. Contudo o Dr. Holmes disse que ele não tinha nada de sério. O que, então, acontecera – por que, então, ele fora embora; por que, então, quando ela se sentou ao seu lado, ele se sobressaltou, fitou-a com ar sério, afastou-se e apontou para a mão dela, tomou-a nas suas, olhou-a aterrorizado?

Era porque ela tinha tirado a aliança? “Minhas mãos se afinaram tanto”, disse. “Guardei-a na bolsa”, disse-lhe.

Ele largou a mão dela. O casamento deles acabara, pensou, com angústia, com alívio. A amarra fora cortada; ele se elevou; estava livre, pois tinha sido decretado que ele, Septimus, o senhor dos homens, devia ser livre; só (já que sua esposa jogara fora a aliança; já que ela o abandonara), ele, Septimus, estava só, escolhido, diante da massa dos homens, para ouvir a verdade, para tomar conhecimento do significado que, agora, finalmente, após todos os esforços da civilização – os gregos, os romanos, Shakespeare, Darwin, e agora ele próprio – iria ser integralmente confiado a... “A quem?”, perguntou em voz alta. “Ao Primeiro-Ministro”, replicaram as vozes que sussurravam por sobre a sua cabeça. O segredo supremo deve ser revelado ao Gabinete de Ministros; primeiro, que as árvores são vivas; depois, que não existe nenhum crime; depois, o amor, o amor universal, murmurou, ofegante, trêmulo, dolorosamente extraindo essas verdades profundas que exigiam, tão recônditas eram elas, tão difíceis, um esforço imenso para dar-lhes expressão, mas o mundo seria, para sempre, inteiramente transformado por elas.

Crime, não; amor; repetia, tateando em busca de papel e lápis, quando um skye terrier farejou suas calças e ele estremeceu, num acesso de medo. O terrier estava virando homem! Não suportava ver aquilo acontecer! Era horrível, terrível, ver um cachorro virar homem! O cachorro foi logo embora, troteando.

O Céu era divinamente misericordioso, infinitamente benigno. Poupou-o, perdoou-lhe as fraquezas. Mas qual era a explicação científica (pois se deve ser científico acima de tudo)? Por que ele podia enxergar através dos corpos, enxergar o futuro, quando os cachorros se transformarão em homens? Era, possivelmente, a onda de calor agindo sobre um cérebro que se tornara sensível graças a uma eternidade de evolução. Cientificamente falando, a carne sumira do mundo. Seu corpo tinha sido macerado até restarem apenas as fibras nervosas. Ele se estendia como um véu sobre uma rocha.

Ele se recostou na cadeira, exausto, mas aprumado. Ficou descansando, esperando, antes de recomeçar, com esforço, com dor, a tarefa de servir de intérprete à humanidade. Encontrava-se num ponto extremamente

elevado, a cavaleiro do mundo. A terra vibrava debaixo dele. Flores rubras brotavam-lhe pela carne; suas folhas rígidas estalavam-lhe à cabeça. Uma música começou a retinir contra as rochas aqui em cima. É a buzina de um carro na rua, murmurou ele; mas aqui em cima ela ricocheteava de rocha em rocha, repartia-se, reunia-se em choques de som que se elevavam em suaves colunas (que a música podia ser visível constituía uma descoberta) e tornava-se um hino, um hino enlaçado agora pelo som da flauta de um pastorzinho (É um velho tocando sua flautinha de lata à porta do bar, murmurou ele), que, enquanto o menino se mantinha parado, saía em borbulhas de sua flauta que, depois, à medida que ele subia mais e mais, soltava seu insólito lamento enquanto o tráfego passava lá embaixo. A elegia desse menino é tocada em meio ao tráfego, pensou Septimus. Agora ele se retira, indo em direção à neve lá em cima, e rosas penduram-se à sua volta – as rubras e densas rosas que brotam da parede do meu quarto, lembrou a si próprio. A música parou. Ganhou a sua moeda, concluiu ele, e se foi em direção ao próximo bar.

Mas, quanto a ele, continuou no alto de sua rocha, como um marinheiro naufragado na sua. Inclinei-me à beira do barco e caí, pensou. Fui para o fundo do mar. Estive morto e contudo agora estou vivo, mas me deixem em paz, implorou (estava outra vez falando para si mesmo – era horrível, horrível!); e assim como, antes do despertar, as vozes dos pássaros e o ruído das rodas se harmonizam e conversam numa estranha harmonia, tornando-se cada vez mais altos, e o adormecido sente-se puxado para as praias da vida, assim ele se sentia puxado em direção à vida, o sol tornando-se cada vez mais quente, os gritos soando cada vez mais altos, algo de tremendo prestes a acontecer.

Ele só tinha que abrir os olhos; mas eles tinham um peso; um medo. Ele forçou; pressionou; olhou; viu o Regent's Park à sua frente. Longas faixas da luz do sol faziam festa a seus pés. As árvores ondulavam, cintilavam. Nós damos as boas-vindas, o mundo parecia dizer; nós aceitamos; nós criamos. A beleza, o mundo parecia dizer. E como se para prová-lo (cientificamente), para onde quer que olhasse, para as casas, as grades da cerca, os antílopes esticando o pescoço por sobre as paliçadas, a

beleza surgia instantaneamente. Observar uma folha tremulando à passagem de uma lufada de ar era uma rara alegria. No alto do céu andorinhas riscavam o ar, serpenteavam, arremessavam-se para cima e para baixo, rodopiavam e rodopiavam, mas sempre com perfeito controle como se presas por elásticos; e as moscas subindo e descendo; e o sol sarapintando ora esta folha, ora aquela, brincalhão, ofuscando-a com delicado ouro, no mais puro estado de bom humor; e, uma vez ou outra, algum eco (possivelmente da buzina de um carro) ressoando divinamente nos talos da grama – tudo isso, tranquilo e comedido como era, feito de coisas ordinárias como era, era agora a verdade; a beleza era agora a verdade. A beleza estava por toda parte.

“Acabou o tempo”, disse Rezia.

A palavra “tempo” rompeu a sua membrana; derramou seus tesouros sobre ele; e de seus lábios tombaram como conchas, como aparas de uma plaina, sem que ele as tivesse formado, palavras duras, alvas, imperecíveis, que alçaram voo para tomarem seus lugares numa ode ao Tempo; numa imortal ode ao Tempo. Ele cantou. Evans respondeu de detrás da árvore. Os mortos estavam na Tessália, cantou Evans, entre as orquídeas. Esperaram ali até que a Guerra tivesse acabado, e agora os mortos, agora o próprio Evans –

“Pelo amor de Deus, não venham!”, gritou Septimus. Pois ele não suportava ver os mortos.

Mas os ramos se separaram. Um homem de cinza estava realmente vindo na direção deles. Era Evans! Mas não estava enlameado; não tinha nenhum ferimento; não tinha mudado. Preciso contar ao mundo inteiro, gritou Septimus, erguendo a mão (à medida que o homem morto, em seu terno cinza, chegava mais perto), erguendo a mão como uma colossal figura que tivesse, por séculos, sozinho no deserto, lamentado o destino do homem, as mãos pressionadas contra a frente, sulcos de desespero no rosto, e agora vê, na fímbria do deserto, uma luz que se amplia e atinge a figura em preto metálico (e Septimus fez menção de levantar-se da cadeira), e com legiões de homens prostrados às suas costas, ele, o carpidor gigante, recebe no rosto, por um instante, toda a...

“Mas me sinto tão infeliz, Septimus”, disse Rezia, tentando fazê-lo sentar-se.

As massas se lamentavam; por séculos, tinham penado. Ele se voltaria, ele lhes falaria em um instante, em apenas mais um instante, desse alívio, dessa alegria, dessa espantosa revelação –

“Já é tempo de ir embora, Septimus”, repetiu Rezia. “Que horas são?”

Ele falava, se agitava, aquele homem deve tê-lo notado. Estava olhando para eles.

“Vou lhe dizer as horas”, disse Septimus, muito devagar, muito sonolentemente, sorrindo com ar misterioso para o morto de terno cinza. Enquanto estava ali sentado, sorrindo, soou o quarto de hora – um quarto para as doze.

E isso é ser jovem, pensou Peter Walsh, ao passar por eles. Fazer uma cena horrível – a pobre moça parecia completamente desesperada – no meio da manhã. Mas o que se passava, perguntou-se, o que esse moço de sobretudo estivera lhe dizendo para ela ter ficado assim; em que confusão horrível haviam se envolvido para que ambos parecessem assim tão desesperados numa linda manhã de verão? O divertido de voltar à Inglaterra, depois de cinco anos, era como isso fazia com que as coisas, pelo menos nos primeiros dias, se destacassem de um jeito que era como se nunca as tivéssemos visto antes; namorados discutindo à sombra de uma árvore; a vida familiar e doméstica dos parques. Nunca Londres lhe parecera tão encantadora – a suavidade das distâncias; a riqueza; o vigor; a civilização, depois da Índia, pensou, enquanto caminhava pela grama.

Essa suscetibilidade a impressões tinha sido a sua desgraça, sem dúvida. Mesmo nessa idade, ele tinha, como um menino ou até mesmo uma menina, essas mudanças de humor; dias bons, dias ruins, por uma razão qualquer, felicidade à vista de um belo rosto, desolação total à vista de uma megera. Depois da Índia, a gente se apaixonava, é claro, por toda mulher que encontrasse. Elas passavam um frescor; até as mais pobres seguramente se vestiam melhor do que há cinco anos; e, a seus olhos, as modas nunca haviam sido tão vistosas; os longos casacos pretos; a esbelteza; a elegância; e, depois, o delicioso e aparentemente universal hábito da maquiagem.

Todas as mulheres, até as mais respeitáveis, tinham botões de rosa de estufa nas faces; lábios talhados a cinzel; cacheados de tinta nanquim; havia composição, arte, em todo lugar; tinha havido, sem dúvida, algum tipo de mudança. Que pensavam os jovens a respeito disso? perguntou-se Peter Walsh.

Aqueles cinco anos – 1918 a 1923 – tinham sido, de alguma forma, suspeitava ele, muito importantes. As pessoas pareciam diferentes. Os jornais pareciam diferentes. Agora, por exemplo, havia um homem escrevendo muito abertamente sobre as privadas em um dos semanários respeitáveis. Era algo que, há dez anos, não era possível – escrever muito abertamente sobre privadas num semanário respeitável. E, depois, isso de puxar um batom ou uma esponja de pó de arroz e se maquiar em público. No navio, na viagem de volta, havia uma porção de moços e moças – lembrava-se particularmente de Betty e de Bertie – flertando abertamente; a velha mãe sentada e observando-os com seu tricô, impassível como uma estátua. A moça parava e empoava o nariz na frente de todo mundo. E não estavam comprometidos; apenas se divertindo; nenhuma ofensa de um lado ou outro. Fria como gelo – essa Betty Não-Sei-O-Quê – mas em tudo uma boa moça. Daria uma ótima esposa aos trinta – se casaria quando lhe aproovesse; se casaria com um rico qualquer e moraria numa enorme casa nos arredores de Manchester.

Quem, havia pouco, fizera isso? perguntou-se Peter Walsh, dobrando na Broad Walk, se casara com um rico e morava num casarão nos arredores de Manchester? Alguém que, não faz muito, lhe escrevera uma longa, efusiva carta, sobre “hortênsias azuis”. O fato de ter visto hortênsias fizera-a lembrar-se dele e dos velhos tempos – Sally Seton, claro! Fora Sally Seton – a última pessoa no mundo de quem se esperaria que fosse se casar com um rico e morar numa ampla casa nos arredores de Manchester, a louca, a ousada, a romântica Sally!

Mas de toda a antiga turma dos amigos de Clarissa – os Whitbreads, os Kinderleys, os Cunninghams, os Kinloch-Jones – Sally era provavelmente a melhor. Pelo menos tentava ver as coisas pelo lado certo. Pelo menos

conseguia ver Hugh Whitbread – o admirável Hugh – pelo que realmente era, enquanto Clarissa e o resto prostravam-se aos seus pés.

“Os Whitbreads?”, podia ouvi-la dizendo. “Quem são os Whitbreads? Vendedores de carvão. Respeitáveis negociantes.”

Hugh, por alguma razão, ela detestava. Não pensava em outra coisa que não fosse sua própria aparência, dizia ela. Deveria ter nascido duque. Com certeza esposaria uma das princesas da Casa Real. E, naturalmente, Hugh tinha um respeito pela aristocracia britânica que era mais extraordinário, mais natural, mais sublime do que o de qualquer outro ser humano que ele já encontrara. Até Clarissa tinha que concordar com isso. Ah, mas ele era tão querido, tão pouco egoísta, deixara a caça para agradar à velha mãe... lembrava-se dos aniversários das tias e tudo o mais.

Sally, justiça lhe seja feita, não se deixou enganar por nada disso. Uma das coisas de que melhor se recordava era de uma discussão, numa manhã de domingo, em Bourton, sobre os direitos das mulheres (essa questão antediluviana), [←](#) quando Sally, de repente, perdeu a calma, inflamou-se, e disse a Hugh que ele representava tudo o que havia de mais detestável na vida da classe média britânica. Disse-lhe que o considerava responsável pela situação “daquelas pobres moças da Piccadilly” – Hugh, o perfeito cavalheiro, pobre Hugh! – jamais um homem se mostrou tão horrorizado! Ela fez isso de propósito, disse depois (pois costumavam se reunir na horta para trocar impressões). “Ele não lia nada, não pensava nada, não sentia nada”, podia ainda ouvi-la dizer naquela mesma e enfática voz que tinha um peso bem maior do que ela supunha. Os moços de cavaliça tinham mais vida que Hugh, disse ela. Ele era o perfeito exemplar da espécie saída das escolas de elite, disse. Nenhum outro país, fora a Inglaterra, poderia tê-lo produzido. Ela era, por alguma razão, realmente impiedosa; guardava algum ressentimento para com ele. Algo acontecera – ele esquecera o quê – no salão de fumar. Ele a ofendera – a beijara? Incrível! Naturalmente, ninguém acreditava em nenhuma palavra que fosse desfavorável a Hugh. Quem seria capaz? Beijar Sally no salão de fumar! Se tivesse sido alguma Honorable Edith [←](#) ou Lady Violet, talvez; mas não aquela pobretona da Sally, sem nada de seu, e um pai ou uma mãe que passavam a vida fazendo

apostas em Monte Carlo. Dentre todas as pessoas que algum dia conhecera, Hugh era o mais esnobe – o mais obsequioso – não, ele não se dobrava, a bem dizer. Era muito orgulhoso para isso. Um criadinho de luxo era a comparação óbvia – alguém que ia atrás, carregando as malas; confiável para se enviar telegramas – indispensável para as senhoras do lar. E encontrara o seu emprego – havia esposado sua Honorável Evelyn; conseguira um carguinho na Corte, cuidava das adegas do Rei, lustrava as fivelas do sapato imperial, andava para cima e para baixo em calções justos e punhos de renda. Como a vida é impiedosa! Um carguinho na Corte!

Casara-se com essa senhora, a Honorável Evelyn, e moravam nos arredores, era o que pensava (observando as pomposas casas que davam para o Parque), pois almoçara ali uma vez, numa casa que tinha, como tudo o que pertencia a Hugh, alguma coisa que nenhuma outra podia ter – armários para roupa branca, talvez. Tinha-se de ir vê-los, tinha-se de gastar um tempo enorme sempre admirando seja lá o que fosse – armários para roupa branca, fronhas, móveis antigos de carvalho, quadros que Hugh tinha arrematado por uma bagatela. Mas a Sra. Hugh acabava, às vezes, por entregar o jogo. Era uma dessas mulherzinhas obscuras, com cara de fuinha, que admiram grandes homens. Era quase desprezível. Mas, de repente, dizia algo bastante inesperado – algo perspicaz. Talvez conservasse vestígios das maneiras refinadas. O carvão dos aquecedores era um tanto forte para ela – tornava a atmosfera carregada. E assim viviam ali, com seus armários para roupa branca e seus velhos mestres da pintura e suas fronhas debruadas com renda legítima, com um estipêndio anual, presumidamente, de cinco ou dez mil libras, enquanto ele, que era dois anos mais velho que Hugh, [↩](#) corria atrás de um emprego.

Aos cinquenta e três anos, tinha que chegar e pedir que lhe conseguissem uma colocação no gabinete de algum ministro, que lhe arrumassem um emprego como ajudante de mestre-escola, dando lições de latim a um grupo de garotinhos, ou algum trabalho de escritório, ao arbítrio de um mandarim qualquer, algo que lhe rendesse quinhentas libras por ano; pois se casasse com Daisy, mesmo contando com a pensão, nunca conseguiriam viver com menos que isso. Whitbread, presumivelmente,

poderia consegui-lo; ou Dalloway. Não se importava de pedi-lo a Dalloway. Era realmente um bom sujeito; um tanto limitado; um tanto obtuso; sim; mas realmente um bom sujeito. Quando se dedicava a alguma coisa, fosse qual fosse, ele o fazia de maneira prática, sensata; sem qualquer toque de imaginação, sem uma faísca de brilhantismo, mas com o inexplicável bom-mocismo da sua espécie. Deveria ter sido um aristocrata rural – consumia-se na política. Dava-se melhor em campo aberto, com cavalos e cães – como ele foi ótimo, por exemplo, quando aquele cão enorme e peludo de Clarissa ficou preso numa armadilha e quebrou a pata, e Clarissa desmaiou e Dalloway tomou conta de tudo; fez as ataduras, colocou as talas; disse a Clarissa que não se comportasse como tola. Era para essas coisas, talvez, que ela gostava dele – era do que ela precisava. “Agora, minha querida, não seja tola. Segure isso... busque aquilo”, o tempo todo falando com o cachorro como se fosse um ser humano.

Mas como podia ela engolir toda aquela discursão sobre poesia? Como podia deixar que ele ficasse discorrendo longamente sobre Shakespeare? Séria e solenemente, Richard Dalloway empinou-se todo e disse que nenhum homem decente deveria ler os sonetos de Shakespeare porque era como ficar ouvindo pelo buraco da fechadura (além disso, a relação não era do tipo que ele aprovasse). Nenhum homem decente deveria deixar a esposa visitar uma mulher que se casara com o viúvo da irmã. ← Incrível! A única coisa que se podia fazer era bombardeá-lo com amêndoas açucaradas – isso foi durante o jantar. Mas Clarissa engolia tudo; achava que era tão sincero da parte dele; tão independente; só Deus sabe se ela não o considerava a mente mais original que já havia encontrado!

Esse era um dos vínculos entre Sally e ele. Havia um jardim por onde costumavam passear, um local murado, com roseiras e enormes couves-flores – ainda se lembrava de Sally colhendo uma rosa, parando para exprimir sua admiração diante da beleza das folhas de couve ao luar (era extraordinário como tudo lhe voltava vividamente, coisas sobre as quais não pensara durante anos), enquanto lhe implorava, meio de brincadeira, claro, para que arrebatasse Clarissa, para que a salvasse dos Hughs e dos Dalloways e de todos os outros “perfeitos cavalheiros” que “lhe asfixiariam

a alma” (ela escrevia montões de poemas naquele tempo), fariam dela uma simples anfitriã, estimulariam seu mundanismo. Mas era preciso fazer justiça a Clarissa. De qualquer maneira, ela não iria se casar com Hugh. Tinha uma ideia perfeitamente clara do que queria. Suas emoções situavam-se, todas, à flor da pele. No fundo, era muito sensata – era muito melhor que Sally, por exemplo, quando se tratava de avaliar o caráter de alguém, e, contudo, puramente feminina; com esse extraordinário dom, esse dom feminino, de criar um mundo só dela onde quer que estivesse. Ela entrava numa sala; postava-se, como ele muitas vezes vira, à passagem de uma porta, com uma porção de gente ao redor. Mas era a lembrança de Clarissa que se guardava. Não que ela fosse impressionante; bonita, certamente não; não havia nela nada de original; nunca dizia nada especialmente inteligente; mas ali estava ela; ali estava ela.

Não, não, não! Não estava mais apaixonado por ela! Apenas se sentia, após tê-la visto naquela manhã, entre suas tesouras e seus fios de seda, preparando-se para a festa, incapaz de não pensar nela; ela não parava de voltar-lhe à mente, como um viajante adormecido que ficasse o tempo todo caindo em cima dele no banco de um trem; o que não significava estar apaixonado, claro; mas pensar nela, criticá-la, começar novamente, após trinta anos, a tentar explicá-la. A coisa óbvia a dizer sobre ela é que era mundana; dava demasiada importância à posição e às convenções sociais e à oportunidade de se dar bem no mundo – o que, em certo sentido, era verdade; ela lhe confessara. (Sempre se podia levá-la a reconhecê-lo, se fosse o caso; era honesta.) O que ela diria é que odiava as pessoas frouxas, fossilizadas, fracassadas, como ele próprio, presumivelmente; achava que as pessoas não tinham o direito de se portarem de maneira relaxada, com as mãos nos bolsos; deviam fazer alguma coisa, ser alguma coisa; e essas magníficas e elegantes damas, essas duquesas, essas veneráveis e velhas condessas que se viam em seu salão de festas, embora indescritivelmente distantes, como ele achava, de qualquer coisa que tivesse algum valor, representavam para ela algo de real. Lady Bexborough, disse ela uma vez, sabia manter-se aprumada (a própria Clarissa também; nunca se deixava relaxar, em qualquer sentido da palavra; era reta como um dardo, um tanto

rígida, na verdade). Dizia que elas tinham aquela espécie de coragem que, quanto mais velha ficava, mais ela respeitava. Havia, nisso tudo, muito de Dalloway, claro; muito da mentalidade do espírito público, do Império Britânico, da reforma fiscal, [←](#) da classe governante, que, como tende a acontecer, a tinha impregnado. Com uma inteligência que era o dobro da dele, era obrigada a ver as coisas através dos olhos dele – uma das tragédias da vida de casada. Dona de pensamento próprio, tinha que estar sempre citando Richard – como se não fosse possível saber exatamente, apenas pela leitura matinal do *Morning Post*, o que Richard pensava! Essas festas, por exemplo, eram todas por causa dele, ou por causa da ideia que ela fazia dele (para fazer justiça a Richard, ele teria sido mais feliz cuidando de terras em Norfolk). Ela fizera de seu salão de festas uma espécie de ponto de encontro; tinha talento para isso. Tinham sido inúmeras as vezes em que a vira tomar conta de algum rapaz ainda verde para retorcê-lo, revolvê-lo, despertá-lo; para dar-lhe um ponto de partida. Hordas de pessoas estúpidas aglomeravam-se à volta dela, claro. Mas surgiam pessoas diferentes e inesperadas; um artista, às vezes; às vezes, um escritor; um corpo estranho naquele ambiente. E por trás de tudo isso havia toda aquela rede feita das visitas, da distribuição de cartões, [←](#) da atenção para com as pessoas; dos buquês de flores, dos pequenos presentes; Fulano ou Fulana ia para a França – era preciso ter uma almofada inflável; um verdadeiro sorvedouro de sua energia; toda aquela interminável movimentação em que mulheres como ela se envolviam; mas fazia isso genuinamente, por uma espécie de instinto natural.

Estranhamente, ela era uma das pessoas mais céticas que já conhecera e, possivelmente (era uma teoria que inventava para tentar compreendê-la, tão transparente sob certos aspectos, tão inescrutável sob outros), possivelmente dizia para si mesma: Como somos uma raça condenada, acorrentada a uma nave a pique (suas leituras preferidas, quando garota, eram Huxley e Tyndall, que prezavam essas metáforas náuticas), como toda a coisa é uma piada de mau gosto, façamos, de qualquer modo, a nossa parte; mitiguemos os sofrimentos de nossos companheiros de cárcere (Huxley novamente); decoremos a masmorra com flores e almofadas

infláveis; sejamos tão decentes quanto possível. Aqueles rufiões, os Deuses, não podem fazer tudo a seu bel prazer – era da opinião de que os Deuses, que não perdiam nenhuma oportunidade para ferir, frustrar e arruinar vidas humanas, ficavam seriamente desconcertados se, apesar de tudo, a vítima se comportasse como uma grande dama. Essa fase teve início logo após a morte de Sylvia – aquela terrível tragédia. Ver a própria irmã vitimada pela queda de uma árvore (tudo por culpa de Justin Parry – tudo por um descuido seu) diante de seus olhos, uma garota também com uma vida pela frente, a mais talentosa delas, Clarissa sempre dizia, era o suficiente para tornar qualquer um amargo. Mais tarde, talvez tivesse deixado de ser tão taxativa; achava que não havia deuses de espécie alguma; que não havia a quem culpar; desenvolvendo, assim, esse credo ateu de praticar o bem pelo bem.

E, naturalmente, ela gostava demais da vida. Tirar prazer das coisas estava em sua natureza (embora, só Deus sabe, ela tivesse suas reservas; ele sentia, muitas vezes, que mesmo ele, após todos esses anos, não podia fazer de Clarissa mais que um simples esboço). De qualquer modo, não havia nela nenhuma amargura; nada daquele senso de virtude moral que é tão repulsivo nas mulheres boazinhas. Tirava prazer de tudo, praticamente. Quando se ia passear com ela pelo Hyde Park, ora era um canteiro de tulipas, ora uma criança num carrinho, ora algum pequeno e absurdo drama que ela inventava no ardor do momento. (Muito provavelmente, teria ido falar com aquele casal de namorados, se tivesse achado que se sentiam infelizes.) Tinha um senso de comédia realmente incomum, mas precisava de pessoas, sempre de pessoas, para trazê-lo à tona, com o inevitável resultado de que desperdiçava o seu tempo almoçando, jantando, dando incessantemente aquelas suas festas, falando bobagens, dizendo coisas que não queria, desgastando sua afiada inteligência, perdendo sua capacidade de discriminação. Ficava ali, sentada à cabeceira da mesa, fazendo o maior esforço possível com algum velho idiota que poderia ser útil a Dalloway – conheciam os maiores chatos da Europa – ou Elizabeth chegava e tudo se voltava para *ela*. Da última vez que os visitara, ela estava na escola secundária, naquela fase indefinida da vida, uma garota de rosto

pálido, olhos arredondados, sem nada da mãe, uma silenciosa e impassível criatura, que aceitava tudo como muito natural, deixava que a mãe ficasse em cima dela o tempo todo, dizendo depois “Posso ir agora?”, como uma criança de quatro anos; estava saindo – explicava Clarissa, com aquele misto de prazer e orgulho que até Dalloway parecia despertar nela – para jogar hockey. E agora Elizabeth tinha sido, supostamente, “apresentada” à sociedade; ↵ devia considerá-lo uma múmia, rir-se dos amigos da mãe. Ah, bem, não importa. A vantagem de envelhecer, pensou Peter Walsh, saindo do Regent’s Park, e segurando o chapéu na mão, era simplesmente esta; que as paixões continuam fortes como nunca, mas adquiriu-se – finalmente! – a capacidade que confere o supremo sabor à existência, a capacidade de se apropriar da experiência, de examiná-la, lentamente, às claras.

Era uma confissão terrível de ser feita (pôs o chapéu novamente), mas nesta idade, cinquenta e três anos, quase não se precisava mais das pessoas. A própria vida, cada momento dela, cada gota, este instante, agora, ao sol, no Regent’s Park, era o bastante. Demasiado, na verdade. Uma vida inteira era demasiadamente curta para trazer à tona, agora que se adquirira essa capacidade, todo o sabor; para extrair cada grama de prazer, cada nuance de sentido; que eram, ambos, muito mais sólidos do que antes, muito menos pessoais. Era impossível que tivesse que sofrer novamente como Clarissa o fizera sofrer. Por horas seguidas (queira Deus que seja possível dizer essas coisas sem ser ouvido por ninguém!), por horas e dias, não pensou, uma só vez, em Daisy.

Seria possível, então, lembrando o tormento, a tortura, a extraordinária paixão daquela época, que estivesse apaixonado por ela? Era uma coisa inteiramente diferente – uma coisa muito mais agradável – a verdade era, naturalmente, que agora era *ela* que estava apaixonada por *ele*. E essa era, talvez, a razão pela qual, quando o navio realmente zarpou, sentiu um alívio extraordinário, desejando nada mais do que ficar sozinho; desgostou-se ao encontrar todas as suas pequenas atenções – charutos, bilhetes, uma manta para a viagem – na sua cabine. Qualquer um, se fosse franco, diria o mesmo; não se precisa mais das pessoas após os cinquenta; não se precisa

continuar dizendo às mulheres que elas são bonitas; é o que os cinquentões, em sua maioria, diriam, pensou Peter Walsh, se fossem sinceros.

Mas, depois, esses surpreendentes acessos de emoção – ter-se derramado em lágrimas esta manhã, o que significava, então, tudo isso? O que Clarissa podia ter pensado dele? Julgava-o um tolo, presumivelmente, e não pela primeira vez. Era ciúme o que estava no fundo disso tudo – o ciúme que sobrevive a todas as outras paixões humanas, pensou Peter Walsh, conservando o canivete ao alcance da mão. Estivera se encontrando com o Major Orde, disse Daisy na última carta; disse-o de propósito, ele sabia; disse-o para provocar-lhe ciúmes; podia vê-la franzindo a testa enquanto escrevia, pensando no que poderia dizer para magoá-lo; mas isso não fazia nenhuma diferença; ele estava furioso! Todo esse alvoroço de voltar para a Inglaterra e consultar advogados não era para casar-se com ela, mas para impedi-la de casar-se com algum outro. Era isso que o torturava, foi isso que o assaltou quando viu Clarissa tão calma, tão fria, tão absorta em seu vestido ou seja lá no que fosse; tomando consciência daquilo do qual ela poderia tê-lo poupado, daquilo a que ela o tinha reduzido – um tolo envelhecido, lamuriento e choroso. Mas as mulheres, pensou, fechando o canivete, não sabem o que é a paixão. Não sabem o que ela significa para os homens. Clarissa era fria como um pingente de gelo. Ela ficou lá sentada ao seu lado, no sofá, deixou-o tomar-lhe a mão, deu-lhe um beijo no rosto – Aqui estava ele, no cruzamento.

Foi interrompido por um som; um som frágil, trêmulo, uma voz borbulhando sem direção, sem vigor, sem princípio nem fim, escorrendo, débil e pungente e desprovida de qualquer significado humano, num

ee um fah um so

foo swee too eem oo –

a voz do que não tinha idade nem sexo, a voz de uma vertente antiga jorrando da terra; que brotava, exatamente do outro lado da estação de metrô do Regent's Park, de uma forma alongada e tremulante, como uma chaminé, como uma bomba enferrujada, como uma árvore fustigada pelo

vento, eternamente desprovida de folhas, que deixa o vento subir e descer pelos seus ramos cantando

*ee um fah um so
foo swee too eem oo,*

e treme e range e geme na brisa eterna.

Ao longo das eras – quando o calçamento era grama, quando era um pantanal, ao longo da era da longa e aguçada presa e do mamute, ao longo da era das auroras silenciosas – a devastada mulher – pois ela vestia uma saia – com a mão direita estendida, a esquerda grudada ao corpo, continuava cantando o amor ← – o amor que durava havia um milhão de anos, ela cantava, o amor que triunfa, e milhões de anos atrás, seu amante, cantarolava ela, que estivera morto por todos esses séculos, passeara com ela em maio; mas no curso das eras, longas como dias de verão, e flamejantes, lembrava-se ela, sem nada mais que rubros ásteres, ele fora embora; a enorme foice da morte devastara aquelas tremendas colinas, e quando, finalmente, repousou a encanecida e imensamente envelhecida cabeça sobre a terra, agora convertida em mera escória de gelo, implorou aos deuses que depositassem junto a ela um buquê de urzes púrpuras, ali, em sua elevada campã, que os últimos raios do último sol acariciavam; pois então o *pageant* ← do universo teria chegado ao fim.

Enquanto a canção antiga borbulhava do outro lado da estação de metrô do Regent's Park, a terra ainda parecia verde e florida; ainda, embora saída de boca tão rude, um mero buraco na terra, também lamacento, emaranhado de fibras de raízes e de ervas enredadas, todavia a velha, borbulhante, balbuciante canção, encharcando as nodosas raízes de infinitas eras, e por esqueletos e tesouros, todavia se espriava em regatos pelo calçamento e ao longo de toda a Marylebone Road, e descia em direção à Euston, fertilizando, deixando, em seu rastro, uma mancha úmida.

Recordando ainda que, uma vez, nalgum primevo mês de maio, passeara com o amante, essa bomba enferrujada, essa velha devastada, com uma das mãos estendida à espera de alguns cobres, a outra grudada ao

corpo, ainda estaria ali em dez milhões de anos, recordando como, uma vez, passara em maio, onde agora corre o mar, com quem não importava – era um homem, ah, sim, um homem que a tinha amado. Mas o passar das eras havia turvado a claridade daquele antigo dia de maio; as flores de cintilantes pétalas estavam agora tingidas pelo cinza-prata da geada; e ela não via mais, quando lhe implorava (como fazia agora, muito claramente) “olha atentamente dentro dos meus com teus doces olhos”, não via mais os olhos castanhos, as suíças negras ou um rosto queimado pelo sol, mas apenas uma forma vaga, a sombra de uma forma, para a qual, com o frescor de pássaro dos muito velhos, ela ainda gorjeou “dá-me a tua mão e deixa-me apertá-la docemente” (Peter Walsh não pôde deixar, enquanto tomava o táxi, de dar uma moeda à pobre criatura), “e se alguém visse, que lhe importava?”, perguntou ela; e apertou o punho contra o corpo, e sorriu, guardando o xelim no bolso, e todos os olhares inquisitivos e bisbilhoteiros pareciam ter se apagado, e as sucessivas gerações de transeuntes – a calçada estava apinhada de apressados burgueses – desvaneceram-se, como folhas, para serem pisoteadas, banhadas e empapadas, transformando-se em húmus pela ação daquela vertente eterna...

*ee um fah um so
foo swee too eem oo.*

“Pobre velha”, disse Rezia Warren Smith.

Oh, pobre e infeliz velha! disse ela, esperando para atravessar.

Suponhamos que fosse uma noite chuvosa? Suponhamos que o nosso pai ou alguém que nos tivesse conhecido em dias melhores por acaso passasse por ali e nos visse ali na sarjeta? E onde dormia ela à noite?

Alegre, quase festivo, o invencível fiozinho de som espiralou no ar, como a fumaça da chaminé de uma casinha no campo que enrolasse límpidas faias num tufo de fumaça azulada e escapasse por entre as folhas do topo. “E se alguém visse, que lhe importava?”

Desde que se tornou infeliz desse jeito, por semanas e semanas agora, Rezia dava significados às coisas que aconteciam, quase achando, às vezes,

que devia parar as pessoas na rua, se parecessem boas, amáveis, apenas para lhes dizer “Sinto-me infeliz”; e essa velha cantando na rua “e se alguém visse, que lhe importava?” fez com que subitamente tivesse absoluta certeza de que tudo ia dar certo. Estavam indo consultar Sir William Bradshaw; achou que o nome soava bonito; ele iria curar Septimus em seguida. E, depois, havia uma carroça de cervejeiro, e os cavalos cinzentos tinham pedaços de palha espetados no rabo; havia painéis com notícias dos jornais. Era um devaneio tolo, muito tolo, sentir-se infeliz.

Assim, eles, o Sr. e a Sra. Septimus Warren Smith, atravessaram a rua, e havia, afinal, uma coisa qualquer que chamasse a atenção sobre eles, uma coisa qualquer que fizesse um transeunte suspeitar de que aqui vai um jovem que leva com ele a maior mensagem do mundo e que é, além disso, o homem mais feliz do mundo, e o mais miserável? Talvez caminhassem mais devagar do que as outras pessoas, e houvesse algo de hesitante, de pesado, no andar do homem, mas nada poderia ser mais natural para um escriturário que havia anos não estivera, num dia de semana, numa hora como esta, no West End, do que continuar observando o céu, observando isso, aquilo ou aquilo outro, como se Portland Place fosse um salão no qual entrara quando a família estava longe, os candelabros envoltos em linho cru, enquanto a governanta, afastando um canto das persianas, deixava entrar longos feixes de luz salpicados de poeira que iam repousar em insólitas e abandonadas poltronas, e dizia aos visitantes quão maravilhoso era esse lugar; quão maravilhoso, mas ao mesmo tempo, pensa ele, quão estranho.

Pela aparência, podia ser um escriturário, mas dos de melhor nível; pois calçava botinas marrons; as mãos eram cultivadas; o mesmo se podia dizer da sua figura – uma figura angulosa, de nariz grande, inteligente, sensível; mas não os lábios, absolutamente, pois eram moles; e os olhos (como costumam ser os olhos), apenas olhos; castanho-claros, grandes; era, assim, no conjunto, um caso-limite, nem uma coisa nem outra; podia acabar com uma casa em Purley e um carro a motor, ou continuar a vida toda alugando apartamentos em ruas retiradas; um desses homens com pouca instrução, autodidatas, cuja educação é inteiramente adquirida através de livros

tomados de empréstimo em bibliotecas públicas, lidos à noite, após um dia de trabalho, a conselho de autores célebres, consultados por carta.

Quanto às outras experiências, as solitárias, aquelas que as pessoas vivem sozinhas, em seus quartos, em seus escritórios, andando pelos campos e pelas ruas de Londres, ele as tivera; saíra de casa, menino ainda, por causa da mãe; ela mentia; porque ele desceu para o chá, pela quinquagésima vez, sem ter lavado as mãos; porque não via futuro para um poeta em Stroud; e assim, tendo a irmã mais nova por confidente, fora embora para Londres, deixando atrás um bilhete absurdo, como os escritos por grandes homens e lidos, depois, pelo mundo, quando a história de suas lutas se tornou famosa.

Londres sorvera milhões de homens jovens com Smith por sobrenome; e não se deixava impressionar por nomes de batismo fantásticos como Septimus, com o qual os pais pensavam distingui-los. Morando perto da Euston Road, havia experiências, novamente experiências, como a da mudança, em dois anos, de um rosto cheio, corado, inocente, para um rosto fino, contraído, hostil. Mas, de tudo isso, o que poderia ter dito o mais atento dos amigos senão o que diz um jardineiro quando abre a porta da estufa numa certa manhã e encontra uma nova flor em sua planta: – Ela florescera; florescera por força da vaidade, da ambição, do idealismo, da paixão, da solidão, da coragem, da indolência, as habituais sementes que, reunidas todas numa confusa mistura (num quarto perto da Euston Road), fizeram dele um homem tímido, e gaguejante, fizeram dele um homem preocupado em se aperfeiçoar, fizeram com que se apaixonasse pela Srta. Isabel Pole, que ensinava Shakespeare na Waterloo Road.

Não era ele como Keats? perguntava-se ela; e pensava em como poderia fazê-lo tomar gosto por *Antônio e Cleópatra* e todas as outras peças; emprestava-lhe livros; escrevia-lhe fragmentos de cartas; e acendia nele um fogo tal como os que ardem apenas uma vez na vida, sem calor, que projetava uma chama bruxuleante, de um dourado rubro, infinitamente etérea e imaterial, sobre a Srta. Pole; sobre *Antônio e Cleópatra*; e sobre a Waterloo Road. Ele a achava bonita, julgava-a impecavelmente doura; sonhava com ela, escrevia-lhe poemas, os quais, desconhecendo o mote, ela

corrigia com tinta vermelha; ele a viu, numa tarde de verão, passeando, numa praça, num vestido verde. “Florescera”, poderia ter dito o jardineiro, se tivesse aberto a porta do quarto; quer dizer, se tivesse entrado, numa noite qualquer, mais ou menos nessa época, e o tivesse encontrado escrevendo; o tivesse encontrado rasgando o que escrevera; o tivesse encontrado terminando uma obra-prima às três da manhã e saindo apressado para percorrer as ruas, e visitando as igrejas, e jejuando num dia, bebendo num outro, devorando Shakespeare, Darwin, *A história da civilização* e Bernard Shaw.

Algo estava no ar, sabia-o o Sr. Brewer; o Sr. Brewer, chefe de escritório de Sibleys & Arrowsmiths – Leilões, Perícias, Valores Imobiliários; algo estava no ar, pensou ele, e, como era paternal para com seus jovens empregados, e como tinha em alta conta as capacidades de Smith, e como profetizava que, em dez ou quinze anos, ele estaria sentado, como seu sucessor, na confortável cadeira de couro da sala do centro, em meio aos fichários de testamentos e sob a luz da claraboia, “desde que conservasse a saúde”, disse o Sr. Brewer, e esse era o perigo – ele parecia débil; recomendou-lhe o futebol, convidava-o para cear e estava prestes a recomendá-lo para um aumento de salário, quando aconteceu algo que desfez muitos dos planos do Sr. Brewer, roubou-lhe os mais capazes dos jovens colaboradores, e a tal grau eram abrangentes e insidiosos os braços da Guerra Europeia, que acabaram por atingir a residência do Sr. Brewer, em Muswell Hill, esmagando uma escultura em gesso de Ceres, abrindo um buraco nos canteiros de gerânios e arruinando por completo os nervos da cozinheira.

Septimus foi um dos primeiros a se apresentar como voluntário. Foi para a França para salvar uma Inglaterra que consistia quase que inteiramente em peças de Shakespeare e na Srta. Isabel Pole passeando de vestido verde numa praça. Deu-se, ali, nas trincheiras, instantaneamente, a mudança que o Sr. Brewer pretendia quando lhe recomendara o futebol; tornou-se viril; foi promovido; chamou a atenção – na verdade, ganhou a afeição – de seu superior, de nome Evans. Era como dois cães brincando no tapete da frente da lareira; um abocanhando e sacudindo um canudo de

papel, rosnando, mordiscando, mordendo, de vez em quando, a orelha do mais velho; o outro deitando-se sonolento no chão, pestanejando à luz do fogo, levantando uma pata, rolando e rosnando alegremente. Eles tinham que estar sempre juntos, compartilhar, brigar, discutir. ← Mas quando Evans (Rezia, que o tinha visto uma vez, referia-se a ele como “um homem calado”, um homem ruivo entroncado, retraído na companhia de mulheres), quando Evans foi morto, bem pouco antes do Armistício, na Itália, Septimus, além de não demonstrar qualquer emoção ou de não reconhecer que aqui terminava uma amizade, congratulou-se por reagir tão contida e racionalmente. A Guerra tinha lhe dado uma lição. Era sublime. Tinha passado pela experiência toda, amizade, Guerra Europeia, morte, tivera uma promoção, ainda não tinha trinta anos e estava destinado a sobreviver. Ele estava ali. As últimas granadas por pouco não o atingiram. Foi com indiferença que as viu explodirem. Quando veio a paz, estava em Milão, aquartelado numa pousada, com um pátio interno, flores em tinas, mesinhas ao ar livre, as filhas confeccionando chapéus, e com Lucrezia, a mais nova das duas, firmou compromisso de casamento, numa noite em que foi tomado de pânico – por não conseguir sentir nada.

Pois agora que tudo tinha acabado, com o armistício assinado, e os mortos sepultados, ele tinha, sobretudo à noitinha, essas súbitas explosões de medo. Não conseguia sentir nada. Quando abria a porta da sala onde as moças italianas ficavam sentadas fazendo chapéus, ele podia vê-las; podia ouvi-las; passavam arames por contas coloridas que retiravam de um pires; faziam moldes de entretela de mil maneiras; a mesa estava atulhada de plumas, lantejoulas, linhas, fitas; as tesouras chocavam-se contra a mesa; mas algo lhe escapava; ele não conseguia sentir. Ainda assim, as tesouras que se chocavam, as moças que riam, os chapéus que estavam sendo confeccionados serviam-lhe de proteção; davam-lhe uma sensação de segurança; ele dispunha de um refúgio. Mas não podia ficar sentado ali a noite toda. Havia ocasiões em que despertava de madrugada. A cama estava caindo; ele estava caindo. Ah, o que não daria pelas tesouras e pela luz da lâmpada e pelos moldes de entretela! Pediu Lucrezia em casamento, a mais nova das duas, a divertida, a frívola, com aqueles dedinhos de artista que

ela levantava dizendo “Está tudo neles”. Seda, plumas, tudo ganhava vida diante deles.

“É o chapéu que conta mais”, ela dizia quando saíam para passear juntos. Cada chapéu que passava, ela o examinava; e a capa e o vestido e a maneira como a mulher se portava. O vestir-se mal, o vestir-se com exagero ela estigmatizava, não ruidosamente, mas com impacientes movimentos das mãos, como os de um pintor que descarta alguma contrafação flagrantemente óbvia e simplória; e depois, generosa, mas sempre criticamente, aprovava alguma balconista que tivesse arranjado graciosamente seu pedaço de pano, ou louvava, sem reparos, com entusiástico e profissional discernimento, uma dama francesa descendo de sua carruagem em seu casaco de chinchila, seus mantos, suas pérolas.

“Fantástico!”, murmurava ela, cutucando Septimus, para que ele visse. Mas a beleza ficava do lado de trás de uma vidraça. Nem mesmo o paladar (Rezia adorava sorvete, chocolate, doces) lhe dava qualquer prazer. Ele colocava a sua xícara na mesinha de mármore. Observava as pessoas lá fora; pareciam felizes, juntando-se no meio da rua, gritando, rindo, brigando por nada. Mas ele não tinha paladar, não conseguia sentir. Na casa de chá, entre as mesas e a tagarelice dos garçons, o temível medo tomava conta dele – ele não conseguia sentir. Podia raciocinar; podia ler, Dante, por exemplo, muito facilmente (“Septimus, você deve largar o livro”, dizia Rezia, delicadamente fechando o *Inferno*), podia fechar a sua conta mensal; o cérebro estava perfeito; devia ser culpa do mundo, então – o fato de ele não conseguir sentir.

“Os ingleses são tão calados”, dizia Rezia. Gostava disso, dizia ela. Respeitava esses ingleses, e desejava conhecer Londres, e os cavalos ingleses, e os ternos feitos sob medida, e se lembrava de ter ouvido, de uma tia que casara e morava no Soho, o quanto as lojas eram maravilhosas.

É bem possível, pensava Septimus, contemplando a Inglaterra da janela do trem, quando partiram de Newhaven; é bem possível que o próprio mundo não tenha sentido.

No escritório, promoveram-no a uma posição de considerável responsabilidade. Estavam orgulhosos dele; tinha sido condecorado. “O

senhor cumpriu o seu dever; cabe a nós...”, começou a dizer o Sr. Brewer; e não conseguiu terminar, tão grata lhe era a emoção. Foram morar em excelentes aposentos perto da Tottenham Court Road.

Neste ponto, abriu novamente o seu Shakespeare. Aquela coisa juvenil de se deixar embriagar pelas palavras – *Antônio e Cleópatra* – murchara completamente. O quanto Shakespeare desprezava a humanidade – o cobrir-se com panos, o fazer filhos, a sordidez da boca e do ventre! Era isso que agora se revelava a Septimus; a mensagem oculta sob a beleza das palavras. O sinal secreto que uma geração, disfarçadamente, passa à outra é o desprezo, o ódio, o desespero. Dante, a mesma coisa. Ésquilo (em tradução), a mesma coisa. Ali estava Rezia, sentada à mesa, decorando chapéus. Decorava chapéus para as amigas da Srta. Filmer; decorava chapéus sem parar. Parecia pálida, misteriosa, como um lírio, afundado, coberto d’água, pensou ele.

“Os ingleses são tão sérios”, dizia ela, enlaçando Septimus com os braços, seu rosto contra o dele.

O amor entre homem e mulher era repulsivo para Shakespeare. A coisa da cópula era para ele, antes do fim, repulsiva. ← Mas, dizia Rezia, ela precisava ter filhos. Fazia cinco anos que estavam casados.

Foram juntos à Tower; ao Museu Victoria e Albert; ficaram em meio à multidão para ver o Rei abrir o Parlamento. E havia as lojas – as chapelarias, as lojas de roupas, lojas com malas de couro na vitrine, que ela podia ficar admirando. Mas ela precisava ter um menino.

Precisava ter um filho como Septimus, dizia. Mas ninguém podia ser como Septimus; tão amável; tão sério; tão inteligente. Não podia também ela ler Shakespeare? Shakespeare era um autor difícil? perguntava ela.

Não se pode trazer filhos a um mundo como este. Não se pode perpetuar o sofrimento, ou aumentar a raça desses animais luxuriosos, que não têm qualquer sentimento durável, mas apenas caprichos e vaidades, que fazem com que entrem num rodopio, ora num sentido, ora no outro.

Sem se atrever a mover um dedo, ele a observava usando a tesoura, modelando, como se observa um pássaro saltitando, esvoaçando sobre a grama. Pois a verdade (que ela continue sem saber) é que os seres humanos

não têm bondade, nem fé, nem caridade, nada para além daquilo que serve para aumentar o prazer momentâneo. Eles caçam em matilhas. Suas matilhas esquadrinham o deserto e desaparecem, aos gritos, no ermo. Eles abandonam os caídos. Eles têm o rosto desfigurado por trejeitos. No escritório, havia Brewer, com seu bigode encerado, o prendedor de gravata em coral, peitilho branco e gestos de simpatia (por dentro, uma pedra de gelo), com seus gerânios arruinados durante a Guerra, os nervos da cozinheira abalados; ou a Amélia Não-Sei-O-Quê, servindo chá pontualmente às cinco horas – uma pequena harpia, lúbrica, sarcástica, obscena; e os Toms e os Bertys, em seus peitilhos engomados a transpirar grossas gotas de vício. Eles nunca o viram fazendo-lhes o desenho na caderneta, nus, em meio a seus disparates. Na rua, os furgões passavam roncando por ele; a brutalidade berrava nos cartazes de publicidade; havia homens encurralados em minas; mulheres que eram queimadas vivas; e, uma vez, na Tottenham Court Road, uma fileira de doidos estropiados, postos à rua para serem exercitados ou exibidos para deleite do populacho (entregue às gargalhadas), passou arrastando-se por ele, balançando a cabeça e mostrando os dentes, cada um deles infligindo-lhe – meio que se desculpando, mas com ar de triunfo – sua irremediável desgraça. E *ele* iria ficar louco?

Ao chá, Rezia contou-lhe que a filha da Sra. Filmer estava esperando um bebê. *Ela* não podia envelhecer sem ter filhos! Sentia-se muito sozinha, muito infeliz! Chorou pela primeira vez desde que estavam casados. De muito longe, ele a ouviu soluçando; ouviu o seu soluço precisamente, percebeu-o distintamente; comparou-o a um pistão martelando. Mas não sentiu nada.

Sua mulher estava chorando, e ele não sentia nada; mas cada vez que ela soluçava dessa maneira profunda, silenciosa, desesperada, ele descia mais um degrau em direção ao fundo do poço.

Por fim, com um gesto melodramático, que executou mecanicamente e com plena consciência de que era pouco sincero, enfiou a cabeça nas mãos. Agora ele se rendera; agora outras pessoas deviam vir em seu socorro. Deviam chamar alguém. Ele desistia.

Nada conseguia reanimá-lo. Rezia colocou-o na cama. Mandou chamar um médico – o Dr. Holmes, médico da Sra. Filmer. O Dr. Holmes o examinou. Ele não tinha nada de sério, disse o Dr. Holmes. Oh, que alívio! Que homem generoso, que homem gentil! pensou Rezia. Quando se sentia assim, ele ia ao teatro de variedades, disse o Dr. Holmes. Tirava um dia de folga com a mulher e jogava golfe. Por que não experimentar duas drágeas de brometo, dissolvidas em um copo d’água, ao deitar? Essas casas antigas de Bloomsbury, disse o Dr. Holmes, dando um toque na parede, têm, muitas vezes, um madeiramento muito bom, que os senhorios têm a mania de cobrir com papel de parede. Ainda outro dia, visitando um paciente, um *Sir* Fulano de Tal, em Bedford Square...

Não havia, assim, qualquer desculpa; nada de sério, exceto o pecado pelo qual a natureza humana o condenara à morte; que ele não era capaz de sentir. Ele não se importara quando Evans fora morto; aquilo tinha sido o pior; mas todos os outros crimes erguiam a cabeça e apontavam o dedo, com escárnio e sarcasmo, por sobre a grade dos pés da cama, nas primeiras horas da manhã, para o prostrado corpo que ali estava estendido, dando-se conta de sua degradação; por ter se casado sem amar a mulher com quem se casara; por ter-lhe mentido; por tê-la seduzido; por ter ultrajado a Srta. Isabel Pole, e estava tão estigmatizado e marcado pelo vício que as mulheres tremiam de medo ao vê-lo na rua. O veredito da natureza humana para um coitado desses era a morte.

O Dr. Holmes veio novamente. Alto, aparência fresca, bonito, sacudindo a poeira das botinas, olhando-se no espelho, fez pouco caso de tudo – dores de cabeça, insônia, temores, sonhos – sintomas nervosos, nada mais que isso, disse ele. Se o Dr. Holmes descobrisse que baixara um mero quarto de quilo dos setenta e quatro vírgula seis que pesava, ele pedia à esposa que lhe servisse, ao café da manhã, mais um prato de mingau de aveia. ↩ (Rezia ia aprender a fazer mingau de aveia.) Mas, continuou ele, a saúde é algo que, em grande parte, depende de nosso próprio controle. Envolve-se nalguma atividade fora de casa; encontre algum passatempo. Ele abriu o seu Shakespeare – *Antônio e Cleópatra*; colocou-o de lado. Algum passatempo, disse o Dr. Holmes, pois não devia a sua própria e excelente

saúde (e trabalhava tão duramente quanto qualquer outro homem em Londres) ao fato de que sempre lhe era possível deixar um pouco seus pacientes de lado e dedicar-se à sua paixão pelos móveis antigos? E que linda travessa, se lhe fosse permitido dizê-lo, a Sra. Warren Smith estava usando no cabelo!

Quando o maldito imbecil veio novamente, Septimus recusou-se a vê-lo. É mesmo? perguntou o Dr. Holmes, sorrindo simpaticamente. Na verdade, teve que dar, naquela encantadora mulher, a Sra. Smith, um empurrão amistoso para conseguir chegar até o quarto do marido.

“Então o senhor entrou em pânico”, disse ele, amavelmente, sentando-se ao lado de seu paciente. Ele realmente falara em matar-se à mulher, uma garota e tanto, uma estrangeira, não é mesmo? Não tinha isso dado a ela uma ideia um tanto errada a respeito dos maridos ingleses? Não tínhamos, por acaso, um dever para com a própria esposa? Não seria melhor fazer alguma coisa, em vez de ficar deitado na cama? Pois tinha quarenta anos de experiência nas costas; e Septimus podia confiar na palavra do Dr. Holmes – ele não tinha nada de sério. E na próxima vez que viesse vê-lo, o Dr. Holmes esperava encontrar Smith erguido, não deixando que aquela encantadora senhorinha, sua esposa, ficasse preocupada com ele.

A natureza humana, em suma, estava em cima dele – a repulsiva fera, com suas inflamadas ventas. Holmes estava em cima dele. O Dr. Holmes vinha todo dia, quase sem falta. Assim que caímos, escreveu Septimus no verso de um cartão postal, a natureza humana está em cima de nós. Holmes está em cima de nós. A única chance deles era fugir, sem que Holmes soubesse; para a Itália – para qualquer lugar, qualquer lugar, longe do Dr. Holmes.

Mas Rezia não conseguia compreendê-lo. O Dr. Holmes era um homem tão bondoso. Interessava-se tanto por Septimus. Só queria ajudá-los, disse ele. Tinha quatro filhos pequenos e a convidara para um chá, contou ela a Septimus.

Fora, pois, abandonado. O mundo inteiro clamava: mate-se, mate-se, faça isso por nós. Mas por que deveria matar-se por eles? A comida era boa; o sol, quente; e isso de se matar, como é que se faz, com uma faca de

cozinha, torpemente, com um monte de sangue, ou cheirando gás? Estava demasiadamente fraco; mal podia levantar a mão. Além disso, agora que estava tão a sós, condenado, abandonado, como os que estão prestes a morrer a sós, havia nisso um requinte, um isolamento pleno de sublimidade; uma liberdade que os apegados nunca poderão conhecer. Holmes vencera, claro; a fera de rubras ventas vencera. Mas nem mesmo Holmes podia colocar a mão nesta última relíquia perdida no fim do mundo, neste renegado, que contemplava as regiões habitadas que deixara para trás, que jazia, como um marinheiro naufragado, na praia do mundo.

Foi nesse instante (Rezia tinha ido às compras) que se deu a grande revelação. Uma voz falou detrás do biombo. Evans falava. Os mortos estavam com ele.

“Evans, Evans!”, gritou.

O Sr. Smith estava falando sozinho e em voz alta, gritou Agnes, a empregada, para a Sra. Filmer na cozinha. “Evans, Evans”, dissera ele enquanto ela entrava com a bandeja. Ela deu um pulo, sim, ela deu um pulo. E correu escada abaixo.

E Rezia entrou com as suas flores, e atravessou a sala, e colocou as rosas num vaso, sobre o qual o sol batia diretamente, e continuou rindo, pulando pela sala.

Tivera que comprar as rosas, disse Rezia, de um pobre homem na rua. Mas já estavam quase mortas, disse ela, arranjando as rosas.

Havia, então, um homem lá fora; Evans, presumivelmente; e as rosas, que Rezia disse que estavam quase mortas, tinham sido colhidas por ele nos campos da Grécia. Comunicação é saúde; comunicação é felicidade. Comunicação, murmurou ele. ←

“O que você está dizendo, Septimus?”, perguntou Rezia, tomada de pavor, pois ele estava falando sozinho.

Mandou que Agnes fosse correndo chamar o Dr. Holmes. Seu marido, disse, estava louco. Mal a reconhecia.

“Seu bruto! Seu bruto!”, gritou Septimus, ao ver a natureza humana, isto é, o Dr. Holmes, entrar no quarto.

“Ora, o que significa tudo isso?”, disse o Dr. Holmes, da maneira mais amigável do mundo. “Falando coisas sem sentido para amedrontar a sua mulher?” Mas ele lhe daria algo para fazê-lo dormir. E se eram ricos, disse o Dr. Holmes, passeando o olhar, ironicamente, pelo quarto, que se sentissem livres para recorrer à Harley Street; se não confiavam nele, disse o Dr. Holmes, com um jeito nada amável.

Eram precisamente doze horas; doze horas pelo Big Ben; cuja badalada era levada até a zona norte de Londres; fundia-se com a dos outros relógios, misturava-se, de forma tênue e etérea, com as nuvens e os tufos de fumaça, e morria lá no alto, entre as gaivotas – as doze horas bateram enquanto Clarissa Dalloway estendia o vestido verde sobre a cama, e os Warren Smiths desciam a Harley Street. Doze horas era o horário da consulta. Provavelmente, pensou Rezia, aquela era a casa de Sir William Bradshaw, com o carro cinza na frente. (Os círculos de chumbo se dissolveram no ar.)

E, de fato, era – o carro de Sir William Bradshaw; baixo, potente, cinza, com as simples iniciais de seu nome engastadas no painel, como se as pompas da heráldica não fossem combinar com esse homem, que era o protetor espiritual, o sacerdote da ciência; e, como o carro era cinza, para combinar com a sua sóbria suavidade, peles cinza e mantas cinza-prata se amontoavam no seu interior para manter aquecida a sua senhora, enquanto ela esperava. Pois era com frequência que Sir William Bradshaw viajava cem quilômetros ou mais até o campo para visitar os ricos, os aflitos, que podiam pagar os elevados honorários que Sir William muito apropriadamente cobrava por suas recomendações. Sua esposa esperava, por uma hora ou mais, com as mantas em volta dos joelhos, recostada, pensando às vezes no paciente, às vezes, compreensivelmente, na muralha de ouro que se elevava, minuto a minuto, enquanto ela esperava; a muralha de ouro que se elevava entre eles e todas as provações e ansiedades (ela as tinha bravamente suportado; eles tinham tido seus conflitos), até se sentir aninhada nas ondas de um calmo oceano, onde sopravam apenas olorosas brisas; respeitada, admirada, invejada, com quase nada mais a desejar, embora lamentasse sua corpulência; grandes recepções com jantar, todas as

quintas, para o corpo médico; um ocasional bazar beneficente a ser inaugurado; saudações à realeza; muito pouco tempo, era uma pena, com o marido, cujo trabalho só aumentava; um garoto indo bem em Eton; gostaria de ter tido uma filha também; interesses, entretanto, ela tinha, e muitos; a assistência à infância; o auxílio aos epiléticos em recuperação; e a fotografia, de maneira que, se houvesse uma igreja em construção, ou uma igreja em ruínas, ela subornava o sacristão, pegava a chave e, enquanto esperava, tirava fotografias, que quase não se distinguiam do trabalho de profissionais.

Ele próprio, Sir William, não era mais um jovem. Trabalhara duramente; chegara à sua posição por pura capacidade (filho de lojista que era); gostava da profissão; fazia uma bela figura nas cerimônias e falava bonito – coisas todas que, na altura em que fora sagrado cavaleiro, contribuíram para imprimir-lhe um ar grave, um ar de cansaço (de tão incessante que era o fluxo de pacientes, de tão onerosos que eram os privilégios e as responsabilidades de sua profissão), um cansaço que, juntamente com os cabelos grisalhos, aumentava a extraordinária distinção de sua presença e dava-lhe a reputação (da maior importância no trabalho de quem lida com casos de nervos) não simplesmente de uma capacidade brilhante e de uma precisão quase infalível no diagnóstico, mas de empatia; de tato; de compreensão da alma humana. Ele pôde perceber no instante em que eles entraram na sala (Warren Smith era o sobrenome deles); ele teve certeza assim que viu o homem; era um caso de extrema gravidade. Era um caso de colapso total – de total colapso físico e nervoso, com todos os sintomas em estágio avançado, ele percebeu em dois ou três minutos (enquanto anotava, numa ficha cor-de-rosa, as respostas – discretamente murmuradas – às questões que fazia).

Há quanto tempo vinha sendo tratado pelo Dr. Holmes? Seis semanas.

Receitou um pouco de brometo? Disse que não havia nada de sério? Ah, sim (esses clínicos gerais! pensou Sir William. Passava a metade do tempo consertando as suas trapalhadas. Algumas eram irreparáveis).

“O senhor serviu com grande distinção na Guerra?”

O paciente repetiu interrogativamente a palavra “guerra”.

Ele estava atribuindo às palavras significados que tinham implicação simbólica. Um sintoma grave, a ser assinalado na ficha.

“A Guerra?”, perguntou o paciente. A Guerra Europeia – aquela coisa de escolares brincando com pólvora? Ele tinha servido com distinção? Ele realmente esquecera. Na Guerra em si ele fracassara.

“Sim, serviu com a maior distinção”, Rezia assegurou ao doutor; “ele foi promovido.”

“E eles têm o senhor em alta conta no escritório?”, murmurou Sir William, lançando um olhar à carta do Sr. Brewer, recheada de palavras elogiosas. “De modo que o senhor não tem nada que o preocupe, nenhum problema financeiro, nada?”

Ele cometera um crime horrível e fora condenado à morte pela natureza humana.

“Eu... eu”, começou, “cometi um crime...”

“Ele não fez nada de errado, nada”, Rezia assegurou ao doutor. Se o Sr. Smith pudesse esperar, disse Sir William, ele gostaria de falar com a Sra. Smith na sala ao lado. Seu marido estava gravemente doente, disse Sir William. Ele ameaçou se matar?

Ah, sim, exclamou ela. Mas ele não falava a sério, disse. Claro que não. Era simplesmente uma questão de repouso, disse Sir William; de repouso, repouso, repouso; um longo repouso na cama. Havia uma aprazível casa de saúde no interior onde o seu marido seria muito bem cuidado. Longe dela? perguntou. Infelizmente, sim; as pessoas a quem mais queremos bem não nos são de serventia quando estamos doentes. Mas ele não estava louco, estava? Sir William disse que nunca se referia a isso como “loucura”; ele chamava de falta de senso de proporção. Mas o marido dela não gostava de médicos. Ele se negaria a ir para lá. Sumária e amavelmente, Sir William explicou-lhe qual era a situação. Ele tinha ameaçado se matar. Não havia alternativa. Era uma questão legal. Ele guardaria repouso no leito numa bela casa de saúde no campo. As enfermeiras eram admiráveis. Sir William iria visitá-lo uma vez por semana. Se a Sra. Warren Smith estava mesmo certa de que não havia mais nada a perguntar – ele nunca apressava os

pacientes – eles iriam ao encontro do seu marido. Ela não tinha mais nada a perguntar – não a Sir William.

Retornaram, assim, ao mais exaltado dos homens; ao criminoso que enfrentava os seus juízes; à vítima exposta nas alturas; ao fugitivo; ao marinheiro afogado; ao poeta da ode imortal; ao Senhor que fora da vida à morte; a Septimus Warren Smith, que estava sentado numa poltrona, à luz que entrava pela claraboia, olhando uma fotografia de Lady Bradshaw em vestido de Corte, murmurando mensagens sobre a beleza.

“Tivemos a nossa conversinha”, disse Sir William.

“Ele diz que você está muito, muito doente”, lastimou-se Rezia.

“Acertamos que o senhor deve ser internado numa casa de saúde”, disse Sir William.

“Uma das casas de Holmes?”, ironizou Septimus.

O sujeito dava uma impressão nada agradável. Pois havia em Sir William, cujo pai fora comerciante, um respeito pela boa educação e pelo bem-vestir que tornava o desleixo intolerável; além disso, havia, mais profundamente, em Sir William, que nunca tivera tempo para ler, um ressentimento profundamente entranhado contra pessoas cultivadas que vinham ao seu consultório e davam a entender que os médicos, cujo ofício exige uma constante pressão sobre todas as faculdades superiores, não são homens instruídos.

“Uma das *minhas* casas, Sr. Warren Smith”, disse ele, “onde iremos ensiná-lo como repousar.”

E havia só mais uma coisa.

Ele tinha toda a certeza de que quando estava bem o Sr. Warren Smith seria o último homem no mundo a amedrontar a esposa. Mas ele havia falado em se matar.

“Todos nós temos nossos momentos de depressão”, disse Sir William.

Assim que caímos, repetiu Septimus para si mesmo, a natureza humana está em cima de nós. Holmes e Bradshaw estão em cima de nós. Eles esquadrinham o deserto. Eles fogem, gritando, em direção ao ermo. Nossos membros são estirados em estrados de tortura, e nossos dedos são apertados por torniquetes. A natureza humana é impiedosa.

“Ele, às vezes, tem impulsos?”, perguntou Sir William, com o lápis pousado sobre uma ficha cor-de-rosa.

Isso era problema só dele, disse Septimus.

“Ninguém vive apenas para si próprio”, disse Sir William, lançando um olhar para a fotografia da esposa em trajes de Corte.

“E o senhor tem uma brilhante carreira à sua frente”, disse Sir William. A carta do Sr. Brewer estava em cima da mesa. “Uma carreira excepcionalmente brilhante.”

E se ele confessasse? Se contasse tudo? Será que, então, o largariam, Holmes e Bradshaw?

“Eu... eu...”, gaguejou.

Mas qual era o seu crime? Não conseguia se lembrar.

“Sim?”, encorajou-o Sir William. (Mas estava ficando tarde.)

Amor, árvores, não existe nenhum crime – qual era a sua mensagem?

Não conseguia se lembrar.

“Eu... eu...”, gaguejou Septimus.

“Tente pensar o menos possível em si mesmo”, disse, bondosamente, Sir William. Na verdade, ele não estava em condições de ficar à solta.

Havia algo mais que desejasse lhe perguntar? Sir William faria todos os arranjos (murmurou ele para Rezia) e a avisaria nesta mesma tarde, entre cinco e seis horas.

“Deixem tudo por minha conta”, disse, dispensando-os.

Nunca, nunca Rezia sentira sofrimento igual em toda a sua vida! Pedira socorro e fora abandonada! Ele os tinha decepcionado! Sir William Bradshaw não era um bom homem.

Só a manutenção daquele carro devia custar-lhe uma fortuna, disse Septimus, quando saíram à rua.

Ela se agarrou em seus braços. Tinham sido abandonados.

Mas o que mais queria ela?

Ele dedicava quarenta e cinco minutos a cada paciente; e se nessa árdua ciência que lida com coisas sobre as quais, afinal, nada sabemos – o sistema nervoso, o cérebro humano – um médico vem a perder o senso de proporção, então, como médico, ele é um fracasso. Saúde é o que devemos

ter; e saúde é proporção; de maneira que, quando um homem vem ao nosso consultório e diz que é Cristo (um delírio comum), e é portador de uma mensagem, como geralmente pretendem, e ameaça, como frequentemente fazem, se matar, nós invocamos a proporção; prescrevemos repouso no leito; repouso a sós; silêncio e repouso; repouso sem amigos, sem livros, sem notícia; um repouso de seis meses; até que um homem que chegou pesando quarenta e oito quilos saía pesando setenta e seis.

A proporção, a divina proporção, a deusa de Sir William, ele a adquiriu percorrendo hospitais, pescando salmão, gerando um filho na Harley Street, por graça de Lady Bradshaw, que também pescava salmão e tirava fotografias que mal se distinguiam do trabalho de profissionais. Ao idolatrar a proporção, Sir William não apenas prosperou ele próprio, mas fez a Inglaterra prosperar, isolou os seus lunáticos, coibiu a procriação, criminalizou o desespero, impediu que os desajustados propagassem suas ideias até que também eles partilhassem do seu senso de proporção – dele, se fossem homens; de Lady Bradshaw, se fossem mulheres (ela bordava, tricotava, passava quatro noites por semana em casa com o filho), de maneira que não apenas era respeitado pelos colegas e temido pelos subordinados, mas os amigos e a família de seus pacientes nutriam por ele a mais profunda das gratidões por insistir que esses proféticos Cristos e Cristas, que profetizavam o fim do mundo, ou o advento de Deus, ficassem na cama e tomassem leite, tal como prescrevia Sir William; Sir William, com seus trinta anos de experiência com esse tipo de caso, e seu infalível instinto: aqui há loucura, ali há senso; seu senso de proporção.

Mas a Proporção tem uma irmã, menos sorridente, mais temível, uma Deusa, neste preciso instante, atarefada – no calor e nas areias da Índia, no lodo e no pântano da África, nos arrabaldes de Londres, em toda parte, em suma, onde o clima ou o demônio tenta os homens a abandonarem a verdadeira crença, que não é senão a que ela própria professa – uma Deusa, neste preciso instante, atarefada em pulverizar santuários, em despedaçar ídolos e assentar, em seu lugar, o seu próprio e severo semblante. Conversão é o seu nome, e ela se regala com a vontade dos fracos, gostando de impressionar, impor, adorando ver as suas próprias feições estampadas na

face do populacho. Põe-se a pregar, em cima de uma tina, no Hyde Park Corner;  cobre-se de branco e percorre, contritamente, sob o disfarce do amor fraternal, as fábricas e os parlamentos; oferece socorro, mas deseja poder; varre brutalmente de seu caminho os dissidentes e os insatisfeitos; confere a sua benção àqueles que, erguendo o olhar, recolhem, de maneira submissa, dos dela, a luz dos seus próprios olhos. Essa dama (Rezia Warren Smith adivinhou) também tinha sua morada no coração de Sir William, embora disfarçada, como quase sempre, sob alguma máscara aceitável; sob algum venerável nome; amor, dever, autossacrifício. Como ele trabalhava – como dava duro para levantar fundos, difundir as reformas, fundar instituições! Mas a Conversão, a fastidiosa Deusa, gosta mais de sangue que de tijolos e se regala, mais sutilmente, com a vontade humana. Por exemplo, Lady Bradshaw. Fazia quinze anos que ela havia soçobrado. Nada que se pudesse apontar com precisão; não houvera nenhuma cena, nenhum clique; apenas a lenta submersão da vontade dela, totalmente à deriva, na dele. Doce era o seu sorriso, pronta a sua submissão; a ceia na Harley Street, perfazendo um total de oito ou nove pratos e alimentando dez ou quinze convidados das classes profissionais, era plácida e urbana. Apenas uma leve monotonia ou uma inquietação talvez, um trejeito nervoso, um tropeço, um tremor das mãos, um lapso indicavam, à medida que a noite avançava, aquilo que era realmente doloroso acreditar – que a pobre dama mentia. Outrora, havia muito tempo, ela pescara salmão livremente: agora, pronta a satisfazer o desejo de controle, de poder que fazia brilhar tão untuosamente os olhos do marido, ela se recolhia, se encolhia, se acanhava, se castrava, se retraía, olhava furtivamente; de maneira que sem saber precisamente o que tornava a noite desagradável e causava essa pressão no alto da cabeça (fato que poderia perfeitamente ser atribuído à conversa em torno de temas técnicos, ou ao cansaço de um grande médico cuja vida, como dizia Lady Bradshaw, “não lhe pertence, mas aos seus pacientes”), desagradável era o que ela de fato era: de maneira que os convidados, quando o relógio soava as dez horas, respiravam extasiados o ar da Harley Street; alívio que, entretanto, era negado aos seus pacientes.

Aí, nesse consultório cinzento, com os quadros nas paredes e os valiosos móveis, sob a claraboia de vidro fosco, eles tomavam conhecimento da extensão de suas transgressões; espremidos em poltronas, observavam-no executar, em seu benefício, um curioso exercício com os braços, que ele estendia e rapidamente recolhia, pousando-os junto aos quadris, para provar (se o paciente fosse obstinado) que Sir William era senhor de suas próprias ações, coisa que o paciente não era. Nesse ponto, alguns fracos desabavam; soluçavam, submetiam-se; outros, inspirados sabe Deus por qual imoderada loucura, diziam a Sir William, abertamente, que ele não passava de um miserável impostor; questionavam, ainda mais impiamente, a própria vida. Por que viver? perguntavam-lhe. Sir William replicava que a vida era boa. Com certeza, Lady Bradshaw, em seu boá de plumas de avestruz, pendia acima do consolo da lareira, e, quanto à renda dele, era, mais ou menos, de doze mil libras ao ano. Mas para nós, eles protestavam, a vida não proporcionara essa abundância. Ele concordava. Faltava-lhes o senso da proporção. E não era possível, afinal de contas, que não houvesse nenhum Deus? Ele dava de ombros. Em resumo, isso de viver ou não viver não é uma coisa da exclusiva conta de cada um? Mas nisso eles estavam enganados. Sir William tinha um amigo em Surrey, em cuja casa de saúde ensinavam aquilo que Sir William admitia ser uma difícil arte – o senso de proporção. Havia, além disso, a afeição familiar; a honra; a coragem; e uma brilhante carreira. Todas essas coisas tinham em Sir William um ardente defensor. Se elas lhe falhassem, ele seria obrigado a respaldar a polícia e o bem da sociedade que, ele salientava muito calmamente, cuidariam, lá em Surrey, para que esses impulsos antissociais, produzidos por falta de sangue bom, mais que por qualquer outra coisa, fossem mantidos sob controle. E, então, sub-repticiamente, saía do esconderijo e subia ao trono aquela Deusa cuja cobiça consistia em esmagar qualquer oposição, em estampar indelevelmente, nos santuários de outras, a sua própria imagem. Nus, indefesos, exaustos, os desamparados recebiam a marca da vontade de Sir William. Ele se lançava em cima da presa; ele devorava. Ele enclausurava as pessoas. Era essa combinação, feita de determinação e humanidade, que fazia com que Sir William fosse tão estimado pelas famílias de suas vítimas.

Mas Rezia Smith gritou, descendo a Harley Street, que não gostava daquele homem.

Retalhando e fatiando, dividindo e subdividindo, os relógios da Harley Street roíam este dia de junho, aconselhavam a submissão, chancelavam a autoridade e destacavam em coro as supremas vantagens de um senso de proporção, até que o montículo de tempo diminuía tanto que um relógio comercial, afixado na fachada de uma loja da Oxford Street, anunciou, cordial e fraternalmente, como se fosse um prazer para os sócios Rigby & Lowndes dar a informação graciosamente, que era uma e meia.

Erguendo-se os olhos, via-se que cada letra de seus nomes correspondia a uma das horas; subconscientemente, agradecia-se a Rigby & Lowndes por informarem uma hora que era ratificada por Greenwich; e essa gratidão (assim ruminava Hugh Whitbread, demorando-se diante da vitrine), naturalmente expressava-se, depois, na compra de meias ou sapatos da Rigby & Lowndes. Assim ruminava ele. Era o seu hábito. Não ia a fundo. Ficava na superfície; as línguas mortas, as vivas, a vida em Constantinopla, Paris, Roma; a equitação, a caça, o tênis tinham outrora lhe interessado. Asseveravam os maliciosos que agora ele montava guarda, em meias de seda e culotes, no Palácio de Buckingham, guardando ninguém sabia o quê. Mas ele se desempenhava com extrema eficiência. Vinha se mantendo à tona da nata da sociedade inglesa por cinquenta e cinco anos. Conhecera primeiros-ministros. Suas amizades eram reconhecidamente profundas. E, se era verdade que não participara de nenhum dos grandes movimentos da época, nem ocupara um alto posto, uma ou duas modestas reformas lhe eram devidas; a melhoria dos albergues públicos era uma delas; a proteção às corujas em Norfolk era outra; as moças que trabalhavam como criadas tinham motivo para lhe serem gratas; e o seu nome apostado ao final de cartas ao *Times*, reivindicando fundos, apelando ao público em favor de medidas de proteção e conservação, em favor da remoção do lixo, da redução do uso do fumo, da eliminação da imoralidade nos parques, infundia respeito.

Fazia, além disso, uma bela figura, parando por um instante (enquanto o som da batida da meia hora se dissolvia) para observar criticamente, professoralmente, as meias e os sapatos; impecável, imponente, como se

observasse o mundo de uma posição de superioridade, e vestido para a ocasião; mas compreendia as obrigações que a estatura, a riqueza, a saúde acarretam, e observava meticulosamente, mesmo quando não eram absolutamente necessárias, as pequenas gentilezas, as cerimônias antiquadas que imprimiam uma marca em seu estilo, algo a ser imitado, algo pelo qual ele seria lembrado, pois ele nunca iria almoçar, por exemplo, com Lady Bruton, a quem conhecia havia vinte anos, sem levar-lhe, nas mãos estendidas, um buquê de cravos e sem perguntar à Srta. Brush, secretária de Lady Bruton, por seu irmão na África do Sul, o que, por alguma razão, por mais desprovida que fosse de qualquer dos atributos da graça feminina, a melindrava tanto que ela dizia “Ele vai muito bem na África do Sul, obrigada”, quando fazia uma meia dúzia de anos que ele ia muito mal em Portsmouth.

A própria Lady Bruton preferia Richard Dalloway, que chegou no mesmo instante. Na verdade, os dois se encontraram à entrada da casa.

Lady Bruton, é óbvio, preferia Richard Dalloway. Ele era feito de uma matéria muito mais refinada. Mas ela não permitiria que rebaixassem o seu pobre e querido Hugh. Nunca conseguiria esquecer a gentileza que ele fizera – ele fora realmente de uma gentileza notável – precisamente em qual ocasião, ela esquecera. Mas ele fora – de uma gentileza notável. De qualquer maneira, a diferença entre um homem e outro não é muita. Nunca vira o sentido de ficar retalhando as pessoas, como fazia Clarissa Dalloway – retalhando-as e juntando-as novamente; não, em todo caso, quando se tem sessenta e dois anos. Recebeu os cravos de Hugh com o seu sorriso anguloso e severo. Não estava esperando mais ninguém, disse ela. Tinha feito com que viessem até ali sob falsos pretextos para ajudá-la a sair de uma dificuldade –

“Mas primeiro vamos comer”, disse.

E, assim, teve início aí, através das portas de vaivém, um silencioso e intenso movimento de entrada e saída de criadas de avental e touca branca, não como acólitas da necessidade, mas como exímias oficiantes de um mistério ou de um grandioso passe de mágica praticado pelas donas de casa de Mayfair, entre uma e meia e duas horas da tarde, quando, a um gesto da

mão, o trânsito para, e aí se instaura, em seu lugar, essa profunda ilusão, antes de tudo, relativamente à comida – de que não é comprada; e, depois, de que a mesa se põe sozinha, com cristais e prataria, delicados guardanapos, molheiras com frutas vermelhas; finas películas de um molho escuro mascaram o rodovalho; galinhas decepadas nadam em terrinas; colorido, indômito, o fogo arde; e com o vinho e o café (que não eram comprados), jucundas visões se erguem diante de olhos extasiados; olhos delicadamente curiosos; olhos para os quais a vida parece musical, misteriosa; olhos agora acesos para observar amavelmente a beleza dos cravos vermelhos que Lady Bruton (cujos movimentos eram sempre angulosos) pusera ao lado de seu prato, de maneira que Hugh Whitbread, sentindo-se em paz com todo o universo e, ao mesmo tempo, inteiramente seguro de sua posição, disse, pousando o garfo:

“Não ficariam graciosos junto às suas rendas?”

A Srta. Brush não gostou nada dessa familiaridade. Julgava-o um sujeito pouco polido. Ela fez com que Lady Bruton risse.

Lady Bruton ergueu os cravos, segurando-os um tanto rigidamente, quase com o mesmo gesto com que o General, no quadro às suas costas, segurava o rolo de pergaminho; ela se manteve imóvel, absorta. O que ela era mesmo do General: bisneta, trineta? perguntou-se Richard Dalloway. Sir Roderick, Sir Miles, Sir Talbot – era isso. Era impressionante como, nessa família, era às mulheres que a semelhança se transmitia. Ela própria deveria ter chegado ao posto de generalato dos dragões. E Richard teria, de bom grado, servido sob as suas ordens; tinha o maior respeito por ela; ele alimentava essas visões românticas a respeito dessas velhas damas de alta linhagem que tinham uma posição firme, e teria gostado, à sua bem-humorada maneira, de trazer alguns desses fogosos jovens de suas relações para almoçar com ela; como se uma pessoa da têmpera dela pudesse descender de plácidos adeptos da arte de tomar chá! Ele conhecia o lugar de onde ela vinha. Ele conhecia sua família. Havia uma parreira, ainda fértil, à sombra da qual Lovelace ou Herrick – ela própria nunca havia lido uma única linha de poesia, mas essa era a história que contavam – havia se sentado. Melhor esperar para colocar-lhes a questão que a preocupava (a

respeito da oportunidade de se fazer um apelo à opinião pública; e, em caso positivo, de como fazê-lo e assim por diante), melhor esperar até que tivessem terminado o seu café, pensou Lady Bruton; e pôs, assim, os cravos ao lado do seu prato.

“Como está Clarissa?”, perguntou de repente.

Clarissa sempre dizia que Lady Bruton não gostava dela. De fato, Lady Bruton tinha a reputação de estar mais interessada em política do que nas pessoas; de falar como um homem; de ter tido um papel em alguma famosa intriga dos anos oitenta, que só agora começava a ser mencionada em alguns livros de memórias. O certo é que havia uma alcova junto à sala de estar, e, nessa alcova, uma mesa, e, sobre essa mesa, uma fotografia do General Sir Talbot Moore, já falecido, que aí escrevera (numa noite dos anos oitenta), em presença de Lady Bruton, com seu conhecimento e talvez a seu conselho, um telegrama ordenando, num momento histórico, o avanço das tropas britânicas. (Ela conservava a caneta e contava a história.) Assim, quando dizia, no seu intempestivo estilo, “Como está Clarissa?”, os maridos tinham dificuldade para convencer as esposas – e, na verdade, embora devotados, eles próprios tinham secretamente dúvidas a esse respeito – do interesse dela por mulheres que frequentemente constituíam um estorvo para os maridos, que não permitiam que eles aceitassem postos no exterior, e que tinham de ser levadas ao litoral, em meio às sessões do Parlamento, para se recuperar de alguma gripe. Entretanto, a sua pergunta “Como está Clarissa?” era infalivelmente percebida pelas mulheres como um sinal vindo de uma pessoa que se importava com elas, de uma companheira quase silenciosa, cujas frases (talvez uma meia dúzia no curso de uma vida inteira) significavam o reconhecimento de algum companheirismo feminino que percorria subterraneamente esses almoços masculinos e ligava, em virtude de um vínculo singular, Lady Bruton e a Sra. Dalloway, que raramente se encontravam e, quando isso acontecia, se mostravam indiferentes e até mesmo hostis.

“Encontrei Clarissa no Parque esta manhã”, disse, atirando-se à terrina, Hugh Whitbread, ansioso por prestar a si próprio esse pequeno tributo, pois bastava chegar a Londres para encontrar todo mundo de uma só vez;

mas voraz, um dos homens mais vorazes que jamais conhecera, pensou Milly Brush, que examinava os homens com inflexível rigor, mas que, engrumada, bexiguenta e angulosa como era, e sem nenhuma graça feminina, era capaz de um devotamento eterno, em especial às pessoas de seu próprio sexo.

“Sabem quem está na cidade?”, perguntou, ocorrendo-lhe de repente, Lady Bruton. “Nosso velho amigo, Peter Walsh.”

Todos sorriram. Peter Walsh! E o Sr. Dalloway estava genuinamente feliz, pensou Milly Brush; enquanto o Sr. Whitbread pensava apenas no seu pedaço de galinha.

Peter Walsh! Todos os três, Lady Bruton, Hugh Whitbread e Richard Dalloway, lembraram-se da mesma coisa – quão intensamente Peter estivera apaixonado; como fora rejeitado; fora embora para a Índia; fora um fiasco; pusera tudo a perder; e Richard Dalloway também tinha uma enorme afeição pelo bom e velho camarada. Milly Brush viu aquilo; viu uma profundidade no castanho de seus olhos; viu-o hesitar; refletir; coisas que a interessavam, tal como o Sr. Dalloway sempre a interessava, pois o que estaria ele pensando, perguntou-se, a respeito de Peter Walsh?

Que Peter Walsh estivera apaixonado por Clarissa; que ele voltaria diretamente para casa após o almoço e encontraria Clarissa; que lhe diria, com todas as letras, que a amava. Sim, era o que diria.

Milly Brush talvez tenha chegado perto, outrora, de se apaixonar por esses silêncios; e o Sr. Dalloway era sempre tão confiável; e tão cavalheiro também. Agora, aos quarenta, Lady Bruton tinha apenas que balançar a cabeça ou voltá-la para o lado um pouco energicamente, e Milly Brush captava o sinal, por mais profundamente que estivesse mergulhada nessas reflexões de um espírito desprendido, de uma alma incorrupta a quem a vida não podia ludibriar, porque a vida não a tinha presenteado com nada que tivesse o mínimo valor; uns cacheados, um sorriso, uns lábios, um rosto, um nariz; nada de nada; bastava Lady Bruton balançar a cabeça e Perkins estava instruído a apressar o café.

“Sim; Peter Walsh voltou”, disse Lady Bruton. Isso era vagamente lisonjeiro para eles todos. Arrasado, fracassado, ele voltara para as suas

seguras praias. Mas quanto a ajudá-lo, refletiram, era impossível; havia algum tipo de falha em seu caráter. Hugh Whitbread disse que se podia naturalmente recomendar seu nome a fulano ou sicrano. Ele franziu lugubrememente a testa, dando-se importância, ao pensamento das cartas que teria de escrever aos chefes das repartições governamentais a respeito de “meu velho amigo, Peter Walsh”, etcétera e tal. Mas isso não levaria a nada – a nada de permanente, em virtude do seu caráter.

“Complicações com alguma mulher”, disse Lady Bruton. Tinham todos adivinhado que era *isso* que estava na raiz do problema.

“Entretanto”, disse Lady Bruton, ansiosa por mudar de assunto, “ouviremos a história toda do próprio Peter.”

(O café estava custando a chegar.)

“O endereço?”, murmurou Hugh Whitbread; e uma onda se propagou pela cinzenta maré de serviços que se formava ao redor de Lady Bruton dia após dia, recolhendo-a, interceptando-a, envolvendo-a num tecido fino que amortecia os choques, atenuava as interrupções, e estendia em torno da casa da Brook Street uma fina rede na qual as coisas se depositavam e eram recolhidas precisamente, instantaneamente, pelo grisalho Perkins, que estivera com Lady Bruton nesses trinta anos e agora escrevia o endereço num pedaço de papel, passando-o ao Sr. Whitbread, que tirou sua carteira, ergueu as sobrelhas e, escorregando-o entre documentos de enorme importância, disse que ia encarregar Evelyn de convidá-lo para um almoço.

(Estavam esperando para trazer o café assim que o Sr. Whitbread tivesse terminado.)

Hugh era muito lento, pensou Lady Bruton. Estava ficando gordo, notou ela. Richard, por sua vez, se mantinha sempre em forma. Ela estava ficando impaciente; o conjunto de seu ser estava se concentrando, decididamente, inegavelmente, imperativamente, pondo de lado toda essa inútil ladainha (Peter Walsh e seus casos), no assunto que envolvia a sua atenção, e não apenas a atenção, mas sobretudo aquela fibra que era o centro de sua alma, aquilo que era a sua parte essencial e sem a qual Millicent Bruton não teria sido Millicent Bruton; aquele projeto para enviar jovens de ambos os sexos, filhos de pais respeitáveis, como

emigrantes para o Canadá, fixando-os com uma razoável expectativa de sucesso. Ela exagerava. Perdera, talvez, seu senso de proporção. A emigração não era, para outras pessoas, o remédio óbvio, a concepção sublime. Não constituía, para essas pessoas (não para Hugh, ou Richard, ou mesmo para a devotada Srta. Brush), a libertação do contido egoísmo que uma mulher forte e marcial, bem nutrida, bem-nascida, de impulsos diretos, de sentimentos francos, de pouca capacidade introspectiva (simples e sem rodeios – por que não podiam ser todos simples e sem rodeios? perguntava-se) sente crescer dentro de si, uma vez passada a juventude, e que deve ser descarregado em algum objeto – pode ser a Emigração, pode ser a Emancipação; mas, seja qual for, esse objeto em torno do qual a essência da sua alma é diariamente secretada torna-se inevitavelmente prismático, brilhante, metade espelho, metade pedra preciosa; ora cuidadosamente disfarçado, se for alvo de ridículo; ora orgulhosamente exibido. Em suma, a Emigração tornara-se, em grande parte, a própria Lady Bruton.

Mas ela tinha que escrever. E uma carta ao *Times*, costumava dizer à Srta. Brush, custava-lhe mais do que organizar uma expedição à África do Sul  (o que ela fizera durante a guerra). Após uma batalha matinal, que consistia em começar a escrever, rasgar, começar novamente, ela costumava sentir, como em nenhuma outra ocasião, a futilidade de sua própria condição feminina, e voltava, de bom grado, o seu pensamento para Hugh Whitbread, que dominava – ninguém podia duvidar – a arte de escrever cartas ao *Times*.

Um ser constituído de maneira tão diferente dela, com esse domínio da língua; capaz de apresentar as coisas como os editores gostam que elas sejam apresentadas; esse ser tinha paixões que não podiam ser simplesmente chamadas de voracidade. Lady Bruton frequentemente evitava fazer julgamentos a respeito de homens, em consideração ao misterioso acordo que existe entre eles e as leis do universo e do qual as mulheres estão excluídas; eles sabiam como apresentar as coisas; sabiam o que estavam dizendo; de modo que, se Richard a aconselhasse e Hugh escrevesse por ela, ela estaria, de alguma maneira, certa de estar fazendo tudo como se deve. Deixou, pois, que Hugh comesse o seu suflê;

perguntou pela pobre Evelyn; esperou que começassem a fumar, e então disse:

“Milly, poderia pegar os papéis?”

E a Srta. Brush saiu, voltou; pôs os papéis sobre a mesa; e Hugh tirou a sua caneta-tinteiro; a caneta-tinteiro de prata, que estava em serviço havia vinte anos, disse ele, desenroscando a tampa. Estava ainda em perfeita ordem; ele a tinha mostrado aos fabricantes; não havia qualquer razão, disseram eles, para que não durasse para sempre; o que, de alguma maneira, lhe devia ser creditado e aos sentimentos que sua caneta expressava (assim sentia Richard Dalloway), enquanto Hugh começava a escrever cuidadosamente, na margem do papel, em letras versais com arabescos em volta, maravilhosamente restituindo, assim, o emaranhado de Lady Bruton à razão e à gramática, de uma maneira tal que o diretor do *Times*, sentiu Lady Bruton, vendo a maravilhosa transformação, não teria como não respeitar. Hugh era lento. Hugh era persistente. Richard disse que se devia correr riscos. Hugh propôs modificações, em respeito aos sentimentos das pessoas, os quais, disse ele, causticamente, quando Richard riu, “tinham de ser considerados”, e leu em voz alta “como, por conseguinte, somos da opinião de que os tempos estão maduros... a supérflua juventude de nossa sempre crescente população... aquilo que aos mortos devemos...”, o que, para Richard, era tudo discursiva e lengalenga, mas inofensivo, naturalmente, e Hugh foi adiante, dando forma, em ordem alfabética, a sentimentos da mais alta nobreza, desfazendo-se da cinza do charuto que caía no colete e recapitulando, de vez em quando, o progresso que haviam feito, até que, finalmente, leu em voz alta o rascunho de uma carta que Lady Bruton tinha certeza de que era uma obra-prima. Como era possível que o seu próprio pensamento soasse daquele jeito?

Hugh não podia garantir que o diretor iria publicar; mas ele tinha um almoço marcado com uma pessoa.

Ao que Lady Bruton, que raramente fazia alguma coisa graciosa, enfeixou todos os cravos de Hugh no decote do vestido e, atirando as mãos para o alto, exclamou “Meu Primeiro-Ministro!”. Não sabia o que teria feito sem os dois. Eles se levantaram. E Richard Dalloway afastou-se, como

de costume, para observar o retrato do General, porque pretendia, assim que tivesse alguma folga, escrever a história da família de Lady Bruton.

E Millicent Bruton tinha muito orgulho de sua família. Mas eles podiam esperar, eles podiam esperar, disse ela, olhando para o quadro; querendo dizer que sua família, feita de militares, governadores coloniais, almirantes, tinha sido uma família de homens de ação, que tinham cumprido com o seu dever; e o primeiro dever de Richard era para com o seu país, mas era uma bela figura, disse ela; e todos os papéis estavam prontos para Richard, lá em Aldmixton, quando chegasse a hora; do Governo Trabalhista, era o que queria dizer. ← “Ah, as notícias da Índia”, exclamou.

E, depois, quando estavam em pé no vestíbulo, pegando suas luvas amarelas de uma bandeja na mesa de malaquita, e Hugh oferecia à Srta. Brush, com uma cortesia um tanto exagerada, um bilhete de teatro que não pretendia usar ou algum outro brinde, coisa que ela odiava do fundo do coração e que a deixou toda vermelha, Richard, com o chapéu na mão, voltou-se para Lady Bruton e disse:

“Nós a veremos em nossa festa de hoje à noite?”, ao que Lady Bruton reassumiu a imponência que o envolvimento com a carta havia quebrado. Poderia ir; ou não. Clarissa tinha uma energia extraordinária. Festas deixavam Lady Bruton aterrorizada. Mas, o que fazer, estava ficando velha. Foi o que deu a entender, parada na soleira da porta; bonita; toda aprumada; enquanto seu chow-chow se espreguiçava atrás dela, e a Srta. Brush desaparecia no fundo, com as mãos cheias de papéis.

E Lady Bruton subiu, gravemente, majestosamente, para o seu quarto, deitando-se, com um braço estendido, no sofá. Ela suspirava, ela ressonava, não porque tivesse caído no sono, estava apenas sonolenta e pesada, sonolenta e pesada, como um campo de trevos ao sol neste quente dia de junho, com as abelhas esvoaçando para lá e para cá e com as borboletas amarelas. Ela sempre voltava àqueles campos lá em Devonshire, onde atravessara os arroios montada em seu pônei Patty, na companhia de Mortimer e Tom, seus irmãos. E havia os cães; havia os ratos; havia o pai e a mãe no gramado, sob as árvores, com o serviço do chá ao redor e os

canteiros de dalias, as malvas-rosa, o capim-do-pampa; e eles, os pestinhas, sempre prontos para alguma travessura! metendo-se no meio do mato para não serem vistos, enlameados do jeito que estavam por causa de alguma molecagem. E o que a velha ama costumava dizer a respeito dos vestidos dela!

Oh, santo Deus, lembrou-se ela – era quarta-feira na Brook Street. Aqueles dois bons sujeitos, Richard Dalloway, Hugh Whitbread, tinham tomado, neste dia quente, o caminho das ruas cujo rugido chegava até ela, estendida no sofá. Ela tinha poder, posição, riqueza. Vivera na linha de frente de sua época. Tivera bons amigos; conhecera os homens mais capazes de seu tempo. A murmurante Londres subia, em ondas, até ela, e sua mão, repousada nas costas do sofá, cerrava-se em torno de algum imaginário bastão como o que teriam empunhado os seus antepassados, com o qual, sonolenta e pesada, ela parecia comandar batalhões que marchavam em direção ao Canadá e aqueles bons sujeitos que caminhavam por Londres, por esse território que lhes pertencia, por essa pequena faixa de tapete, Mayfair.

E dela se afastavam cada vez mais, porém ainda (por terem almoçado em sua casa) ligados a ela por um tênue fio que esticava e esticava, que ficava mais e mais tênue à medida que eles caminhavam por Londres; como se os amigos, após termos almoçado com eles, continuassem ligados ao corpo da gente por um tênue fio, que (enquanto ela cochilava ali) tornava-se esbatido com o som dos sinos, batendo a hora ou anunciando os ofícios religiosos, tal como a teia de uma aranha solitária fica encharcada com as gotas de chuva e, sobrecarregada, desaba. Assim ela adormeceu.

E, na esquina da Conduit Street, no exato momento em que Millicent Bruton, ressonando estendida no sofá, deixava o fio se partir, Richard Dalloway e Hugh Whitbread não sabiam bem o que fazer. Ventos contrários se fustigavam na esquina da rua. Estavam olhando a vitrine de uma loja; não queriam comprar ou conversar, apenas se despedir, mas, com ventos contrários fustigando a esquina, com alguma espécie de intervalo nas marés do corpo – duas forças, manhã e tarde, cruzando-se num redemoinho – eles fizeram uma pausa. Um cartaz de notícias ergueu-se no

ar, galantemente, como uma pandorga no começo, desacelerando depois, mergulhando, rodopiando; e o véu de uma senhora se soltou. Toldos amarelos eram sacudidos. A velocidade do trânsito matutino perdia força, e algumas poucas carroças chocalhavam preguiçosamente por ruas semidesertas. Em Norfolk, cuja imagem cruzou o pensamento de Richard Dalloway, um vento morno revirava as pétalas das flores; encrespava as águas; despenteava o relvado verdejante. Os ceifadores de feno, que, após a faina da manhã, tinham se abrigado à sombra das sebes para um rápido cochilo, descerravam cortinas de folhas verdes; afastavam com as mãos as ondulantes copas de ervas-cicutárias para ver o céu; o azul, o firme, o ardente céu de verão.

Embora consciente de que estava olhando uma caneca de prata de asa dupla da época de James I, e de que Hugh Whitbread admirava condescendentemente, com ares de conhecedor, um colar espanhol cujo preço pensava em perguntar para o caso de Evelyn gostar dele – ainda assim, Richard estava em estado de torpor; não conseguia pensar nem se mover. A vida despejara na praia esses despojos de um naufrágio; as vitrines cheias de vidrilhos coloridos, e a gente ali estacado com a letargia dos velhos, empertigado com a letargia dos velhos, examinando. Evelyn Whitbread talvez gostasse de adquirir esse colar espanhol – realmente gostaria. Ele precisava bocejar. Hugh estava entrando na loja.

“Você está certo!”, disse Richard, seguindo-o.

Sabe Deus que ele não queria ir comprar colares com Hugh. Mas o corpo tem seus próprios cursos. A manhã encontra a tarde. Levados como uma frágil chalupa por fortes, fortes fluxos, o bisavô de Lady Bruton e suas memórias e suas campanhas na América do Norte fizeram água e afundaram. E Millicent Bruton também. Foi a pique. Richard não dava a mínima para o que acontecesse com a Emigração; ou se o diretor ia publicar aquela carta ou não. O colar pendia, estendido, entre os admiráveis dedos de Hugh. Se ele tiver que comprar joias, que as dê a uma moça – qualquer moça, qualquer moça na rua. Pois a insignificância desta vida revelou-se a Richard com toda a força – comprar colares para Evelyn.

Se tivesse um filho homem, diria: Trabalhe, trabalhe. Mas ele tinha a sua Elizabeth; adorava a sua Elizabeth.

“Gostaria de falar com o Sr. Dubonnet”, disse Hugh, no seu incisivo estilo de homem do mundo. Aparentemente, o tal Dubonnet tinha as medidas do colo da Sra. Whitbread e, mais estranhamente ainda, conhecia as suas opiniões a respeito da joalheria espanhola e o que ela já possuía nesse estilo (coisa de que Hugh não conseguia se lembrar). Tudo isso parecia a Richard Dalloway terrivelmente esquisito. Pois ele nunca dava presentes a Clarissa, exceto um bracelete, há dois ou três anos, que não tinha sido um sucesso. Ela nunca o usou. Doía-lhe lembrar-se de que ela nunca o usara. E, assim como a teia de uma aranha solitária, depois de balançar para cá e para lá, prende-se à ponta de uma folha, a mente de Richard, recobrando-se de sua letargia, fixava-se agora em sua mulher, Clarissa, a quem Peter Walsh amara tão apaixonadamente; e Richard tivera uma súbita visão dela, em casa, ao almoço; dele próprio e de Clarissa; da vida que tinham juntos; e puxou a bandeja de joias antigas em sua direção e, pegando primeiro este broche, depois aquele anel, perguntou “Quanto custa?”, mas duvidava de seu próprio gosto. Ele queria abrir a porta da sala e entrar segurando alguma coisa; um presente para Clarissa. Mas o quê? Hugh, entretanto, se reaprumara. Estava indescritivelmente pomposo. Realmente, após ter feito negócios aqui por trinta e cinco anos, não ia se deixar desconcertar por um simples garoto que não conhecia o seu ofício. Pois Dubonnet, ao que parecia, tinha saído, e Hugh não ia comprar nada até que o Sr. Dubonnet se dignasse a aparecer; ao que o jovem enrubesceu e inclinou-se em sua correta e leve inclinação. Estava tudo perfeitamente correto. E, contudo, Richard não seria capaz de dizer uma coisa dessas nem para salvar a sua vida! Por que as pessoas suportavam tamanha insolência era algo que ele não podia compreender. Hugh estava se tornando um imbecil insuportável. Richard Dalloway não era capaz de suportar mais que uma hora em sua companhia. E, erguendo o chapéu-coco à guisa de despedida, Richard dobrou a esquina da Conduit Street, ansioso, sim, muito ansioso, por trilhar aquela teia de aranha que era a ligação entre ele e Clarissa; iria direto ao seu encontro, em Westminster.

Mas ele queria chegar com alguma coisa nas mãos. Flores? Sim, flores, pois não confiava no seu gosto em matéria de ourivesaria; qualquer quantidade de flores, rosas, orquídeas, para comemorar aquilo que era, olhando-se as coisas do ângulo que se quisesse, um evento; esse sentimento por ela quando falaram de Peter Walsh durante o almoço; e eles nunca falavam sobre isso; durante anos não falaram sobre isso; o que, pensou, segurando com força suas rosas brancas e vermelhas (um enorme buquê envolvido em papel de seda), é o maior dos erros do mundo. Chega uma hora em que não é mais possível dizê-lo; somos muito tímidos para dizê-lo, pensou, embolsando suas duas ou três moedas de troco e tomando, com seu enorme buquê apertado contra o peito, a direção de Westminster, para dizer, sem rodeios e sem meias palavras (não importando o que ela fosse pensar dele), estendendo-lhe as suas flores: “Eu te amo”. Por que não? Realmente, era um milagre quando se pensava na guerra, e nos milhares de pobres coitados, com toda uma vida pela frente, jogados numa vala comum, já quase esquecidos; era um milagre. Aqui estava ele, caminhando por Londres para dizer a Clarissa, com todas as palavras, que a amava. Aquilo que nunca realmente dizemos, pensou. Em parte, porque somos preguiçosos; em parte, porque somos tímidos. E Clarissa – era difícil pensar nela; a não ser num lampejo, como no almoço, quando a viu muito claramente; toda a vida deles. Parou no cruzamento; e repetiu – simples como era, por natureza, e incorrupto, porque andara pelos campos e caçara; pertinaz e obstinado como era, tendo abraçado a causa dos oprimidos e seguido seus instintos na Câmara dos Comuns; conservara a sua simplicidade, mas se tornara, ao mesmo tempo, um tanto lacônico, um tanto formal – repetiu que era um milagre ter se casado com Clarissa; um milagre – sua vida tinha sido um milagre, pensou; estava em dúvida se atravessava a rua. Mas o sangue fervia-lhe nas veias ao ver pequenas criaturas de cinco ou seis anos atravessando a Piccadilly sozinhas. O guarda deveria ter parado o trânsito imediatamente. Não tinha nenhuma ilusão a respeito da polícia de Londres. Na verdade, estava juntando provas de suas negligências; e aqueles vendedores de frutas e verduras, aos quais não se devia permitir que estacionassem suas carroças nas ruas; e as prostitutas,

bom Deus, a culpa não era delas, nem dos jovens que as procuravam, mas de nosso detestável sistema social e assim por diante; em tudo isso ele pensava, ele podia ser observado pensando nisso tudo, grisalho, decidido, elegante, asseado, enquanto atravessava o Parque para dizer à sua mulher que a amava.

Pois ele o diria com todas as letras quando entrasse na sala. Porque é uma grande pena não dizermos nunca o que sentimos, pensou, atravessando o Green Park e observando com prazer famílias inteiras, famílias pobres, estendidas à sombra das árvores; crianças esticando as pernas; tomando leite; sacos de papel espalhados pelo chão, que poderiam ser facilmente recolhidos (caso alguém achasse ruim) por um daqueles homens gordos de uniforme; pois ele era da opinião de que todos os parques, e todas as praças, deveriam permanecer abertos às crianças durante o verão (a grama do parque ganhava e perdia cor, como se uma lâmpada amarela estivesse passando por debaixo, iluminando as mães pobres de Westminster e seus bebês de gatinhas pelo chão). Mas o que podia ser feito em prol de mulheres errantes como aquela pobre criatura, estendida sobre a grama, apoiada nos cotovelos (como se, livre de todos os laços, tivesse se jogado sobre a terra para observar inquisitivamente, pensar atrevidamente, julgar os porquês e os portantos, impudente, desbocada, debochada), ele não sabia. Segurando suas flores como uma arma, Richard Dalloway chegou perto dela; absorto, ultrapassou-a; ainda assim houve tempo suficiente para que uma centelha passasse entre eles – ela riu ao vê-lo, ele sorriu afavelmente, pensando no problema da mulher errante; não que fossem, de modo algum, conversar. Mas ele diria a Clarissa, com todas as letras, que a amava. Ele sentira, outrora, ciúmes de Peter Walsh; ciúmes dele e de Clarissa. Mas ela lhe dissera várias vezes que estivera certa em não ter se casado com Peter Walsh; o que, conhecendo Clarissa, era obviamente verdade; ela queria apoio. Não que fosse fraca; mas queria apoio.

Quanto ao Palácio de Buckingham (como uma velha prima-dona toda de branco confrontando o público), não se lhe pode negar certa dignidade, avaliou ele, nem se desprezar aquilo que de fato é, afinal, para milhões de pessoas (uma pequena multidão estava esperando junto ao portão para ver

o Rei saindo de carro), um símbolo, por absurdo que seja; uma criança com uma caixa de cubos teria conseguido fazer coisa melhor, pensou; observando o memorial à Rainha Vitória (da qual ainda se lembrava, com seus óculos de aro de tartaruga, sendo conduzida em carruagem através de Kensington), seu pedestal branco, sua ondulante maternalidade; mas ele gostava de ser governado pelos descendentes de Horsa; gostava da continuidade; e do sentimento de estar passando adiante as tradições do passado. Era uma grande época para se viver. Na verdade, sua própria vida era um milagre; que ele não se enganasse a respeito; aqui estava ele, no auge da vida, caminhando em direção à sua casa em Westminster para dizer a Clarissa que a amava. A felicidade é isso, pensou.

É isso, disse, entrando em Dean's Yard. ← O Big Ben começava a bater, primeiro o aviso, musical; depois a hora, irrevogável. Almoços festivos consomem toda a tarde, pensou, chegando à porta.

O som do Big Ben inundou a sala de estar de Clarissa, onde estava sentada em sua escrivaninha, muito chateada; preocupada; chateada. Era bem verdade que não tinha convidado Ellie Henderson para a sua festa; mas fora de propósito. Ora, a Sra. Marsham escreveu que “tinha dito a Ellie Henderson que intercederia junto à Clarissa... Ellie gostaria tanto de vir”.

Mas por que deveria convidar todas as mulheres enfadonhas de Londres para suas festas? Por que a Sra. Marsham tinha que interferir? E Elizabeth trancada esse tempo todo com Doris Kilman. Não podia imaginar coisa mais repugnante. Em oração a essa hora com aquela mulher. E o som do sino inundou a sala com a sua onda melancólica; que se recolheu, e se recompôs para avançar novamente, quando ela ouviu, distraidamente, alguma coisa tateando, alguma coisa raspando a porta. Quem seria a essa hora? Eram três horas, meu Deus! Já eram três horas! Pois, com irresistível resolução e dignidade, o relógio bateu as três horas; e ela não ouviu mais nada; mas a maçaneta da porta se moveu e ali estava Richard! Que surpresa! Ali estava Richard, segurando flores. Ela o tinha desapontado uma vez, em Constantinopla; e Lady Bruton, cujos almoços eram considerados extraordinariamente divertidos, não a convidara. Ele estava oferecendo-lhe

flores – rosas, rosas vermelhas e brancas. (Mas ele não conseguia dizer que a amava; não com todas as letras.)

Mas que lindas, disse ela, pegando as flores. Ela compreendeu; ela compreendeu sem que ele falasse; sua Clarissa. Ela as colocou em vasos sobre a lareira. Como ficaram lindas! disse. E foi divertido? perguntou. Lady Bruton tinha perguntado por ela? Peter Walsh estava de volta. A Sra. Marsham tinha escrito. Deveria ela convidar Ellie Henderson? A tal Kilman estava lá em cima.

“Mas vamos nos sentar por uns cinco minutos”, disse Richard.

Tudo parecia tão vazio. Todas as cadeiras estavam contra a parede. O que andaram fazendo? Ah, era para a festa; não, não esquecera, a festa. Peter Walsh estava de volta. Ah, sim; ela o recebera. E ele ia conseguir um divórcio; e estava apaixonado por alguma mulher lá. E não mudara um milímetro. Ali estava ela, remendando o vestido...

“Pensando em Bourton”, disse ela.

“Hugh estava no almoço”, disse Richard. Ela também o encontrara! Bem, ele estava ficando absolutamente intolerável. Comprando colares para Evelyn; mais gordo do que nunca; um imbecil insuportável.

“E me passou pela cabeça ‘Eu poderia ter me casado com você’”, disse ela, pensando em Peter sentado ali com sua gravatinha borboleta; abrindo e fechando aquele canivete. “Exatamente como ele sempre foi, você sabe.”

Haviam falado sobre ele durante o almoço, disse Richard. (Mas ele não conseguia dizer-lhe que a amava. Segurou-lhe a mão. Felicidade é isto, pensou.) Estiveram escrevendo uma carta para o *Times*, a pedido de Millicent Bruton. Era só para isso que Hugh servia.

“E nossa querida Srta. Kilman?”, ele perguntou. Clarissa achou as rosas absolutamente lindas; primeiro, todas bem juntinhas num maço; agora começando, por si só, a se separar.

“Kilman chega assim que terminamos de almoçar”, disse ela. “Elizabeth fica toda ruborizada. Trancam-se no quarto. Acho que estão rezando.”

Meu Deus! Ele não gostava nada disso; mas essas coisas passam sem que precisemos fazer nada.

“Numa capa de chuva, com um guarda-chuva”, disse Clarissa.

Ele não dissera “Eu te amo”; mas segurou a sua mão. A felicidade é isto, é isto, pensou.

“Mas por que devo convidar todas as mulheres enfadonhas de Londres para minhas festas?”, disse Clarissa. E se a Sra. Marsham desse uma festa, deixaria que *ela* escolhesse quem convidar?

“Pobre Ellie Henderson”, disse Richard – era muito estranho o quanto Clarissa se preocupava com suas festas, pensou.

Mas Richard não tinha a mínima noção de como um salão devia ser decorado. Mas – o que ele ia dizer?

Se essas festas a preocupavam, ele não ia permitir que ela as desse. Ela queria ter se casado com Peter? Mas ele tinha que sair.

Tinha que sair, ele disse, levantando-se. Mas deteve-se por um momento, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa; e ela se perguntou o quê. Por quê? Ali estavam as rosas.

“Alguma comissão?”, perguntou, enquanto ele abria a porta.

“Os armênios”, disse ele; ou talvez fossem “os albaneses”.

E há uma dignidade nas pessoas; uma solitude; mesmo entre marido e mulher, um abismo; e isso deve ser respeitado, pensou Clarissa, observando-o abrir a porta; pois não é algo de que a gente possa se desfazer, nem tampouco tirar do marido contra a sua vontade, sem perder a própria independência, o autorrespeito – algo, enfim, sem preço.

Ele voltou com um travesseiro e uma coberta.

“Uma hora de completo repouso após o almoço”, disse. E foi-se embora.

Era bem dele! Continuaria dizendo “Uma hora de completo repouso após o almoço” até o fim dos séculos, porque um médico tinha uma vez recomendado. Era bem dele levar ao pé da letra o que diziam os médicos; fazia parte de sua adorável, divina simplicidade, que ninguém tinha no mesmo grau; que o fazia sair e resolver o que tinha de resolver, enquanto ela e Peter desperdiçavam o tempo discutindo. Já estava a meio caminho da Câmara dos Comuns, dos seus armênios, dos seus albaneses, após tê-la deixado acomodada no sofá, observando as rosas que lhe dera. E as pessoas diriam: “Clarissa Dalloway está mal-acostumada”. Ela dava muito mais

importância às suas rosas do que aos armênios. Exterminados, estropiados, enregelados, vítimas da crueldade e da injustiça ← (escutara Richard dizê-lo vezes e vezes sem conta) – não, não podia sentir nada pelos albaneses, ou eram os armênios? mas ela amava as suas rosas (isso não ajudava os armênios?) – as únicas flores que suportava ver cortadas. Mas Richard já estava na Câmara dos Comuns; em sua comissão, já tendo resolvido todas as dificuldades dela. Mas, não; infelizmente, não era verdade. Ele não compreendeu as suas razões para não convidar Ellie Henderson. Iria fazê-lo, naturalmente, porque ele o desejava. Já que ele tinha trazido os travesseiros, ela ia se deitar... Mas – mas – por que de repente se sentia, por nenhuma razão que pudesse adivinhar, desesperadamente infeliz? Como uma pessoa que deixou cair uma conta de pérola ou um diamante na grama e muito cuidadosamente afasta os talos mais crescidos para um lado e outro, e procura em vão aqui e ali, e finalmente a avista lá, junto às raízes, assim também ela passou e repassou uma coisa e outra; não, não era por Sally Seton ter dito que Richard nunca faria parte do Gabinete de Ministros porque tinha um cérebro de segunda classe (lembrou-se disso); não, isso não a incomodou; tampouco tinha a ver com Elizabeth e Doris Kilman; eram fatos. Era uma sensação, uma sensação desagradável, no começo da manhã, talvez; algo que Peter dissera, combinado com alguma crise da sua depressão, enquanto tirava o chapéu no quarto; e o que Richard dissera tinha agravado isso, mas o que ele dissera mesmo? Havia as rosas que lhe dera. As festas dela! Era isso! As festas dela! Ambos a criticaram muito deslealmente, riram dela muito injustamente, por causa das suas festas. Era isso! Era isso!

Bem, como ia se defender? Agora que sabia do que se tratava, se sentiu perfeitamente feliz. Eles pensavam, ou ao menos Peter pensava, que ela gostava de se impor; gostava de ter gente famosa ao redor; grandes nomes; em suma, era simplesmente uma esnobe. Bem, Peter podia pensar assim. Richard apenas pensava ser tolice de sua parte gostar de animação quando isso era ruim para o coração dela. Era infantil, pensava ele. E estavam ambos errados. Ela simplesmente gostava da vida.

“É por isso que as dou”, disse, falando em voz alta, à vida.

Por estar recostada no sofá, recolhida, desimpedida, a presença dessa coisa que sentia ser tão óbvia tornou-se fisicamente existente; coberta com mantos do som da rua, ensolarada, com um sopro ardente, murmurando, enfunando as cortinas. Mas suponha que Peter lhe dissesse: “Sim, sim, mas as suas festas – qual é o sentido das suas festas?”, tudo o que poderia dizer era (e não se podia esperar que alguém compreendesse): Elas são uma oferenda; o que soava terrivelmente vago. Mas quem era Peter para sugerir que a vida não passava de um mar de rosas? – Peter sempre apaixonado, sempre apaixonado pela mulher errada? O que é o amor para você? podia perguntar-lhe. E ela sabia qual seria a resposta; que o amor é a coisa mais importante do mundo e que possivelmente nenhuma mulher compreenderia isso. Muito bem. Mas, da mesma forma, podia algum homem compreender o que ela queria dizer? sobre a vida? Não podia imaginar Peter ou Richard dando-se ao trabalho de dar uma festa a pretexto de nada.

Mas para ir mais a fundo, além do que as pessoas diziam (e essas opiniões, como eram superficiais, como eram fragmentárias!), o que significava para ela, em sua própria mente, neste momento, essa coisa que chamava de vida? Ah, era muito estranho. Aqui estava algum sujeito em South Kensington; outro lá em Bayswater; e mais outro, digamos, em Mayfair. E ela sentia muito continuamente ← uma sensação da existência deles; e sentia que desperdício; e sentia que pena; e sentia se ao menos pudessem se reunir, assim ela o fez. E era uma oferenda; combinar, criar; mas para quem?

Uma oferenda pelo simples prazer de oferecer, talvez. De qualquer maneira, esse era o seu dom. Não tinha outro que tivesse qualquer valor; não pensava, não escrevia, nem sequer tocava piano. Confundia armênios com turcos; adorava o sucesso; odiava o desconforto; tinha de ser amada; falava uma porção de bobagens: e, mesmo agora, pergunte-se-lhe o que é o equador, e ela não saberá responder.

De qualquer maneira, o fato de que um dia se segue ao outro; quarta, quinta, sexta, sábado; de que vamos despertar pela manhã; ver o céu; andar pelo parque; encontrar Hugh Whitbread; e, depois, de repente, a chegada

de Peter; depois, essas rosas; era o bastante. Frente a isso, como a morte era inacreditável! – o fato de que isso deva acabar; e ninguém no mundo inteiro ficaria sabendo como ela tinha amado tudo isso; como, cada instante...

A porta se abriu. Elizabeth sabia que a mãe estava descansando. Entrou muito silenciosamente. Ficou perfeitamente imóvel. Será que, cem anos atrás, algum mongol teria naufragado na costa de Norfolk (como dizia a Sra. Hilbery) e se misturado, talvez, com as senhoras Dalloway? Pois os Dalloways tinham, em geral, cabelos loiros; olhos azuis; Elizabeth, pelo contrário, era morena; tinha olhos chineses num rosto pálido; um mistério oriental; era gentil, atenciosa, sossegada. Tinha, quando criança, um perfeito senso de humor; mas por que agora, aos dezessete anos, se tornara tão séria era algo que Clarissa não conseguia absolutamente compreender; como um jacinto coberto de um verde lustroso, com botões mal e mal coloridos, um jacinto que não apanhara nenhum sol.

Ela ficou perfeitamente imóvel, olhando para a mãe; mas a porta estava entreaberta, e atrás da porta estava a Srta. Kilman, como sabia Clarissa; a Srta. Kilman em sua capa de chuva, escutando tudo o que elas diziam.

Sim, a Srta. Kilman estava parada no patamar de entrada, e vestia uma capa de chuva; mas ela tinha suas razões. Primeiro, era barato; segundo, ela passara dos quarenta; e não se vestia, afinal, para agradar. Era pobre, além disso; de uma pobreza degradante. Do contrário, não aceitaria emprego de pessoas como os Dalloways; de pessoas ricas que gostavam de parecer bondosas. O Sr. Dalloway, justiça lhe seja feita, tinha sido realmente bondoso. Mas a Sra. Dalloway, não. Ela tinha sido apenas condescendente. Ela vinha da mais imprestável de todas as classes – a dos ricos com um verniz de cultura. Eles tinham coisas caras por todo lado; quadros, tapetes, montes de criados. Ela achava que tinha todo o direito a qualquer coisa que os Dalloway fizessem por ela.

Ela fora defraudada. Sim, não vai nisso nenhum exagero, pois certamente uma moça tem direito a algum tipo de felicidade, não? E, com isso de ser tão sem jeito e tão pobre, ela nunca fora feliz. E depois, justamente quando poderia ter tido uma oportunidade na escola da Srta.

Dolby, veio a guerra; e ela nunca fora capaz de contar uma mentira. A Srta. Dolby achava que ela seria mais feliz junto a pessoas que compartilhassem de seus pontos de vista sobre os alemães. E tivera de ir embora. Era verdade que sua família era de origem alemã; no século dezoito, o sobrenome era grafado como Kiehlman; mas o seu irmão fora morto. Foi mandada embora porque não ia fingir que achava que todos os alemães eram maus – quando ela tinha amigos alemães, quando os únicos dias felizes de sua vida tinham sido passados na Alemanha! E, afinal, ela podia ensinar história. Tinha sido obrigada a pegar qualquer coisa que conseguisse. O Sr. Dalloway a descobrira quando trabalhava para a Sociedade dos Amigos. Ele deixara (e isso tinha sido realmente generoso da parte dele) que ela ensinasse história à sua filha. Ela também dera um curso de extensão e outras coisas desse tipo. E então Nosso Senhor viera até ela (e aqui ela sempre fazia uma inclinação com a cabeça). Fazia dois anos e três meses que vira a luz. Agora não invejava mulheres como Clarissa Dalloway; ela as lastimava.

Ela as lastimava e as desprezava do fundo do coração, ali parada sobre o tapete macio, olhando para a gravura antiga de uma menininha com um regalo. Com todo esse luxo progredindo, que esperança havia de um mundo melhor? Em vez de ficar estendida num sofá – “Minha mãe está descansando”, tinha dito Elizabeth – ela deveria estar numa fábrica; atrás de um balcão; a Sra. Dalloway e todas as outras requintadas senhoras!

Amarga e irada, a Srta. Kilman dirigira-se a uma igreja havia dois anos e três meses. Ouvira a pregação do Reverendo Edward Whittaker; o canto dos meninos; vira a descida do candelabro de velas votivas, e fosse pela música ou fosse pelas vozes (ela mesma, à tardinha, quando só, consolava-se tocando violino; mas o som era excruciante; ela não tinha bom ouvido), os inflamados e turbulentos sentimentos que ferviam e cresciam dentro dela tinham serenado enquanto estivera sentada ali, e chorara copiosamente, e fora visitar o Sr. Whittaker em sua residência em Kensington. Era a mão de Deus, disse ele. O Senhor mostrara-lhe o caminho. Assim, agora, sempre que esses inflamados e penosos sentimentos ferviam dentro dela, esse ódio à Sra. Dalloway, esse ressentimento contra o mundo, ela pensava em Deus.

Pensava no Sr. Whittaker. A calma sucedia à raiva. Um suave bálsamo percorria-lhe as veias, os seus lábios se entreabriam, e ali, de pé no patamar de entrada, impressionante em sua capa de chuva, ela observou, com uma serenidade sólida e sinistra, a Sra. Dalloway, que saía com a filha.

Elizabeth disse que esquecera as luvas. Foi porque a Srta. Kilman e a sua mãe se odiavam. Ela não suportava vê-las juntas. Correu escada acima em busca das luvas.

Mas a Srta. Kilman não odiava a Sra. Dalloway. Voltando os seus grandes olhos cor de groselha para Clarissa, observando o rosto pequeno e rosado, o corpo delicado, o ar de frescor e elegância, a Srta. Kilman pensou: Tola! Estúpida! Você que não conheceu o sofrimento nem o prazer; que desperdiçou a sua vida! E então lhe veio um irresistível desejo de derrotá-la; de desmascará-la. Se pudesse derrubá-la, ela se sentiria aliviada. Mas não era o corpo; era a alma com o seu escárnio que ela queria subjugar; fazer sentir a sua superioridade. Se ao menos pudesse fazê-la chorar; destruí-la; humilhá-la; obrigá-la a cair de joelhos, gritando aos prantos: Você está certa! Mas seria pela vontade de Deus, não pela da Srta. Kilman. Tinha que ser uma vitória religiosa. Lançou, assim, um olhar faiscante; fulminante.

Clarissa estava realmente chocada! Uma cristã – esta mulher! Esta mulher que lhe tirara a filha! Que estava em contato com presenças invisíveis! Pesada, feia, ordinária, sem bondade nem graça, ela que sabe o significado da vida!

“Você está levando Elizabeth para as Lojas do Exército e da Marinha?” perguntou a Sra. Dalloway.

A Srta. Kilman disse que estava. Ficaram ali paradas. A Srta. Kilman não ia se fazer de simpática. Sempre tinha trabalhado para se sustentar. Seu conhecimento da história moderna era extremamente profundo. Ela ainda conseguia separar de seus míseros rendimentos uma quantia para as causas nas quais acreditava; enquanto essa mulher não fazia nada, não acreditava em nada; criou a filha – mas aqui estava Elizabeth, a linda garota, quase sem fôlego.

Estavam, pois, indo às Lojas. Era estranho como, de segundo a segundo, enquanto a Srta. Kilman continuava ali parada (e parada era

como realmente estava, com a força e a impassibilidade de algum monstro pré-histórico devidamente encouraçado para uma operação de guerra de primitivas eras), a ideia que tinha dela se atenuava, como o ódio (que era por ideias, não por pessoas) se desintegrava, como ela perdia sua malignidade, sua dimensão, tornando-se, de segundo a segundo, simplesmente a Srta. Kilman, numa capa de chuva, a qual, bem sabe Deus, Clarissa teria gostado de ajudar.

Clarissa riu, à vista desse encolhimento do monstro. Ria enquanto dava um até logo.

E ali se iam. A Srta. Kilman e Elizabeth, juntas, descendo as escadas.

Sob o efeito de um impulso repentino, de uma violenta aflição, pois essa mulher estava lhe tirando a filha, Clarissa debruçou-se sobre o corrimão e gritou: “Lembre-se da festa! Lembre-se da nossa festa hoje à noite!”

Mas Elizabeth já tinha aberto a porta da frente; um furgão estava passando; ela não respondeu.

O amor e a religião! pensou Clarissa, voltando para a sala, toda tremulante. Como são detestáveis, como são detestáveis! Pois agora que o corpo da Srta. Kilman não estava à sua frente, era isso que a oprimia – a ideia. As mais cruéis das coisas do mundo, pensou, vendo-as, sem graça, inflamadas, hipócritas, bisbilhoteiras, invejosas, infinitamente cruéis e inescrupulosas, vestindo uma capa de chuva, sobre o patamar da entrada; o amor e a religião. Tivera ela própria, alguma vez, tentado converter alguém? Deixar que todas as pessoas fossem simplesmente elas mesmas não era o que ela desejava? E da janela viu a velha senhora da casa em frente subindo as escadas. Deixem-na ir subir as escadas se é o que ela quer; deixem-na fazer uma pausa; deixem-na, depois, tal como Clarissa frequentemente a tinha visto fazer, chegar ao seu quarto, abrir as suas cortinas e desaparecer novamente no fundo. De alguma maneira, era algo que a gente respeitava – essa velha senhora olhando pela janela, sem qualquer consciência de que estava sendo observada. Havia nisso algo de solene – mas o amor e a religião iriam destruir isso, a privacidade da alma, ou como quer que se

chame. A odiosa Kilman iria destruir isso. Mas era uma visão que a fazia querer chorar.

O amor também destruía. Tudo o que era bonito, tudo o que era verdadeiro desaparecia. Suponham Peter Walsh agora. Ali estava um homem encantador, inteligente, com ideias a respeito de tudo. Se quiséssemos saber alguma coisa sobre Pope, digamos, ou sobre Addison, ou apenas conversar sobre bobagens, como eram as pessoas, qual o significado das coisas, Peter sabia melhor que ninguém. Fora Peter quem a ajudara; Peter quem lhe emprestara livros. Mas vejam as mulheres pelas quais se apaixonava – vulgares, triviais, comuns. Pensem em Peter em estado de paixão – veio vê-la após todos esses anos, e sobre o que ele falara? Sobre si mesmo. A terrível paixão! pensou. A degradante paixão! pensou, imaginando Kilman e a sua Elizabeth a caminho das Lojas do Exército e da Marinha.

O Big Ben bateu a meia hora.

Como era extraordinário, estranho, sim, comovente, ver a velha senhora (havia muitíssimos anos que eram vizinhas) afastar-se da janela, como se ela estivesse ligada àquele som, àquele fio. Por gigantesco que fosse, tinha algo a ver com ela. Aos poucos, aos poucos, em meio às coisas habituais, o dedo descia, tornando o momento solene. Ela era forçada por aquele som, assim imaginou Clarissa, a se mover, a se afastar – mas para onde? Clarissa tentou segui-la enquanto ela virava as costas e desaparecia, mas só conseguia ver a sua touca branca movimentando-se no fundo do quarto. Ela ainda estava lá, movimentando-se no outro extremo da peça. Por que credos e preces e capas de chuva? quando, pensou Clarissa, este é o milagre, este é o mistério; queria dizer, essa velha senhora que ela podia ver indo da cômoda para o toucador. Ainda conseguia vê-la. E o supremo mistério, que Kilman podia dizer que ela resolvera, ou que Peter podia dizer que ele resolvera, mas Clarissa não acreditava que qualquer dos dois tivesse a mínima ideia de qual era a solução, era simplesmente este: aqui estava um quarto; ali, outro. A religião resolvia isso, ou o amor?

O amor... mas aqui o outro relógio, o relógio que sempre batia dois minutos depois do Big Ben,  veio se arrastando com o seu regaço cheio

de restos e retalhos, que descarregou como se o Big Ben, tão solene, tão justo, estivesse, com sua majestade, no perfeito direito de ditar a lei, mas ela tinha que se lembrar também de todo o tipo de pequeninas coisas – a Sra. Marsham, Ellie Henderson, as taças para os sorvetes – toda espécie de pequeninas coisas chegou alagando e ondeando e dançando, na esteira daquela solene badalada que caía de chapa, como uma barra de ouro na superfície do mar. A Sra. Marsham, Ellie Henderson, as taças para os sorvetes. Tinha que telefonar agora, de uma vez.

Voluvelmente, turbulentamente, o relógio atrasado soou, vindo, na esteira do Big Ben, com seu regaço cheio de ninharias. Golpeados, demolidos pelo ataque das carruagens, pela brutalidade dos furgões, pelo passo apressado das miríades de homens angulosos, de mulheres vaidosas, pelas cúpulas e cúspides de edifícios comerciais e de hospitais, os últimos despojos desse regaço cheio de restos e retalhos pareciam se desfazer, derramando-se, como os borrifos de uma onda exaurida, sobre o corpo da Srta. Kilman, que parou, por um instante, na rua, para murmurar “É a carne”.

Era a carne que ela devia controlar. Clarissa Dalloway a tinha insultado. Era algo que ela esperava. Mas ela não tinha triunfado; não tinha dominado a carne. Feia, desajeitada: Clarissa Dalloway rira dela por ser assim; e isso havia ressuscitado os desejos carnis, pois a incomodava, em comparação com Clarissa, ter a aparência que tinha. Tampouco podia falar do jeito que ela falava. Mas por que desejar ser parecida com ela? Por quê? Ela desprezava a Sra. Dalloway do fundo do coração. Ela não era séria. Ela não era boa. Sua vida era uma trama de vaidade e logro. Ainda assim, Doris Kilman fora derrotada. Na verdade, quase se desmanchava em lágrimas quando Clarissa Dalloway riu dela. “É a carne, é a carne”, murmurou (tinha o costume de falar sozinha), tentando dominar esse agitado e doloroso sentimento, enquanto caminhava pela Victoria Street. Suplicou a Deus. Não tinha culpa de ser feia; não podia se dar ao luxo de comprar roupas bonitas. Clarissa Dalloway tinha rido – mas ela ia concentrar a mente em alguma outra coisa até chegar à caixa de coleta do correio. ← De

todo modo ela tinha Elizabeth. Mas pensaria em alguma outra coisa; pensaria na Rússia; até chegar à caixa de coleta do correio.

Como devia ser bom no campo, disse ela, tentando livrar-se, tal como o Sr. Whittaker tinha-lhe dito para fazer, daquele violento rancor contra o mundo que a tinha desprezado, abandonado, escarnecido dela, começando com essa humilhação – o castigo de um corpo pouco agradável, que as pessoas não suportavam ver. Por mais que se esforçasse por arrumar o cabelo, sua testa ficava parecendo um ovo, despelada, pálida. Não havia roupa que lhe ficasse bem. Comprasse o que comprasse. E para uma mulher, obviamente, isso significava não se relacionar nunca com o sexo oposto. Nunca seria a preferida de alguém. Algumas vezes, ultimamente, parecia-lhe que, tirando Elizabeth, vivia apenas em função da comida; de seus pequenos prazeres; de seu almoço, de seu chá; de sua bolsa de água quente à noite. Mas deve-se lutar; triunfar; ter fé em Deus. O Sr. Whittaker dissera que o fato de ela estar no mundo obedecia a um desígnio. Mas ninguém sabia do sofrimento! Ele disse, apontando para o crucifixo, que Deus sabia. Mas por que tinha que sofrer quando outras mulheres, como Clarissa Dalloway, estavam livres disso? O conhecimento passa pelo sofrer, disse o Sr. Whittaker.

Ela tinha passado a caixa de coleta do correio, e Elizabeth acabara de entrar no setor fresco e marrom da tabacaria das Lojas do Exército e da Marinha, enquanto ela ainda murmurava para si mesma o que o Sr. Whittaker dissera, que o conhecimento passa pelo sofrer e pela carne. “A carne”, murmurou.

A qual seção ela queria ir? perguntou Elizabeth, interrompendo-a.

“Combinações”, disse bruscamente, e disparou em direção ao elevador.

E, assim, subiram. Elizabeth a conduzia para um lado e para o outro; conduzia-a em seu alheamento, como se ela fosse uma criança grande, um pesado encouraçado. Ali estavam as combinações, marrons, recatadas, listradas, frívolas, sólidas, vaporosas; e ela fez sua escolha, em seu alheamento, de uma maneira portentosa, ao ponto de a balconista achar que ela era louca.

Elizabeth ficou um tanto curiosa por saber, enquanto faziam o pacote, em que a Srta. Kilman estaria pensando. Elas tinham que ir tomar o chá, disse a Srta. Kilman, animando-se, recobrando-se. Tomaram o seu chá.

Elizabeth ficou um tanto curiosa por saber se a Srta. Kilman estava com fome. Era o seu jeito de comer, comer com intensidade, e depois olhar, sem parar, para uma bandeja de bolos glaçados na mesa ao lado; depois, quando uma mulher e o filho se sentaram e a criança pegou o bolo, será que ela ficou realmente incomodada? Sim, a Srta. Kilman ficou incomodada. Ela queria aquele bolo – o cor-de-rosa. O prazer de comer era praticamente o único prazer verdadeiro que lhe restava – e até isso lhe era negado!

Quando as pessoas são felizes, elas têm uma reserva à qual recorrer, dissera ela a Elizabeth, enquanto ela era uma roda sem pneu (tinha uma queda por esse tipo de metáfora), sacudida por qualquer pedrinha – assim dizia, demorando-se após a aula, de pé ao lado da lareira, com sua sacola de livros, a sua “pasta”, como a chamava, numa terça-feira de manhã, depois que a aula terminara. E falou também sobre a guerra. Afinal, havia pessoas que não achavam que os ingleses estivessem invariavelmente certos. Havia livros. Havia reuniões. Havia outros pontos de vista. Elizabeth gostaria de ir com ela ouvir a palestra de Fulano de Tal (um senhor de idade extraordinariamente bem conservado)? E depois a Srta. Kilman a levou a uma igreja em Kensington, onde tomaram chá com um clérigo. Emprestara-lhe livros. Direito, medicina, política, todas as profissões estão abertas às mulheres de sua geração, dizia a Srta. Kilman. Mas quanto a ela própria, sua carreira estava inteiramente arruinada, e era por culpa dela? Santo Deus, não, disse Elizabeth.

E sua mãe entrava para dizer que chegara um cesto de Bourton, e talvez a Srta. Kilman gostaria de levar algumas flores? Ela era sempre muito, muito simpática com a Srta. Kilman, mas a Srta. Kilman apertava as flores todas num molho, e não queria conversa fiada, e o que interessava à Srta. Kilman aborrecia a sua mãe, e a Srta. Kilman e ela juntas eram terríveis; e a Srta. Kilman se avolumava e parecia muito singela, mas a Srta. Kilman era incrivelmente inteligente. Elizabeth nunca pensara nos pobres. Eles tinham tudo o que queriam – a mãe tomava o café da manhã na cama todos os

dias; Lucy era quem subia com o café; e ela gostava de mulheres de mais idade, porque eram duquesas e descendentes de algum lorde. Mas a Srta. Kilman disse (numa dessas manhãs de terça-feira, quando a aula havia terminado): “Meu avô tinha uma loja de tintas a óleo em Kensington”. A Srta. Kilman era muito diferente de qualquer outra pessoa que ela conhecia; ela fazia a gente se sentir tão pequena. ←

A Srta. Kilman serviu-se de outra xícara de chá. Elizabeth, com seu ar oriental, seu inescrutável mistério, sentava-se perfeitamente aprumada; não, não queria mais nada. Procurou pelas luvas – as suas luvas brancas. Estavam debaixo da mesa. Ah, mas ela não deve ir embora! A Srta. Kilman não podia deixar que ela fosse embora! essa jovem que era tão bonita, essa garota que ela verdadeiramente amava! A mão dela, grandona, abriu e fechou-se em cima da mesa.

Mas talvez, de alguma maneira, estivesse ficando um tanto monótono, sentiu Elizabeth. E ela realmente gostaria de ir embora.

Mas a Srta. Kilman disse: “Ainda nem terminei”.

Claro, então Elizabeth esperaria. Mas estava muito abafado aqui.

“Você estará na festa hoje à noite?”, perguntou a Srta. Kilman. Elizabeth achava que estaria; sua mãe queria que ela estivesse. Ela não deve deixar que as festas a absorvam, disse a Srta. Kilman, pegando o último bocado de um eclair de chocolate.

Ela não gostava muito de festas, disse Elizabeth. A Srta. Kilman abriu a boca, projetou o queixo ligeiramente para a frente e engoliu o último bocado do eclair de chocolate, limpando os dedos depois e agitando o chá na sua xícara.

Estava à beira de um colapso, era o que sentia. Era tão enorme o sofrimento. Se pudesse pegá-la, se pudesse prendê-la, se pudesse torná-la sua de forma absoluta e para sempre e depois morrer; era tudo o que queria. Mas ficar aqui sentada, incapaz de pensar alguma coisa para dizer; ver Elizabeth voltar-se contra ela; sentir-se repulsiva até mesmo para ela... era demais; ela não podia suportar. Seus grossos dedos se contraíram.

“Nunca vou a festas”, disse a Srta. Kilman, só para impedir que Elizabeth fosse embora. “As pessoas não me convidam para festas” – e sabia,

ao dizê-lo, que a sua perdição era esse egoísmo; o Sr. Whittaker a tinha prevenido; mas não podia evitá-lo. Tinha sofrido tanto. “Por que me convidariam?”, disse. “Sou sem graça, sou triste.” Sabia que era uma bobagem. Mas foram todas aquelas pessoas passando com seus pacotes, todas aquelas pessoas que a desprezavam, que a fizeram dizer isso. Entretanto, ela era Doris Kilman. Tinha o seu diploma. Era uma mulher que tinha feito o seu próprio caminho no mundo. Seu conhecimento da história moderna era mais do que respeitável.

“Não sinto pena de mim mesma”, disse ela. “Sinto pena...”, queria dizer “da sua mãe”, mas não, não podia, não para Elizabeth. “Sinto pena das outras pessoas”, disse, “muito mais pena.”

Como uma criatura muda que é levada até o portão de saída com um objetivo ignorado e fica ali parada, mas desejosa de sair correndo, Elizabeth Dalloway permanecia silenciosamente sentada. Será que a Srta. Kilman ia dizer mais alguma coisa?

“Não me esqueça para sempre”, disse Doris Kilman; sua voz tremia. De imediato e aterrorizado, o animal se pôs a correr até o fim do campo.

A mãozona se abriu e se fechou.

Elizabeth virou a cabeça. A garçonete se aproximou. Tem que pagar no balcão, disse Elizabeth, e se afastou, arrancando, assim sentiu a Srta. Kilman, as reais entranhas de seu corpo, estirando-as enquanto atravessava o salão, e depois, inclinando a cabeça muito educadamente, num gesto final, foi embora.

Ela se fora. A Srta. Kilman ficou sentada ali, à mesa de mármore, entre os ecleres, atingida uma, duas, três vezes, pelos choques do sofrimento. Ela se fora. A Sra. Dalloway triunfara. Elizabeth se fora. A beleza se fora, a juventude se fora.

Ela ficou, pois, sentada ali. E então se levantou, tropeçando por entre as mesinhas, desequilibrando-se toda, e alguém veio atrás dela com a sua combinação, e ela se perdeu ao sair, vendo-se cercada por caixotes especialmente preparados para serem enviados à Índia; foi parar, em seguida, no meio de conjuntos de presente para parturientes e de roupas para bebês; por entre todas as mercadorias do mundo, perecíveis e duráveis,

presuntos, remédios, flores, artigos de escritório, por entre variados cheiros, ora fragrantes, ora acres, ela cambaleava; viu-se, de corpo inteiro, num espelho, assim cambaleante, com o chapéu enviesado, o rosto todo avermelhado; e chegou, finalmente, à rua.

A torre da Catedral de Westminster, a morada de Deus, erguia-se à sua frente. Ali estava a morada de Deus, cercada pelo trânsito. Obstinadamente, dirigiu-se, com seu pacote, para aquele outro santuário, a Abadia, onde, cobrindo o rosto com as mãos em concha, sentou-se ao lado dos que estavam também em busca de abrigo; devotos dos mais variados tipos, agora, enquanto cobriam o rosto com as mãos, destituídos de classe social, quase destituídos de sexo; mas, assim que as retiravam do rosto, instantaneamente respeitosos, homens e mulheres ingleses de classe média, alguns deles ávidos por ver as figuras de cera. ←

Mas a Srta. Kilman manteve as mãos em concha sobre o rosto. Ora ficava só; ora voltava a ter companhia. Novos devotos chegavam da rua para tomar o lugar dos caminantes, e ainda assim, enquanto as pessoas olhavam ao redor e passavam, arrastando os pés, pelo túmulo do Soldado Desconhecido, ← ainda assim, ela tapava os olhos com os dedos e tentava, nessa dupla escuridão, pois a luz da Abadia era imaterial, elevar-se acima das vaidades, dos desejos, dos bens materiais, livrar-se tanto do ódio quanto do amor. Suas mãos se contraíam. Ela parecia envolvida numa luta. Mas, para outras pessoas, Deus estava acessível, e suave era o caminho que levava até Ele. O Sr. Fletcher, do Tesouro, aposentado, a Sra. Gorham, viúva do famoso membro do Conselho do Rei, chegavam até Ele sem dificuldades e, tendo feito suas preces, recostavam-se no banco, desfrutavam da música (o órgão ressoava suavemente) e viam a Srta. Kilman na ponta do banco, rezando, rezando, e como estavam ainda no limiar de seu mundo etéreo, pensavam nela compreensivamente, como uma alma que vagava pelo mesmo território; uma alma feita de uma substância imaterial; não uma mulher, uma alma.

Mas o Sr. Fletcher tinha que ir embora. Tinha que passar pelo lado dela, e como fazia questão de estar, ele próprio, sempre no maior apuro, não pôde deixar de ficar um pouco perturbado pelo desalinho da pobre

mulher; os seus cabelos desgrenhados; o pacote atirado no chão. Ela não lhe deu passagem imediatamente. Mas, enquanto esperava, passando em exame o que via ao seu redor, os mármore brancos, os vitrais cinzentos e os tesouros acumulados (pois ele se orgulhava muito da Abadia), impressionaram-no a corpulência, a robustez, a intensidade dessa mulher ali sentada, cruzando e descruzando as pernas de tempos em tempos (era tão árduo o acesso ao seu Deus... tão ardorosos os seus desejos), tal como tinham impressionado a Sra. Dalloway (ela não conseguiu tirá-la do pensamento naquela tarde), o Rev. Edward Whittaker e Elizabeth também.

E Elizabeth esperava um ônibus na Victoria Street. Era tão bom estar fora de casa! Pensou que talvez não precisasse ir direto para casa. Era tão bom estar ao ar livre. Ia, assim, pegar um ônibus. E, enquanto esperava ali em pé, com roupas que lhe caíam tão bem, já estavam começando... As pessoas estavam começando a compará-la com álamos, auroras, jacintos, corças, correntezas e lírios; o que lhe tornava a vida um fardo, pois preferia ser deixada em paz, no campo, para fazer aquilo de que gostava, mas comparavam-na a lírios, e tinha que ir a festas, e Londres era tão monótona em comparação com estar em paz no campo, só com o pai e os cachorros.

Os ônibus disparavam, estacavam, partiam – berrantes, reluzentes caravanas, com suas envernizadas latarias em vermelho e amarelo. Mas qual deveria tomar? Não tinha nenhuma preferência. Naturalmente, não ia empurrar ninguém para subir. Tendia a ser passiva. Faltava-lhe expressividade, mas seus olhos eram bonitos, chineses, orientais, e, como dizia a sua mãe, tinha uns ombros tão magníficos e conduzia-se com tal aprumo que era sempre um encanto observá-la; e ultimamente, sobretudo à noite, quando tinha interesse, pois ela nunca parecia entusiasmada, parecia quase bela, muito altiva, muito serena. Em que poderia estar pensando? Todos os homens se apaixonavam por ela, e ela ficava, na verdade, extremamente enfadada. Pois estavam começando. Sua mãe podia percebê-lo – os elogios estavam começando. O fato de que não dava muita importância a essas coisas – por exemplo, às suas roupas – era algo que às vezes preocupava Clarissa, mas talvez fosse melhor assim, com todos aqueles cachorrinhos e porquinhos-da-índia com cinomose à sua volta, e

isso lhe dava certo encanto. E agora havia essa estranha amizade com a Srta. Kilman. Bom, pensou Clarissa perto das três da madrugada, lendo o *Barão de Marbot*, pois não conseguia dormir, isso mostra que ela tem coração.

De súbito, Elizabeth deu um passo e, com perfeita destreza, passando à frente de todo o mundo, subiu no ônibus. Ocupou um assento no andar de cima. A impetuosa criatura – um navio pirata – arrancou aos pulos; [←](#) ela teve que se segurar na barra para se firmar, pois um navio pirata é o que aquilo era, arrojado, inescrupuloso, abordando brutalmente, desviando arriscadamente, intrepidamente apanhando um passageiro, ou ignorando um outro, passando com arrogância e como uma enguia pelo meio de outros veículos, zarpando, depois, com todas as velas pandas, insolentemente, pela Whitehall. E por acaso dedicou Elizabeth um único pensamento à pobre Srta. Kilman, que a amava sem ciúmes, para quem ela tinha sido uma corça em campo aberto, o luar numa clareira? Estava maravilhada por sentir-se livre. Era tão delicioso o ar fresco. Tinha estado tão abafado nas Lojas do Exército e da Marinha. E agora estar num ônibus que corria pela Whitehall era como uma cavalgada; e, a cada movimento do ônibus, o belo corpo no casaco cor-de-corça reagia espontaneamente, como um cavaleiro, como a figura de proa de um navio, pois a brisa a deixava ligeiramente desarrumada; o calor emprestava às faces a palidez de uma madeira pintada de branco; e seus belos olhos, sem outros olhos com que cruzar, fixavam-se à frente, vazios, brilhantes, com a incrível e estática inocência de uma escultura.

Ficar sempre falando de seus próprios sofrimentos era o que tornava a Srta. Kilman tão difícil. E será que ela estava certa? Se fazer parte de comissões e dedicar horas e mais horas todos os dias (raramente o via quando estavam em Londres) era o que ajudava os pobres, isso – só Deus sabe – o pai dela fazia... se isso era o que a Srta. Kilman queria dizer com ser cristã; mas era tão difícil dizer. Ah, ela gostaria de ir um pouco mais adiante. Era preciso mais um pêni para ir até a Strand? Aqui está mais um pêni, então. Ela iria até a Strand.

Ela gostava de pessoas que estavam doentes. E todas as profissões estão abertas às mulheres da sua geração, dizia a Srta. Kilman. Então ela podia

ser médica. Podia ser fazendeira. Os animais estão seguidamente doentes. Ela podia ser dona de uma propriedade de quinhentos hectares e ter pessoas sob as suas ordens. Sairia para ir vê-las em suas casinholas. Ali estava a Somerset House. Poderia se sair muito bem como fazendeira – e isso, estranhamente, embora tivesse um dedo da Srta. Kilman, devia-se quase inteiramente à Somerset House. Era tão esplêndido, tão sério, aquele grande edifício cinzento. E ela gostava da sensação das pessoas trabalhando. Gostava dessas igrejas, [←](#) como figuras de papel cinzento, enfrentando a corrente da Strand. Aqui era tão diferente de Westminster, pensou, descendo do ônibus na Chancery Lane. Tão sério; tão movimentado. Em suma, gostaria de ter uma profissão. Seria médica, fazendeira, talvez chegaria ao Parlamento, se achasse que era necessário, tudo por causa da Strand.

Os pés daquelas pessoas ocupadas com seus afazeres, as mãos juntando pedra com pedra, as mentes eternamente ocupadas não com conversas triviais (comparando mulheres a álamos – o que podia ter a sua atração, claro, mas não deixava de ser uma tolice), mas com pensamentos a respeito de navios, negócios, leis, questões de governo, e com tudo tão imponente (estava passando pelo Temple), vivo (ali estava o rio), piedoso (ali estava a Igreja) [←](#), essas coisas todas fizeram-na tomar a firme resolução, não importando o que sua mãe pudesse dizer, de se tornar fazendeira ou médica. Mas ela era, obviamente, um tanto preguiçosa.

E era muito melhor não falar nada sobre isso. Parecia tão bobo. Era o tipo de coisa que realmente acontecia quando se estava só – os edifícios sem o nome do arquiteto, as legiões de pessoas voltando para casa tinham mais poder para fazer com que aquilo que se encontrava anestesiado, confuso e hesitante no solo arenoso da mente irrompesse à superfície, como uma criança que subitamente estende seus braços, do que os clérigos solteiros de Kensington, do que qualquer dos livros que a Srta. Kilman lhe emprestara; talvez fosse apenas isso, um suspiro, uns braços estendidos, um impulso, uma revelação, algo que deixa os seus efeitos para sempre e depois afunda novamente no solo arenoso. Tinha que ir para casa. Tinha que se vestir para o jantar. Mas que horas eram? Onde havia um relógio?

Ela via a Fleet Street adiante. Não deu mais que uns poucos passos em direção à Catedral de St Paul, timidamente, como quem entra na ponta dos pés, à noite, numa casa estranha, explorando-a com uma vela, os nervos à flor da pele, não vá o dono de repente escancarar a porta do quarto e perguntar o que ela está fazendo ali, e tampouco ia ter a coragem de vaguear por vielas suspeitas, enfiando-se em becos, da mesma forma que, numa casa estranha, não arriscaria abrir portas que podiam dar para quartos de dormir ou salas de visita ou direto na despensa. Pois os Dalloways não costumavam vir à Strand; ela era uma pioneira, uma desgarrada, aventurando-se, entregando-se.

Sob muitos aspectos, percebia sua mãe, ela era extremamente imatura, como uma criança ainda, apegada a bonecas, a pantufas gastas; um perfeito bebê; e isso tinha o seu encanto. Mas, naturalmente, havia, por outro lado, na família Dalloway, a tradição do serviço público. Abadessas, diretoras de colégio, supervisoras, dignitárias, era o que elas eram, sem que, na república das mulheres, nenhuma delas fosse brilhante. Foi um pouco mais na direção da Catedral de St Paul. Ela gostava da jovialidade, do laço entre irmãs, entre irmãos, do sentimento materno, desse burburinho. Achava uma coisa boa. O barulho era tremendo; e de repente havia cornetas (os desempregados) retinindo, retumbando em meio ao burburinho; uma música militar; como se as pessoas estivessem marchando; contudo, se estivessem morrendo – se alguma mulher tivesse exalado o seu último suspiro, e alguém que estivera velando tivesse aberto a janela do quarto onde ainda agora havia consumado aquele ato de suprema dignidade, para olhar a Fleet Street lá embaixo, aquele burburinho, aquela música militar teria se elevado, triunfante, consoladora, imparcial, até essa pessoa.

Não era algo consciente. Não havia nisso qualquer sinal de reconhecimento de um destino, de uma sorte em particular, e precisamente por essa razão, até para os perplexos, por terem visto os últimos fiapos de consciência nos rostos dos agonizantes, era confortante.

A ingratidão das pessoas podia corroer, seu esquecimento ferir, mas esta voz, vertendo interminavelmente, ano após ano, arrebataria fosse o que fosse; esta jura; este furgão; esta vida; este cortejo; tragando tudo e tudo

levando de roldão, tal como, na inclemente avalanche de uma geleira, a imensa massa glacial junta uma lasca de osso, uma pétala azul, alguns troncos de carvalho, arrastando tudo numa bola só.

Mas era mais tarde do que pensava. Sua mãe não aprovaria que ela vagasse assim, sozinha. Deu a volta, descendo a Strand.

Uma lufada de vento (apesar do calor, havia um bom vento) fez com que um ténue e negro véu se abrisse, cobrindo o sol e a Strand. Os rostos empalideceram; os ônibus perderam o brilho de uma hora para a outra. Pois embora as nuvens fossem de um branco montanhoso de modo que se ficava tentado a retalhar-lhes em aparas rígidas usando uma machadinha, com amplas encostas douradas e de relevados dignos dos jardins dos prazeres celestiais em seus flancos, e tivessem toda a aparência de sólidas habitações dispostas acima do mundo para a assembleia dos deuses, havia um perpétuo movimento entre elas. Sinais eram trocados, quando, como se para pôr em ação algum esquema previamente combinado, ora um cume diminuía de tamanho, ora um bloco inteiro de dimensões piramidais e cujo estado ainda não havia sofrido nenhuma alteração adiantava-se para o centro ou gravemente liderava o cortejo rumo a um novo ancoradouro. Por mais fixas que parecessem em suas posições e perfeitamente unânimes em seu estado de repouso, nada podia ser mais fresco, mais livre, mais superficialmente sensível do que essa superfície cor de neve ou de ouro em chama; mudar, desaparecer, dissolver a solene assembleia era imediatamente possível; e a despeito da grave imutabilidade, da corpulência e da solidez acumuladas, ora espargiam luz, ora sombra, sobre a terra.

Com calma e destreza, Elizabeth subiu no ônibus de Westminster.

Indo e vindo, acenando, fazendo sinais, era como a luz e a sombra, que ora deixavam a parede acinzentada, ora pintavam as bananas de um amarelo vivo, ora deixavam a Strand acinzentada, ora pintavam os ônibus de um amarelo vivo, pareciam a Septimus Warren Smith, estendido no sofá da sala; observando o ouro aquoso brilhar e se apagar, com a espantosa sensibilidade de uma criatura viva, sobre as rosas, sobre o papel de parede. Lá fora, as árvores arrastavam suas folhas como redes através das profundezas do ar; o som da água estava no interior da sala, e através das

ondas chegavam as vozes dos pássaros cantando. Cada um dos poderes da terra derramava seus tesouros sobre a sua cabeça, e sua mão se assentava ali nas costas do sofá, da mesma forma que a vira se assentar quando estava se banhando, flutuando, por sobre as ondas, enquanto lá longe, na praia, ouvia cães ladrando, ladrando, longe, muito longe. Não temas mais, diz o coração dentro do corpo; não temas mais.

Ele não estava com medo. A cada momento, a Natureza, agitando suas plumas, sacudindo suas tranças, atirando seu manto para um lado e para o outro, lindamente, sempre lindamente, e sempre prestes a soprar através de suas mãos em concha as palavras de Shakespeare, dava sinais, por alguma divertida pista, como aquela marca dourada que saltava pela parede – ali, ali, ali – de sua determinação a revelar o seu sentido.

Rezia, sentada à mesa, rodando um chapéu em volta das mãos, observava-o; viu-o sorrir. Ele estava feliz, então. Mas não suportava vê-lo sorrindo. Isso não era casamento; mostrar-se esquisito daquele jeito, sempre em sobressalto, rindo-se, sentando-se em silêncio por horas a fio, ou pegando-a pelos braços e dizendo-lhe para escrever. A gaveta da mesa estava cheia daqueles escritos; sobre a guerra; sobre Shakespeare; sobre as grandes descobertas; que a morte não existe. Ultimamente, ficava excitado de uma hora para outra e sem nenhum motivo (e tanto o Dr. Holmes quanto Sir William Bradshaw diziam que a excitação era a pior coisa para ele), e fazia gestos com as mãos e clamava que sabia a verdade! Ele sabia tudo! Aquele homem, o amigo dele que tinha sido morto, tinha chegado, disse. Ele estava cantando por detrás do biombo. Ela anotava as suas palavras à medida que ele as pronunciava. Algumas coisas eram muito bonitas; outras, puras bobagens. E ele estava sempre parando no meio, mudando de ideia; querendo acrescentar alguma coisa; ouvindo alguma coisa nova; escutando com as mãos erguidas. Mas ela não ouvia nada.

E uma vez surpreenderam a moça que arrumava o quarto lendo, às gargalhadas, um desses papéis. Foi uma enorme lástima. Pois aquilo tivera o efeito de fazê-lo vociferar contra a crueldade humana – como retalhavam uns aos outros. Os caídos, dizia, eles os retalham. “Holmes está em cima de nós”, dizia, e inventava histórias sobre Holmes; Holmes comendo mingau

de aveia; Holmes lendo Shakespeare – o que lhe dava acessos de riso ou de raiva, pois o Dr. Holmes parecia representar alguma coisa de horrível para ele. A “natureza humana”, era como ele o denominava. E depois havia as visões. Era um naufrago, costumava dizer, e estava em cima de um penhasco, com as gaivotas grasnando em volta dele. Olhando por sobre os braços do sofá, via o mar lá embaixo. Ou ouvia alguma música. Na verdade, era apenas um realejo ou algum homem gritando na rua. Mas “Lindo!”, costumava exclamar, e as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, o que para ela era o mais terrível de tudo, ver chorar um homem como Septimus, que havia lutado, que fora um bravo. E ele ficava escutando até que, de repente, gritava que estava caindo, caindo nas chamas! Era tão vívido que ela ia verificar se realmente havia chamas. Mas não havia nada. Estavam a sós no quarto. Era um sonho, dizia-lhe, finalmente acalmando-o, mas às vezes ela também se assustava. Suspirou, ao sentar-se para continuar a costura.

Seu suspiro era terno e encantador, como o vento à fímbria de um bosque ao anoitecer. Ora largava a tesoura; ora se voltava para pegar alguma coisa na mesa. Um leve gesto, uma leve dobra, uma leve batida criava alguma coisa ali, na mesa onde ela estava sentada, costurando. Através dos cílios, ele podia ver sua forma desfocada; o pequeno corpo moreno; o rosto e as mãos; os movimentos para um lado e outro da mesa, para pegar um carretel ou procurar (tinha certa tendência a perder as coisas) o fio de seda. Estava fazendo um chapéu para a filha casada da Sra. Filmer, que se chamava... ele esquecera como ela se chamava.

“Como se chama a filha casada da Sra. Filmer?”, perguntou.

“Sra. Peters”, disse Rezia. Estava com medo de que tivesse ficado muito pequeno, disse, erguendo o chapéu diante dos olhos. A Sra. Peters era uma mulher corpulenta; e não gostava dela. Era só porque a Sra. Filmer tinha sido tão boa para eles. “Ela me trouxe uvas esta manhã”, disse – que Rezia queria fazer alguma coisa para mostrar que eles estavam agradecidos. Ela tinha entrado no quarto na outra noite e dera com a Sra. Peters, que pensava que eles estavam fora, tocando o gramofone.

“É mesmo?”, perguntou ele. Ela estava tocando o gramofone? Sim; ela lhe falara a respeito na ocasião; encontrara a Sra. Peters tocando o gramofone.

Ele começou, muito cautelosamente, a abrir os olhos, para ver se realmente havia ali um gramofone. Mas as coisas reais – as coisas reais eram muito emocionantes. Devia ter cautela. Não iria ficar louco. Primeiro, examinou as revistas de moda na prateleira inferior, depois, gradualmente, o gramofone com a corneta verde. Nada podia ser mais exato. E, assim, ganhando coragem, examinou o aparador; a bandeja de bananas; a gravura da Rainha Vitória e do Príncipe Consorte; o topo da lareira, com o jarro de rosas. Nenhuma dessas coisas se mexia. Estava tudo parado; tudo era real.

“Ela tem uma língua de víbora”, disse Rezia.

“O que faz o Sr. Peters?”, perguntou Septimus.

“Ah”, disse Rezia, tentando se lembrar. Ela achava que a Sra. Filmer havia dito que ele trabalhava como caixeiro-viajante para alguma companhia. “Neste exato momento ele está em Hull”, disse.

“Neste exato momento!”, disse com seu sotaque italiano. Foi ela mesma quem falou. Ele cobriu os olhos com as mãos de maneira que pudesse ver apenas uma parte do rosto dela por vez, primeiro o queixo, depois o nariz, depois a testa, caso tivesse uma deformação ou alguma cicatriz horrível. Mas não, ali estava ela, perfeitamente natural, costurando, com os lábios franzidos que as mulheres têm, a expressão rígida, melancólica, quando estão costurando. Mas não havia nisso nada de terrível, assegurou a si mesmo, observando uma segunda, uma terceira vez, o seu rosto, as suas mãos, pois o que poderia haver nela de assustador ou de repulsivo, sentada ali, à plena luz do dia, costurando? A Sra. Peters tinha uma língua de víbora. O Sr. Peters estava em Hull. Por que, então, raiva e profecia? Por que fugir, açoitado e escorraçado? Por que era obrigado a tremer e a soluçar pelas nuvens? Por que ir em busca de verdades e transmitir mensagens enquanto Rezia ficava sentada espetando alfinetes no seu avental e o Sr. Peters estava em Hull? Milagres, revelações, sofrimentos, solidão, tudo isso despencava, através do mar, cada vez mais fundo em direção às chamas,

tudo isso se extinguiu, pois ele tinha a sensação, ao observar Rezia enfeitando o chapéu de palha para a Sra. Peters, de uma colcha de flores.

“É muito pequeno para a Sra. Peters”, disse Septimus.

Pela primeira vez em dias, falava do jeito que costumava fazer! Claro que era pequeno – pequeno demais, disse ela. Mas a Sra. Peters queria assim.

Ele tirou-o das mãos dela. Disse que era um chapéu de macaquinho de realejo.

Como aquilo a deixara feliz! Fazia semanas que não riam juntos desse jeito, brincando só os dois, como um casal. O que ela queria dizer era que se a Sra. Filmer tivesse entrado naquele momento, ou o Sr. Peters ou qualquer outra pessoa, eles não compreenderiam do que ela e Septimus estavam rindo.

“Aqui”, disse ela, espetando uma rosa num lado do chapéu. Nunca se sentira tão feliz! Nunca, em toda a sua vida!

Mas isso era ainda mais ridículo, disse Septimus. Agora a pobre mulher parecia um porco numa feira. (Jamais alguém a fizera rir como Septimus.)

O que tinha ela no seu estojo de costura? Tinha fitas e contas, borlas, flores artificiais. Ela despejou tudo na mesa. Ele começou a fazer misturas estranhas de cores – pois, embora não fosse jeitoso com as mãos, não conseguindo fazer nem um pacote, tinha um olho dos melhores, e costumava acertar, algumas vezes cometendo absurdos, claro, mas noutras acertando em cheio.

“Ela terá um belo chapéu!”, murmurou, pegando isso e aquilo outro, com Rezia inclinada ao seu lado, espiando por cima do ombro dele. Agora estava pronto – quer dizer, o esboço; ela tinha que fazer a costura. Mas ela tinha que ter muito, mas muito cuidado, disse ele, para deixar bem como ele tinha montado.

E, assim, ela se pôs a costurar. Quando ela costurava, pensou ele, fazia um ruído como o de uma chaleira na chapa; borbulhando, murmurando, sempre ocupada, com seus pequenos e fortes dedos apertando, furando; com a agulha passando feito faísca. O sol podia ir e vir sobre os pompons, sobre o papel de parede, mas ele ia esperar, pensou, estendendo os pés e

espiando as suas meias listradas na ponta do sofá; ia esperar neste lugar morno, neste bolsão de ar parado, ao qual se chega, às vezes, na fímbria de um bosque, ao entardecer, quando, por causa de um desnível no terreno, ou de algum arranjo das árvores (científicos, acima de tudo devemos ser científicos), o calor se demora e o ar fustiga o rosto como a asa de um pássaro.

“Aqui está”, disse Rezia, rodando o chapéu da Sra. Peters nas pontas dos dedos. “Por ora, serve. Mais tarde...”, a frase saiu-lhe em bolhas, ploc, ploc, ploc, como uma torneira toda contente por ser deixada pingando.

Era maravilhoso. Nunca tinha feito nada que o tivesse feito se sentir tão orgulhoso. Era tão real, tão verdadeiro, o chapéu da Sra. Peters.

“Olhe só isso”, disse ele.

Sim, ela iria se sentir feliz sempre que visse esse chapéu. Ele voltara a ser ele mesmo, ele dera risadas. Tinham ficado a sós, juntos. Era um chapéu de que ela sempre iria gostar.

Ele lhe disse para experimentá-lo.

“Mas vou parecer ridícula!”, exclamou ela, correndo para o espelho e se olhando primeiro de um lado, depois do outro. Logo o tirou da cabeça, pois batiam à porta. Será que era Sir William Bradshaw? Já teria enviado alguém?

Não! era apenas a menina com o jornal da tarde.

O que sempre acontecia, então aconteceu – o que acontecia toda noite da vida deles. Parada à porta, a menina chupava o polegar; Rezia se ajoelhou; Rezia sussurrou-lhe ao ouvido e beijou-a; Rezia pegou um pacote de balas na gaveta da mesa. Pois era o que sempre acontecia. Primeiro uma coisa, depois outra. Ela ia, assim, num crescendo, primeiro uma coisa e depois outra. Dançando, saltitando, davam voltas pela sala. Ele pegou o jornal. O time de Surrey tinha sido todo eliminado \Leftarrow , leu ele em voz alta. Havia uma onda de calor. Rezia repetiu: o time de Surrey tinha sido todo eliminado. Havia uma onda de calor, integrando as notícias à brincadeira que estava fazendo com a neta da Sra. Filmer, com as duas rindo e tagarelando o tempo todo na brincadeira. Ele estava muito cansado. Ele estava muito feliz. Ia dormir. Fechou os olhos. Mas assim que perdeu tudo

de vista, os sons da brincadeira foram se tornando cada vez mais fracos e estranhos, e soavam como os gritos de pessoas à procura de algo que não conseguiam encontrar, e que iam para longe, cada vez mais longe. Tinham-no perdido!

Levantou-se de repente, aterrorizado. O que via? A bandeja de bananas no aparador. Não havia ninguém ali (Rezia tinha ido levar a menina à casa da mãe; estava na hora de dormir). A questão era esta: ficar sozinho para sempre. Fora a sentença proferida em Milão quando entrou no quarto e viu as irmãs cortando moldes em entretelas com suas tesouras; ficar sozinho para sempre.

Estava sozinho com o aparador e as bananas. Estava sozinho, abandonado naquela desolada altitude, estendido – não no cume de uma colina; não num penhasco; mas no sofá da sala de estar da Sra. Filmer. E quanto às visões, aos rostos, às vozes dos mortos, onde é que estavam? Havia um biombo à sua frente, com juncos negros e andorinhas azuis. Onde antes vira montanhas, onde vira rostos, onde vira beleza, havia um biombo.

“Evans!”, gritou. Nenhuma resposta. Um rato guinchou, ou uma cortina rufou. Eram as vozes dos mortos. O biombo, o balde de carvão e o aparador era tudo o que lhe restava. Deixem-no, pois, enfrentar o biombo, o balde de carvão e o aparador... mas Rezia irrompeu na sala, tagarelando.

Tinha chegado alguma carta. Havia alterações nos planos de todo mundo. A Sra. Filmer não poderia, afinal, viajar para Brighton. Não havia tempo para avisar a Sra. Williams, e Rezia achava isso muito, muito chato, quando avistou o chapéu e pensou... talvez... ela... pudesse fazer apenas um pequeno... Sua voz se dissolveu numa satisfeita melodia.

“Ah, maldição!”, exclamou (era uma brincadeira entre eles, isso de ela praguejar); a agulha se quebrara. Chapéu, criança, Brighton, agulha. Ela foi num crescendo; primeiro uma coisa, depois outra, num crescendo, costurando sempre.

Ela queria que ele dissesse se o fato de ela ter mudado a rosa de lugar tinha deixado o chapéu mais bonito. Sentou-se na ponta do sofá.

Eles estavam perfeitamente felizes agora, disse ela de repente, largando o chapéu. Pois agora podia dizer-lhe qualquer coisa. Podia dizer o que lhe viesse à cabeça. Tinha sido praticamente a primeira coisa que sentira a respeito dele, aquela noite no café, quando ele entrara com os seus amigos ingleses. Ele entrara, um tanto tímido, olhando ao redor, e o chapéu dele caíra quando tentara pendurá-lo. Isso ela conseguia lembrar. Sabia que ele era inglês, mas não um daqueles ingleses fortes que sua irmã admirava, pois ele sempre fora franzino; mas tinha uma tez bonita e fresca; e seu nariz grande, seus olhos brilhantes, o jeito de sentar, um pouco curvado, fizeram-na pensar, como muitas vezes lhe dissera, num falcão jovem, naquela primeira noite em que o viu, quando estavam jogando dominó e ele entrara – num falcão jovem; mas, com ela, ele tinha sido sempre muito gentil. Nunca o tinha visto irado ou bêbado, apenas sofrendo, algumas vezes, enquanto durou aquela guerra terrível, mas mesmo assim, quando ela chegava, ele deixava tudo de lado. Qualquer coisa, qualquer coisa do mundo, alguma pequena irritação com o trabalho dela, qualquer coisa que lhe ocorresse dizer, ela lhe contava, e ele logo a compreendia. Nem com a família dela era assim. Por ser mais velho que ela e tão inteligente – como ele era sério, querendo que ela lesse Shakespeare antes mesmo que ela fosse capaz de ler uma história infantil em inglês! – por ser tão mais experiente, ele podia ajudá-la. E ela também podia ajudá-lo.

Mas, agora, este chapéu. E, depois (estava ficando tarde), Sir William Bradshaw.

Ela levou as mãos à cabeça, esperando que ele dissesse se gostara ou não do chapéu, e enquanto ela estava ali sentada, esperando, olhando para o chão, ele podia sentir a sua mente descendo de galho em galho, como um pássaro, e sempre pousando muito certeira; ele podia seguir o pensamento dela, enquanto ela estava ali sentada, numa dessas poses descontraídas, descuidadas, que assumia naturalmente, e, fosse ele dizer alguma coisa, ela logo sorriria, como um pássaro pousando no galho, com todos os dedinhos bem agarrados no galho.

Mas ele se lembrava. Bradshaw disse: “As pessoas a quem mais queremos bem não nos são de serventia quando estamos doentes”.

Bradshaw disse que ele devia aprender a ficar em repouso. Bradshaw disse que eles deviam ficar separados.

“Devia”, “devia”, por que “devia”? Que poder tinha Bradshaw sobre ele? “Que direito tem Bradshaw de dizer ‘deve’ para mim?”, perguntou.

“É porque você falou em se matar”, disse Rezia. (Felizmente, ela agora podia falar qualquer coisa com Septimus.)

Então ele estava sob o poder deles! Holmes e Bradshaw estavam no seu encaixo! A fera de narinas rubras estava farejando em todos os cantos secretos! Com o direito de dizer “deve”! Onde estavam os seus papéis? as coisas que havia escrito?

Ela lhe trouxe seus papéis, as coisas que ele havia escrito, as coisas que ela havia escrito para ele. Espalhou-os no sofá. Olharam-nos juntos. Diagramas, desenhos, pequenos homens e pequenas mulheres com galhos no lugar de braços, com asas – eram asas? – nas costas; círculos traçados com moedas de um e de meio xelim – sóis e estrelas; precipícios serpenteantes com alpinistas subindo amarrados uns aos outros, exatamente como facas e garfos; gravuras marinhas com pequenos rostos rindo desde algo que talvez fossem ondas: o mapa do mundo. Queime-os! gritou ele. Agora os seus escritos; como os mortos cantam por detrás de rododendros; odes ao Tempo; conversas com Shakespeare; Evans, Evans, Evans – suas mensagens vindas do mundo dos mortos; não cortem as árvores; avisem o Primeiro-Ministro. Amor universal: o significado do mundo. Queime-os! gritou.

Mas Rezia colocou as mãos em cima deles. Alguns eram muito bonitos, pensou ela. Iria amarrá-los (pois não tinha nenhum envelope) com uma fita de seda.

Se o levassem, disse ela, ela iria junto. Eles não podiam separá-los contra a vontade deles, disse.

Emparelhando as margens, embrulhou os papéis e amarrou o pacote quase sem olhar, sentada perto, sentada ao lado dele, como se todas as suas pétalas, pensou ele, estivessem ao redor dela. Ela era uma árvore em flor; e através de seus ramos via a face de um legislador, ela que tinha atingido um santuário onde não temia ninguém; nem Holmes; nem Bradshaw; um

milagre, um triunfo, o último e o maior. Ele a via subir, cambaleante, a pavorosa escada, sob o fardo de Holmes e Bradshaw, homens que nunca pesavam menos de setenta e dois quilos, que mandavam as esposas à Corte, homens que ganhavam dez mil por ano e falavam sobre proporção; que, embora divergentes em seus vereditos (pois Holmes disse uma coisa, Bradshaw, outra), juízes é o que eram; que confundiam a visão com o aparador; que não viam nada claro, mas ainda assim ditavam as leis, ainda assim aplicavam as penas. Sobre eles, ela triunfara.

“Pronto”, disse ela. Os papéis estavam amarrados. Ninguém conseguiria pegá-los. Ela iria escondê-los.

E, disse ela, nada iria conseguir separá-los. Sentou-se ao seu lado e chamou-o pelo nome daquela ave, falcão ou corvo, que por ser daninho e grande destruidor de colheitas era precisamente como ele. Ninguém iria conseguir separá-los, disse ela.

Então ela se levantou para ir ao quarto preparar a bagagem dele, mas, ouvindo vozes no andar de baixo e achando que talvez fosse o Dr. Holmes chegando, desceu correndo para impedi-lo de subir.

Septimus podia ouvi-la falar com Holmes na escada.

“Minha cara senhora, venho como amigo”, dizia Holmes.

“Não. Não permitirei que veja o meu marido”, disse ela.

Ele podia vê-la, como uma galinha miúda, com suas asas abertas, impedindo-lhe a passagem. Mas Holmes insistia.

“Minha cara senhora, permita-me...”, disse Holmes, pondo-a de lado (Holmes era um homem de constituição robusta).

Holmes estava subindo. Holmes iria abrir a porta com toda a força. Holmes iria dizer “Em pânico, hein?”. Holmes iria pegá-lo. Mas não; nem Holmes; nem Bradshaw. Levantando-se um tanto vacilante, na verdade trocando os pés, considerou a bela faca da Sra. Filmer, toda limpinha, com a palavra “Pão” incrustada no cabo. Ah, mas não se deve estragar uma beleza dessas. O aquecedor a gás? Agora era tarde demais. Holmes estava chegando. Navalhas ele podia conseguir, mas Rezia, como era seu costume, as tinha guardado. Restava apenas a janela, a ampla janela, típica das casas alugadas de Bloomsbury; o cansativo, incômodo e um tanto

melodramático trabalho de abrir a janela e se jogar. Era a ideia de tragédia deles, não a dele ou a de Rezia (pois ela estava com ele). Holmes e Bradshaw gostavam desse tipo de coisa. (Sentou-se no parapeito.) Mas esperaria até o último instante. Não queria morrer. A vida era boa. O sol, quente. Só os seres humanos – o que queriam *eles*? Descendo as escadas do outro lado da rua, um homem de idade parou e ficou olhando para ele. Holmes estava à porta. “Ofereço-a a você”, gritou, e atirou-se vigorosa, violentamente, em cima das grades do pátio da Sra. Filmer.

“O covarde!”, gritou o Dr. Holmes, arrombando a porta. Rezia correu para a janela; ela viu; ela compreendeu. O Dr. Holmes e a Sra. Filmer colidiram. A Sra. Filmer levantou a ponta do avental e, conduzindo-a para o interior do quarto, tapou-lhe os olhos. Houve um corre-corre nas escadas, para cima e para baixo. O Dr. Holmes entrou – branco como um lençol, tremendo todo, com um copo na mão. Ela devia ser corajosa e tomar alguma coisa, disse ele (O que era isso? Alguma coisa açucarada), pois seu marido estava horrivelmente mutilado, não iria recobrar a consciência, ela não devia vê-lo, devia ser poupada o máximo possível, haveria um inquérito a ser enfrentado, pobre jovem. Quem poderia ter previsto? Um impulso súbito, ninguém tinha a mínima culpa (disse ele à Sra. Filmer). E por que diabos fez aquilo o Dr. Holmes não conseguia compreender.

Ela tinha a impressão, enquanto tomava a poção açucarada, de que abria largas portas, indo dar em algum jardim. Mas onde? O relógio batia – uma, duas, três: como era sensível o som; em comparação com todo esse estrépito e burburinho; como o próprio Septimus. Estava começando a cair no sono. Mas o relógio continuava a bater, quatro, cinco, seis, e a Sra. Filmer agitando o seu avental (eles não iam trazer o corpo para cá, iam?) parecia ser um pedaço desse jardim; ou uma bandeira. Tinha visto, certa vez, uma bandeira suavemente tremulando num mastro, quando ficou na casa de sua tia em Veneza. Era a forma de se homenagear os homens mortos em combate, e Septimus tinha passado pela experiência da Guerra. Suas lembranças eram quase todas felizes.

Ela pôs o chapéu e correu pelos trigais – onde poderia ter sido? – até alguma colina, em algum ponto à beira-mar, pois havia barcos, gaivotas, borboletas; sentaram-se em cima de um penhasco. Em Londres também, ali se sentavam e, meio que sonhando, chegavam até ela, através da porta do quarto, a chuva caindo, murmúrios, estalidos em meio ao trigo seco, a carícia do mar, tal como lhe parecia, esvaziando-os em sua concha arqueada e sussurrando-lhe, deitada na praia, espargida, sentia ela, como flores fugazes sobre alguma tumba.

“Está morto”, disse, sorrindo, com seus francos olhos azul-claros grudados na porta, para a pobre velha que cuidava dela. (Não iriam trazê-lo para cá, iriam?) Mas a Sra. Filmer fez pouco caso. Oh, não, Oh, não! Eles estavam levando-o embora neste instante. Não deveria ela ser informada? Casais devem ficar juntos, pensou a Sra. Filmer. Mas deviam proceder tal como o médico recomendara.

“Deixe-a dormir”, disse o Dr. Holmes, tomando-lhe o pulso. Ela viu o seu enorme corpo em silhueta contra a luz da janela. Assim, esse era o Dr. Holmes.

Um dos triunfos da civilização, pensou Peter Walsh. É um dos triunfos da civilização, enquanto soava o claro e alto sino da ambulância. Veloz, precisa, a ambulância corria em direção ao hospital, após ter recolhido, instantânea, humanamente, algum pobre diabo; alguém atingido na cabeça, fulminado por alguma doença, atropelado talvez há cerca de um minuto, como pode acontecer a qualquer um de nós, num desses cruzamentos. Era a civilização. Foi o que o impressionou ao voltar do Oriente – a eficiência, a organização, o espírito comunitário de Londres. Cada carroça, cada carruagem se colocava de lado, por iniciativa própria, para deixar a ambulância passar. Talvez fosse algo mórbido; ou, quem sabe não era, em vez disso, comovente o respeito que mostravam para com essa ambulância e a vítima que levava dentro – homens atarefados correndo para casa, mas aos quais a sua passagem fazia imediatamente pensar na esposa; ou, ainda, que facilmente poderiam ter sido eles mesmos, ali dentro, estendidos numa maca, ao lado de um médico ou de uma

enfermeira... Ah, mas o pensamento tornava-se mórbido, sentimental, assim que se começava a evocar médicos, cadáveres; uma leve sensação de prazer e também uma espécie de volúpia devida à impressão visual eram um aviso para não ir adiante com esse tipo de coisa – fatal à arte, fatal à amizade. Certo. E, no entanto, pensou Peter Walsh, enquanto a ambulância dobrava a esquina, embora o som estridente e cristalino do sino pudesse ser ouvido após ela ter entrado na rua seguinte e ainda mais longe, ao cruzar a Tottenham Court Road, tocando o tempo todo, essa é a vantagem da solidão; a sós, pode-se fazer o que bem quiser. Pode-se chorar se ninguém estiver vendo. Essa fora sua desgraça – essa suscetibilidade – na sociedade anglo-indiana; não chorar, ou não rir, na hora certa. Tenho em mim esta coisa, pensou, parado diante da caixa de coleta do correio, que poderia, neste momento, desmanchar-se em lágrimas. Por qual razão, só Deus sabe. Alguma forma de beleza, provavelmente, e o peso do dia, que, começando com aquela visita à Clarissa, o esgotara, com o seu calor, a sua intensidade, e o pinga-pinga de uma impressão após a outra, indo para o fundo, para o breu daquele porão onde ficavam, sem ninguém jamais ficar sabendo. Em parte por essa razão, por sua inescrutabilidade, completa e inviolável, ele via a vida como um jardim misterioso, cheio de voltas e de recantos, surpreendente, sim; esses momentos nos deixavam realmente sem fôlego; ali, junto à caixa do correio, do outro lado do Museu Britânico, veio ao seu encontro um desses momentos nos quais as coisas se juntavam; essa ambulância; e a vida e a morte. Era como se ele fosse sugado para cima, para um telhado muito alto, por aquela torrente de emoção, e o resto dele, como uma praia de areia branca salpicada de conchas, ficasse a descoberto. Esta tinha sido a sua desgraça na sociedade anglo-indiana – esta suscetibilidade.

Clarissa, certa vez, indo com ele, no andar de cima de um ônibus, [←](#) a algum lugar, Clarissa que, superficialmente ao menos, se comovia com tanta facilidade, ora no maior desespero, ora no melhor dos humores, toda vibrante naqueles dias e tão boa companhia, farejando, de cima de um ônibus, pequenas cenas fora do comum, nomes, pessoas, pois eles costumavam explorar Londres, voltando para casa com sacolas cheias de

tesouros do Caledonian Market – Clarissa tinha, naqueles tempos, uma teoria – eles tinham, como todos os jovens, montes de teorias, teorias o tempo todo. Era para explicar a insatisfação que sentiam; não conhecerem pessoas; não serem conhecidos. Pois como poderiam as pessoas conhecerem umas às outras? Elas se encontram todos os dias; depois não se veem mais, por seis meses ou por anos. Era insatisfatório, nisso eles concordavam, o pouco que as pessoas se conheciam. Mas ela disse, sentada no ônibus que subia a Shaftesbury Avenue, que se sentia presente em toda parte; não “aqui, aqui, aqui”; e bateu no encosto do banco; mas em toda parte. Acenou, subindo a Shaftesbury Avenue. Ela era tudo aquilo. De maneira que, para conhecê-la, ou para conhecer qualquer pessoa, devia-se procurar as pessoas que as completavam; e até mesmo os locais. Ela tinha estranhas afinidades com pessoas com as quais nunca tinha falado, com alguma mulher na rua, com algum homem atrás de um balcão – até mesmo com árvores, ou celeiros. Isso acabava numa teoria transcendental que, com o horror que ela tinha pela morte, permitia-lhe acreditar, ou dizer que acreditava (apesar de todo o ceticismo dela), que, uma vez que nossas aparições, aquela parte de nós que é vista, são tão momentâneas comparadas à outra, a parte invisível de nós, a que se prolonga, a parte invisível poderia sobreviver, refazer-se, poderia, de alguma forma, apegar-se a essa ou aquela pessoa, ou até mesmo assombrar certos lugares após a morte. Talvez – talvez.

Olhando em retrospecto essa longa amizade de quase trinta anos, sua teoria funcionava nessa medida. Por mais breves, intermitentes, dolorosos que tenham sido, muitas vezes, seus encontros efetivos, em virtude das ausências dele e das frequentes interrupções (nessa manhã, por exemplo, Elizabeth irrompera na sala, como um potro de pernas longas, bonita, silenciosa, no exato momento em que começava a falar com Clarissa), seu efeito sobre a vida dele eram imensos. Havia um mistério nisso. Ganhava-se uma semente áspera, aguçada, incômoda – o encontro real; horrivelmente doloroso na maior parte das vezes; ainda que ausente, ela iria, nos locais mais improváveis, florescer, abrir-se, exalar seu aroma, deixar-se tocar, ser provada, ser contemplada à sua volta, conceder sua

inteira sensação e compreensão, anos depois de ter estado perdida. Assim ela viera até ele; a bordo de um navio; no Himalaia; sugerida pelas coisas mais estranhas (da mesma forma que Sally Seton, aquela tolinha generosa, entusiástica! pensava *nele* quando via hortênsias azuis). Ela o influenciara mais do que qualquer outra pessoa que já conhecera. E sempre surgindo-lhe dessa maneira, sem que ele desejasse, impassível, feito uma dama, crítica; ou arrebatadora, romântica, lembrando algum campo ou uma colheita inglesa. Ele a via mais no interior do que em Londres. Uma cena atrás da outra em Bourton...

Chegara ao seu hotel. Atravessou o saguão, com as suas pilhas de sofás e poltronas avermelhadas, com suas plantas de folhas pontudas e parecendo murchas. Pegou a sua chave do gancho. A jovem entregou-lhe algumas cartas. Subiu as escadas – ele a viu com mais frequência em Bourton, no fim do verão, quando passou ali uma semana ou duas, como as pessoas costumavam fazer naquela época. A primeira a atingir o alto de alguma colina, ela ficava lá, as mãos segurando os cabelos, o casaco enfunado pelo vento, apontando, gritando para eles – ela via o rio Severn lá embaixo. Ou num bosque, fazendo a chaleira ferver – atrapalhadíssima com os dedos; a fumaça fazendo uma vênua, soprando-lhes no rosto; seu pequeno e rosado rosto deixando se ver em meio à fumaça; pedindo água a uma velha senhora que tinha vindo à porta de sua cabana para vê-los partir. Eles sempre andavam a pé; os outros iam de carro. Ela se chateava dentro de um carro, detestava todos os animais, excetuando-se aquele cachorro. Andavam quilômetros e mais quilômetros pelas estradas. Podia fazer uma parada para se reorientar, mas depois conduzia-o novamente pelo campo; e argumentavam o tempo todo, discutiam poesia, discutiam pessoas, discutiam política (na época, ela era uma Radical) ←; nunca prestando atenção em nada, a não ser quando ela parava, admirada diante de uma paisagem ou de uma árvore, intimando-o a olhar junto com ela; e depois tudo começava outra vez, através de campos de restolho, ela à frente, com uma flor para a tia, nunca se cansando de andar, apesar de toda a sua fragilidade; e à hora do crepúsculo estavam de volta a Bourton. Então, após o jantar, o velho Breitkopf abria o piano e cantava sem voz nenhuma, e eles

se jogavam nas poltronas, tentando não rir, mas nunca conseguiam se conter e riam, riam – riam por nada. Não era para Breitkopf perceber. E, então, de manhã, saltitando de um lado para o outro, como uma alvéola em frente da casa...

Oh, uma carta; era dela! Este envelope azul; a sua letra. E ele teria de lê-la. Aqui estava mais um daqueles encontros, com tudo para ser penoso! Ler a sua carta exigia um esforço diabólico. “Foi maravilhoso encontrá-lo. Tinha de lhe dizer isso.” Nada mais.

Mas isso o deixou incomodado. Irritou-lhe. Preferia que ela não tivesse escrito. Vindo depois de suas reflexões era como um soco nas costelas. Por que ela não o deixava em paz? Afinal, se casara com Dalloway e vivera com ele na maior felicidade por todos esses anos.

Esses hotéis não são locais animadores. Longe disso. Quantas pessoas não tinham pendurado o chapéu nesses cabides? Até as moscas, pensando bem, tinham pousado em outros narizes. Quanto à limpeza que lhe saltou aos olhos, não era tanto a limpeza em si quanto a aridez, a frialdade; algo com o qual se tinha que conviver. Alguma árida matrona fazia a sua ronda ao amanhecer, farejando, esquadrinhando, obrigando austeras camareiras a esfregar tudo e cada coisa, como se o próximo hóspede fosse um naco de carne assada a ser servido numa travessa perfeitamente limpa. Para dormir, uma única cama; para sentar-se, uma única poltrona; para escovar os dentes e fazer a barba, um único copo, um único espelho. Livros, cartas, roupões, como se fossem impertinências incongruentes, desapareciam sob a impessoalidade da crinolina. E foi a carta de Clarissa que o fez ver tudo isso. “Maravilhoso encontrá-lo. Tinha de lhe dizer isso!” Dobrou a folha; colocou-a de lado; nada poderia induzi-lo a lê-la outra vez!

Para a carta ter-lhe chegado por volta das seis horas, ← ela deve ter se sentado para escrevê-la assim que ele a deixou; selou-a; mandou alguém levá-la ao correio. Isso, como diziam as pessoas, era bem dela. Ela se perturbara com a visita dele. Ficara muito emocionada; por um instante, quando ela beijou-lhe a mão, se sentira arrependida, sentira até mesmo inveja dele, possivelmente se lembrara (pois viu que ela refletia) de algo que ele alguma vez dissera – como mudariam o mundo se ela se casasse com ele,

talvez; mas a realidade era esta; a meia-idade; a mediocridade; e então ela se obrigou, com sua indômita vitalidade, a colocar tudo isso de lado, pois havia nela uma linha de vida cuja firmeza, resistência e capacidade para superar obstáculos e deles sair em triunfo ele nunca tinha visto igual. Sim; mas assim que ele deixou a sala haveria uma reação. Ela sentiria enorme pena dele; pensaria no que possivelmente poderia fazer para lhe dar prazer (sempre com exceção daquela única coisa), e ele podia vê-la, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto, indo até a escrivaninha e escrevendo às pressas aquela única linha que encontrou à sua espera... “Maravilhoso encontrá-lo!” E estava sendo sincera.

Peter Walsh tinha agora desamarrado as botas.

Mas não teria dado certo, o casamento deles. A outra coisa veio, afinal, muito mais naturalmente.

Era estranho; era verdadeiro; muitas pessoas sentiam isso. Peter Walsh, que se dera apenas respeitavelmente na vida, que ocupara os cargos habituais da maneira adequada, mas que era visto como um pouco esquisito, que se dava ares de importância – era estranho que *ele* tivesse acabado por adquirir, especialmente agora que o cabelo estava ficando grisalho, um ar de satisfação; um ar de quem era dono de reservas. Era isso o que o tornava atraente para as mulheres, que gostavam da sensação de que ele não era de todo viril. Havia algo de incomum à sua volta, ou algo por detrás dele. Talvez por ser um rato de biblioteca – nunca visitava alguém sem pegar o livro que estava em cima da mesa (estava agora lendo, com os cadarços das botas roçando o chão); ou por ser um cavalheiro, o que se revelava na maneira como esvaziava o cachimbo e, naturalmente, no trato com as mulheres. Pois era muito fascinante e um tanto ridícula a facilidade com que qualquer garota desmiolada podia tê-lo na palma da mão. Mas por sua conta e risco. Quer dizer, embora pudesse ser de trato muito fácil e, na verdade, dada a sua jovialidade e boa educação, fosse fascinante tê-lo como companhia, isso ia só até certo ponto. Ela dizia alguma coisa – não, não; ele não se deixava enganar. Não podia concordar com aquilo – não, não. E depois ele era capaz de gritar e sacudir o corpo e se arrebrantar de tanto rir por causa de alguma piada contada numa roda de

homens. Era quem melhor podia opinar sobre a cozinha da Índia. Ele era um homem. Mas não do tipo de homem que se tinha de respeitar – o que era uma bênção; nada parecido com o Major Simmons, por exemplo; de jeito nenhum, pensava Daisy, quando, apesar dos seus dois filhos pequenos, costumava compará-los.

Tirou as botas. Esvaziou os bolsos. Junto com o canivete, veio um instantâneo de Daisy na varanda; Daisy toda de branco, com um fox terrier sobre os joelhos; muito encantadora, muito morena; o melhor que já vira dela. Tudo se passara, afinal, tão naturalmente; muito mais naturalmente do que com Clarissa. Sem espalhafato. Sem complicação. Sem fricotes nem faniquitos. Um mar de rosas. E a moça morena, adoravelmente bela, na varanda, exclamou (podia ouvi-la) Claro, claro que lhe daria tudo! gritou (ela não tinha nenhum senso de discrição), tudo o que ele quisesse! gritou, correndo para encontrá-lo, sem se importar com quem pudesse estar olhando. E tinha apenas vinte e quatro anos. E tinha dois filhos. Ora, ora!

Ora, na verdade se envolvera, na sua idade, numa trapalhada. Deu-se conta disso, com muita convicção, à noite, quando se acordou. E no caso de eles se casarem? Para ele estaria tudo bem, mas quanto a ela? A Sra. Burgess, uma boa pessoa e mulher pouco dada a tagarelices, a quem ele havia feito confidências, achava que a sua ausência, ao viajar para a Inglaterra, aparentemente para consultar advogados, poderia fazer com que Daisy reconsiderasse a decisão, refletindo no que ela significava. O que estava em jogo era a sua situação, disse a Sra. Burgess; a barreira social; renunciar aos filhos. Podia virar, qualquer dia desses, uma viúva com um passado, arrastando-se pelos subúrbios, ou, mais provavelmente, indistinta (você sabe, disse ela, como acabam essas mulheres cheias de pintura). Mas Peter Walsh fez pouco caso disso tudo. Ainda não pensava em morrer. De qualquer maneira, ela devia decidir sozinha; julgar sozinha, pensou ele, andando de meias pelo quarto, alisando a camisa social, pois era possível que fosse à festa de Clarissa, ou a um dos teatros de variedades, ou podia ficar sossegado no hotel e ler um livro absorvente escrito por um homem que conheceu em Oxford. E se ele se aposentasse, era isto o que faria – escrever livros. Iria para Oxford e garimparia a Biblioteca Bodleiana. Em

vão, a moça morena, adoravelmente bela, correu até a ponta do terraço; em vão, ela acenou; em vão, gritou que não dava a mínima para o que as pessoas diziam. Ali estava ele, o homem de quem ela pensava maravilhas, o perfeito cavalheiro, tão fascinante, tão distinto (e a idade dele não fazia a menor diferença para ela), andando à volta de um quarto num hotel em Bloomsbury, fazendo a barba, lavando-se e continuando, enquanto erguia canecas e largava navalhas, a garimpar a Biblioteca Bodleiana para chegar à verdade a respeito de uma ou duas pequenas questões que lhe interessavam. E ele iria acabar se envolvendo numa conversa com uma pessoa qualquer, descuidando-se, assim, cada vez mais, de chegar na hora certa para o almoço, e faltando a compromissos, e quando Daisy lhe pedisse, como certamente o faria, um beijo, fizesse uma cena, ele poderia não responder à altura (embora ele lhe fosse sinceramente devotado) – em suma, seria melhor, como disse a Sra. Burgess, que ela o esquecesse, ou simplesmente se lembrasse dele tal como ele era em agosto de 1922, como uma figura postada numa encruzilhada ao crepúsculo, uma figura que se torna cada vez mais distante à medida que, rodando a toda velocidade, a charrete a leva embora em segurança, presa ao banco traseiro, mas com os braços estendidos; e enquanto vê a figura ir diminuindo até desaparecer, ela ainda consegue gritar que faria qualquer coisa no mundo, qualquer coisa, qualquer coisa, qualquer coisa...

Ele nunca sabia o que os outros pensavam. Tornava-se cada vez mais difícil se concentrar. Tornou-se absorto; envolvido com suas próprias preocupações; ora taciturno, ora radiante; dependente das mulheres, distraído, instável, cada vez menos capaz (foi o que pensou enquanto se barbeava) de compreender por que Clarissa não podia simplesmente encontrar um alojamento para eles e mostrar-se simpática para com Daisy; apresentá-la às pessoas. E então ele poderia apenas – apenas o quê? – apenas flamar e pairar (ele estava, no momento, realmente envolvido em organizar chaves e papéis diversos), lançar-se sobre a presa e deleitar-se, ficar sozinho, em suma, bastar-se a si mesmo; e, contudo, naturalmente, ninguém era mais dependente dos outros do que ele (abotoou o colete); essa fora sua desgraça. Ele não conseguia ficar longe dos salões de fumantes, gostava de

coronéis, gostava de golfe, gostava de bridge e, acima de tudo, do convívio com as mulheres, da fineza de sua companhia, e de sua lealdade e audácia e grandeza no amor, essa flor tão esplêndida que vicejava no ápice da vida humana e que, sem deixar de ter os seus problemas, parecia-lhe (e o moreno e adoravelmente belo rosto estava ali, em cima dos envelopes) tão totalmente admirável, e contudo ele não conseguia responder à altura, por estar sempre inclinado a olhar em torno das coisas (Clarissa tinha solapado algo nele de forma permanente), cansando-se muito facilmente da devoção muda e desejando variedade no amor, embora fosse ficar furioso se Daisy amasse algum outro, furioso! pois era, por índole, ciumento, incontrolavelmente ciumento. Tinha tormentos! Mas onde estava o canivete; o relógio; os sinetes, a carteira e a carta de Clarissa, que ele não leria de novo, mas que era bom tê-la na mente, e a foto de Daisy? E agora, ao jantar.

Estavam todos comendo.

Sentados em pequenas mesas em torno de vasos, vestidos a rigor ou não, com xales e bolsas ao lado, com um falso ar de quem se sente à vontade, pois não estavam acostumados a tantos pratos ao jantar; mas mostrando-se confiantes, pois tinham condições para pagar por isso; e extenuados, pois tinham percorrido Londres o dia todo, em compras e passeios; e com sua natural curiosidade, pois viraram todos a cabeça quando entrou o bem-apeσοado cavalheiro de óculos de aro de tartaruga; e com sua solicitude, pois ficariam felizes em ajudar em alguma coisa, tal como emprestar a tabela dos horários dos trens ou prestar qualquer informação que pudesse ser útil; e com o desejo que, agindo subterraneamente, neles pulsava, de estabelecer alguma forma de conexão, ainda que fosse apenas a do local de nascimento (Liverpool, por exemplo) em comum ou de amigos com o mesmo nome; com olhares furtivos, silêncios estranhos e repentinos recolhimentos às brincadeiras de família e a um mundo que era só deles; ali estavam eles, sentados, jantando, quando o Sr. Walsh chegou, sentando-se a uma mesinha junto à cortina.

Não que tivesse dito alguma coisa, pois, por estar só, podia se dirigir apenas ao garçom; era o seu jeito de examinar o menu, de apontar um

vinho específico com o dedo, de se colocar à mesa, de se aplicar ao jantar com moderação, e não com voracidade, que conquistou o respeito deles; o qual, não tendo se manifestado durante a maior parte da refeição, irrompeu na mesa onde os Morris estavam sentados quando se ouviu o Sr. Walsh dizer ao final da refeição: “peras Bartlett”. Por qual razão ele tinha falado de maneira tão moderada mas firme, com o ar de um homem partidário de uma estrita disciplina e na plena posse dos seus direitos, solidamente fundamentados na justiça, nem Charles Morris, o filho, nem Charles Morris, o pai, nem a Srta. Elaine, nem a Sra. Morris sabiam. Mas quando, sentado sozinho à mesa, ele disse “peras Bartlett”, eles sentiram que ele podia contar com o apoio deles para qualquer reivindicação legítima que por acaso viesse a fazer; que ele era o paladino de uma causa que imediatamente se tornou também a causa deles, de maneira que os olhos deles encontraram os dele com simpatia, e, quando chegaram todos ao mesmo tempo ao salão de fumantes, uma breve troca de palavras entre eles tornou-se inevitável.

Não foi nada muito profundo – apenas para dizer que Londres estava cheia de gente; que em trinta anos tinha mudado muito; que o Sr. Morris preferia Liverpool; que a Sra. Morris tinha visitado a exposição de flores de Westminster e que todos tinham visto o Príncipe de Gales. Contudo, pensou Peter Walsh, nenhuma família no mundo pode se comparar com os Morris; absolutamente nenhuma; e as relações entre eles são perfeitas, e eles não dão a mínima para as classes altas, e gostam do que gostam, e Elaine está se preparando para assumir os negócios da família, e o rapaz ganhou uma bolsa para estudar em Leeds, e a velha senhora (que tem mais ou menos a idade dele) tem mais três filhos em casa; e eles têm dois carros a motor, mas o Sr. Morris ainda conserta suas botas aos domingos: é extraordinário, é absolutamente extraordinário, pensou Peter Walsh, cambaleando um pouco, com seu cálice de licor na mão, entre as poltronas forradas de um tecido vermelho e felpudo e os cinzeiros, sentindo-se muito satisfeito consigo mesmo, pois os Morris gostavam dele. Sim, gostavam de um homem que falava “peras Bartlett”. Sentia que gostavam dele.

Iria à festa de Clarissa. (Os Morris estavam saindo; mas eles se veriam de novo.) Iria à festa de Clarissa, porque queria perguntar a Richard o que estavam fazendo na Índia – aqueles conservadores inúteis. E quais peças estão sendo representadas? E a música... Ah, sim, e o mero mexerico.

Pois essa é a verdade a respeito da nossa alma, pensou ele, de nosso eu, que, qual um peixe, habita mares profundos e singra em meio a escuridões, abrindo caminho por entre talos de algas gigantes, passando por regiões mal tocadas pela luz do sol, e sempre em frente, em direção ao sombrio, ao gélido, ao profundo, ao inescrutável; de repente, ela irrompe à superfície e brinca nas ondas encrespadas pelo vento; em outras palavras, ela tem absoluta necessidade de se atritar, se friccionar, se inflamar, bisbilhotando. O que o Governo pretendia – Richard Dalloway certamente saberia – fazer com a Índia?

Como era uma noite muito quente e os jornaleiros perambulavam com cartazes que anunciavam, em enormes letras vermelhas, que havia uma onda de calor, foram colocadas cadeiras de vime nos degraus do hotel, onde se sentavam cavalheiros despreocupados, bebericando, fumando. Peter Walsh sentou-se ali. Dava para crer que o dia, o dia de Londres, estava apenas começando. Como uma mulher que se desfaz do seu vestido estampado e do seu avental branco para se enfeitar de azul e pérolas, o dia se trocava, tirava a chita, punha gazes, se trocava para o entardecer, e, com o mesmo suspiro de contentamento que solta uma mulher ao deixar cair a anágua, ele também se despia da poeira, da chama, da cor; o trânsito diminuía; os carros a motor, buzinando, disparando, tomavam o lugar do estrondo dos furgões; e aqui e ali, em meio à espessa folhagem das praças, uma intensa luz mantinha-se em suspensão. Entrego-me, parecia dizer o fim de tarde, enquanto empalidecia e se extinguia por sobre as cumeeiras e as arestas torneadas ou pontiagudas de hotéis, prédios e blocos de lojas, extingo-me, continuava ele, desapareço, mas Londres não queria saber de conversa, e enristava suas baionetas em direção ao céu, manietando-o, obrigando-o a fazer parte de sua folia.

Pois a grande mudança do horário de verão do Sr. Willett ← ocorrera depois da última visita de Peter à Inglaterra. A tarde prolongada era nova

para ele. Era inspiradora, mais exatamente. Pois enquanto os jovens passavam com suas malas de documentos, terrivelmente felizes de estarem livres, orgulhosos também, caladamente, de pisarem essa famosa calçada, uma alegria muito particular, barata, menor, se quiserem, mas de qualquer maneira um arrebatamento, punha certo colorido em suas faces. Também estavam bem-vestidos; meias cor-de-rosa, belos sapatos. Passariam agora duas horas no cinema. O azul-amarelo do entardecer acentuava, refinava-os; e nas folhas da praça reluziam, líridas, lívidas – como se estivessem mergulhadas na água do mar – as folhagens de uma cidade submersa. Ele estava extasiado com a beleza; era, além disso, algo que o enchia de ânimo, pois enquanto os anglo-indianos repatriados (ele conhecia uma porção deles) sentavam-se, de pleno direito, no Clube Oriental, passando amargamente em revista a ruína do mundo, aqui estava ele, mais jovem do que nunca; invejando aos jovens o seu verão e todo o resto, e mais do que suspeitando, a julgar pelas palavras de uma garota, pelo riso de uma criada – coisas intangíveis, que não se podia pegar com a mão – que aquele entulho piramidal que, na época de sua juventude, parecia inamovível, sofrera algum deslocamento. Tinha sido um peso em cima deles, a esmagá-los, as mulheres em especial, como aquelas flores que aquela tia de Clarissa, a tia Helena, sentada sob o abajur após o jantar, colocava entre folhas de papel mata-borrão cinzento, pressionando-as, depois, com o dicionário *Littré*. Agora estava morta. Soubera por Clarissa que ela perdera a visão em um dos olhos. Parecia mais do que apropriado – uma das obras-primas da natureza – que a velha Srta. Parry tivesse que se valer do vidro. Morreria como um pássaro em meio à gada, agarrado ao seu galho. Pertencia a uma outra época, mas, por ter sido tão íntegra, tão completa, sempre se destacaria no horizonte, branca como cal, eminente, como um farol assinalando alguma etapa do passado nessa aventureosa e longa, longa viagem, nessa interminável (buscou um pêni para comprar um jornal e saber o resultado do jogo entre Surrey e Yorkshire – havia estendido aquele pêni um milhão de vezes – o time de Surrey tinha sido todo eliminado novamente) – nessa interminável vida. Mas o críquete não era um simples jogo. O críquete era importante. Não conseguia deixar de ler sobre o

críquete. Leu primeiro o resultado na coluna das notícias de última hora, depois como fora um dia quente; depois algo sobre um assassinato. Ter feito as coisas milhões de vezes as enriquecia, embora se possa dizer que lhes tirava a novidade. O passado enriquecia, e a experiência também, e o ter querido bem a uma ou duas pessoas, e dessa maneira ter adquirido a capacidade que falta aos jovens de abreviar, de fazer aquilo de que se gosta, não dando a mínima para o que as pessoas dizem e indo e vindo sem grandes expectativas (deixou o jornal em cima da mesa e saiu), o que, entretanto (buscou o chapéu e o casaco), não era bem o seu caso, pois aqui estava ele, nesta idade, saindo para ir a uma festa, na crença de que estava prestes a ter uma experiência. Mas qual?

A beleza, em todo caso. Não a beleza crua do olho. Não era a beleza pura e simples – a Bedford Place desembocando na Russell Square. Era, sem dúvida, a linha reta e os espaços vazios; a simetria de uma passagem; mas eram também as janelas iluminadas, um piano, um gramofone que tocava; um sentimento do prazeroso que se oculta, mas que emerge, aqui e ali, quando, através de uma janela aberta ou com as cortinas descerradas, vemos grupos sentados ao redor de uma mesa, jovens circulando vagorosamente, conversas entre homens e mulheres, criadas olhando ociosamente para fora (estranha conversa a delas, uma vez terminado o trabalho), meias secando nos peitoris das janelas, um papagaio, umas poucas plantas. Absorvente, misteriosa, de uma riqueza infinita, esta vida. E na grande praça, de onde, desgovernados, se precipitavam os táxis a toda velocidade, havia casais à toa, namorando, se abraçando, aconchegados sob a chuva de folhas de uma árvore; isso era tocante; tão silenciosos, tão absortos, que se passava por eles discreta, timidamente, como se na presença de alguma cerimônia sagrada que seria um sacrilégio interromper. Isso era interessante. E tudo o mais em direção ao fausto e ao fulgor.

Com o leve sobretudo enfunado pelo vento, ele pisava o chão com uma indescritível idiossincrasia, um pouco inclinado para a frente, passos curtos e rápidos, com as mãos atrás das costas, olhar de águia; caminhava, assim, por Londres, em direção a Westminster, observando.

Será que todo mundo estava jantando fora? Portas se abriam, aqui, pela mão de um criado, para dar passagem a uma velha dama de andar imponente, em sapatos de fivela, com três penas púrpuras de avestruz no cabelo. Portas se abriam, ali, para senhoras envoltas como múmia em xales de flores alegres, para senhoras sem nenhum enfeite na cabeça. E em bairros respeitáveis, com cercas espaçadas por pilastras de estuque, mulheres envoltas em panos leves, com travessas nos cabelos (tinham subido para ver os filhos), atravessando o pequeno jardim da frente de casa, saíam à rua; homens com seus casacos enfunados pelo vento estavam à sua espera para dar partida no motor. Todo mundo estava saindo de casa. Com todas essas portas se abrindo, e as pessoas descendo as escadas, e os carros arrancando, a impressão era de que Londres inteira tomava lugar em pequenos barcos que, atracados na margem do rio, ondulavam sobre as águas, como se a cidade inteira flutuasse num alegre carnaval. E pela Whitehall passavam deslizando, de prata batida como era, passavam deslizando as aranhas, ← e se tinha a impressão de mosquitos voando em volta das lâmpadas a arco; estava tão quente que as pessoas ficavam paradas, conversando. E aqui, em Westminster, havia um juiz, provavelmente aposentado, todo vestido de branco, maciçamente sentado à porta de sua casa. Um anglo-indiano, provavelmente.

E, aqui, uma algazarra de mulheres ruidosas, embriagadas; ali, apenas um policial e casas indistintas, casas altas, casas abobadadas, igrejas, parlamentos, e o apito de um vapor no rio, um uivo surdo e brumoso. Mas era a rua dela, esta, a rua de Clarissa; táxis dobravam a esquina em disparada, como água em volta dos pilares de uma ponte, ali concentrados, parecia-lhe, porque levavam pessoas para a festa dela, a festa de Clarissa.

A corrente fria das impressões visuais faltou-lhe agora, como se o olho fosse uma xícara que tivesse transbordado e a sobra tivesse simplesmente escorrido pelas bordas de porcelana sem ser notada. Agora, o cérebro deve se acordar. Agora, o corpo deve se contrair e entrar na casa, na casa iluminada, cuja porta estava aberta e diante da qual estacionavam carros a motor de onde desciam mulheres fulgurantes: a alma deve encher-se de coragem para poder resistir. Ele abriu a grande lâmina do canivete.

Lucy desceu as escadas às carreiras, após ter dado uma passada pela sala de visitas para alisar uma toalha, endireitar uma cadeira, parar um instante e ter a sensação de que qualquer um que chegasse, quando visse a bela prataria, as ferragens em bronze da lareira, as novas capas das cadeiras e as cortinas de chita amarela, iria pensar como tudo estava limpo, brilhante, bem cuidado: avaliou cada uma dessas coisas; ouviu ruído de vozes; fim do jantar, as pessoas estavam subindo; tinha que voar!

O Primeiro-Ministro estava chegando, disse Agnes: era o que ouvira dizerem na sala de jantar, disse ela, chegando com uma bandeja de taças. Tinha alguma importância, a mínima importância, um Primeiro-Ministro a mais ou a menos? Não fazia nenhuma diferença, a essa hora da noite, para a Sra. Walker, rodeada de pratos, pires, coadores, frigideiras, galantinas de frango, sorveteiras, crostas de pão, limões, sopeiras e caçarolas de pudim que, por mais que as tivessem levado para a copa para serem lavadas, pareciam empilhar-se todas em cima dela, na mesa da cozinha, nas cadeiras, enquanto o fogo crepitava e estalava, as luzes elétricas ofuscavam, e ainda faltava servir a ceia. Tudo o que ela sentia era que um Primeiro-Ministro a mais ou a menos não fazia uma vírgula de diferença para a Sra. Walker.

As senhoras já estavam subindo, disse Lucy; as senhoras estavam subindo, uma a uma, a Sra. Dalloway por último e, como sempre, mandando algum recado para a cozinha: “Meus cumprimentos à Sra. Walker” foi o de uma noite dessas. Na manhã seguinte, elas iriam recapitular os pratos – a sopa, o salmão; o salmão, a Sra. Walker sabia, como sempre um tanto cru, pois ela sempre ficava nervosa com o pudim, e deixava-o a cargo de Jenny; e era o que acontecia, o salmão estava sempre um tanto cru. Mas uma senhora de cabelo loiro e joias de prata tinha perguntado, disse Lucy, sobre o prato principal, foi realmente feito em casa? ← Mas era o salmão que preocupava a Sra. Walker, enquanto girava os pratos incansavelmente e fechava e abria os registros do fogão; e então da sala de jantar veio uma gargalhada; uma voz no meio de uma conversa; e depois outra gargalhada – os cavalheiros se divertindo após a saída das

damas. O tócai, disse Lucy, entrando às pressas. ← A Sra. Dalloway tinha mandado buscar o tócai, o tócai das adegas do Imperador, o tócai imperial.

Ele foi levado passando pela cozinha. Lucy comentou, por sobre os ombros, como a Srta. Elizabeth estava bonita; não podia tirar os olhos dela; em seu vestido cor-de-rosa, usando o colar que a Sra. Dalloway lhe dera. Jenny não podia esquecer o cachorro, o fox terrier da Srta. Elizabeth, o qual, por ter o costume de morder as pessoas, tinha que ficar preso e poderia, achava Elizabeth, precisar de alguma coisa. Jenny devia se lembrar do cachorro. Mas Jenny não ia subir com todas aquelas pessoas em volta. Um carro a motor já estava à porta! A campainha tocava – e os cavalheiros ainda na sala de jantar tomando tócai!

Pronto, estavam subindo; aquele era o primeiro a chegar, e agora chegariam um atrás do outro, de maneira que a Sra. Parkinson (contratada especialmente para as festas) iria deixar a porta inteiramente aberta, e o vestíbulo ia ficar cheio de cavalheiros à espera (esperavam ajeitando o cabelo), enquanto as damas deixavam os casacos na peça que dava para o corredor; onde eram ajudadas pela Sra. Barnet, a velha Ellen Barnet, que esteve com a família por quarenta anos e vinha todo verão para ajudar as senhoras, e se lembrava das mães quando eram crianças, e apesar de muito singela fazia questão de cumprimentá-las; dizia *milady* muito respeitosamente, mas tinha um jeito engraçado, observando as senhoras mais jovens e ajudando, sempre com muito tato, Lady Lovejoy, que mostrava alguma dificuldade com o seu corpete. Elas não podiam deixar de sentir, Lady Lovejoy e a Srta. Alice, que algum pequeno privilégio em matéria de escovas e pentes haveria de lhes ser concedido, em virtude de terem conhecido a Sra. Barnet por... “por trinta anos, *milady*”, completou a Sra. Barnet, socorrendo-as. As moças, disse Lady Lovejoy, não costumavam usar ruge quando ficavam em Bourton nos velhos tempos. E a Srta. Alice não precisava de ruge, disse a Sra. Barnet, olhando-a com afeto. Ali ficava sentada a Sra. Barnet, no vestiário, sacudindo os casacos de peles, alisando os xales espanhóis, arrumando o toucador, e sabendo muito bem separar, apesar das peles e das rendas, as damas de verdade das que não eram. A boa

pessoa de sempre, disse Lady Lovejoy, subindo as escadas, a velha ama de Clarissa.

E, então, Lady Lovejoy se empertigou. “Lady e Srta. Lovejoy”, anunciou-se ela ao Sr. Wilkins (contratado especialmente para festas). Ele tinha uma atitude admirável, que se revelava ao se inclinar e se endireitar, se inclinar e se endireitar, e anunciava com perfeita imparcialidade “Lady e Srta. Lovejoy... Sir John e Lady Needham... Srta. Weld... Sr. Walsh”. Sua atitude era admirável; sua vida familiar devia ser irrepreensível, exceto que parecia impossível que um ser de lábios esverdeados e barbas feitas pudesse ter feito a bobagem de se encher de filhos.

“Que alegria ver você”, disse Clarissa. Dizia a mesma coisa a todo mundo. Que alegria ver você. Ela não poderia estar pior – exagerada, fingida. Tinha sido um grande erro ter vindo. Ele deveria ter ficado no hotel lendo o seu livro, pensou Peter Walsh; deveria ter ido a um teatro de variedades; deveria ter ficado no hotel, pois não conhecia ninguém.

Oh, céus, ia ser um fracasso; um completo fracasso, Clarissa sentia-o no mais fundo da alma, enquanto o bom e velho Lorde Lexham ficava ali se desculpando pela ausência da esposa que apanhara um resfriado na festa ao ar livre do Palácio de Buckingham. Podia ver, com o rabo do olho, Peter, num canto, criticando-a. Por que, afinal, ela fazia essas coisas? Por que buscar as alturas e ficar imersa em fogo? Que a consumisse de qualquer maneira! Que a reduzisse a cinzas! Melhor qualquer coisa, melhor erguer a nossa tocha e arremessá-la à terra do que se apequenar e se encolher como uma Ellie Henderson qualquer! Era extraordinário como Peter conseguia deixá-la neste estado simplesmente por ter vindo e ficar ali postado num canto. Ele fazia com que ela se visse a si própria; com que exagerasse. Era ridículo. Mas por que viera, então, simplesmente para criticar? Por que sempre tirar e nunca dar? Por que não se arriscar a exprimir seu humilde ponto de vista? Lá estava ele, afastando-se, e ela precisava falar com ele. Mas não teria essa oportunidade. A vida era isto – humilhação, renúncia. O que Lorde Lexham estava dizendo era que sua esposa se recusara a vestir suas peles para ir à festa ao ar livre porque “minha querida, vocês, mulheres, são todas iguais” – quando Lady Lexham tinha setenta e cinco anos, no

mínimo! Era uma beleza ver como cuidavam bem um do outro, aquele velho casal. Ela realmente gostava do velho Lorde Lexham. Ela realmente pensava que ela importava, a sua festa, e sentia-se mal por saber que tudo estava dando errado, tudo falhando. Qualquer coisa, qualquer explosão, qualquer horror era melhor do que ver pessoas andando para cá e para lá sem propósito, ou juntas num grupinho, encostadas num canto, como Ellie Henderson, sem nem sequer se preocuparem em manter um porte aprumado.

Suavemente, a cortina amarela, com todas as aves-do-paraíso, enfunou-se com o vento, e foi como se de repente uma revoada de asas tivesse entrado na sala para ser, em seguida, aspirada de volta para a rua. (Pois as janelas estavam abertas.) Havia uma corrente de ar? perguntou Ellie Henderson a si mesma. Era propensa a resfriados. Mas pouco importava que fosse acordar espirrando no dia seguinte; era nas moças com seus ombros nus que ela pensava, pois fora educada por seu velho pai, um homem doente, pároco em Bourton, já falecido, para pensar nos outros; e seus resfriados nunca atingiam o peito, nunca. Era nas moças que ela pensava, nas mocinhas com seus ombros nus, tendo sempre sido, ela própria, um fiapo de criatura, com o cabelo ralo e o perfil delgado; ainda que agora, passada dos cinquenta, começasse a irradiar um débil feixe de luz, alguma coisa que, apurada por anos de renúncia de si, resultara em distinção, mas perpetuamente obscurecida por sua condição de filha de boa família passando dificuldades, [←](#) por um medo aterrador, que resultava de sua míngua renda de trezentas libras e de sua situação desprotegida (não conseguia ganhar um único pêni), o que a tornava amedrontada e, a cada ano que passava, cada vez mais desqualificada para encontrar pessoas bem-vestidas que faziam esse tipo de coisa todas as noites da temporada, simplesmente dizendo a suas camareiras “Vestirei isso e aquilo”, enquanto Ellie Henderson saía correndo para comprar flores rosadas de pouco preço, uma meia dúzia delas, jogando depois um xale sobre o seu velho vestido preto. Pois o convite para a festa de Clarissa tinha chegado na última hora. Não ficara nada contente com isso. Ficou com a impressão de que Clarissa não pretendia convidá-la este ano.

Por que deveria? Não havia realmente nenhuma razão, exceto a de que se conheciam desde sempre. Na verdade, eram primas. Mas, com Clarissa sendo tão requisitada, tinham naturalmente se afastado. Ir a uma festa era, para ela, um acontecimento. Já era um grande deleite ver os lindos trajés. Aquela ali, com jeito de mulher crescida, penteada conforme a última moda e com vestido cor-de-rosa, não era Elizabeth? Mas não podia ter mais de dezessete anos. Ela era bonita, muito bonita. Mas as moças, quando eram apresentadas à sociedade, [←](#) pareciam não se vestir mais de branco como antes. (Tinha de guardar tudo na memória para contar a Edith.) As moças agora usavam vestidos retos, perfeitamente justos, com bainhas bem acima dos tornozelos. Não era conveniente, pensou ela.

Assim, com a vista fraca, Ellie Henderson espichava a cabeça para a frente, e não era tanto que ela se importasse em não ter ninguém com quem falar (não conhecia quase ninguém ali), pois sentia que eram pessoas tão interessantes de se observar; políticos, certamente; amigos de Richard Dalloway; mas foi o próprio Richard que percebeu que não podia deixar a pobre criatura ficar ali plantada sozinha a noite inteira.

“E então, Ellie, como o mundo está tratando *você*?”, disse ele com seu jeito delicado, e Ellie Henderson, pondo-se toda nervosa e enrubescendo e sentindo que era extraordinariamente simpático da parte dele ter se aproximado e falado com ela, disse que muitas pessoas eram realmente mais sensíveis ao calor do que ao frio.

“Sim, realmente são”, disse Richard Dalloway. “Sim.”

Mas o que mais se podia dizer?

“Olá, Richard”, disse alguém, pegando-o pelo braço e, meu Deus, ali estava o velho Peter, o velho Peter Walsh. Estava contente em vê-lo – muito feliz em vê-lo! Não tinha mudado nada. E juntos se afastaram, atravessando a sala, dando-se tapinhas, como se não se vissem havia muito tempo, pensou Ellie Henderson, vendo-os se afastarem, certa de que conhecia aquele rosto. Um homem alto, de meia-idade, olhos muito bonitos, moreno, de óculos, parecido com John Burrows. Edith com certeza saberia quem era.

A cortina com sua revoada de aves-do-paraíso enfunou-se outra vez. E Clarissa viu – ela viu Ralph Lyon empurrá-la de volta e continuar falando. Assim, não era um fracasso, afinal! ia dar tudo certo agora – a sua festa. Tinha começado. Tinha sido dada a partida. Mas ainda era um jogo de azar. Por enquanto devia ficar por ali. Parecia que não parava de chegar gente.

O Coronel e a Sra. Garrod... O Sr. Hugh Whitbread... O Sr. Bowley... A Sra. Hilbery... Lady Mary Maddox... O Sr. Quin..., entoava Wilkins. Ela trocava cinco ou seis palavras com cada um, e eles seguiam em direção aos salões; em direção, agora, a alguma coisa, não em direção a nada, uma vez que Ralph Lyon tinha empurrado a cortina de volta.

Mas, quanto ao seu próprio papel, era esforço demais. Não estava se divertindo. Tinha a forte sensação de ser... simplesmente outra pessoa qualquer, ali parada; qualquer um podia fazer isso; e, contudo, essa outra pessoa qualquer que ela, em certa medida, admirava, não podia deixar de sentir que ela tinha, de alguma forma, feito isso acontecer, que essa função que ela sentia ter assumido marcava uma etapa, pois, estranhamente, tinha esquecido de como ela era, mas se sentia como uma estaca fincada no alto de sua escadaria. Toda vez que dava uma festa tinha essa sensação de ser alguma coisa que não era ela própria, e de que todo mundo era, sob algum aspecto, irreal; e, sob outro, muito mais real. Era, pensou ela, em parte pela roupa que vestiam, em parte pelo fato de terem sido deslocados de seus afazeres ordinários, em parte pelo contexto; era possível dizer coisas que não se poderia dizer em qualquer outra situação, coisas que exigiam certo esforço; era possível ir muito mais a fundo. Mas não para ela; não ainda, de qualquer maneira.

“Que alegria ver você!”, disse ela. O velho e querido Sir Harry! Ele conhecia todo mundo.

E o que havia de muito estranho nisso era a sensação que se tinha enquanto eles subiam as escadas, um após o outro, a Sra. Mount e Celia, Herbert Ainsty, a Sra. Dakers – ah, e Lady Bruton!

“Muito, muito bom que tenha vindo!”, dizia ela, e estava sendo sincera – era estranho como, ali parada, se podia perceber como envelheciam,

envelheciam, alguns bastante velhos, alguns...

Qual era o nome? Lady Rosseter? Mas quem, afinal de contas, era Lady Rosseter?

“Clarissa!” Essa voz! Era Sally Seton! Sally Seton! depois desses anos todos! Surgia como que por entre um nevoeiro. Pois ela não era *assim*, Sally Seton, quando Clarissa pegou o jarro de água quente e pensou: ela está sob o mesmo teto! Não era assim!

Tudo uma por cima da outra, nervosas, dando risadas, as palavras jorravam – estava de passagem por Londres; soubera por Clara Haydon; que oportunidade para vê-la! Assim, me intrometi... sem ser convidada...

Já era possível largar tranquilamente o jarro de água quente. Ela perdera todo o brilho. E, contudo, era extraordinário vê-la novamente, mais velha, mais feliz, menos adorável. Beijaram-se, primeiro este lado, depois o outro, junto à porta da sala de estar, e Clarissa voltou-se, com as mãos de Sally entre as dela, e viu seus salões cheios, ouviu o murmúrio das vozes, viu os candelabros, as cortinas se enfunando e as rosas que Richard lhe dera.

“Tenho cinco garotos enormes”, disse Sally.

Ela tinha o mais singelo dos egoísmos, o mais sincero dos desejos de que sempre pensassem nela primeiro, e Clarissa a amava por ela ainda ser assim. “Não posso acreditar!”, exclamou, toda radiante de prazer só de pensar no passado.

Mas que pena, Wilkins; Wilkins a solicitava; Wilkins estava anunciando, com a voz de autoridade de quem estava no comando das operações, como se a tropa inteira devesse ser admoestada e a anfitriã resgatada de seu estado de frivolidade, um único nome:

“O Primeiro-Ministro”, disse Peter Walsh.

O Primeiro-Ministro? Era mesmo verdade? Ellie Henderson ficou toda admirada. Que coisa para contar a Edith!

Não se podia rir dele. Parecia tão comum. Podia-se vê-lo atrás de um balcão, vendendo bolachas – pobre homem, todo enfarpelado com galões dourados. E, para fazer justiça, ele se saiu bastante bem em sua ronda pelo salão, primeiro com Clarissa e, depois, escoltado por Richard. Tentava parecer alguém. Era divertido ficar olhando. Ninguém olhava para ele.

Limitavam-se a continuar falando, mas era perfeitamente óbvio que todos sabiam, sentindo-o até o mais íntimo de seu ser, que a majestade estava passando; que estava passando esse símbolo daquilo que todos eles representavam, a sociedade inglesa. A velha Lady Bruton, e ela também estava muito elegante, muito resoluta em seus galões, surgiu, e eles se retiraram para uma saleta que logo se tornou objeto de curiosidade, de atenção, e uma espécie de frêmito e de tremor reverberou visivelmente através de cada um deles: o Primeiro-Ministro!

Meu Deus, meu Deus, o esnobismo dos ingleses! pensou Peter Walsh, em pé num canto. Como gostavam de se enfeitar de galões dourados e de prestar homenagens! Aquele devia ser – por Júpiter, realmente era – Hugh Whitbread, farejando o território dos grandes, estava bem mais gordo, bem mais grisalho, o admirável Hugh!

Ele parecia estar sempre de plantão, pensou Peter, uma criatura privilegiada mas reticente, guardando segredos que defenderia até a morte, ainda que fosse apenas algum mexerico que um laçaiio deixara escapar e que amanhã estaria em todos os jornais. Esses eram os seus chocalhos, os seus joguetes, que de tanto brincar com eles fora ganhando cabelos brancos e chegara à beira da velhice, gozando do respeito e da afeição de todos os que tinham o privilégio de conhecer esse puro produto do internato privado inglês. Era inevitável formar esse tipo de ideia a respeito de Hugh; era o seu estilo; o estilo daquelas admiráveis cartas que Peter tinha lido no *Times*, a milhares de quilômetros, do outro lado do oceano, dando graças a Deus por não fazer parte desse pernicioso diz que diz, ainda que às custas de ouvir apenas a algazarra dos babuínos e os cules batendo na mulher. Um jovem de tez azeitonada, de uma das Universidades, mantinha-se obsequiosamente ao seu lado. Esse, ele iria apadrinhar, catequizar, ensinar como se dar bem. Pois não havia nada de que gostasse mais do que de dispensar gentilezas, de fazer o coração de velhas senhoras palpitar com a alegria de serem lembradas, na sua idade, nas suas aflições, julgando-se quase esquecidas, mas eis que aqui estava o querido Hugh, que ia visitá-las e gastava uma hora falando do passado, lembrando bobagens, elogiando o bolo feito em casa, embora Hugh fosse capaz de comer bolo com uma

duquesa todos os dias de sua vida, e bastava olhar para ele para concluir que era provável que de fato passasse uma boa parte de seu tempo nessa agradável ocupação. O Juiz Supremo, o Todo-Misericordioso, poderia perdoar. Peter Walsh não tinha piedade. Vilões certamente existem, mas só Deus sabe que os bandidos que são enforcados por terem estourado os miolos de uma moça num trem, na verdade, causam menos dano, em geral, do que Hugh Whitbread e sua gentileza. Observem-no agora, na ponta dos pés, avançando, fazendo uma vênua e arrastando um dos pés, enquanto o Primeiro-Ministro e Lady Bruton surgiam, anunciando, para que o mundo todo visse, que ele tinha o privilégio de dizer alguma coisa, alguma coisa pessoal, a Lady Bruton enquanto ela passava. Ela parou. Balançou sua vetusta e magnífica cabeça. Estava, sem dúvida, agradecendo-lhe algum ato de servilismo. Ela tinha seus aduladores, funcionários de segundo escalão nos gabinetes governamentais, que se afanavam em prestar-lhe pequenos serviços, em retribuição dos quais ela os agraciava com convites para almoços. Mas ela vinha do século dezoito. Ela estava certa.

E agora Clarissa escoltava o seu Primeiro-Ministro ao longo da sala, majestosa, deslumbrante, na magnificência de seus cabelos grisalhos. Exibia os seus brincos e usava um vestido verde-prata estilo sereia. Cabriolando sobre as ondas e trançando os cabelos, era a impressão que dava, pois ainda tinha esse dom; ser; existir; condensar tudo no instante enquanto passava; voltou-se, prendeu, soltando, em seguida, o xale no vestido de alguma outra mulher, riu-se, tudo com a mais perfeita naturalidade e o semblante de uma criatura flutuando no seu elemento. Mas a idade a roçara; tal qual uma sereia poderia, num fim de tarde muito claro, contemplar em seu espelho o sol poente sobre as ondas. Havia um sopro de ternura; sua severidade, seu recato, sua rigidez, tudo isso agora se atenuara, e havia nela, enquanto se despedia do corpulento homem dos galões dourados que estava fazendo o possível, e sorte para ele, para parecer importante, uma dignidade inexprimível; uma cordialidade rara; como se desejasse o melhor para o mundo inteiro, e devesse, agora que estava no exato limiar e limite

das coisas, sair de cena. Ela fazia, pois, com que ele se pusesse a pensar. (Mas ele não estava apaixonado.)

Na verdade, sentia Clarissa, fora simpático da parte do Primeiro-Ministro ter vindo à festa. E, atravessando com ele a sala, com Sally ali e Peter ali e Richard muito satisfeito, com todas aquelas pessoas bastante propensas, talvez, à inveja, ela sentira aquela embriaguez do instante, aquela dilatação dos nervos do próprio coração, ao ponto de ele parecer tremer, impregnado, retesado; – sim, mas, afinal, era o que outras pessoas sentiam, isso; pois, embora adorasse isso e sentisse o calafrio e a fisgada, ainda assim eram ocos esses triunfos (o velho e querido Peter, por exemplo, achando-a tão brilhante), essas superficialidades; estavam à distância de um braço, não no coração; e podia ser que estivesse ficando velha, mas não a satisfaziam mais como antes; e de repente, enquanto via o Primeiro-Ministro descer as escadas, a borda dourada do quadro da menina com um regalo feito por Sir Joshua, trouxe-lhe subitamente de volta a imagem de Kilman; Kilman, a sua inimiga. Isso era gratificante; isso era real. Ah, como ela a odiava – exaltada, hipócrita, corrupta; com todo aquele poder; a sedutora de Elizabeth; a mulher que chegara sorrateiramente para roubar e conspurcar (Richard diria: Que bobagem!). Ela a odiava: ela a amava. Era de inimigos que precisávamos, não de amigos – não a Sra. Durrant e Clara, Sir William e Lady Bradshaw, a Srta. Truelock e Eleanor Gibson (que ela viu subindo as escadas). Eles saberiam encontrá-la se precisassem dela. Ela estava toda voltada para a festa!

Ali estava seu velho amigo Sir Harry.

“Meu caro Sir Harry!”, disse ela, indo em direção ao velho e bom sujeito que produzira mais pinturas ruins que quaisquer outros dois acadêmicos juntos em todo o bairro de St John’s Wood ← (eram sempre de gado molhando-se em lagoas banhadas pelo sol poente, ou então, pois ele tinha certo catálogo de gestos, mostrando, pela maneira com que o animal erguia uma pata ou movimentava os chifres, “a Aproximação do Estranho” – todas as suas atividades, jantar fora, ir às corridas de cavalos, estavam inspiradas em gado absorvendo umidade à beira de banhados ao pôr do sol).

“De que estão rindo?”, perguntou-lhe ela. Pois Willie Titcomb e Sir Harry e Herbert Ainsty estavam todos rindo. Mas não. Sir Harry não podia contar a Clarissa Dalloway (por mais que gostasse dela; achava o seu tipo perfeito, tendo ameaçado pintá-la) suas histórias dos palcos do teatro de variedades. Brincou com Clarissa a respeito de sua festa. Sentia falta de seu conhaque. Estes círculos, disse, estavam acima dele. Mas gostava dela; respeitava-a, apesar de seu odioso e complicado refinamento de classe alta, que tornava impossível pedir a Clarissa Dalloway que se sentasse em seu joelho. E ali vinha aquele fogo-fátuo errante, aquela fosforescência nômade, [←](#) a velha Sra. Hilbery, estendendo as mãos para a chama da risada dele (a propósito do Duque e da Lady), a qual, quando a ouvira do outro lado da sala, pareceu tranquilizá-la sobre uma questão que às vezes a angustiava se acordava cedo e não queria chamar a criada para pedir uma xícara de chá: que é certo que morreremos.

“Eles não querem nos contar as suas histórias”, disse Clarissa.

“Querida Clarissa!”, exclamou a Sra. Hilbery. Ela parecia, esta noite, disse, tão igual à sua mãe quando a viu pela primeira vez passeando num jardim com um chapéu cinza.

E os olhos de Clarissa se encheram realmente de lágrimas. A mãe dela, passeando num jardim! Mas, que pena, tinha que ir adiante.

Pois ali estava o professor Brierly, que dava aulas sobre Milton, falando com o franzino Jim Hutton (que não era capaz, mesmo para uma festa como esta, de combinar a gravata com o colete ou de manter os cabelos ajeitados), e mesmo a essa distância ela podia ver que estavam discutindo. Pois o professor Brierly era uma criatura muito estranha. Com todos aqueles graus, honrarias, cátedras, que o separavam dos reles escrevinhadores, ele logo suspeitava de um ambiente que não fosse favorável à sua estranha constituição; à sua prodigiosa erudição e à sua timidez; ao seu fascínio frio e sem cordialidade; à sua ingenuidade misturada com esnobismo; tremia se tomasse consciência – pelo cabelo desgrenhado de uma senhora, pelas botinas de um jovem – de um submundo, sem dúvida digno de crédito, de rebeldes, de jovens ardorosos; de pretendentes a gênio, e sugeria, com um leve balanço da cabeça, com

uma fungada do nariz – hum!, o valor da moderação; de algum trato com os clássicos a fim de poder apreciar Milton. O professor Brierly (Clarissa podia perceber) não estava se entendendo com o franzino Jim Hutton (que vestia meias vermelhas, pois as pretas estavam na lavanderia) a respeito de Milton. Ela os interrompeu.

Disse que adorava Bach. Hutton igualmente. Esse era o vínculo entre eles, e Hutton (um péssimo poeta) sempre achou que a Sra. Dalloway era, de longe, entre as grandes damas que demonstravam interesse pela arte, a melhor. Era estranho o quanto ela era rigorosa. No que dizia respeito à música, era absolutamente impessoal. Era um tanto cheia de si. Mas era um fascínio contemplá-la! Descontando-se os seus professores, deixava a casa que era uma beleza. Clarissa sentiu-se tentada a sequestrá-lo para fazê-lo sentar-se ao piano, na sala dos fundos. Pois ele tocava divinamente.

“Mas o barulho!”, disse ela. “O barulho!”

“O sinal do sucesso de uma festa.” Com um civilizado aceno de cabeça, o professor afastou-se discretamente.

“Ele sabe tudo o que há no mundo para se saber a respeito de Milton”, disse Clarissa.

“Sabe mesmo?”, disse Hutton, que iria imitar o professor por Hampstead inteiro; o professor sobre Milton; o professor sobre a moderação; o professor se afastando delicadamente.

Mas ela devia conversar com aquele casal, disse Clarissa, Lorde Gayton e Nancy Blow.

Não que *eles* contribuíssem perceptivelmente para o barulho da festa. De pé, ao lado um do outro, junto às cortinas amarelas, não estavam (perceptivelmente) falando. Logo iriam embora, juntos, para algum outro lugar; e nunca tinham muito o que dizer, não importando a circunstância. Olhavam; era tudo. Era o que bastava. Mostravam-se tão limpos, tão saudáveis, ela com um aveludado de pêssego no rosto, feito de pó e pintura, ele, por sua vez, com jeito de quem saiu do banho, com uns olhos de águia tais que não havia bola que passasse por ele nem golpe que o surpreendesse. Ele golpeava, ele saltava, com precisão, no momento exato. Os focinhos dos pôneis tremiam na ponta de suas rédeas. Tinha suas honrarias, seus

estandartes, seus papéis ancestrais pendurados na capela de seus domínios. Tinha seus deveres; seus arrendatários; uma mãe e irmãs; tinha estado o dia inteiro no Lord's, e era sobre isso que falavam – críquete, primos, filmes – quando a Sra. Dalloway se aproximou. Lorde Gayton gostava tanto dela. A Srta. Blow também. Ela tinha uns modos tão cativantes.

“É divino – é encantador que tenham vindo!”, disse ela. Ela adorava o Lord's; ela adorava a juventude, e Nancy, vestida, por um alto preço, pelos maiores artistas de Paris, ficou ali parada, dando a impressão que de seu corpo tinha simplesmente brotado, por si só, um drapeado verde.

“Era meu desejo que houvesse dança”, disse Clarissa.

Pois os jovens não conseguiam conversar. E por que deveriam? Gritem, se abracem, se mexam, estejam de pé ao amanhecer; levem açúcar para os pôneis; beijem e acariciem o focinho de adoráveis chow-chows; e, depois, inteiramente vibrando e correndo, mergulhem e nadem. Mas os imensos recursos da língua inglesa, o poder que, afinal, ela confere, de comunicar os sentimentos (na idade deles, ela e Peter teriam ficado discutindo a noite toda), não eram para eles. Cedo se solidificariam. Seriam bons além da medida para os seus criados, mas a sós um tanto enfadonhos talvez.

“Que pena”, disse ela. “Esperava que houvesse dança.”

Era tão extraordinariamente simpático da parte deles terem vindo! Mas nem falar de dança! As salas estavam lotadas.

Ali estava, em seu xale, a velha tia Helena. Que pena, ela tinha que deixá-los – Lorde Gayton e Nancy Blow. Ali estava a velha Srta. Parry, sua tia.

Pois a Srta. Helena Parry não estava morta: a Srta. Parry estava viva. Passava dos oitenta. Subia as escadas vagorosamente, com o auxílio de uma bengala. Fora acomodada numa cadeira (Richard tinha tomado as devidas providências). As pessoas que tinham conhecido Burma nos anos setenta eram sempre levadas até ela. Onde teria se metido Peter? Eles costumavam ser tão bons amigos. Pois à simples menção da Índia, ou mesmo do Ceilão, seus olhos (apenas um era de vidro) se acentuavam lentamente, tornavam-se azuis e viam, não seres humanos – ela não tinha boas lembranças nem nutria grandes ilusões a respeito de Vice-Reis, Generais, Motins – eram

orquídeas que ela via, e desfiladeiros, e ela própria sendo carregada, através de picos isolados, nas costas de cules, nos anos sessenta; ou descendo para arrancar orquídeas (surpreendentes florações, nunca antes vistas) que ela pintava em aquarela; uma inglesa indômita, que se indignava se fosse tirada pela Guerra – que, digamos, deixara cair uma bomba praticamente à sua porta – de sua profunda meditação sobre orquídeas e sobre sua própria figura viajando pela Índia nos anos sessenta – mas aqui estava Peter.

“Venha conversar com a tia Helena sobre Burma”, disse Clarissa.

E, contudo, ele não trocara uma palavra com ela a noite toda!

“Falaremos mais tarde”, disse Clarissa, conduzindo-o até onde estava tia Helena, com o xale branco e a bengala.

“Peter Walsh”, disse Clarissa.

O nome não significava nada.

Clarissa a convidara. Era cansativo; era barulhento; mas Clarissa a convidara. Por isso ela viera. Era uma pena que morassem em Londres – Richard e Clarissa. Ao menos para a saúde de Clarissa, teria sido melhor se tivessem ido morar no campo. Mas Clarissa sempre fora apaixonada pela vida social.

“Ele esteve em Burma”, disse Clarissa.

Ah. Ela não podia deixar de lembrar o que Charles Darwin dissera sobre o pequeno livro dela sobre as orquídeas de Burma.

(Clarissa tinha que falar com Lady Bruton.)

Sem dúvida agora estava esquecido, seu livro sobre as orquídeas de Burma, mas chegou a ter três edições antes de 1870, disse a Peter. Lembrou-se dele agora. Ele estivera em Bourton (e ele a abandonara na sala de estar, lembrava-se Peter Walsh, sem dizer nada, naquela noite, quando Clarissa o convidou para andarem de barco).

“Richard gostou muito do almoço”, disse Clarissa para Lady Bruton.

“Richard me foi da maior ajuda possível”, respondeu Lady Bruton. “Ajudou-me a escrever uma carta. E você, como vai?”

“Oh, muitíssimo bem!”, disse Clarissa. (Lady Bruton detestava doenças e mulheres de políticos.)

“Eis aí Peter Walsh!”, disse Lady Bruton (pois nunca achava o que conversar com Clarissa; embora gostasse dela. Ela tinha muitas e boas qualidades; mas não tinham nada em comum – ela e Clarissa. Teria sido melhor se Richard tivesse se casado com uma mulher menos atraente, mas que o ajudasse na sua carreira. Ele perdera sua chance de fazer parte do Gabinete). “Eis aí Peter Walsh!”, disse ela, apertando as mãos desse simpático pecador, desse sujeito muito capaz, que poderia ter adquirido certa reputação, mas não chegou a isso (sempre metido em complicações com mulheres), e, naturalmente, a velha Srta. Parry. Admirável, a velha dama!

Lady Bruton, vestida de preto, espectral granadeiro, de pé junto à cadeira da Srta. Parry, convidava Peter Walsh para um almoço; cordial; mas sem conversa fiada, sem qualquer reminiscência sobre a flora ou a fauna da Índia. Ela estivera lá, naturalmente; tinha ficado na casa de três Vice-Reis; achava que alguns dos funcionários civis que serviam na Índia eram sujeitos excepcionalmente bons; mas que tragédia era aquilo – a situação da Índia! [←](#) O Primeiro-Ministro tinha acabado de lhe contar (a velha Srta. Parry enrolou-se em seu xale, não lhe interessava o que o Primeiro-Ministro tinha acabado de lhe contar), e Lady Bruton gostaria de ter a opinião de Peter Walsh, já que ele acabara de voltar do centro das coisas, e ela ia providenciar um encontro dele com Sir Sampson, pois isso realmente a estava impedindo de dormir à noite, a loucura que era aquilo, a perversidade, poderia ela dizer, já que era filha de militar. Era agora uma mulher velha, não servindo para grande coisa. Mas a sua casa, os seus criados, a sua boa amiga Milly Brush – ele se lembrava dela? – estavam lá apenas esperando ser chamados se... se pudessem, em suma, ser de alguma ajuda. Pois ela nunca falava da Inglaterra, mas esta ilha de soldados, esta querida, queridíssima terra, [←](#) estava no seu sangue (sem ter lido Shakespeare), e se, alguma vez, existiu uma mulher que podia enfiar um elmo na cabeça e disparar a flecha, conduzir tropas ao ataque, comandar com indômita justiça hordas bárbaras até finalmente poder repousar, sob um escudo, com o nariz cortado, nalguma igreja, ou ser transformada num tufo de grama verde em alguma colina do início dos tempos, essa mulher

era Millicent Bruton. Privada, por seu sexo e também por certa inércia, das faculdades lógicas (não conseguia escrever uma carta para o *Times*), ela tinha sempre presente a ideia do Império, e adquirira, em virtude de sua associação com aquela deusa em armas, [←](#) o seu porte marcial, o vigor de sua postura, de maneira que não se podia imaginá-la, mesmo morta, separada da terra ou vagando por territórios sobre os quais a Union Jack, de uma forma espiritual, tivesse deixado de tremular. Não ser inglesa, mesmo entre os mortos... não, não! Impossível!

Mas aquela era a Lady Bruton (que ela conhecia)? Aquele era Peter Walsh, já grisalho? perguntou-se Lady Rosseter (que antes tinha sido Sally Seton). Aquela era certamente a velha Srta. Parry – a velha tia que se mostrara tão ranzinza quando ela passou um tempo em Bourton. Nunca iria se esquecer da vez em que saiu correndo nua pelo corredor e foi repreendida pela Srta. Parry. E Clarissa! oh, Clarissa! Sally pegou-a pelo braço.

Clarissa juntou-se a eles.

“Mas não posso ficar”, disse ela. “Voltarei mais tarde. Esperem”, disse, olhando para Peter e Sally. Eles deveriam esperar até que todas essas pessoas tivessem ido embora, era o que queria dizer.

“Voltarei depois”, disse ela, olhando para os seus velhos amigos, Sally e Peter, que estavam trocando apertos de mão, enquanto Sally, sem dúvida rememorando o passado, dava risadas.

Mas pouco restara, na sua voz, da radiante riqueza de antigamente; os seus olhos não tinham o brilho daqueles tempos, quando ela fumava charutos, quando saía correndo pelo corredor para pegar a esponja de banho, sem uma tira de roupa sobre o corpo, e Ellen Atkins perguntou: E se os homens tivessem esbarrado nela? Mas todo mundo a desculpava. Roubou um frango da despensa porque sentiu fome durante a noite; fumava charutos no quarto; esqueceu um livro de valor inestimável no barco. Mas todo mundo a adorava (exceto, talvez, papai). Era o seu ardor; a sua vitalidade – ela pintava, ela escrevia. As mulheres velhas do lugarejo nunca deixavam, até hoje, de perguntar pela “sua amiga do casaco vermelho que parecia tão alegre”. Ela acusou Hugh Whitbread, logo ele (e

lá estava ele, seu velho amigo Hugh, conversando com o embaixador de Portugal), de tê-la beijado, no salão de fumar, para castigá-la por ter dito que as mulheres deviam ter direito ao voto. Homens comuns tinham, disse ela. E Clarissa lembrava-se de tê-la convencido a não denunciá-lo durante a oração em família – o que ela era capaz de fazer, com sua ousadia, seu atrevimento, seu melodramático desejo de ser o centro de tudo e de provocar cenas, o que poderia muito bem, costumava pensar Clarissa, terminar em uma terrível tragédia; em sua morte; em seu martírio; em vez disso, tinha casado, um tanto inesperadamente, com um homem calvo, com uma grande botoeira na lapela, que era dono, diziam, de fiações de algodão em Manchester. E era mãe de cinco garotos!

Ela e Peter tinham se sentado lado a lado. Estavam conversando: parecia tão familiar – o fato de estarem conversando. Falariam sobre o passado. Com os dois (mais até que com Richard) ela compartilhava o seu passado; o jardim; as árvores; o velho Joseph Breitkopf cantando Brahms sem nenhuma voz; o papel de parede da sala de estar; o cheiro dos capachos. Sally sempre seria parte disso; Peter sempre seria. Mas ela precisava deixá-los. Ali estavam os Bradshaws, dos quais não gostava.

Devia se aproximar de Lady Bradshaw (em cinza e prata, balançando-se como um leão-marinho à beira de sua piscina, atrás de convites, de duquesas, a típica esposa de um homem bem-sucedido), ela devia se aproximar de Lady Bradshaw e dizer...

Mas Lady Bradshaw se antecipou.

“Estamos terrivelmente atrasados, querida Sra. Dalloway, quase não tivemos coragem de entrar”, disse ela.

E Sir William, que parecia muito distinto, com seu cabelo grisalho e seus olhos azuis, disse sim; não tinham conseguido resistir à tentação. Ele estava conversando com Richard, provavelmente a respeito da lei que eles queriam fazer passar na Câmara dos Comuns. Por que a visão dele, conversando com Richard, fez com que ela se contraísse toda? Ele parecia o que era, um grande médico. Um homem absolutamente no topo da sua profissão, muito influente, um tanto cansado. Pois imaginem o tipo de casos com que se defrontava – pessoas no mais extremo dos sofrimentos;

peessoas à beira da insanidade; maridos e esposas. Ele tinha que tomar decisões terrivelmente difíceis. Mas – o que ela sentia era: não seria nada desejável se apresentar diante de Sir William parecendo infeliz. Não; não diante daquele homem.

“Como vai seu filho em Eton?”, perguntou à Lady Bradshaw.

Ele acabara de perder a oportunidade de fazer parte do time de críquete, disse Lady Bradshaw, por causa da caxumba. ← O pai ficara mais chateado do que ele, “pois não passava”, disse ela, “de um menino crescido”.

Clarissa olhou para Sir William, que conversava com Richard. Ele não parecia um menino – não, ele não parecia um menino, de jeito nenhum.

Ela acompanhara, uma vez, alguém que fora consultá-lo. Ele tinha sido absolutamente correto; extremamente sensível. Mas, céus, que alívio sair dali e estar de novo na rua! Havia um pobre coitado soluçando, ela se lembrava, na sala de espera. Mas ela não sabia qual era o problema com Sir William; de que, exatamente, ela não gostava. Apenas Richard concordava com ela, “não gostava do gosto dele, não gostava do cheiro dele”. Mas ele era extraordinariamente capaz. Estavam conversando sobre esse projeto de lei. Algum caso, estava mencionando Sir William, baixando a voz. Tinha algo a ver com o que ele dizia a respeito dos efeitos retardados dos traumas de guerra. Devia haver alguma cláusula no projeto. Baixando a voz, arrastando a Sra. Dalloway para o abrigo de uma feminilidade comum, do orgulho comum das ilustres qualidades dos maridos e da lamentável tendência deles a trabalhar em excesso, Lady Bradshaw (a pobre ingênua – não se podia deixar de gostar dela) murmurou que “bem quando estávamos para sair, meu marido foi chamado ao telefone, um caso muito triste. Um jovem (era o que Sir William estava contando ao Sr. Dalloway) se matara. Ele servira o exército”. Oh! pensou Clarissa, eis que surge a morte, pensou ela, bem no meio da minha festa.

Ela se dirigiu à saleta para onde o Primeiro-Ministro tinha ido com Lady Bruton. Talvez houvesse alguém ali. Mas não havia ninguém. As poltronas ainda carregavam as marcas do Primeiro-Ministro e de Lady Bruton, ela inclinada atenciosamente, ele maciçamente instalado, com toda

a autoridade. Estiveram falando sobre a Índia. Não havia ninguém. O esplendor da festa se desmanchava diante da estranheza que era entrar sozinha na sala, com toda a gala com que se vestia.

O que é que os Bradshaw tinham de falar de morte na sua festa? Um jovem se matara. E eles falaram sobre isso na sua festa – os Bradshaws falaram de morte. Ele tinha se matado – mas como? Era sempre o seu corpo o primeiro a sentir quando era de repente informada de algum acidente; o vestido ardia, o corpo ficava em brasa. Ele tinha se atirado de uma janela. O chão crescera, num relâmpago, em direção ao alto; através dele passaram, raspando, rasgando, as flechas enferrujadas. Ali ficou, estatelado, com um tum, tum, tum no cérebro e, depois, o sufoco da escuridão. Assim ela via o acontecido. Mas por que fizera isso? E os Bradshaws falaram disso na sua festa!

Ela jogara, outrora, um xelim no Serpentine, nada mais, nunca. Mas ele se atirara. Eles continuavam com a vida (ela tinha que voltar à festa; as salas ainda estavam cheias; continuava chegando mais gente.) Eles (ela estivera o dia todo pensando em Bourton, em Peter, em Sally), eles estavam ficando velhos. Havia uma coisa que importava; uma coisa, cingida de conversa miúda, desfigurada, obscurecida em sua própria vida, esvaída cada dia em corrupção, mentiras, tagarelice. Isso ele preservara. A morte era um ato de rebeldia. A morte era uma tentativa de se comunicar; pois as pessoas sentiam a impossibilidade de atingir o centro que, misticamente, lhes escapava; a intimidade virava separação; o arrebatamento se extinguia, ficava-se só. Havia um abraço na morte.

Mas esse jovem que se matara – teria ele mergulhado segurando seu tesouro? “Se a hora de morrer chegara, esta seria a mais feliz das horas”, dissera para si mesma, outrora, descendo as escadas, vestida de branco.

Ou havia os poetas e os pensadores. Suponha que ele tivera essa paixão e fora consultar Sir William Bradshaw, um grande médico, embora, para ela, obscuramente pérfido, sem sexo ou sensualidade, extremamente polido com as mulheres, mas capaz de algum ultraje indescritível – de violentar a nossa alma, era isso – que esse jovem tivesse ido consultá-lo, e Sir William, com o seu poder, o tivesse impressionado desse jeito, não poderia ele,

então, ter dito (na verdade, ela sentia isso agora): a vida se torna intolerável; eles, os homens desse tipo, tornam a vida intolerável?

Depois (sentira isso apenas nesta manhã), havia o terror; a opressiva incapacidade que tinha esta vida, desde que nossos pais a puseram em nossas mãos, de ser vivida até o fim, de ser percorrida com serenidade; havia, no mais fundo de seu coração, um medo terrível. Mesmo agora, com muita frequência, se Richard não estivesse ali, absorvido na leitura do *Times*, de maneira que ela pudesse se encolher como um pássaro e gradualmente se reanimar, fazer explodir, num estrondo, esse incomensurável prazer, roçando um graveto contra o outro, uma coisa contra a outra, ela teria perecido. Mas esse jovem se matara.

De algum modo, era a sua ruína – a sua desgraça. Era o seu castigo ver mergulhar e desaparecer, aqui um homem, ali uma mulher, nessa profunda escuridão, enquanto ela era obrigada a ficar aqui, com o seu vestido de festa. Ela conspirara; ela furtara. Nunca foi inteiramente admirável. Ela quisera o sucesso, Lady Bexborough e tudo o mais. E caminhara, outrora, em Bourton, pelo terraço.

Estranho, incrível; nunca fora tão feliz. ← Nada era demasiado devagar; nada durava demasiado. Não havia prazer comparável, pensou, endireitando as cadeiras, arrumando um livro na estante, com o de ter deixado para trás os triunfos da juventude, de se perder no processo de viver a vida, para reencontrá-la, com um choque de prazer, enquanto o sol nascia, enquanto o dia se punha. Vezes sem conta, em Bourton, ela saía, quando estavam conversando, para olhar o céu; ou o vira, por entre os ombros das pessoas, durante o jantar; ou o vira em Londres, quando não conseguia dormir. Ela foi até a janela.

Este céu de campo, este céu sobre Westminster, por mais boba que a ideia pudesse parecer, tinha algo dela própria. Afastou as cortinas; olhou. Oh, mas que surpresa! – no quarto em frente a velha senhora fitava-a diretamente! Ia se deitar. E o céu. Vai ser um céu solene, pensara, vai ser um céu escuro, recusando o lado belo de sua face. Mas ali estava ele – de uma palidez de cinza, rapidamente atropelado por longas e delgadas nuvens. Era algo novo para ela. Devia ter levantado um vento. Ela estava

indo para a cama no quarto em frente. Era fascinante olhá-la, andando de um lado para o outro, aquela velha senhora, atravessando o quarto, chegando até a janela. Será que ela podia vê-la? Era fascinante, com as pessoas ainda rindo e gritando no salão, observar essa velha senhora, indo, muito calmamente, deitar-se sozinha. Agora fechou a cortina. O relógio começou a bater. O jovem se matara; mas ela não tinha pena dele; com o relógio batendo as horas, uma, duas, três, ← não tinha pena dele, com tudo isso acontecendo. Pronto! a velha senhora tinha apagado as luzes! a casa inteira estava agora no escuro, com tudo isso acontecendo, repetiu ela, e as palavras vinham até ela: Não mais temas o calor do sol. Ela devia voltar para eles. Mas que noite extraordinária! Sentia-se, de algum modo, muito como ele – o jovem que se matara. Alegrava-se pelo que ele fizera; por tê-la jogado fora enquanto eles continuavam a vida. ← O relógio estava batendo. Os círculos de chumbo se dissolveram no ar. ← Mas ela devia voltar. Devia congrega. Devia encontrar Sally e Peter. E entrou, saindo da saleta.

“Mas onde está Clarissa?”, disse Peter. Ele estava sentado no sofá com Sally. (Depois de todos esses anos, realmente não conseguia chamá-la de “Lady Rosseter”.) “Aonde terá ido essa mulher?”, perguntou ela. “Onde está Clarissa?”

Sally supunha, assim como Peter, aliás, que havia pessoas de importância, políticos, que nenhum deles conhecia a não ser pelo retrato nos jornais ilustrados, com os quais Clarissa tinha que conversar, mostrando-se simpática. Ela estava com eles. Mas ali estava Richard Dalloway, que não fazia parte do Gabinete. Ele não fora bem-sucedido? era o que supunha Sally. No que respeitava a ela, raramente lia os jornais. Via, às vezes, menções ao nome dele. Mas depois – bem, vivia uma vida muito solitária, nos cafundós, diria Clarissa, entre grandes comerciantes, grandes industriais, homens que, afinal, faziam coisas. Ela também fizera coisas!

“Tenho cinco filhos!”, disse-lhe.

Meu Deus, meu Deus, que mudança ela sofrera! a placidez da maternidade; e o egoísmo também. A última vez que eles se encontraram, lembrava-se Peter, tinha sido entre as couves, ao luar, as folhas “como

bronze bruto”, dissera ela, com seu toque literário; e ela colhera uma rosa. Ela o fizera andar para cima e para baixo naquela noite horrível, após a cena junto à fonte; ele devia tomar o trem da meia noite. Oh, céus, como ele havia chorado!

Essa era a sua antiga mania, de abrir um canivete, pensou Sally, sempre abrindo e fechando um canivete quando ficava nervoso. Tinham sido muito, muito íntimos, ela e Peter Walsh, quando ele estava apaixonado por Clarissa, e houve aquela cena terrível, ridícula, no almoço, por causa de Richard Dalloway. Ela chamara Richard de “Wickham”. Por que não chamar Richard de “Wickham”? Clarissa ficara enfurecida! e, na verdade, pouco tinham se visto, ela e Clarissa, desde então, talvez não mais que uma meia dúzia de vezes nos últimos dez anos. E Peter Walsh fora embora para a Índia, e ela ouvira dizer, muito vagamente, que ele tivera um casamento infeliz, e ela não sabia se ele tivera filhos, e ela não podia perguntar-lhe, pois ele estava mudado. Parecia um tanto enrugado, porém mais afável, sentiu ela, e tinha por ele um verdadeiro afeto, pois ele estava ligado à juventude dela, e ela ainda tinha um pequeno livro de Emily Brontë que ele lhe dera, e ele planejava escrever, não? Ele planejava escrever naquela época.

“Tem escrito?”, perguntou-lhe, espalmando a mão, sua firme e bem moldada mão, sobre o joelho, de um jeito que ele lembrava.

“Nem uma palavra”, disse Peter Walsh, e ela deu uma risada.

Ainda era atraente, ainda uma figura, Sally Seton. Mas quem era esse Rosseter? Portava duas camélias na lapela no dia do casamento – era tudo o que Peter sabia sobre ele. “Eles têm uma quantidade imensa de criados, uma extensão interminável de estufas”, escreveu-lhe Clarissa; algo parecido. Sally admitiu-o com uma gargalhada.

“Sim, tenho uma renda de dez mil por ano” – se descontado ou não o imposto, ela não se lembrava, pois o marido, “que você deveria conhecer”, disse ela, “de quem você iria gostar”, disse ela, se encarregava de tudo isso.

Logo Sally, que se cobria de trapos e farrapos. Ela empenhara o anel do bisavô, que Maria Antonieta lhe dera – entendera ele direito? – para ir a Bourton.

Ah, sim, Sally se lembrava; ela ainda o tinha, um anel de rubi que Maria Antonieta dera ao bisavô. Naquela época não tinha um centavo que fosse e uma viagem a Bourton sempre significava um tremendo aperto. Mas a viagem a Bourton significava muito para ela – ajudava-a a manter a sanidade, acreditava ela, tal era a infelicidade que sentia em casa. Mas isso tudo era coisa do passado – tudo acabado agora, disse. E o Sr. Parry estava morto; e a Srta. Parry ainda estava viva. Nunca tivera um choque desses em toda a sua vida!, disse Peter. Estivera certo de que ela estava morta. E o casamento fora, supunha Sally, um sucesso? E aquela jovem, tão bonita, tão segura de si, ali junto às cortinas, de vermelho, era Elizabeth. ←

(Ela era como um álamo, ela era como um rio, ela era como um jacinto, era o que Willie Titcomb estava pensando. Oh, como era muito melhor estar no campo e fazer o que ela queria! Podia ouvir seu pobre cão latindo, Elizabeth tinha certeza disso.) Ela não era nada parecida com Clarissa, disse Peter Walsh.

“Oh, Clarissa!”, disse Sally.

O que Sally sentia era simplesmente isso. Ela devia muitíssimo a Clarissa. Tinham sido amigas, não conhecidas, amigas, e ainda podia ver Clarissa toda de branco andando pela casa, as mãos cheias de flores – até hoje pés de tabaco faziam-na pensar em Bourton. Mas – será que Peter compreendia? – faltava-lhe algo. Exatamente o quê? Ela era encantadora; extraordinariamente encantadora. Mas, para usar de franqueza (e ela sentia que Peter era um velho amigo, um verdadeiro amigo – a ausência fazia alguma diferença? a distância fazia alguma diferença? Tivera, muitas vezes, a intenção de enviar-lhe uma carta, mas acabava rasgando, porém sentia que ele compreendia, pois as pessoas compreendem sem que nada seja dito, como percebemos à medida que ficamos velhos, e velha ela estava ficando, estivera aquela tarde em Eton para ver os filhos, que estavam com caxumba), para usar de franqueza, então, como Clarissa pôde ter feito isso? – casar-se com Richard Dalloway? um desportista, um homem que só se preocupava com os seus cães. Quando entrava na sala, cheirava literalmente a estábulo. E, depois, tudo isto? Fez um gesto com a mão.

Era Hugh Whitbread, que passava com seu colete branco, apagado, gordo, parecendo cego, indiferente a tudo, exceto amor-próprio e comodidade.

“Ele não vai reconhecer a *nós*”, disse Sally e, realmente, ela não teve a coragem... assim era Hugh! o admirável Hugh!

“E o que ele faz?”, ela perguntou a Peter.

Engraxava as botas do rei ou contava garrafas em Windsor, disse-lhe Peter. Peter mantinha a língua afiada! Mas Sally devia ser franca, disse Peter. E aquele beijo, o de Hugh.

Nos lábios, assegurou-lhe, uma noite, no salão de fumar. Enfurecida, foi logo procurar Clarissa. Hugh não fazia esse tipo de coisa! disse Clarissa, o admirável Hugh! As meias de Hugh eram, sem sombra de dúvida, as mais bonitas que ela já vira – e o seu terno de noite, então. Perfeito! E ele, tinha filhos?

“Todo mundo na sala tem seis filhos em Eton”, disse-lhe Peter, exceto ele. Ele, graças a Deus, não tinha nenhum. Nem filhos, nem filhas, nem mulher. Bem, ele parecia não se importar, disse Sally. Ele parecia mais jovem do que qualquer um deles, ela pensou.

Mas fora uma bobagem, sob muitos aspectos, disse Peter, casar-se daquele jeito; “uma grande tolinha é o que ela era”, disse ele, mas, disse ele, “passamos um período agradável”, mas como podia ser assim? perguntou-se Sally; o que queria ele dizer com isso? e como era estranho conhecê-lo sem saber nada do que tinha se passado com ele. E ele disse isso por orgulho? Muito provavelmente, pois, afinal, deve ser constrangedor para ele (embora ele fosse uma excentricidade, uma espécie de duende, de nenhum modo um homem comum), deve ser desolador, na sua idade, não ter um lar, nenhum lugar para onde ir. Mas ele tinha que ficar umas boas semanas na casa deles. Claro que ele ficaria; ele adoraria ficar na casa deles, e assim ficou combinado. Em todos esses anos, os Dalloways nunca tinham ficado na casa deles. Vezes e mais vezes, eles os convidaram. Clarissa (pois naturalmente devia-se a Clarissa) não ia. Pois, disse Sally, Clarissa era, no fundo, uma esnobe – era preciso admiti-lo, uma esnobe. E era isso o que se interpunha entre elas, ela estava convencida. Clarissa achava que ela tinha

casado abaixo da sua classe, já que o seu marido era – coisa da qual ela se orgulhava – filho de um mineiro. Cada pêni que tinham, ele ganhara com o seu trabalho. Quando garoto (a voz dela tremia), carregara sacos enormes.

(E, assim, ela continuaria, sentia Peter, por horas a fio; o filho do mineiro; as pessoas achavam que ela tinha casado abaixo da sua classe; seus cinco filhos; e qual era a outra coisa? – plantas, hortênsias, lilases, raros, raríssimos hibiscos que nunca vingavam ao norte do Canal do Suez, mas ela, com a ajuda de um único jardineiro, num subúrbio perto de Manchester, tinha canteiros e canteiros deles! Ora, tudo isso Clarissa evitara, tão pouco maternal que era.)

Uma esnobe era o que ela era? Sim, sob muitos aspectos. Onde esteve ela todo esse tempo? Estava ficando tarde.

“Contudo”, disse Sally, “quando soube que Clarissa estava dando uma festa, senti que não podia *não* vir – que devia vê-la novamente (e estou hospedada na Victoria Street, praticamente ao lado). De modo que simplesmente vim, sem ter um convite. Mas”, murmurou ela, “diga-me. Quem é aquela?”

Era a Sra. Hilbery, procurando a saída. Pois como estava ficando tarde! E, murmurou ela, à medida que a noite avançava, à medida que as pessoas iam embora, encontrávamos velhos amigos; cantos e recantos tranquilos; e as mais belas vistas. Sabiam eles, perguntou ela, que estavam rodeados por um jardim encantado? Luzes e árvores e lagos resplandcentes, maravilhosos, e o céu. Apenas umas poucas luzes festivas, tinha dito Clarissa Dalloway, no jardim dos fundos! Mas ela era uma fada! Aquilo era um parque... E ela não sabia os nomes deles, mas amigos ela sabia que eram, amigos sem nome, canções sem palavras, sempre os melhores. Mas havia tantas portas, tantos lugares inesperados, ela não conseguia encontrar a saída.

“A velha Sra. Hilbery”, disse Peter; mas quem era aquela? aquela senhora em pé junto à cortina toda a noite, sem falar nada? Ele conhecia aquele rosto; ligou-a a Bourton. Não era aquela que costurava roupas íntimas naquela mesa grande junto à janela? Davidson, não era como se chamava?

“Ah, é Ellie Henderson”, disse Sally. Clarissa era realmente muito dura com ela. Era prima dela, muito pobre. Clarissa *era* dura com as pessoas.

Bastante, disse Peter. Porém, disse Sally, com seu jeito emotivo, com um jorro daquele entusiasmo que fazia Peter gostar dela na época, mas temê-la um pouco agora, tal era a intensidade de que podia ficar tomada – como Clarissa era generosa com os amigos! e que qualidade rara de se encontrar era essa, e como, às vezes, à noite ou no Natal, quando fazia um balanço das bênçãos que recebera, ela punha a amizade em primeiro lugar. Eles eram jovens; esse era o fato. Clarissa tinha um coração puro; esse era o fato. Peter iria achá-la sentimental. Ela de fato era. Pois sentia que era a única coisa que valia a pena dizer – aquilo que sentíamos. Exibir inteligência era uma coisa boba. Devíamos simplesmente dizer o que sentíamos.

“Mas não sei”, disse Peter Walsh, “o que sinto.”

Pobre Peter, pensou Sally. Por que Clarissa não vinha falar com eles? Era isso o que ele desejava. Ela sabia. Esteve o tempo todo apenas pensando em Clarissa e brincando com o seu canivete.

Ele não achara que a vida fosse simples, disse Peter. Suas relações com Clarissa não tinham sido simples. Isso tinha-lhe arruinado a vida, disse ele. (Eles tinham sido tão íntimos – ele e Sally Seton, era absurdo não dizer isso.) Não podíamos nos apaixonar duas vezes, ele disse. E o que podia ela dizer? De qualquer maneira, era melhor ter amado (mas ele ia achá-la sentimental – ele era tão sarcástico.) Ele devia passar um tempo com eles em Manchester. Com toda a certeza, disse ele. Com toda a certeza. Ele adoraria passar um tempo com eles, assim que terminasse o que tinha que fazer em Londres.

E Clarissa se importara mais com ele do que alguma vez se importara com Richard, Sally estava certa disso.

“Não, não, não!”, disse Peter (Sally não deveria ter dito isso – fora longe demais). Aquele excelente sujeito – lá estava ele, no fundo da sala, discursando, o mesmo de sempre, o velho e bom Richard. Quem era aquele com quem ele estava conversando? perguntou Sally, aquele homem de aspecto tão distinto? Vivendo nos cafundós como ela vivia, tinha uma

curiosidade insaciável por saber quem eram as pessoas. Mas Peter não sabia. Ele não gostava do seu jeito, disse ele, provavelmente algum ministro. Deles todos, Richard parecia-lhe o melhor, disse ele – o mais desinteressado.

“Mas o que ele fizera?”, perguntou Sally. Obras públicas, supunha ela. E eles eram felizes juntos? perguntou Sally (ela própria era extremamente feliz); pois, admitia ela, não sabia nada a respeito deles, apenas tirava conclusões precipitadas, como costumamos fazer, pois o que sabemos a respeito até mesmo das pessoas com quem vivemos todos os dias? perguntou ela. Não somos todos prisioneiros? Lera uma peça maravilhosa sobre um homem [←](#) que rabiscava nas paredes de sua cela, e ela sentira que isso valia para a vida – rabiscar nas paredes. Desanimada com as relações humanas (as pessoas eram tão difíceis), ela ia com frequência até o jardim e obtinha das flores uma paz que os homens e as mulheres nunca lhe deram. Mas não; ele não gostava de repolhos; ele preferia os seres humanos, disse Peter. De fato, os jovens são lindos, disse Sally, observando Elizabeth no outro lado do salão. Como era diferente de Clarissa na sua idade! Ele tinha alguma ideia sobre como era ela? Ela não abria a boca. Não muito, não ainda, admitiu Peter. Ela era como um lírio, disse Sally, um lírio à beira de um charco. Mas Peter não concordava com a opinião de que não sabíamos nada. Sabemos tudo, disse ele; pelo menos, ele sabia.

Mas esses dois, murmurou Sally, esses dois que estão vindo agora (e ela realmente devia ir embora se Clarissa não aparecesse logo), esse homem de aparência distinta e sua esposa de aparência um tanto comum, que estiveram conversando com Richard – o que podíamos saber sobre pessoas como essas?

“Que eles são uma grande fraude”, disse Peter, observando-os de relance. Ele fez com que Sally desse uma risada.

Mas Sir William Bradshaw parou junto à porta para olhar um quadro. Procurou no canto pelo nome do gravador. Sua mulher também olhou. Sir William Bradshaw se interessava tanto pelas artes.

Quando somos jovens, disse Peter, estamos agitados demais para poder conhecer as pessoas. Agora que estamos velhos, cinquenta e dois para ser

exato (Sally tinha cinquenta e cinco, fisicamente, disse ela, mas seu coração era de uma garota de vinte); agora que estamos maduros, então, disse Peter, podemos observar, podemos compreender, e não perdemos a capacidade de sentir, disse. Não, isso é verdade, disse Sally. Ela sentia com mais profundidade, mais paixão, a cada ano que passava. Isso aumentava, disse ele, lamentavelmente talvez, mas devíamos nos alegrar por isso – isso aumentava, a julgar por sua experiência. Tinha alguém na Índia. Ele gostaria de contar a Sally a respeito dela. Gostaria que Sally a conhecesse. Era casada, disse ele. Tinha dois filhos pequenos. Deviam ir todos visitá-la em Manchester, disse Sally – ele devia prometé-lo antes de se despedirem.

Eis ali Elizabeth, disse ele, não sente nem a metade do que sentimos, ainda não. Mas, disse Sally, observando Elizabeth aproximar-se do pai, pode-se ver que são devotados um ao outro. Ela podia sentir pelo jeito como Elizabeth se aproximou do pai.

Pois o pai a estivera observando enquanto ela conversava com os Bradshaws e se perguntara, quem era aquela adorável garota? E de repente se deu conta de que era a sua Elizabeth, e ele não a tinha reconhecido, ela parecia tão adorável em seu vestido cor-de-rosa! Elizabeth sentira que ele a observava enquanto conversava com Willie Titcomb. Ela foi, assim, até ele, e eles ficaram juntos, agora que a festa estava quase no fim, observando as pessoas saindo, e as salas ficando mais e mais vazias, com coisas espalhadas pelo chão. Até Ellie Henderson estava indo embora, quase a última, embora ninguém tivesse falado com ela, mas ela quis ver tudo, para contar a Edith. E Richard e Elizabeth estavam bastante contentes que tivesse terminado, mas Richard estava orgulhoso da filha. E ele não queria dizer a ela, mas não podia evitá-lo. Ele a observara, disse, e se tinha perguntado: Quem é aquela garota adorável? e era a sua filha! E isso a fizera feliz. Mas seu pobre cão estava uivando.

“Richard melhorou. Você tem razão”, disse Sally. “Vou conversar com ele. Vou dar-lhe boa noite. Que importância tem o cérebro”, disse Lady Rosseter, levantando-se, “comparado ao coração?”

“Também vou”, disse Peter, mas ficou sentado por um momento. Que terror é esse? que êxtase é esse? disse para si mesmo. O que é isso que me

provoca uma excitação extraordinária?

É Clarissa, disse.

Pois ali estava ela.

Índice onomástico

Abadia – Abadia de Westminster, igreja em estilo gótico localizada no bairro de Westminster, a oeste do Palácio de Westminster. Local onde se realiza a coroação dos monarcas britânicos e onde repousam os restos dos monarcas mortos.

Addison – Joseph Addison (1672-1719), poeta e ensaísta inglês.

Albany – mansão do século XVIII, ao norte de Piccadilly, reformada em 1827 para servir de residência para homens solteiros, tornando-se um endereço elegante para homens de letras ao longo dos séculos XIX e XX.

Aldmixton – localidade (fictícia) da família de Lady Bruton (“os papéis estavam prontos para Richard, lá em Aldmixton”), situada no condado (real) de Devonshire, conhecido também como Devon (“Ela sempre voltava àqueles tempos lá em Devonshire”), no sudoeste da Inglaterra.

Alexandra, Rainha – Alexandra da Dinamarca (1844-1925), filha de Christian IV, viúva de Edward VII, rainha-mãe.

Angela, Lady – possivelmente um nome fictício. A função aqui imaginada por Lucy é a de uma *lady-in-waiting* (dama de companhia), uma mulher de origem nobre encarregada de prestar assistência pessoal a uma rainha, princesa ou a uma mulher igualmente nobre, mas de nível social superior. Uma *lady-in-waiting* deveria ser proficiente em questões de etiqueta, línguas, dança e prestar serviços de toda ordem à rainha ou princesa a quem servia, incluindo serviços secretariais e organização do lazer da senhora real, bem como servir-lhe de companhia.

Antônio e Cleópatra – tragédia de William Shakespeare (1564-1616).

Arlington Street – rua de Westminster, ao noroeste do Green Park, transversal à Piccadilly St e paralela à St James's Street.

Ascot – hipódromo situado na pequena cidade de Ascot, a 23 km a sudoeste de Londres, próximo do Castelo de Windsor, no condado de Berkshire.

Asquith, Sra. – Margot Asquith, Condessa de Oxford e Asquith (1864-1945). As “Memórias” referidas no texto são os dois volumes de sua autobiografia, *An Autobiography*, publicados em 1920 e 1922.

Atkinson – segundo Bradshaw (2009, p. 170) havia, realmente, na época, uma loja de perfumes da Atkinson no n.º 24 da Bond Street.

Bartlett, peras – variedade de peras distribuída pela empresa de Enoch Bartlett.

Bath – estação balneária sobre o rio Avon, no condado de Somerset, sudoeste da Inglaterra.

Bath House – mansão situada no n.º 82 da Piccadilly Street.

Bayswater – área do oeste de Londres, em Westminster, ao norte do Hyde Park.

Bedford Place – praça em Bloomsbury, a nordeste do Museu Britânico e ao sul dos Russel Square Gardens, aí desembocando, como sugere o texto.

Bedford Square – praça em Bloomsbury, a leste do Museu Britânico.

Bernard Shaw – George Bernard Shaw (1856-1950), escritor irlandês.

Biblioteca Bodleiana – *Bodleian Library*, em inglês. A biblioteca principal da Universidade de Oxford, Inglaterra.

Big Ben – o famoso sino instalado na torre do relógio do Westminster Palace.

Big Game Shooting in Nigeria – *A grande caçada na Nigéria*, título fictício de livro, mas expressão de um gênero popular na época.

Bloomsbury – área do centro de Londres conhecida pelas instituições acadêmicas e culturais aí situadas, tais como a Universidade de Londres e o Museu Britânico.

Bond Street – no oeste de Londres (Mayfair), rua tradicionalmente dedicada ao comércio, se estende, na direção norte-sul, da Oxford St até a Piccadilly. Atualmente, a parte sul é chamada Old Bond Street, e a norte, New Bond Street.

Bourton – na narrativa, a casa de campo da família de Clarissa Dalloway, que teria aí passado a infância e a juventude. Na realidade, existia (e existe) um vilarejo com esse nome no oeste da Inglaterra, cuja localização (próxima do rio Severn) é consistente com uma cena do romance em que o personagem Peter Walsh, ao rememorar a época em que passou com Clarissa em Bourton, diz que “ela tinha visto o rio Severn lá embaixo”. Está situada a 121 km de Londres.

Broad Walk – longa e larga alameda no interior do Regent’s Park, na direção norte-sul.

Brook Street – rua em Mayfair, entre a Grosvenor Square e a Hanover Square, local de residência das classes altas inglesas.

Burma – atual Birmânia, país do sudeste da Ásia. O território de Burma fora incorporado à colônia britânica da Índia em 1886.

Caledonian Market – originalmente, mercado para o comércio de gado, situado em Islington, no norte de Londres. No início do século XX, com a diminuição do comércio de gado, desenvolveu-se aí, em certos dias da semana (inicialmente às sextas-feiras e depois também às terças), uma espécie de mercado das pulgas, tendo sido definitivamente fechado durante a Segunda Guerra.

Caterham – cidade no condado de Surrey, ao sul de Londres.

Ceilão – atualmente, Sri Lanka, país localizado na extremidade sul do subcontinente indiano. Tendo sido tomado dos holandeses, em 1796, pelas Companhias das Índias Orientais, foi incorporado ao Império Britânico em 1802.

Ceres – na Roma Antiga, a deusa da agricultura, da fertilidade e do amor maternal.

Chancery Lane – rua estreita (*lane*) que vai da Fleet Street até a rodovia High Holborn, ao norte. Marca o limite entre a City of Westminster e a City of London. Elizabeth Dalloway, em sua aventureira incursão no mundo atarefado da City of London, desce do ônibus justamente nesse ponto.

Clube Oriental – clube para empregados da Companhia das Índias Orientais, situado na Hanover Square.

Cliveden – mansão campestre possivelmente fictícia, embora existisse (e ainda exista) uma mansão desse tipo à margem do Tâmsa, na localidade de Taplow, no condado de Buckinghamshire, sudeste

da Inglaterra, atualmente grafada como “Cliveden”.

Cockspur Street – rua que vai de Pall Mall a Trafalgar Square.

Conduit Street – situada na região oeste de Londres, em Soho, entre a Regent St, a leste, e a New Bond St, a oeste.

Dean’s Yard – área de Westminster, em forma quadrangular, no terreno da Abadia de Westminster. Aparentemente, os Dalloway residem na vizinhança, a julgar pelo trecho do romance em que se descreve Richard Dalloway chegando em casa, após o almoço com Lady Bruton: “É isso, disse, entrando em Dean’s Yard”. Daiches e Flower (1979, p. 88) especulam que a rua poderia ser a Great College Street.

Dent – relojoaria localizada no n.º 28 da Cockspur Street.

Devonshire – condado do sudoeste da Inglaterra, também conhecido como Devon, onde se localizaria Aldmixton, suposto local (fictício) de nascimento, no romance, de Lady Bruton.

Devonshire House – mansão localizada na Piccadilly St, em Westminster. Em 1925, ano de publicação do romance, a mansão já havia sido demolida (Wood, 2003).

Duque de Cambridge, estátua – Duque de Cambridge é um título que foi dado, ao longo da história, a diversos membros da família real. No caso, trata-se do Príncipe George (1819-1904), que foi comandante-em-chefe do Exército Britânico de 1856 a 1895. Sua estátua equestre está localizada em frente ao antigo edifício do War Office (atual Ministério da Defesa), na rua Whitehall, na altura da Horse Guards Avenue.

Durtnall – empresa londrina de transportes, localizada na Bartholomew Close, n.º 4.

Ealing – distrito do oeste de Londres.

Edimburgo – a capital da Escócia.

Edward, Rei – Edward VII, que reinou de 1901 a 1910.

Embankment – cais sobrelevado, na margem norte do Tâmsa, entre a Westminster Bridge e a Blackfriars Bridge. Construído, entre 1864-1870, sobre um aterro do Tâmsa, era (e ainda é) local favorito de passeio.

Emily Brontë – Emily Jane Brontë (1818-1848), escritora inglesa, autora do romance *Wuthering Heights* (tradicionalmente conhecido, em português, como *O morro dos ventos uivantes*).

Ésquilo – dramaturgo grego, viveu entre os anos 525 e 456 a. C., aproximadamente.

Eton – Eton College, uma das mais exclusivas escolas masculinas de elite de nível secundário, localizada em Eton, no condado de Berkshire, sudeste da Inglaterra.

Euston – Euston Road, movimentada rua localizada em Bloomsbury. Vai, na direção oeste-leste, da Marylebone Road à Pentonville Road.

Finsbury Pavement – rua situada no distrito de Moorfields, bairro de Islington. É uma continuação da Moorgate Street, tomando ainda, depois, em direção ao norte, o nome de City Road, já fora da City of London.

Fleet Street – espécie de extensão da Strand Street (ver).

Glaxo – v. Notas.

Gordon – General Charles George Gordon (1833-1885). Participou da Guerra da Crimeia e serviu na China e no norte da África. Sua estátua, erigida na Trafalgar Square dois anos após sua morte, foi transferida para os Victoria Embankment Gardens em 1953.

Great Portland Street – rua, na zona central de Londres, que vai, na direção sul-norte, da Oxford Street à Marylebone Road.

Green Park – um dos parques reais de Londres, situa-se entre o Hyde Park e o St James's Park.

Greenwich – bairro do sudeste de Londres, na margem sul do Tâmesa, onde estão localizados o Colégio Naval Real e o Observatório Real (o que explica a passagem do romance em que se descreve o aeroplano como “lançando-se sobre Greenwich e todos os mastros”).

Grizzle – VW dá, aqui, ao cachorro de Elizabeth o nome de seu próprio cachorro na época em que escrevia o romance.

Hampstead – localidade situada no norte de Londres, no bairro de Camden, conhecida por abrigar inúmeras instituições culturais, artísticas e literárias e associada ao pensamento livre e a uma atitude liberal.

Hampton Court – palácio real situado no bairro de Richmond upon Thames, na Grande Londres. Não é habitado pela família real desde o século XVIII. Aberto ao público desde os tempos da Rainha Vitória, é local favorito de passeios e excursões.

Harley Street – rua, em Westminster, próxima do Regent's Park, conhecida como endereço de consultórios de médicos de prestígio e de instituições de saúde.

Hatchards' – conhecida livraria londrina, localizada, em 1923, no n.º 187 da Piccadilly, onde permanece até hoje.

Hatfield [House] – mansão no vilarejo de Hatfield, condado no leste da Inglaterra, construída em 1608 para Robert Cecil, Marquês de Salisbury (1563-1612).

Havelock – Sir Henry Havelock (1795-1857), general do exército britânico que participou, com distinção, de diversas batalhas travadas pela Inglaterra. Sua estátua está localizada na Trafalgar Square, a leste da estátua de Nelson.

Haymarket – rua em Westminster, entre Piccadilly Circus e a Pall Mall, na direção norte-sul.

Herrick – Robert Herrick (1591-1633), poeta inglês. Foi, de 1629 a 1647, vigário de Dean Prior, no condado inglês de Devonshire, onde, no mundo fictício de *Mrs Dalloway*, teria nascido Lady Bruton. Daí a reflexão de Richard Dalloway a respeito da “parreira, ainda fértil, à sombra da qual Lovelace ou Herrick [...] havia se sentado”.

História da civilização, A – referência ao livro *History of Civilization in England*, de Henry Thomas Buckle (1821-1862).

Horsa – um dos dois irmãos (o outro é Hengist) que, segundo a lenda, teriam liderado os exércitos saxões, no século V, na conquista da Inglaterra.

Hull – cidade portuária do condado de Yorkshire, no nordeste da Inglaterra.

Hurlingham – v. “Ranelagh”.

Huxley – Thomas Henry Huxley (1825-1895), biólogo, divulgador da teoria evolucionista de Darwin.

Hyde Park Corner – o Hyde Park é um dos maiores parques da zona central de Londres. O Hyde Park Corner é uma área exterior ao parque, situado no seu lado sudeste. Segundo diversos comentaristas, VW quis dizer “Speakers' Corner”, área também exterior ao parque, mas situada no lado noroeste, onde, desde 1872, pessoas anônimas discursam, sobre os mais variados temas, para os passantes.

John Burrows – segundo Morris Beja (*apud* Hoff, 2009, p. 216), a referência, com troca do primeiro nome, seria a Albert Edward Burrows, cujos terríveis crimes foram objeto constante de notícia nos jornais da época. Nessa passagem, a personagem Ellie Henderson acha, pois, Peter Walsh parecido com um criminoso.

Jorrocks's Jaunts and Jollities – Jorrocks é um dos personagens cômicos criados pelo escritor inglês Robert Smith Surtees (1805-1864). As crônicas sobre o personagem, primeiramente publicadas num jornal esportivo, foram posteriormente reunidas no livro *Jorrocks's Jaunts and Jollities*, publicado em 1838. O título pode ser traduzido como “As escapadas e as estrepolias de Jorrocks”.

Joshua, Sir – Sir Joshua Reynolds (1723-1792), pintor inglês especializado em retratos.

Keats – John Keats (1795-1821), poeta romântico inglês.

Kensington – distrito de Londres, situado a sudoeste do Hyde Park, onde estão localizados diversos museus e instituições educacionais.

Kentish Town – bairro retirado do noroeste de Londres, habitado na época principalmente por pessoas da classe operária.

Kreemo – v. Notas.

Leadenhall Street – rua da área central de Londres. Associada, nos séculos XVIII e XIX, à Companhia das Índias Orientais, que tinha aí sua sede.

Leith Hill – a colina mais alta (294 metros acima do nível do mar) do condado de Surrey, no sudeste da Inglaterra, famosa por suas vistas e trilhas.

Lincoln's Inn – uma das quatro associações profissionais de advogados da Inglaterra e do País de Gales, conhecidas, em inglês, como Inns of Court, nome que se aplica também aos conjuntos de edifícios, com escritórios, bibliotecas, etc., destinados ao uso dos associados e, por extensão, à área onde estão localizados, ao sul da High Holborn Street, na margem norte do Tâmesa. Ver “Temple”. Segundo o *Guia Baedeker* de 1923 (p. 85), os Inns of Court “são associações para o estudo e a prática da lei”. E são em número de quatro: “o Inner Temple e o Middle Temple, no lado sul da Fleet St; o Lincoln's Inn, na Chancery Lane; e o Gray's Inn, em Holborn”. Ainda segundo o Guia, “esses *inns* detêm, por costume, o privilégio exclusivo de conceder permissão para a prática advocatícia na Inglaterra e no País de Gales [...]. Os *inns* são áreas fechadas com pátios pitorescos rodeados por blocos de edifícios, alugados a advogados como escritórios. Cada um deles tem restaurante, capela, biblioteca e salas de uso comum”.

Litttré – antigo e importante dicionário francês, compilado por Émile Maximilien Paul Litttré (1801-1881).

Liverpool – cidade do noroeste da Inglaterra.

Lojas do Exército e da Marinha – *Army and Navy Stores*, em inglês. Grande loja de departamentos localizada, na época, no n.º 105 da Victoria Street. Foi estabelecida, inicialmente, como uma cooperativa de consumo para oficiais da Marinha e do Exército. A possibilidade de associação à loja, restrita a oficiais dessas duas armas, foi estendida, após 1922, ao público em geral.

Lord's – nome do campo de críquete do Marylebone Cricket Club, localizado no distrito de St John's Wood, noroeste de Londres. As primeiras edições de *Mrs Dalloway*, seguindo um erro da própria VW, grafavam “Lords” em vez de “Lord's”, o nome correto.

Lovelace – Richard Lovelace (1618-1657), poeta inglês. Ver “Herrick”.

Ludgate Circus – é a área, na City of London, que fica na intersecção de Farringdon St/New Bridge St com Fleet St/Ludgate Hill.

Mall – conhecida simplesmente como *The Mall*, é a rua que vai do Palácio de Buckingham, na sua extremidade oeste, até o Admiralty Arch (Arco do Almirantado), e à Trafalgar Square, na sua extremidade leste.

Manchester – cidade do noroeste da Inglaterra.

Marbot, Barão de – Jean Baptiste Antoine Marcellin (1782-1854), general do exército de Napoleão. Suas memórias (*Mémoires du général baron de Marbot*), em que descreve sua participação nas guerras napoleônicas (incluindo a retirada de Moscou, em 1812), foram repetidamente traduzidas para o inglês.

Margate – cidade balneária de Kent, situada a 112 km a leste de Londres.

Mary, Princesa – Condessa de Harewood, Victoria Alexandra Alice Mary (1897-1965), filha de George V e da Rainha Mary.

Marylebone Road – rodovia que atravessa Westminster, começando, na direção oeste-leste, na Westway, em Paddington, e terminando na Euston Road, próxima ao Regent's Park.

Mayfair – uma das áreas mais exclusivas de Londres, delimitada pelo Hyde Park, a oeste, pela Oxford Street, ao norte, pela Piccadilly, ao sul, e pela Bond Street, ao leste.

Mendeliana, teoria – referente à teoria de Gregor Johann Mendel (1822-1884), cientista austríaco considerado o fundador da genética.

Morning Post, The – jornal diário conservador, publicado de 1772 a 1937.

Mulberry – VW mistura estabelecimentos reais (Rumpelmayer, Durtnall) com estabelecimentos fictícios, como esta imaginária floricultura, que ela situa na Bond Street, perto da intersecção com a Brook Street.

Muswell Hill – subúrbio do norte de Londres.

Nelson – Lorde Horatio Nelson (1758-1805), oficial da marinha britânica. Sua estátua, localizada no lado sul da Trafalgar Square, comemora a Batalha de Trafalgar (1805), entre a Inglaterra, de um lado, e a França e a Espanha, de outro, como parte das guerras napoleônicas, na qual ele foi mortalmente ferido.

Newhaven – cidade portuária do condado de East Sussex, no sudeste da Inglaterra, na foz do rio Ouse, com serviços de barco entre a Inglaterra e a França. A implicação, no texto (“É bem possível, pensava Septimus, contemplando a Inglaterra da janela do trem, quando partiram de Newhaven [...]”), é de que Septimus e Rezia, recém-casados, tenham chegado à Inglaterra, vindos da Itália, por esse porto.

Norfolk – condado do sudeste da Inglaterra.

Oxford Street – rua do centro de Londres, em Westminster. Estende-se da esquina nordeste do Hyde Park até a altura dos Bloomsbury Square Gardens, quando passa a se chamar High Holborn. Segundo o *Guia Baedeker* de 1923, “uma das ruas de compras mais movimentadas de Londres, conhecida especialmente por suas lojas de tecidos” (p. 311).

Palácio de Buckingham – localizado em Westminster, é a residência real desde a ascensão da Rainha Vitória ao trono (1837). Seus ocupantes em 1923 eram o Rei George V (1865-1936) e a Rainha Mary (1867-1953).

Piccadilly – importante rua do centro de Londres (Westminster), estendendo-se do Hyde Park Corner, a oeste, até o Piccadilly Circus, a leste.

Pimlico – bairro de Londres, a sudoeste de Westminster, habitado por pessoas de extração social mais modesta do que os moradores de Westminster, como os Dalloway.

Pope – Alexander Pope (1688-1744), poeta inglês.

Portland Place – rua do centro de Londres, na direção sul-norte, indo da All Souls Church, no final da Regent Street, da qual é uma continuação, até os Park Square Gardens, no Regent's Park.

Portsmouth – cidade situada na ilha de Portsea, no condado de Hampshire, na costa sul da Inglaterra.

Primeiro-Ministro – em junho de 1923, o Primeiro-Ministro era Stanley Baldwin (1867-1947).

Príncipe Consorte – Príncipe Albert of Saxe-Coburg-Gotha (1819-1861), marido da Rainha Vitória.

Príncipe de Gales – o futuro Edward VIII (1894-1972), que foi coroado em 1936 e abdicou no mesmo ano para se casar com a americana Wallis Simpson.

Purley – subúrbio londrino, ao sul de Charing Cross e distante 19 km do centro de Londres. Teve um rápido desenvolvimento nos anos 1920-1930, com a construção de casas espaçosas, num ambiente cheio de verde. É certamente essa característica que está implícita no texto quando diz, referindo-se a Septimus Smith, que “podia acabar com uma casa em Purley”.

Rainha Vitória, memorial – estátua da Rainha Vitória situada na entrada principal do Palácio de Buckingham. Está rodeada por figuras alegóricas (o Anjo da Justiça, o Anjo da Verdade e a Caridade) e cascatas de água.

Ranelagh – havia, na época, um Ranelagh Club, situado no Barn Elms Park, no sudoeste de Londres, onde se praticava polo, tênis, golfe e outros esportes, como também um outro clube, o Hurlingham Club (dedicado sobretudo ao polo), situado nos Ranelagh Gardens, no distrito de Fulham, também no sudoeste de Londres. Na primeira vez em que aparece a lista de clubes, a sequência é “o Lord's, o Ascot, o Ranelagh”; na segunda vez, é: “Lord's, Ascot, Hurlingham”. Assim, na primeira ocorrência, há uma ambiguidade, uma vez que, aí, “Ranelagh” pode se referir tanto ao Ranelagh Club quanto ao Hurlingham Club (situado nos Ranelagh Gardens) (cf. Bradshaw, 2009, p. 167). Ambos os clubes (Ranelagh e Hurlingham) são mencionados no *Guia Baedeker* de 1923 (p. 42).

Regent Street – rua do centro de Londres, estendendo-se, na direção sul-norte, da residência do Regente (Carlton House, na St James's Street), passando por Piccadilly Circus e Oxford Circus, até a All Souls Church, quando passa a se chamar Portland Place.

Regent's Park – um dos parques reais de Londres, situado no noroeste de Londres, parte na City of Westminster, parte no bairro de Camden.

Rigby & Lowndes – loja de departamentos fictícia.

Rumpelmayer – salão de chá da moda, estabelecido na St James's Street, 72-73, de 1909 até meados dos anos 1920. A referência, aqui, é, entretanto, ao serviço de entrega de artigos para festa, também de propriedade da família do austríaco Anton Rumpelmayer.

Russell Square – Russell Square Gardens, praça ajardinada, em Bloomsbury, a noroeste do Museu Britânico.

Serpentine – lago artificial no interior do Hyde Park, formado em 1730 pela barragem do rio Westbourne.

Severn – ver “Bourton”.

Shaftesbury Avenue – importante avenida do lado oeste de Londres, passa pela região onde estão localizados importantes teatros londrinos, estendendo-se, na direção sudeste-noroeste, do Piccadilly Circus até a Oxford Street.

Soapy Sponge – personagem cômico criado pelo escritor inglês Robert Smith Surtees (1805-1864) e que aparece no livro *Mr Sponge's Sporting Tour* (1853).

Sociedade dos Amigos – *the Friends*, no texto inglês. Mais precisamente, *The Religious Society of Friends* (também conhecida como *Friends Church* ou, ainda, *Quakers*), organização religiosa com origem na Inglaterra do século XVII.

Soho – bairro localizado na City of Westminster.

Somerset House – edifício majestoso, situado entre a parte sul da rua Strand e o Tâmesa. Após ter sido utilizado para vários fins (inclusive como residência real), na época em que se passa o romance (1923), abrigava, como ainda hoje, várias repartições governamentais.

South Kensington – parte do distrito de Kensington (v. “Kensington”).

St James's Palace – no original, apenas “St James's”, com elipse de “Palace”. O St James's Palace está situado na Pall Mall, ao norte do St James's Park.

St James's Park – o mais antigo dos parques reais, situado a leste do Palácio de Buckingham, em Westminster.

St James's Street – rua do centro de Londres, estendendo-se na direção sul-norte da Pall Mall à Piccadilly.

St John's Wood – área residencial a noroeste do Regent's Park, em Westminster, conhecida como residência preferida de escritores e artistas, incluindo membros da Royal Academy.

St Margaret – pequena igreja de Londres localizada no terreno da Abadia de Westminster. No rascunho de *The Hours* (título provisório de *Mrs Dalloway*), VW é mais explícita a respeito do atraso que atribui à batida da hora por seu carrilhão: “Em Westminster, onde se juntam templos, locais de encontros religiosos, casas de culto e campanários de todo tipo, há, a cada hora e a cada meia hora, uma ciranda de sinos, um corrigindo o outro, afirmando que a hora chegou um pouco antes, ou demorou um pouco mais, aqui ou ali. [...] Eles [os ouvintes] tinham as suas opções de respostas; [podiam escolher] entre os diferentes sons que ou colidiam ou tocavam em paralelo, misturando-se uns aos outros, formando, por um instante, uma treliça de sons que, à medida que se dissipava, era subitamente renovada a partir de algum outro campanário; St Margaret, por exemplo, dizendo dois minutos após o Big Ben como agora, realmente e de fato, eram onze e meia” (Wussow, 2010, p. 3, 8).

St Paul, Cathedral de – no texto original, em algumas passagens, apenas “St Paul's”, com elisão de “Catedral”. Famosa e antiga catedral de Londres, localizada no topo da Ludgate Hill (colina), o ponto mais alto de Londres.

Strand – rua que começa na Trafalgar Square e vai até o Temple Bar (linha divisória entre a City of Westminster e a City of London), a oeste, na altura da Chancery Lane, ponto em que passa a se chamar Fleet Street.

Stroud – cidade do condado de Gloucestershire, sudoeste da Inglaterra.

Suez, Canal do – canal, no Egito, construído entre 1859 e 1869, ligando o Mediterrâneo ao Mar Vermelho.

Surrey – condado do sudeste da Inglaterra.

Talbot Moore, General – nome fictício.

Tatler – nome dado sucessivamente, em épocas diversas, a vários periódicos que se pretendiam sucessores de um periódico fundado em 1709 por Richard Steele (1672-1729). O periódico referido em *Mrs Dalloway* iniciou sua publicação em 1901 e estava voltado para notícias sobre a vida de celebridades e pessoas da alta sociedade.

Temple – área no centro de Londres, próxima à Temple Church (igreja da qual se origina o nome, situada entre a Fleet Street e o Tâmsa), em que estão localizados edifícios destinados aos membros de duas (Middle Temple e Inner Temple) das associações profissionais de advogados (chamadas Inns of Court) da Inglaterra e do País de Gales. Ver “Lincoln’s Inn”. (Cf. *Guia Baedeker* de 1923, p. 86.)

Tessália – região situada no centro da Grécia. Na alucinação de Septimus, Evans cantava que “os mortos estavam na Tessália”. No conto “Kew Gardens”, um personagem, que, tal como Septimus, tem alucinações e diz falar com os mortos, afirma que “O Céu era conhecido pelos antigos como Tessália [...]” (Woolf, 1989, p. 92; trad. Woolf, 2005, p. 118).

Tottenham Court Road – rua do centro de Londres, estendendo-se, na direção sul-norte, da Oxford Street, em Bloomsbury, até a Euston Road.

Tower – a Tower of London, fortaleza e antiga residência real, é um castelo localizado na margem norte do Tâmsa, no centro de Londres.

Trafalgar Square – praça no centro de Londres onde está a Coluna de Nelson (ver “Nelson”). Localiza-se na extremidade norte da Whitehall Street.

Tyndall – John Tyndall (1820-1893), físico e divulgador científico inglês. Era amigo próximo de Leslie Stephens, pai de Virginia, e, como ele, ativo praticante do montanhismo.

Union Jack – nome pelo qual é conhecida a bandeira do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda.

Victoria e Albert, Museu – fundado em 1852, seu nome homenageia o Príncipe Albert e a Rainha Vitória. Está localizado no distrito de Brompton, em Kensington.

Victoria Street – importante rua do centro de Londres, em Westminster. Estende-se, no sentido oeste-leste, da Buckingham Palace Road, nas imediações da estação Victoria (trem e metrô), até a Abadia de Westminster.

Wagner – Richard Wagner (1813-1883), o conhecido compositor alemão.

Waterloo Road – rodovia que se estende de St George’s Circus, no sudeste de Londres, na margem norte do Tâmsa, até a Waterloo Bridge (ponte sobre o Tâmsa).

West End – nome pelo qual é conhecida a área do centro de Londres a oeste de Charing Cross (junção das ruas Strand, Whitehall e Cockspur), onde se concentram importantes estabelecimentos comerciais e locais de entretenimento (teatros, bares, restaurantes, casas noturnas).

Westminster – oficialmente, City of Westminster, um dos dois principais bairros em que, originalmente, Londres se dividia (o outro é The City, o distrito financeiro e comercial da cidade). Situada na margem norte do Tâmsa, Westminster abriga os principais edifícios governamentais, o Palácio de Westminster (onde funcionam as duas casas do Parlamento), a Catedral e a Abadia de Westminster e os dois palácios reais (Buckingham e St James).

Westminster, Catedral de – importante e famoso templo da Igreja Católica, localiza-se na extremidade oeste da Victoria Street.

White’s – clube localizado no n.º 37 da St James’s Street. Na primeira edição, constava “Brooks’s”, um outro clube, localizado no n.º 60 da mesma rua. Em edição posterior, VW mudou para “White’s”, após ter descoberto que apenas este último tinha uma *bow window*. Os clubes ingleses

exclusivamente masculinos (*gentlemen's clubs*, em inglês) são uma tradição britânica que remonta ao século dezoito. Com admissão estritamente controlada e destinado, originalmente, apenas a homens das classes altas, proporcionavam um local de descanso e lazer aos seus membros, que aí dispunham de jogos de mesa, jornais, biblioteca, restaurantes e, em alguns casos, até mesmo aposentos para passar a noite. Com o tempo, foram criados clubes destinados a classes de homens que não se enquadravam nos padrões dos clubes tradicionais, como o Clube Oriental, mencionado no romance, frequentado por funcionários da Companhia das Índias Orientais. No final do século dezenove, surgiram também clubes destinados às mulheres. Vários clubes, além do White's e do Brooks's, estavam localizados na St James's Street e imediações.

Whitehall – rua do centro do Londres. Estende-se da Trafalgar Square até as Casas do Parlamento e se caracteriza por alojar importantes repartições governamentais, tais como os ministérios da Defesa e da Fazenda.

Willett – William Willett (1856-1915), promotor da ideia do horário de verão (adiantamento dos relógios em 1 hora durante os meses de verão), que só foi adotado, na Inglaterra, em 1916, após sua morte.

William Morris – (1834-1896), artista e poeta pré-rafaelita conhecido como propagandista de ideias socialistas, o que talvez explique esta passagem do romance: “quando Sally lhe deu William Morris para ler, o livro teve que ser encapado com papel de embrulho”.

Windsor, a Casa de – nome pelo qual é conhecida a família real inglesa. O nome “Windsor” foi adotado, em 1917, pelo Rei George V, de linhagem germânica, em virtude do sentimento antigermânico associado à Guerra de 1914-1918.

Yorkshire – condado do norte da Inglaterra.

Notas

As abreviaturas de pronomes de tratamento em inglês, segundo o sistema britânico, não são acompanhadas de ponto (a regra, tal como em francês, vale apenas para abreviações em que a última letra está presente). Segui, aqui, essa convenção, incluindo o “*Mrs*” do título do livro, exceto nas referências a publicações dos Estados Unidos, onde, ao contrário, essas abreviaturas são acompanhadas de ponto. Observei a mesma norma no caso das abreviações de Street (St) e de Saint (St).

Mrs Dalloway foi publicado, simultaneamente, em 1925, na Inglaterra (Hogarth Press) e nos Estados Unidos (Harcourt), a partir de duas provas tipográficas corrigidas, de forma diferente, por Virginia Woolf. As duas edições diferem, pois, em vários detalhes que podem ser considerados pouco importantes, mas também em alguns poucos que são mais substantivos. A presente tradução segue, em geral, a maioria das edições britânicas, que, por sua vez, seguem, no geral, a edição original da Hogarth Press, de 1925. As variantes importantes estão indicadas em nota.

Uma das diferenças importantes entre as duas edições diz respeito ao número de seções do romance. VW dividiu o livro não em capítulos, mas em seções sem título, que deveriam ser indicadas, segundo suas instruções aos tipógrafos, por duas linhas adicionais de separação. Por uma razão ou outra, a editora americana suprimiu algumas dessas separações. Enquanto a edição britânica tem doze seções, a americana tem apenas oito (Shields, 1974, p. 169; Wright, 1986, p. 247). Na presente edição, além da linha dupla de separação, os inícios de seções estão indicados por letras capitulares.

E depois, pensou Clarissa Dalloway, que manhã – fresca como que feita para crianças numa praia. – no original: *Big Ben was striking as she stepped out into the street. And then, thought Clarissa Dalloway, what a morning—fresh as if issued to children on a beach.* O símile utilizado por Virginia é um tanto misterioso. O que há de caracteristicamente fresco numa manhã que nasce, surge, é ofertada a crianças numa praia? Pode-se comparar a frase com uma expressão similar que aparece no início do conto “Mrs Dalloway em Bond Street” (publicado em 1923 na revista *The Dial*): *It was eleven o'clock and the unused hour was fresh as if issued to children on a beach.* Para uma discussão mais aprofundada do misterioso símile, ver Tim Parks, *Translating Style: A Literary Approach to Translation – A Translation Approach to Literature.* ←

as árvores com a fumaça se desenrolando – *at the trees with the smoke winding off them,* no original. As traduções existentes, incluindo a minha (Autêntica, 2012), interpretam “*smoke*”

como sendo “névoa”, “neblina”, ou seja, o tradicional “*fog*” londrino, embora “*smoke*” signifique, aqui, “fumaça” que supõe, evidentemente, fogo. Tim Parks, em *Translating Style* (p. 119), analisando uma tradução italiana de *Mrs Dalloway*, estranha a redação de Virginia porque o verbo “*to wind off*” supõe um movimento em espirais que se aplica à fumaça, mas não à névoa ou neblina. Como se explicaria a presença de fogo na paisagem que Clarissa aprecia em Burton? A edição de *Mrs Dalloway*, da coleção *The Cambridge Edition of the Works of Virginia Woolf*, organizada por Anne E. Fernald, anota essa passagem, sem qualquer explicação, com a citação de uma passagem do poema “*Lines Composed a Few Miles above Tintern Abbey, On Revisiting the Banks of the Wye during a Tour. July 13, 1798*”, de William Wordsworth: “*and wreaths of smoke / Sent up, in silence, from among the trees!*” (“e espirais de fumaça / elevadas, em silêncio, do meio das árvores!”). No caso do poema, trata-se, realmente, de fumaça das fogueiras feitas aos pés das árvores por vagantes ou eremitas. Para uma visão das afinidades entre Virginia Woolf e William Wordsworth, ver Laurent Folliot e Juliana Lopoukhine, “*Writing Out of Place: Wordsworth and Woolf in London*” (2019). Finalmente, o que parece clarificar essa “estranha” passagem, ainda que se refira a outro momento da narrativa, é uma frase do manuscrito do livro quando ainda se chamava *The Hours* (As horas): “*Cheerfully, almost gaily, the invincible thread of sound wound up into the air like the smoke from a cottage chimney winding up clean beech trees, & pass issuing in a tuft of blue smoke among the highest leaves*”. (“Alegremente, quase festivamente, o invencível filete de som elevou-se no ar tal como a fumaça da chaminé de um chalé se desenrola de lisas faias, e passa, emitindo um tufo de fumaça azul, por entre as folhas mais altas.”) (Wussow, 2010, p. 101). ↵

influenza – refere-se à famosa gripe espanhola, pandemia que matou, entre 1918-1920, milhões de pessoas ao redor do mundo. ↵

Primeiro um aviso, musical; depois a hora, irrevogável. – qual hora, precisamente, não se explicita. Mas pode-se supor que sejam dez horas (ou, talvez, nove), pois, na narrativa, a próxima batida é a das onze horas: “nessa palidez, nessa pureza, os sinos bateram onze vezes” (p. 28; cf. Sutherland, 1997, p. 218). O “aviso musical” é a breve melodia que antecede as batidas das horas pelo Big Ben. ↵

Pois eram meados de junho. – não há, no romance, nenhuma indicação do dia exato em que se desenrola a “ação”. Sabe-se apenas, por essa frase do início, que “eram meados de junho”, e, mais adiante, que o ano é 1923 (“Aqueles cinco anos – 1918 a 1923 – tinham sido, de alguma forma, suspeitava ele, muito importantes.”, p. 77) e também que seria uma quarta-feira (“todas essas pessoas se apressando ao longo do passeio nesta manhã de quarta-feira”, p. 24; “era quarta-feira na Brook Street”, p. 117). Os comentaristas parecem se divertir em especular qual seria o dia exato de junho. Morris Beja, cotejando notícias sobre os jogos de críquete no jornal *The Times* com menções ao resultado do jogo entre as equipes de Surrey e Yorkshire pelos personagens Septimus Warren Smith (“O time de Surrey tinha sido todo eliminado, leu ele em voz alta.”, p. 148) e Peter Walsh (“o time de Surrey tinha sido todo eliminado novamente [...]”, p. 166), conjectura que seria a quarta-feira de 13 de junho de 1923 (*apud* Bradshaw, 1998, p. 540). Para Harvena Richter (1989, p. 313), que entende, estritamente, “meados de junho” como sendo 15 ou 16, que caíram, respectivamente, numa sexta e num sábado, recua o dia de *Mrs Dalloway* para a quarta-feira do dia 13. Bradshaw, em nota à edição Oxford de *Mrs Dalloway* (Bradshaw, 2009, p. 182-183), com base em exaustiva pesquisa nos jornais da época sobre os resultados dos jogos de críquete entre os times de Surrey e Yorkshire, conclui que os jogos (uma partida de críquete

pode durar mais de um dia) entre as duas equipes não ocorreram no dia 20 de junho, como quer Morris Beja, mas em outros dias de junho (16, 18, 19), nenhum deles uma quarta-feira. Para David Bradshaw, a quarta-feira de *Mrs Dalloway* seria, pois, uma quarta-feira fictícia de junho de 1923. Finalmente, Searls (1999, p. 363), não sem alguma razão, considera inteiramente sem sentido essa obsessão em precisar o dia exato de *Mrs Dalloway*, por contrariar a concepção fluida de tempo que rege a composição do romance. ↵

na época dos Georges – período em que reinaram os reis George I (1660-1727) a George IV (1714-1830). ↵

Mas que estranho, ao entrar no Parque – isto é, no St James's Park, com seu pequeno lago. ↵

uma maleta diplomática ornada com as armas reais – maleta utilizada para carregar documentos que saíam ou entravam no palácio real. ↵

Mensagens eram passadas da Frota para o Almirantado. – isto é, da frota britânica em alto mar para as autoridades navais na nova sede do Almirantado, junto ao Admiralty Arch, na extremidade leste da Mall Street. No início dos anos 1920, uma antena de rádio havia sido instalada no topo da nova sede para permitir esse tipo de comunicação. ↵

A Arlington Street e a Piccadilly pareciam inflamar o próprio ar do Parque – trata-se do Green Park. ↵

Mas aquelas indianas – na verdade, mulheres de nacionalidade britânica que moravam na Índia. ↵

Chegara aos portões do Parque – isto é, do Green Park, pois apenas dessa perspectiva ela poderia estar “observando os ônibus na Piccadilly”. Ou seja, ela saiu do St James's Park, onde entrara e encontrara o seu amigo Hugh, e passou também pelo Green Park, que fica a noroeste do St James's, saindo na Piccadilly, mas a narrativa nada diz a respeito dessa passagem pelo segundo parque. Como diz John Sutherland (2001, p. 218), “ela [Clarissa] deve ter passado, distraída, por *ambos* os parques, o St James's e o Green Park”. ↵

a casa com a cacatua de porcelana – segundo Bradshaw (2009, p. 168), trata-se da mansão então existente no n.º 1 da Stratton Street, em Mayfair, de propriedade de Angela Georgina Burdett-Coutts, Baronesa Burdett-Coutts (1814-1906), a mulher mais rica da Inglaterra no século XIX. A cacatua de porcelana ficava num suporte circular colocado na parte exterior de uma *bay window* que dava para a rua Piccadilly. ↵

as carroças se arrastando a caminho do mercado – isto é, do mercado de Covent Garden (praça, no lado oeste de Londres, na qual funcionou, até o final dos anos 1960, um mercado de frutas e vegetais). ↵

e a volta de carro para casa pelo meio do Parque. – isto é, do Hyde Park, onde está localizado o lago Serpentine. ↵

Não mais temas o calor do sol [...]. – em inglês, “*Fear no more the heat o' the sun / Nor the furious winter's rages.*”. Os versos são de *Cymbeline* (ato IV, cena 2), peça de Shakespeare. Constituem os versos iniciais do canto fúnebre recitado por Guidério e Arvirago diante do “corpo” de Imogênia (disfarçada como Fidélio), que eles pensavam estar morta, mas que tinha apenas sido sedada. ↵

antes a cinomose e o alcatrão – cinomose, doença canina, era tratada, na época, com alcatrão. ↵

a Srta. Kilman faria qualquer coisa pelos russos, morreria de fome pelos austríacos – povos cujos países passavam por dificuldades econômicas na época (a Rússia, em virtude da revolução

de 1917; a Áustria, como consequência da derrota da Alemanha na Guerra de 1914-1918). ↵

Do Príncipe de Gales, da Rainha, do Primeiro-Ministro? – em junho de 1923, a rainha (consorte) era Victoria Mary de Teck (1867-1953). O Primeiro-Ministro era Stanley Baldwin (1867-1947). “Príncipe de Gales” é título aplicado, desde 1301, aos filhos mais velhos dos reis da Inglaterra. No caso, trata-se de Edward Patrick David (1894-1972), que se tornará o Rei Edward VIII, em janeiro de 1936, abdicando em dezembro desse mesmo ano, quando recebe o título de Duque de Windsor. ↵

O caarro do Priimeirro-Miinistro – em inglês, “*The Proime Minister’s kyar*”. A frase indica que Edgar J. Watkiss é um *cockney*, isto é, uma pessoa, em geral da classe operária, nascida no lado leste de Londres, falante de um dialeto do mesmo nome. Segundo a lenda, para ser considerado um legítimo *cockney* é preciso ter nascido num ponto dessa área em que seja possível ouvir os sons dos Bow Bells, isto é, dos sinos da igreja St Mary-le-Bow, localizada na rua Cheapside. ↵

As classes médias britânicas sentadas lateralmente no andar de cima dos ônibus – o sentar-se “lateralmente” (em inglês, “*sideways*”) refere-se aos “*garden-seat*”, como eram chamados os assentos transversais dos ônibus (como os de hoje), que, na época, constituíam uma novidade, ao substituírem os antigos assentos longitudinais, que implicavam uma menor privacidade (cf. McNees, 2009, p. 34). Observe-se que, no sistema social britânico da época, o termo “classes médias” aplicava-se às classes abastadas imediatamente abaixo da nobreza, incluindo aqueles grupos que seriam, na terminologia sociológica marxista, a burguesia e a pequena-burguesia. ↵

peitos retesados portando insígnias de folha de carvalho – durante a Guerra de 1914-1918, soldados mencionados em despachos do Comandante em Chefe recebiam um certificado e um emblema em bronze na forma de um ramo de carvalho. Na verdade, a suposta honraria era considerada de segunda classe, pois significava que o soldado em questão não havia sido condecorado com uma Medalha da Vitória, mais valorizada. ↵

habitante de uma das colônias – *Colonial*, no original, era como se chamava uma pessoa originária de alguma das colônias do império britânico. ↵

bow window – é uma *bay window* circular, que, por sua vez, é uma janela, geralmente envidraçada, em forma retangular, circular ou poligonal, que forma uma espécie de recanto num aposento, projetando-se para além da parede. ↵

tal como as paredes de uma galeria acústica – no original, *whispering gallery*. Trata-se de uma galeria cujas paredes curvas reenviam, ampliados, os sons que recebem. Embora a referência aqui seja genérica (“uma galeria”), trata-se, provavelmente, da galeria da Catedral de St Paul. ↵

desencorajando a lealdade de uma velha irlandesa – segundo Scott (2005, p. 197), o período em volta dos anos 1920 tinha sido especialmente turbulento para as relações anglo-irlandesas. O Tratado Anglo-Irlandês de 1922 concedia autonomia interna à Irlanda como um todo, mas a Irlanda do Norte optou por manter seu antigo *status*, o que teria desagradado grupos revolucionários favoráveis à autonomia. Assim, a “velha irlandesa”, ao prestar tributo à Coroa Britânica, teria sido “repreendida” por um guarda politicamente mais radical do que ela, isto é, favorável à autonomia. ↵

o guarda da Rainha Alexandra retribuiu – a Rainha Alexandra, viúva do Rei Edward VII, morava na Marlborough House, onde, supostamente, seu próprio guarda estava em serviço. ↵

antiga casa de boneca da Rainha – casa de boneca da Rainha Mary (of Teck) (1867-1953), esposa do monarca reinante, George V. O arquiteto Edwin Lutyens (1869-1944) projetou uma

casa de boneca para a rainha, que lhe foi presenteada pelo “povo”, em 1923. A casa, construída na escala de 12 por 1, seria um modelo de uma residência real no período. ↵

Princesa Mary casada com um inglês – a Princesa Mary (1897-1965), filha de George V e da Rainha Mary, casou-se com o Visconde Lascelles, em 1922. ↵

heróis esculpidos em bronze – segundo Bradshaw (2009, p. 172), citando *The London Encyclopaedia*, esses “heróis esculpidos em bronze” referem-se a figuras em bronze, “esculpidas por Adrian Jones, de dois marinheiros, um deles ferido, ambos em atitude de luta”, e também a um “memorial em homenagem aos que morreram nas guerras da África do Sul e da China, em 1899-1902, com relevos em bronze, esculpidos por Sir Thomas Graham Jackson, retratando batalhas dessas duas guerras”. ↵

efetivamente escrevendo alguma coisa! formando letras no céu! – o uso da escrita no céu com fumaça de aviões, para fins de publicidade, tal como o próprio avião, era algo novo na Inglaterra do início dos anos 1920. O primeiro show de escrita aérea ocorreu no Derby Day (o maior evento de turfe da Inglaterra) de 1922 (6 de junho), quando dois milhões de espectadores viram o Capitão Turner escrever no céu de Epsom, no condado de Surrey, a 25 km de Londres, as palavras “Daily Mail”, importante diário da época (LeBoutillier, 1929, p. 140). É possível que Virginia Woolf tenha se inspirado nesse espetáculo para escrever a cena do aeroplano escrevente de *Mrs Dalloway*. A invenção do processo de escrita no céu se deve a um ex-piloto da R.A.F. (Royal Air Force), John C. Savage, responsável pela operação desse primeiro espetáculo. ↵

Glaxo [...] Kreemo [...] toffee – “Glaxo” era, na época, uma empresa que fabricava produtos lácteos para bebês. “Kreemo” é, provavelmente, invenção de VW, inspirada na tendência já evidente, no início do século XX, de dar nomes sonoros e de fácil memorização a produtos comerciais. A palavra “toffee” quer dizer caramelo ou bala de caramelo. Assim, na leitura do Sr. Bowley e da babá, o aeroplano escrevente estaria anunciando um *toffee* de nome Kreemo da marca Glaxo. ↵

o quarto onde suas irmãs ficavam sentadas fazendo chapéus – aqui, a narrativa confere mais de uma irmã a Lucrezia, mas numa passagem posterior (p. 92 da presente tradução), ela é referida como “*the younger daughter*” (e não “*the youngest daughter*”), o que supõe que ela teria uma única irmã (a passagem é traduzida por “a mais nova das duas” para manter a incoerência que seria eliminada com a tradução “a irmã mais nova” ou “a mais nova”). ↵

cadeiras de Bath – espécie de triciclo coberto, puxado por um condutor e destinado a transportar pessoas enfermas, originalmente, na cidade balneária de Bath, no sudoeste da Inglaterra. ↵

contemplando o indiano e sua capelinha – no original, “*staring at the Indian and his cross*”. Segundo Bradshaw (2009, p. 172), citando, por sua vez, Michael Whitworth, trata-se, provavelmente, da fonte conhecida como Readymoney, situada na extremidade norte da Broad Walk (v. índice onomástico), no Regent’s Park. A fonte foi erigida, em 1869, por encomenda do filantropista e industrial indiano Cowasjee Jehangheer Readymoney (1812-1878), como sinal de gratidão pela proteção dada pela Inglaterra à comunidade parse da Índia. Uma vez que não existe, na construção, nenhuma cruz propriamente dita, diferentes comentaristas dão diferentes explicações para a utilização da palavra “*cross*” (“cruz”) por VW. Em geral, a explicação é de que a estrutura da fonte teria a forma de uma cruz, o que não parece ser o caso. É mais provável que “*cross*” seja aí uma abreviação de *market cross*, um pequeno monumento em forma de capelinha antigamente construído no centro de praças onde funcionavam feiras e que, de fato, usualmente

ostentava uma cruz no seu topo. Segundo uma citação oferecida pelo dicionário Oxford, “*market crosses*” eram, em geral, “construções poligonais, com uma arcada aberta em cada um dos lados”, o que se ajusta perfeitamente ao tipo de construção encomendada pelo “indiano”. Wood (2003) atribui a uma percepção imprecisa da personagem Rezia a confusão do ornamento superior da construção com uma cruz. Entretanto, a passagem em questão é claramente devida ao narrador ou à narradora, e não à personagem, o que aliás, é consistente com a complexa associação entre o monumento do Regent’s Park e uma *market cross*, para não falar da elipse de “*market*” e da metonímia que substitui a fonte por seu patrocinador (o “indiano”), sofisticadas manobras linguísticas e cognitivas que não podem ser atribuídas a uma personagem de origem singela e estrangeira como Rezia. ←

animais cor de canela esticavam os pescoços compridos por sobre as cercas do zoológico – trata-se do Zoológico de Londres, localizado na extremidade norte do Regent’s Park. ←

varetas de críquete – *cricket stumps*, no original. Conjunto de três varetas (*stumps*) que são cravadas em linha reta no chão, enquanto duas outras (*bails*) são postas frouxamente no topo daquelas, formando a *wicket* (a “casinha”), que é defendida pelo rebatedor (*batsman*). ←

ir a um teatro de variedades – *music hall*, no original. O *Guia Baedeker* de 1923 lista alguns dos *music halls* de Londres: Alhambra, Empire, Palace, Hippodrome, London Coliseum, London Pavilion, Palladium e Victoria Palace. O *Guia* assim os descreve: “Os *music halls* do *West End* alternam, atualmente, entre espetáculos de variedade (canções cômicas, dança, exibições acrobáticas, etc.), revistas (esquetes temáticos, com músicas e dança) e filmes importantes. As exibições são suntuosas, e atores conhecidos aí se apresentam com frequência”. E garante que “as senhoras podem frequentar os estabelecimentos de classe superior sem nenhum receio”. ←

Ela ouvia o estalido da máquina de escrever. – Bradshaw (2009, p. xiv) especula que a misteriosa datilógrafa seria, muito provavelmente, “Miss Kilman, datilografando algum trabalho escolar para Elizabeth, ou a própria Elizabeth, datilografando a resposta a algum dever de casa”. ←

um fósforo queimando dentro de uma flor de açafraão – imagem que tem merecido a atenção de teóricas do gênero por sua evidente conotação sexual. Fazendo par com a imagem gêmea do diamante (um pouco mais adiante) cujo brilho atravessa o papel de presente que o contém (“um diamante [...] que transluzia”, p. 43), ela simbolizaria o clitóris e seu envoltório. Possivelmente, o primeiro comentário desse tipo deve-se a Roof (1989). V. também Lauretis (1994, p. 236); Bennett (1993, p. 251) e Roof (2000). ←

Ela está sob o mesmo teto... Ela está sob o mesmo teto! – Sally Seton é inspirada no primeiro grande amor de Virginia, Madge Vaughan (*née* Symonds). Na entrada de 2 de junho de 1921 de seu diário, VW escreveu: “Vejo-me agora parada no quarto noturno das crianças em Hyde Park Gate, lavando as mãos e dizendo para mim mesma: Neste instante, ela está realmente sob este teto!” (*apud* Lee, 1999, p. 159-160). ←

se tinha chegado a hora de morrer, esta seria a mais feliz das horas – no original, “*if it were now to die ‘twere now to be most happy*”. Expressão de amor de Otelo por Desdêmona em *Otelo* (II, 1), peça de Shakespeare. ←

exército indiano – exército britânico estacionado na Índia. ←

refletido na vitrine da loja de um fabricante de carros a motor na Victoria Street. – em 1923 havia, realmente, duas revendedoras de automóveis estabelecidas na Victoria Street, nos números

34 e 68 (cf. Wood, 2003). ↵

Ah, disse a igreja de St Margaret – v. “St Margaret”, no índice onomástico. ↵

coroa que tinham carregado desde o Finsbury Pavement até a tumba vazia. – a “tumba vazia” é o monumento funerário conhecido como *Cenotaph* (Cenotáfio) situado na Whitehall Street, em frente ao edifício do Ministério do Exterior (Foreign and Commonwealth Office), pouco antes da Downing Street, erigido em 1919, em memória dos soldados ingleses mortos durante a Guerra de 1914-1918. ↵

irreticências – no original, “*irreticences*”, significando, obviamente, “falta de reticência”, parece ser neologismo criado por VW, pois o *Oxford English Dictionary* dá como primeira ocorrência da palavra a utilização que ela havia feito em livro anterior, *Night and Day* [*Noite e dia*], de 1919 (cf. Fowler, 2002). ↵

Nelson, Gordon, Havelock, as negras, as espetaculares imagens dos grandes soldados – “negras”, possivelmente, porque duas delas (a de Havelock e a de Nelson) são feitas de bronze e também porque são vistas, por Peter Walsh, contra a luz, formando silhuetas. Beja (2002, p. 137) toma a palavra “*black*” da frase original (“*Nelson, Gordon, Havelock, the black, the spectacular images of great soldiers*”) como sendo substantivo, explicando que “o negro” seria uma referência à figura de um membro da esquadra de Nelson, representada junto à sua coluna na Trafalgar Square. A presente tradução segue a interpretação de Bradshaw (2009, p. 176), tomando “*black*” como adjetivo. Nessa interpretação, a repetição do artigo serve, em inglês (como, de resto, em português), para colocar a ênfase em cada um dos qualificativos (“*the black, the spectacular images*”), efeito que não seria obtido por sua simples justaposição (“*the black, spectacular images*”). ↵

uma estátua estranha – tanto Scott (2005, p. 204) quanto Bradshaw (2009, p. 176) especulam que se trata da fonte chamada Matilda, junto ao Gloucester Gate, no Regent’s Park, que ostenta uma jovem em bronze, sobre rochas, com as mãos sobre os olhos como se estivesse tentando enxergar algo distante, contra a luz do sol. ↵

para que ela o abraisse assoprando – segundo Anne E. Fernald (*Mrs. Dalloway. The Cambridge Editions of the Works of Virginia Woolf*), trata-se de uma brincadeira de Peter com a criança: propunha-lhe abrir a tampa do relógio com um sopro quando, na verdade, ela seria aberta por ele mesmo utilizando o mecanismo de destrave do relógio. ↵

sobre os direitos das mulheres (essa questão antediluviana) – Scott (2005, p. 205) observa que, por volta dos anos 1890, época em que se passa a cena recordada por Clarissa nessa passagem, os direitos das mulheres dificilmente podiam ser considerados uma “questão antediluviana”, uma vez que o direito de voto foi concedido às mulheres acima de trinta anos apenas em 1918, limite que foi rebaixado para vinte e um anos somente em 1928. ↵

Honorável Edith – o título de “Honorável” (“*Honourable*”, em inglês) é dado aos filhos de nobres abaixo do nível de marquês e às filhas de nobres abaixo do nível de conde. ↵

enquanto ele, que era dois anos mais velho que Hugh – como, no parágrafo seguinte, Peter Walsh, reflete ter “cinquenta e três anos”, deduz-se que Hugh teria, pois, cinquenta e um anos. Numa passagem posterior (p. 108), entretanto, ele ganha quatro anos, pois somos informados de que ele vinha “se mantendo à tona da nata da sociedade inglesa por cinquenta e cinco anos”. ↵

Nenhum homem decente deveria deixar a esposa visitar uma mulher que se casara com o viúvo da irmã. – alusão a uma lei de 1907 (*Deceased Wife’s Sister’s Marriage Act*) que não permitia

que um viúvo se casasse com uma cunhada; no caso, a opinião de Richard Dalloway mostra sua adesão ao preconceito perpetuado por tal lei, estendendo o banimento à simples visita a uma mulher que tivesse ousado desafiá-la. ←

reforma fiscal – reforma defendida por políticos conservadores, visando impor tarifas diferenciadas às importações de produtos agrícolas, como política de proteção aos produtores britânicos. ←

distribuição de cartões – entenda-se “cartões de visita”. Em inglês, “*leaving calling cards*”. A operação de deixar cartões de visita era uma regra de etiqueta rigidamente codificada na sociedade vitoriana. No conto “Phyllis and Rosamond”, escrito em 1906, no qual VW descreve, com grande detalhe, os deveres sociais das moças solteiras da classe média da época, as personagens que dão título ao livro saem com a mãe para “retribuir visitas”: “Às quatro, saíram de carro com Lady Hibbert para retribuir visitas. Essa tarefa consistia em se dirigir solenemente a todas as casas nas quais elas tinham jantado, ou esperavam jantar, e deixar dois ou três cartões nas mãos da criada” (Dick, 1989, p. 23). ←

E agora Elizabeth tinha sido, supostamente, “apresentada” à sociedade – no original, “*And now Elizabeth was ‘out’, presumably*”. Na Inglaterra da época, para uma garota, “*to come out*” significava começar a frequentar a sociedade, o grande mundo, a frequentar bailes, festas, chás, jantares, a se mostrar disponível no mercado matrimonial. ←

continuava cantando o amor – a canção foi identificada por Miller (2005, p. 176-177) como sendo “Allerseelen” (“Dia de Todas as Almas”), com versos de Hermann von Gilm e musicada por Richard Wagner. Ela evoca a volta dos amantes no Dia das Almas: “Põe sobre a mesa os fragrantes resedás / os últimos ásteres rubros na mesa deposita, / e vamos de novo falar de amor, / como, outrora, em maio. / Dê-me as mãos que em segredo as apertarei / E se alguém olhar, pouco me importa, / Dê-me apenas um de seus doces olhares, / Como, outrora, em maio. / Hoje os túmulos estão cheios de luzes e flores, / um dia ao ano os mortos estão livres, / Vem ao meu coração que eu a terei de novo, / Como, outrora, em maio”. Neste parágrafo, ainda segundo Miller, VW parece parafrasear os versos da canção a partir de alguma tradução inglesa que ele não conseguiu localizar ou, então, traduzir livremente versos da canção, mas, dois parágrafos adiante, ela a cita diretamente: “olha atentamente dentro dos meus com teus doces olhos”; “dá-me a tua mão e deixa-me apertá-la docemente”; “e se alguém visse, que lhe importava?”. ←

pageant – segundo o dicionário Oxford, *pageant* é “uma cena exibida num palco” em que “cena” significa um *tableau*, um quadro vivo, estático. Para uma definição mais abrangente consultar o livro de Virginia Woolf *Entre os atos* (Autêntica Editora, 2022), centrado na encenação de um *pageant*. ←

Eles tinham que estar sempre juntos, compartilhar, brigar, discutir. – “compartilhar” traduz “[to] *share with each other*”. Segundo Kennard (1997, p. 158), a expressão “*to share with*” era utilizada, na época, para descrever relações homossexuais masculinas. ←

A coisa da cópula era para ele, antes do fim, repulsiva. – no original, “*The business of copulation was filth to him before the end.*”. Septimus atribui, aqui, ao autor de sua predileção opiniões que são, possivelmente, de um de seus mais famosos personagens, Hamlet. Como fica claro, pelo contexto, o “fim” é a procriação, a geração de filhos. E o sexo é “sujo”, para Shakespeare (ou seja, para Hamlet), não em si, mas pelo seu resultado ou fim. “Por que irias ser uma matriz de pecadores? [...] seria melhor que minha mãe não tivesse me gerado.”, diz Hamlet a Ofélia (*Hamlet*, III, 1), pensamento que ecoa nas palavras de Septimus logo adiante: “Não se pode trazer

filhos a um mundo como este”, um mundo de práticas “penosas” (cf. Gay, 2006, p. 88-89; Poole, 1995, p. 188). ↵

mais um prato de mingau de aveia. – na época, a prática de prescrever uma dieta para ganhar peso parecia ser comum no tratamento de doenças mentais. A própria Virginia parece ter seguido uma dieta desse tipo: “Descubro que, a menos que pese 60 quilos, ouço vozes e tenho visões não consigo escrever nem dormir” (carta a Jacques Raverat, 10/12/1922). Cf. Anne E. Fernald (*Mrs. Dalloway. The Cambridge Editions of the Works of Virginia Woolf*). ↵

Comunicação é saúde; comunicação é felicidade. Comunicação, murmurou ele. – em inglês, “*Communication is health; communication is happiness. Communication, he muttered.*”, que é como aparece na primeira edição inglesa (Hogarth Press, 1925), enquanto a primeira edição americana (Harcourt, 1925) registrava a passagem como discurso direto, isto é, colocando a frase supostamente dita por Septimus entre aspas, com um traço de reticência ao final: “*‘Communication is health; communication is happiness, communication’ – he muttered.*”. A divergência deve-se ao fato de VW ter corrigido as provas das duas edições separadamente (cf. Shields, 1974, p. 165). Observe-se também que VW coloca na boca de Septimus praticamente as mesmas palavras que ela escrevera no seu ensaio sobre Montaigne, incluído na antologia *The Common Reader [O leitor comum]*, publicada no mesmo ano que *Mrs Dalloway*: “Comunicação é saúde; comunicação é verdade; comunicação é felicidade.” (McNeillie, 1994, p. 76). ↵

Põe-se a pregar, em cima de uma tina, no Hyde Park Corner – v. “Hyde Park Corner”, no índice onomástico. ↵

organizar uma expedição à África do Sul – alusão à Guerra dos Bôeres (1899-1902). ↵

e todos os papéis estavam prontos para Richard, lá em Aldmixton, quando chegasse a hora; do Governo Trabalhista, era o que queria dizer. – com a possível chegada do Partido Trabalhista ao poder, o conservador Richard estaria fora do Parlamento e teria, assim, tempo para escrever a história da família de Lady Bruton, tendo, para isso, todos os papéis necessários à sua disposição na sua cidade de origem, Aldmixton (fictícia; ver índice onomástico). Na realidade, o primeiro governo liderado pelo Partido Trabalhista chegou ao poder em 22 de janeiro de 1924. ↵

É isso, disse, entrando em Dean’s Yard. – única indicação, em todo o romance, do local onde moram os Dalloway (v. “Dean’s Yard” no índice onomástico). ↵

Exterminados, estropiados, enregelados, vítimas da crueldade e da injustiça – a referência aos armênios remete ao chamado Massacre ou Genocídio dos Armênios, por parte dos turcos, um pouco antes do início da Primeira Guerra, entre 1915 e 1917. ↵

E ela sentia muito continuamente – Virginia usa aqui uma forma incomum do discurso indireto livre, misturando a voz narrativa (“e sentia”, por exemplo) com a voz da personagem (“que desperdício”) sem nenhum sinal de separação, como dois pontos, (“e sentia: que desperdício”, por exemplo). Observe-se que ela faz uma breve referência a esse recurso numa passagem anterior: “um significado íntimo quase pronunciado” (p. 39). ↵

o relógio que sempre batia dois minutos depois do Big Ben – isto é, o relógio da igreja de St Margaret (v. índice onomástico). ↵

até chegar à caixa de coleta do correio – “caixa de coleta do correio” traduz “*pillar-box*”, as caixas de coleta postal britânicas, distribuídas em calçadas ao longo das ruas, construídas em ferro, de forma cilíndrica e pintadas de vermelho. ↵

A Srta. Kilman era muito diferente de qualquer outra pessoa que ela conhecia; ela fazia a gente se sentir tão pequena. – em inglês, “*Miss Kilman was quite different from anyone she knew; she made one feel so small.*”, na edição britânica do livro. A primeira parte não consta da edição americana, que registra apenas: “*Miss Kilman made one feel so small.*”. ↵

alguns deles ávidos por ver as figuras de cera. – na Abadia de Westminster, efígies em cera de soberanos e outras personalidades. ↵

túmulo do Soldado Desconhecido – localizado próximo da entrada principal da Abadia de Westminster. ↵

A impetuosa criatura – um navio pirata – arrancou aos pulos – a qualificação de “pirata” é mais do que uma metáfora. Na verdade, segundo McNees (2009, p. 35), havia, já na era dos ônibus a tração animal, ônibus “piratas”: “Embora ônibus [a motor] independentes, chamados de “Piratas”, proliferassem na Londres do pós-guerra, os ônibus Piratas da era da tração animal já eram criticados por imitar as cores e as insígnias das companhias maiores”. ↵

Gostava dessas igrejas – segundo Hoff (2009, p. 186), trata-se das igrejas St Clement Danes (construída pelo arquiteto Christopher Wren) e St Mary-Le-Strand (construída pelo arquiteto James Gibbs). ↵

ali estava a Igreja – isto é, a Igreja do Temple (v. índice onomástico), Temple Church, em inglês, igreja utilizada em comum por membros de duas das associações de advogados, o Middle Temple e o Inner Temple. ↵

O time de Surrey tinha sido todo eliminado – “*Surrey was all out*”, no original. Trata-se de uma partida de críquete entre os times de Surrey e de Yorkshire, como se esclarece mais adiante (“buscou um pêni para comprar um jornal e saber o resultado do jogo entre Surrey e Yorkshire”, p. 166). No jogo de críquete, um jogador pode ser “eliminado” (perder sua posição de batedor), entre outras possibilidades, quando, na função de rebatedor (*batsman*), erra uma bola lançada pelo arremessador (*bowler*) do time adversário, deixando que ela derrube o *wicket* (a “casinha”), deslocando um *bail* (uma das duas varetas que cobrem a parte superior do *wicket*). Nesse caso, ele é considerado “*out*” (eliminado), isto é, perde sua posição de batedor, sendo substituído por outro jogador de seu time. Quando 10 dos 11 jogadores de um time são “eliminados”, diz-se que o time “*is all out*”, o que leva a troca de turno entre os times, isto é, o time batedor passa a lançador e vice-versa. Assim, a manchete que é lida, primeiramente, por Septimus, numa primeira edição do jornal vespertino, indica que 10 dos 11 batedores do time de Surrey haviam “perdido” seus *wickets*, encerrando o primeiro turno da partida com Surrey. Mais adiante, é a vez de Peter Walsh ler, possivelmente numa edição posterior do jornal vespertino, que “o time de Surrey tinha sido todo eliminado novamente” (p. 166), isto é, o time de Surrey havia perdido os seus “*wickets*” pela segunda vez. Segundo Bradshaw (2009, p. 182-183), esses resultados não são consistentes com as partidas reais jogadas entre os dois times durante o mês de junho de 1923. ↵

Clarissa, certa vez, indo com ele, no andar de cima de um ônibus – o ônibus que a Sra. Dalloway recorda de sua juventude (anos 1890) é, obviamente, um ônibus a tração animal (cf. McNees, 2009). O primeiro ônibus a motor de Londres começou a circular em 1899 (entre as ruas Charing Cross e Victoria) (Armstrong, p. 252). ↵

na época, ela era uma Radical – na história da Inglaterra, o termo “Radical” foi aplicado a movimentos políticos diversos, sobretudo no século XVIII e na primeira metade do XIX,

favoráveis a vários tipos de reforma. Tornou-se, depois, um adjetivo genérico, para se referir a pessoas favoráveis a reformas drásticas do sistema social. É o sentido em que o termo é empregado aqui. [←](#)

Para a carta ter-lhe chegado por volta das seis horas – segundo Scott (2005, p. 215), na Londres dos anos 1920, os correios faziam várias entregas durante o dia, sendo possível que uma carta fosse entregue no mesmo dia em que fora postada. [←](#)

Pois a grande mudança do horário de verão do Sr. Willett – v. “Willett” no índice onomástico. [←](#)

E pela Whitehall passavam deslizando, de prata batida como era, passavam deslizando as aranhas – no original, “*And Whitehall was skated over, silver beaten as it was, skated over by spiders*”. A imagem deve-se ao fato de que a Whitehall era provavelmente, no ano em que está situado o romance (1923), pavimentada com madeira. É possível que as ruas assim pavimentadas causassem a impressão de cor prateada, sobretudo à noite, sob o efeito da iluminação. Em um texto de memórias, escrito em 1940, Virginia Woolf, relembra as ruas de madeira da Londres de sua juventude, utilizando uma imagem muito semelhante (Woolf, 1985, p. 154). [←](#)

sobre o prato principal, foi realmente feito em casa? – em inglês, “*about the entrée, was it really made at home?*”. A “*entrée*”, servida entre o peixe e o assado, era o prato mais elaborado da refeição. Daí a pergunta de surpresa da referida senhora. [←](#)

O tócai, disse Lucy, entrando às pressas. – o Houaiss não registra a palavra; o Aurélio, sim: “vinho licoroso procedente da Hungria”. [←](#)

mas perpetuamente obscurecida por sua condição de filha de boa família passando dificuldades – a situação de Ellie Henderson (filha de um “pároco em Bourton”), aqui descrita, é típica de uma classe de mulheres solteiras de boa posição social que, preparadas para o casamento e colocadas em situação frágil pela morte ou pela ruína do pai, viam-se afligidas por sérias dificuldades financeiras caso não conseguissem outro meio de vida, como, por exemplo, a de trabalhar como governantas de famílias em melhor situação (cf. Hammerton, 1979, p. 11), o que não parece ser o caso da personagem em questão (“não conseguia ganhar um único pênì”). [←](#)

Mas as moças, quando eram apresentadas à sociedade – no original, “*But girls when they first came out*”. Como já observado, “*to come out*” significava, para uma moça, começar a participar das atividades do grande mundo (bailes, festas). [←](#)

quaisquer outros dois acadêmicos juntos em todo o bairro de St John’s Wood – v. “St John’s Wood” no índice onomástico. [←](#)

fosforescência nômade – *vagulous phosphorescence*, no original, expressão criada por Virginia Woolf, provavelmente inspirada no poema “Animula, vagula, blandula”, escrito pelo imperador romano Adriano (76-138) pouco antes de morrer. “*Vagula*” é o feminino de “*vagulus*”, por sua vez, diminutivo de “*vagus*” (vagabundo, errante). Está registrada no Oxford English Dictionary justamente como sendo uma “*nonce word*”, isto é, uma palavra inventada para um uso particular e específico, no caso, justamente por Virginia Woolf (cf. Breeze, 2011; Fowler, 2002). Curiosamente, a edição britânica de *Mrs Dalloway*, publicada, ao mesmo tempo que a americana, em 1925, corrigiu “*vagulous*” para “*vagous*”; “correção” que aparece também na chamada “edição definitiva” da Hogarth Press (1990), que registra o neologismo como um erro tipográfico (Beja, 2002, p. 135). [←](#)

mas que tragédia era aquilo – a situação da Índia! – provável alusão ao movimento nacionalista de libertação da Índia, liderado por Gandhi. ←

esta querida, queridíssima terra – em inglês, “*this dear, dear land*”. Provável alusão a uma passagem de *Ricardo II* (II, 1), de Shakespeare: “*This Land of such dear souls, this dear dear land [...]*.” (cf. Wyatt, 1973). ←

aquela deusa em armas – segundo Hoff (2009, p. 225), seria Palas Atena. Scott (2005, p. 217) especula que também poderia ser uma alusão a Britannia, o símbolo do império britânico, representada com um tridente e um elmo. ←

Ele acabara de perder a oportunidade de fazer parte do time de críquete, disse Lady Bradshaw, por causa da caxumba. – no original, “*He had just missed his eleven, said Lady Bradshaw, because of the mumps*”. A interpretação adotada na tradução, para “*missed his eleven*” é a de Beja (1996), contestada por Hoff (2009, p. 226), que afirma que “*missed his eleven*” significa, aqui, que o garoto havia sido reprovado no exame chamado “*eleven plus*”, aplicado, no sistema educacional inglês, no último ano da escola primária (aos 10, 11 anos), para decidir a qual tipo de escola secundária (preparação para a universidade ou ensino técnico) o candidato seria encaminhado. Entretanto, esse exame foi instituído muito mais tarde, em 1944. ←

Estranho, incrível; nunca fora tão feliz. – em inglês: “*Odd, incredible; she had never been so happy*”. Esta é a versão da primeira edição britânica de 1925. Na primeira edição americana do mesmo ano lê-se: “*It was due to Richard; she had never been so happy*.” (“Devia-se a Richard; nunca tinha sido tão feliz.”). ←

com o relógio batendo as horas, uma, duas, três – alguns comentaristas como Dowling (1991, p. 52), por exemplo, tomando “três” como indicação da badalada final, concluem que a festa de Clarissa Dalloway teria terminado às três horas da manhã. Parece mais razoável, entretanto, dado o contexto da passagem, ler-se a sequência “uma, duas, três”, apesar da ausência de reticências, como incompleta. E a hora assinalada poderia, pois, ser qualquer hora depois da hora do início da festa, que não é marcada pela batida de qualquer relógio, mas que se poderia estabelecer como sete ou oito horas, o que permite estabelecer a hora do fim da festa como sendo, provavelmente, meia-noite, que é a hora explícita em que termina a festa no manuscrito do livro depositado na British Library (Wussow, 2010, p. 397, 398). Numa outra passagem do manuscrito, VW também sugere a meia-noite como a hora de encerramento da festa: “O Big Ben começou a bater. Uma, Duas, Três; & ela estava extraordinariamente feliz: [...] pois escutar o Big Ben bater Três, Quatro, cinco, seis, sete, era profundo e incrível [...]. Ela nunca se submeteria – nunca, nunca! / Oito, o Big Ben bateu, nove, dez, onze; & / Mas Clarissa tinha desaparecido” (*ibid.*, p. 399). ←

Alegrava-se pelo que ele fizera; por tê-la jogado fora enquanto eles continuavam a vida. – em inglês: “*She felt glad that he had done it; thrown it away, while they went on living*”. Esta é a versão da primeira edição britânica de 1925. Na primeira edição americana do mesmo ano lê-se: “*She felt glad that he had done it; thrown it away*.” [“Sentia-se feliz por ele tê-la acabado; tê-la jogado fora.”]. ←

O relógio estava batendo. Os círculos de chumbo se dissolveram no ar. – Após esta frase, nas provas da primeira edição americana, VW inseriu a frase “*He made her feel the beauty; made her feel the fun*.” [“Ele fez com que ela sentisse a beleza; fez com que ela sentisse a diversão.”], que não figura na primeira edição britânica. ←

E aquela jovem [...] ali junto às cortinas, de vermelho, era Elizabeth. – tal como observado por alguns comentaristas, o vestido de Elizabeth que, um pouco antes, era “cor-de-rosa” (“ela parecia tão adorável em seu vestido cor-de-rosa!”, p. 197) passa a ser “vermelho”. Descuido de VW ou a troca poderia ser atribuída à percepção equivocada da personagem (Sally Seton)? ↩

peça maravilhosa sobre um homem – de acordo com uma nota da edição Cambridge de *Mrs. Dalloway* (*Mrs. Dalloway*, Cambridge University Press, 2015, editada e anotada por Anne E. Fernald), o trecho alude a uma passagem da peça *Richard II*, de Shakespeare. ↩

Referências

- Armstrong, J. From Shillibeer to Buchanan: Transport and the Urban Environment. In: Daunton, M. (Org.). *The Cambridge Urban History of Britain. V. III, 1840-1950*. Edimburgo: Cambridge University Press, 2000, p. 229-260.
- Baedeker, K. *London and its Environs. Handbook for travellers*. Londres: T. Fisher Unwin, 1923.
- Beja, M. (Org.). *Mrs Dalloway*. Oxford: Shakespeare Head Press & Blackwell, 1996.
- Beja, M. Text and Counter-Text: Trying to Recover *Mrs. Dalloway*. In: Haule, J. M.; Stape, J. H. (Orgs.). *Editing Virginia Woolf. Interpreting the Modernist Text*. Nova York: Palgrave, 2002, p. 127-138.
- Bennett, P. Critical Clitoridectomy: Female Sexual Imagery and Feminist Psychoanalytic Theory. *Signs*, v. 18, n. 2, p. 235-259, 1993.
- Bradshaw, D. (Org.). *Mrs Dalloway*. Londres: Oxford University Press, 2009.
- Bradshaw, D. Resenha de *Mrs Dalloway*, editado por Morris Beja. *The Review of English Studies*, v. 49, n. 196, p. 539-542, 1998.
- Breeze, A. *Vagulous* in Belloc and Virginia Woolf. *Notes & Queries*, v. 58, n. 1, p. 118, jan. 2011.
- Daiches, D.; Flower, J. *Literary Landscapes of the British Isles*. Londres: Penguin, 1979.
- Dick, S. (Org.). *The Complete Shorter Fiction of Virginia Woolf*. New York: Harvest, 1989. [Ed. bras.: Woolf, V. *Contos*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2005.]
- Dowling, D. *Mrs. Dalloway. Mapping Streams of Consciousness*. Boston: Twayne, 1991.
- Folliot, L.; Lopoukhine, J. Writing Out of Place: Wordsworth and Woolf in London. *Sillages critiques*, n. 27, 2019.
- Fowler, R. Virginia Woolf: Lexicographer. *English Language Notes*, XXXIV, p. 54-70, 2002.
- Gay, J. de. *Virginia Woolf's Novels and the Literary Past*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.
- Hammerton, A. J. *Emigrant gentlewomen: genteel poverty and female emigration, 1830-1914*. Londres: Croom Helm, 1979.
- Hoff, M. *Virginia Woolf's Mrs. Dalloway. Invisible Presences*. Clemson: Clemson University, 2009.
- Kennard, J. "Power and Sexual Ambiguity: The *Dreadnought Hoax*, *The Voyage Out*, *Mrs. Dalloway*, and *Orlando*". *Journal of Modern Literature*, XX, n. 2, p. 149-164, 1996.
- Lauretis, T. de. *The Practice of Love: Lesbian Sexuality and Perverse Desire*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

- Leaska, M. *Granite and Rainbow. The Hidden Life of Virginia Woolf*. Londres: Picador, 1998.
- LeBoutillier, O. C. A Famous Sky-writer Tells of His Job. *Popular Science*, p. 31, 137-140, mar. 1929.
- Lee, H. *Virginia Woolf*. Nova York: Vintage Books, 1999.
- McNees, E. Public Transport in Woolf's City Novels: The London Omnibus. In: *Woolf and the City*. Clemson: Clemson University, 2009, p. 31-39.
- McNeillie, A. (Org.). *The Essays of Virginia Woolf. 1919-1924. V. 3*. Nova York: Harcourt, 1988.
- McNeillie, A. (Org.). *The Essays of Virginia Woolf. V. 4. 1925-1928*. Londres: Harvest, 1994.
- Miller, J. H. *The J. Hillis Miller Reader*. Stanford: Stanford University Press, 2005. Org. Julian Wolfreys.
- Parks, T. *Translating Style: A Literary Approach to Translation – A Translation Approach to Literature*. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2014.
- Poole, R. *The Unknown Virginia Woolf*. Nova York: Cambridge University Press, 1995.
- Richter, H. The Ulysses Connection: Clarissa Dalloway. *Studies in the Novel*, v. 21, n. 3, p. 305-319, 1989.
- Roof, J. Hocus Crocus. In: Ardis, A. L.; Scott, B. K. (Orgs.). *Virginia Woolf: Turning the Centuries*. Nova York: Pace University Press, 2000.
- Roof, J. The Match in the Crocus: Representations of Lesbian Sexuality. In: Barr, M. S.; Feldstein, R. (Org.). *Discontented Discourses: Feminism/Textual Intervention/Psychoanalysis*. Chicago: University of Illinois Press, 1989: 100-116.
- Scott, B. K. Notas a *Mrs. Dalloway*. Nova York: Harcourt, 2005.
- Searls, D. The Timing of Mrs. Dalloway. *Women's Studies*, v. 28, p. 361-366, 1999.
- Shields, E. F. The American Edition of *Mrs. Dalloway*. *Studies in Bibliography*, v. 27, p. 157-175, 1974.
- Sutherland, J. Clarissa's invisible taxi. In: *Can Jane Eyre be Happy? More Puzzles in Classic Fiction*. Nova York: Quality Paperback Book Club, 2001, p. 214-224.
- Wood, A. Walking the Web in the Lost London of *Mrs. Dalloway*, *Mosaic*, v. 36, n. 2, 2003.
- Woolf, L. *An Autobiography*. v. 2: 1911-1969. Oxford: Oxford University Press, 1980.
- Woolf, V. *A Writer's Diary*. Org. Leonard Woolf. Nova York: Harcourt, 1981.
- Woolf, V. Character in Fiction. In: McNeillie, Andrew (Org.). *The Essays of Virginia Woolf. 1919-1924. V. 3*. Nova York: Harcourt, 1988, p. 420-440.
- Woolf, V. *Contos completos*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- Woolf, V. *Moments of Being. A Collection of Autobiographical Writings*. Org. Jeanne Schulkind. Nova York: Harvest, 1985.
- Woolf, V. More Dostoevsky. In: McNeillie, Andrew (Org.). *The Essays of Virginia Woolf. 1912-1918. V. 2*. Nova York: Harcourt, 1987, p. 83-86.
- Woolf, V. *The Complete Shorter Fiction*. Org. Susan Dick. Nova York: Harcourt, 1989.
- Wright, G. P. The Raverat Proofs of *Mrs. Dalloway*. *Studies in Bibliography*, v. 39, 1986, p. 241-261.
- Wussow, H. M. *Virginia Woolf "The Hours"*. *The British Museum Manuscript of Mrs. Dalloway*. Nova York: Pace University Press, 2010.

Wyatt, J. M. *Mrs. Dalloway*: Literary Allusion as Structural Metaphor. *PMLA*, 1973, v. 88, n. 3, p. 440-451.

Copyright da tradução e das notas © 2012, 2025 Tomaz Tadeu

Copyright desta edição © 2025 Autêntica Editora

Título original: *Mrs Dalloway*

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora Ltda. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORAS RESPONSÁVEIS

Rejane Dias
Cecília Martins

REVISÃO

Cecília Martins

PROJETO GRÁFICO

Diogo Droschi

IMAGEM DE CAPA

Aquarela de Guacira Lopes Louro

DIAGRAMAÇÃO

Waldênia Alvarenga

CONVERSÃO PARA E-BOOK

Aline Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Woolf, Virginia, 1882-1941

Mrs Dalloway [livro eletrônico] / Virginia Woolf ; tradução e notas Tomaz Tadeu. -- 2. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2025. -- (Mimo)

ePub

Título original: Mrs Dalloway

"Edição revista, comemorativa do centenário do romance (1925-2025)"

ISBN 978-65-5928-519-8

1. Ficção inglesa I. Tadeu, Tomaz. II. Título. III. Série.

24-242862

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



Belo Horizonte

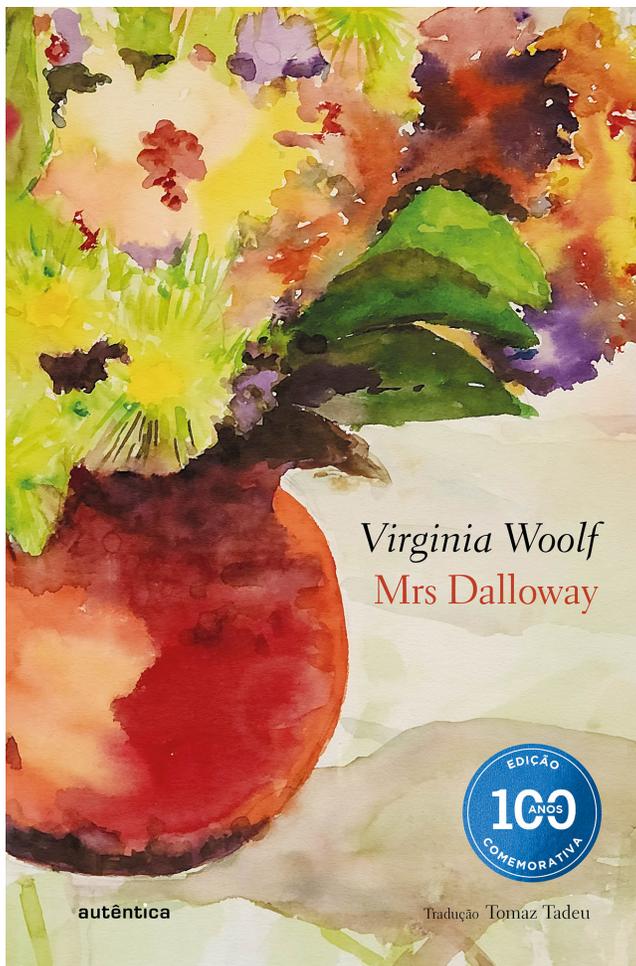
Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional
Horsa I . Salas 404-406 . Bela Vista
01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br

SAC: atendimentoleit@grupoautentica.com.br



Virginia Woolf
Mrs Dalloway



autêntica

Tradução Tomaz Tadeu